

FREIDA McFADDEN

AUTORA DO *BESTSELLER* MUNDIAL *A CRIADA*



A CRIADA ESTÁ A VER

Ela vive na casa ao lado. Ela sabe os teus segredos.

alma
dos
livros

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

FREIDA McFADDEN

AUTORA DO *BESTSELLER MUNDIAL A CRIADA*



N.º 1
O FENÓMENO
LITERÁRIO
DO ANO

A CRIADA ESTÁ A VER

Ela vive na casa ao lado. Ela sabe os teus segredos.

alma
livros

Dear Portuguese readers,
Thank you so much for
checking out The Housemaid
is Watching! Please enjoy!

Best wishes from Boston,

Freda McFadden

FREIDA McFADDEN

A criada está a ver

Tradução de
Carla Ribeiro



info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt
tiktok.com/@almadoslivros
twitter.com/almados_livros
linkedin.com/company/alma-dos-livros/
© 2024 Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

The Housemaid is Watching #3 © 2024 by Freida McFadden
Edição publicada por acordo com Jane Rotrosen Agency, LLC.,
através de International Editors & Yáñez Co' S.L.

Título: *A Criada Está a Ver*

Título original: *The Housemaid is Watching*

Autora: Freida McFadden

Tradução: Carla Ribeiro

Revisão: Mariana Cunha

Paginação: Maria João Gomes

Design de capa: Lisa Horton

Arranjo de capa: Diana Jorge Trigo/Alma dos Livros

Imagens de capa: Shutterstock

Impressão e acabamento: Caflesia – Soluções Gráficas

Depósito legal: 531688/24

1.ª edição: junho de 2024

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Este livro é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos
são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente.

Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas,
acontecimentos ou locais é mera coincidência.

Para a minha família

Prólogo

Há sangue por todo o lado.

Nunca vi tanto sangue. Encharca o tapete creme, infiltrando-se nas tábuas do soalho em redor, salpicando as pernas da mesa de centro em carvalho. Gotas perfeitamente ovais chegaram até ao assento do sofá de cabedal claro, e grandes pingos escorrem pela parede branca.

Nunca mais acaba. Se olhar com atenção, será que encontrarei vestígios de sangue no carro na garagem? No relvado? No supermercado do outro lado da cidade?

Pior ainda, cobre-me as mãos.

Que confusão. Apesar de não ter muito tempo, estou ansiosa por limpar tudo. Ensinaaram-me que, quando há uma nódoa, especialmente no tapete, a devemos limpar depressa, antes que se entranhe. Depois de seca, a nódoa tornar-se-á permanente.

Infelizmente, por mais que esfregue, isso não fará desaparecer o cadáver estendido mesmo no meio da poça de sangue.

Avalio a situação. Bem, isto é mau. É de esperar que as minhas impressões digitais estejam na casa, mas o líquido carmesim nas minhas unhas e nos sulcos das minhas palmas é mais difícil de explicar. A mancha que escurece a frente da minha camisola não é o tipo de coisa que possa desvalorizar. Estou em grandes apuros.

Se alguém me apanhar.

Inspeciono as minhas mãos, ponderando os prós e os contras de lavar o sangue *versus* pôr-me imediatamente a andar daqui para fora. Se lavar as mãos, desperdiçarei segundos preciosos durante os quais posso ser apanhada. Se partir de imediato, sairei porta fora com sangue a cobrir-me as palmas, manchando tudo em que tocar.

Nesse momento, a campainha toca.

Os tinidos ecoam por toda a casa enquanto fico paralisada, com medo até de respirar.

– Olá? – chama uma voz familiar.

Por favor, vai-te embora. Por favor.

A casa está em silêncio. A pessoa à porta vai perceber que não está cá ninguém e decidirá voltar noutra altura. Tem de o fazer. Caso contrário, estou acabada.

A campainha volta a tocar.

Vai embora. Por favor, vai.

Não sou do tipo de rezar, mas, chegada a este ponto, estou disposta a pôr-me de joelhos. Bem, estaria disposta se não ficasse coberta de sangue.

Têm de presumir que não está ninguém em casa. Ninguém toca a uma campainha mais de duas vezes. Mas, quando começo a achar que há uma hipótese de estar segura, o puxador abana. E começa a rodar.

Oh, não. A porta não está trancada. Dentro de sensivelmente cinco segundos, a pessoa que está a bater à porta entrará na casa. Entrará na sala de estar. E então verá...

Isto.

A decisão está tomada. Tenho de fugir. Não há tempo para lavar as mãos. Não há tempo para me preocupar com as pegadas sangrentas que poderei deixar para trás. Tenho de sair daqui.

Só espero que ninguém descubra o que fiz.

Primeira Parte

Três meses antes

Adoro esta casa.

Adoro tudo nesta casa. Adoro o enorme relvado da frente e o relvado ainda maior das traseiras (apesar de ambos estarem acastanhados). Adoro que a sala de estar seja grande o suficiente para poder ter *vários móveis*, em vez de apenas um pequeno sofá e uma televisão. Adoro as janelas fixas com vista para o bairro, que li recentemente numa revista ser um dos melhores para criar filhos.

E, acima de tudo, adoro o facto de ser minha. O número 14 da Locust Street é todo meu. Bem, após trinta anos de prestações do empréstimo, será todo meu. Não consigo parar de pensar na sorte que tenho, enquanto passo os dedos pela parede da nossa nova sala de estar, chegando o rosto mais perto para admirar o papel de parede floral novinho em folha.

– A mãe está outra vez a beijar a casa! – guincha uma voz atrás de mim.

Afasto-me rapidamente da parede. Até parece que o meu filho de nove anos me apanhou com um amante secreto. Não me envergonha o amor que sinto por esta casa. Quero subir ao telhado e gritá-lo a plenos pulmões. (Temos um telhado incrível. *Adoro esta casa.*)

– Não devias estar a arrumar as tuas coisas? – pergunto.

As caixas e os móveis do Nico já estão no seu quarto, pelo que devia estar a desencaixotar tudo, mas, em vez disso, está a atirar repetidamente uma bola de baseball contra a minha bela parede forrada com papel de parede floral, voltando depois a apanhá-la. Há menos de cinco minutos que vivemos nesta casa e já está decidido a destruí-la. Consigo vê-lo nos seus olhos castanho-escuros.

Não é que eu não ame o meu filho mais do que tudo no mundo. Se estivesse numa situação hipotética em que tivesse de escolher entre a vida do Nico e esta casa, é *claro* que escolheria o Nico. Sem dúvida.

Mas estou só a dizer que, se ele fizer algum mal a esta casa, vai ficar de castigo

até ter idade para fazer a barba.

– Arrumo amanhã – diz o Nico. A sua filosofia de vida em geral parece ser a de que tudo será feito amanhã.

– Que tal agora? – sugiro.

O Nico atira a bola ao ar, quase roçando o teto. Se tivéssemos algo valioso nesta casa, estaria a ter um ataque cardíaco neste momento.

– Mais tarde – insiste.

O que quer dizer nunca.

Espreito para a escadaria da casa. Sim, temos *escadas*! Escadas a sério. Sim, rangem a cada passo que damos, e é possível que o corrimão caia se nos agarrarmos a ele com demasiada força. Mas temos escadas e dão para um *andar completamente diferente da casa*.

Dá para perceber que vivi demasiado tempo na cidade de Nova Iorque. Estava hesitante em voltar para Long Island depois do que aconteceu da última vez que cá vivi, mas isso foi há quase duas décadas – num passado distante.

– Ada? – chamo, subindo as escadas. – Ada, podes vir aqui?

Passados poucos instantes, a minha filha de onze anos espreita com a cabeça para a escadaria, permitindo-me ver uns espessos e ondulados cabelos negros e uns olhos muito escuros a olharem para mim. Tem os olhos da mesma cor dos do Nico, herdados do pai. Ao contrário do irmão, não duvido que a Ada tem estado a arrumar os seus pertences desde que chegámos. É uma aluna de cinco – faz os trabalhos de casa sem precisar que a mandem, uma semana antes da data de entrega.

– Ada – digo. – Estás quase despachada com as arrumações?

– Praticamente. – Não me surpreende.

– Achas que podes ajudar o Nico a desencaixotar as coisas dele?

– Claro – assente a Ada, sem hesitar. – Anda, Nico.

O Nico reconhece imediatamente a oportunidade de pôr a irmã a fazer a maior parte do trabalho.

– Está bem! – acede, alegremente.

Para finalmente de me aterrorizar com a bola de basebol e apressa-se a subir os degraus dois a dois, para se juntar à Ada no seu quarto. Começo a dizer à minha filha para não fazer o trabalho todo por ele, mas é um caso perdido. Por esta altura, ainda tenho cerca de sessenta caixas minhas para esvaziar, mas, desde que o trabalho fique feito, dou-me por feliz.

Tivemos muita sorte em conseguir esta casa. Perdemos meia dúzia de guerras de licitações em bairros bem menos agradáveis do que este. Pensei que não tínhamos a menor hipótese de conseguir esta casa de campo antiga e pitoresca, ainda por cima numa localidade com escolas públicas tão bem classificadas. Quase chorei de alegria quando a agente imobiliária me ligou a dizer que a casa era nossa – e por menos dez por cento do que o preço solicitado!

O universo deve ter decidido que merecíamos alguma sorte.

Espreito pela janela da frente para a carrinha de mudanças estacionada na rua em frente à casa. Vivemos num pequeno beco com duas outras casas. Do outro lado da rua, vejo a silhueta de uma pessoa à janela. O meu novo vizinho, suponho.

Espero que seja simpático.

Oíço uma pancada vinda do interior da carrinha e abro a porta da frente para ver o que se passa. Corro para o exterior mesmo a tempo de ver o meu marido a sair da carrinha com um dos seus amigos, que aceitou ajudar na mudança. Queria contratar uma empresa de mudanças, mas ele insistiu que podia tratar de tudo com a ajuda dos amigos. Devo admitir que temos de poupar cada cêntimo, se queremos pagar as prestações do empréstimo. Mesmo sendo dez por cento abaixo do preço solicitado, a nossa casa de sonho não foi barata.

O meu marido segura metade do sofá da nossa sala de estar. Tem a *T-shirt* colada ao torso de suor. Retraio-me ao vê-lo carregar tanto peso. Está na casa dos quarenta, e a última coisa de que precisa é de dar um jeito às costas. Expressei-lhe esta preocupação quando estávamos a planear a mudança, mas ele agiu como se fosse a coisa mais tola que alguma vez tinha ouvido, apesar de eu andar com dores de costas semana sim, semana não. E nem sequer é de levantar mobília – é de *espirrar*.

– Podes ter cuidado, Enzo, por favor? – digo.

Ele olha para mim, e, quando sorri, derreto-me. Será normal? Será que as restantes mulheres casadas há mais de onze anos também sentem os joelhos fraquejar pelos maridos, às vezes?

Não? Sou só eu?

Quer dizer, não é como se acontecesse *a todo o instante*. Mas, caramba, ele ainda me afeta. Parece ficar inexplicavelmente mais atraente a cada ano que passa – eu, por outro lado, fico apenas um ano mais velha.

– Eu tenho cuidado – insiste ele. – Além do mais, este sofá? É leve! Não pesa quase nada.

Isso suscita um revirar de olhos da parte do homem que segura a outra ponta do sofá. É verdade que não é propriamente pesado. Comprámo-lo no IKEA, o que é um progresso em relação ao último sofá, que recolhemos da berma da estrada. O Enzo costumava ter a teoria de que a melhor mobília vinha da berma à porta do nosso apartamento.

Crescemos um pouco desde então. Espero eu.

Enquanto o Enzo e o amigo levam o sofá para a nossa bela casa nova, volto a erguer o olhar para a casa do outro lado da rua.

O número 13 da Locust Street. Continua alguém à janela, a olhar fixamente para mim. O interior da casa está escuro, pelo que não consigo ver grande coisa, mas aquela silhueta continua à janela.

Está alguém a observar-nos.

Não há nada de sinistro nisso, ainda assim. As pessoas daquela casa são os nossos novos vizinhos e de certeza que estão curiosos sobre quem somos. Sempre que via uma carrinha de mudanças à porta do nosso prédio, costumava pôr-me a olhar pela janela, para ver quem se estava a mudar para lá, e o Enzo ria-se e dizia-me para parar de olhar e ir apresentar-me.

É essa a diferença entre nós.

Bem, não é a única diferença.

Numa tentativa de mudar os meus modos e de ser mais cordial, como o meu

marido, ergo uma mão para acenar à silhueta. Posso aproveitar para conhecer o meu novo vizinho no número 13 da Locust Street.

Mas a pessoa à janela não retribui o aceno. Em vez disso, as persianas fecham-se bruscamente, e a silhueta desaparece.

Bem-vinda ao bairro.

O Enzo está a transportar as últimas caixas para a casa, enquanto eu estou no nosso relvado esparso, a evitar desencanaixotar as coisas e a imaginar como ficará a relva depois de o meu marido tratar dela. O Enzo é um génio na manutenção de relvados – foi mais ou menos por isso que nos conhecemos. Parece quase um caso perdido, cheio de manchas castanhas e com o solo irregular, mas sei que, daqui a um ano, teremos o relvado mais bonito da rua.

Estou perdida nas minhas fantasias quando a porta da casa mesmo ao lado da nossa – o número 12 da Locust Street – se abre. Uma mulher com o cabelo cor de caramelo num corte escadeado curto sai da casa, com uma blusa branca cintada, uma saia vermelha e uns sapatos de salto alto com tachas que parecem poder ser usados para arrancar um olho a alguém. (Porque é que a minha mente vai sempre por esses caminhos?)

Ao contrário do vizinho da frente, parece simpática. Ergue a mão num cumprimento entusiástico e atravessa o curto troço de passeio calcetado que separa as nossas casas.

– Olá! – diz, efusivamente. – É *tão* bom conhecer finalmente os nossos novos vizinhos! Sou a Suzette Lowell.

Ao estender o braço e tomar a sua mão arranjada na minha, recebo um aperto de mão impressionantemente forte para uma mulher.

– Millie Accardi – apresento-me eu.

– É um *prazer* conhecê-la, Millie – diz. – Vai adorar viver aqui.

– Já adoro – respondo, com sinceridade. – Esta casa é incrível.

– Oh, é mesmo. – A Suzette acena com a cabeça. – Esteve algum tempo vazia, porque, enfim, uma casa tão pequena é difícil de vender. Mas eu sabia que a família certa acabaria por aparecer.

Pequena? Estará a *insultar* a nossa casa de sonho?

– Bem, eu adoro-a.

– Oh, sim. É tão acolhedora, não é? E... – O seu olhar percorre os degraus da frente, que estão ligeiramente esboroados. O Enzo jurou que os vai arranjar. É uma das muitas reparações na longa lista do que precisamos de fazer. – Rústica. *Tão* rústica.

Está decididamente a insultar a casa.

Mas não me importo. Continuo a adorá-la. Não quero saber o que pensa uma vizinha pretensiosa qualquer.

– Então, Millie, trabalha? – pergunta a Suzette, fixando os olhos azules-verdeados no meu rosto.

– Sou assistente social – respondo, com um toque de orgulho. Ainda que tenha este emprego há muitos anos, continuo a ter orgulho na minha carreira. É verdade que por vezes é extenuante, dilacerante e que tenho um salário muito pouco empolgante, mas adoro-a na mesma. – E a Suzette?

– Sou agente imobiliária – responde ela, com igual medida de orgulho. Ah, isso explica porque é que insultou a nossa casa com jargão imobiliário. – O mercado está muito instável neste momento.

Bem, isso é verdade. Apercebo-me de que a Suzette não esteve envolvida na venda desta casa. Se é agente imobiliária, porque não terão os seus vizinhos querido que fosse ela a vender-lhes a casa?

O Enzo sai da carrinha, transportando mais caixas, com a *T-shirt* ainda colada ao peito e o cabelo preto húmido. Quando enchi uma dessas caixas de livros, fiquei com receio de tê-la deixado demasiado pesada. Apesar disso, ele está a carregar não só essa caixa, mas outra que lhe pôs em cima. Doem-me as costas só de olhar para ele.

A Suzette também o observa. Segue-o com o olhar, enquanto se dirige da carrinha de mudanças até à nossa porta da frente, com um sorriso a alastrar-lhe pelos lábios.

– O seu tipo das mudanças é *mesmo* jeitoso – comenta.

– Na verdade – digo –, é o meu marido.

Fica de queixo caído. Parece que tem melhor opinião dele do que da casa.

– A sério?

– Sim. – O Enzo depositou as caixas na sala de estar e está a sair de casa para ir buscar mais. Onde terá ido buscar tanta energia? Antes que chegue à carrinha, chamo-o com um aceno. – Enzo, vem conhecer a nossa nova vizinha, a Suzette.

A Suzette puxa rapidamente a blusa e enfia uma madeixa do cabelo cor de caramelo atrás da orelha. Estou bastante certa de que daria uma espreitadela ao seu aspeto no espelho e retocaria o batom, se pudesse. Mas não tem tempo para isso.

– Olá! – diz, efusivamente, de mão estendida. – É tão bom conhecê-lo! Enzo, não é?

Ele pega-lhe na mão e abre um grande sorriso que lhe franze as rugas em torno dos olhos.

– Sim, sou o Enzo. É a Suzette?

Ela ri-se e assente avidamente. É uma reação um pouco exagerada, mas, em abono da justiça, ele está a carregar no charme.

O meu marido vive neste país há vinte anos, e, quando conversamos à mesa de jantar, o seu sotaque já é relativamente ténue. Quando está a tentar ser encantador, porém, carrega no sotaque, como se tivesse acabado de sair do barco. Ou, como ele diria, «acabado de sair de barco».

– Vão adorar esta zona – garante-nos a Suzette. – É uma rua tão tranquila.

– Já adoramos – digo.

– E a vossa casa é tão adorável – continua ela, arranjando mais uma forma criativa de salientar que a nossa casa é consideravelmente mais pequena do que a sua. – Será perfeita para os dois e para os vossos filhos, sobretudo com mais um pequenote a caminho.

Ao dizê-lo, lança um olhar incisivo à minha barriga, que *não* contém certamente nenhum pequenote a caminho. Há nove anos que não há pequenotes lá dentro.

A pior parte é que o Enzo vira a cabeça para olhar para mim e, por um segundo, vejo um lampejo de entusiasmo no seu rosto, apesar de ele *saber perfeitamente* que me foi feita uma laqueação de trompas durante a cesariana de emergência do Nico. Olho para a minha barriga e vejo que a minha camisola se avoluma, de facto, de uma forma muito desfavorável. Sinto-me morrer um pouco por dentro.

– Não estou grávida – digo, não só para a Suzette, mas, ao que parece, também para o meu marido.

A Suzette aperta uma mão sobre os lábios carregados do seu batom vermelho.

– Oh, céus, penso *imensa* desculpa! Pensei só que...

– Não faz mal – digo-lhe eu, interrompendo-a antes que agrave a situação. Sinceramente, adoro o meu corpo. Quando tinha vinte anos, era um pau de virar tripas, mas agora tenho finalmente algumas curvas femininas para exhibir e atrevo-me a dizer que o meu marido também parece apreciá-las.

Dito isto, vou deitar fora esta camisola.

– Temos dois filhos. – O Enzo passa-me um braço pelos ombros, alheio ao insulto da Suzette. – O Nico e a Ada.

Não poderia estar mais orgulhoso dos nossos dois filhos. É um excelente pai. Por ele, teríamos tido mais cinco, se eu não tivesse estado à beira de morrer quando dei à luz o nosso filho. Teríamos adorado adotar ou ser uma família de acolhimento, mas, com os meus antecedentes, isso estava fora de questão.

– Tem filhos, Suzette? – pergunto.

Ela abana a cabeça, com uma expressão horrorizada no rosto.

– Nem pensar. Não sou muito maternal. Sou só eu e o meu marido, o Jonathan. Alegrementemente livres de crianças.

Excelente. Tem marido. Pode manter-se longe do meu.

– Mas há um rapazinho na casa em frente à vossa – diz ela. – Anda no terceiro ano.

– O Nico também anda no terceiro ano – comenta avidamente o Enzo. – Talvez os possamos apresentar?

Quando nos mudámos, tivemos de tirar os miúdos da escola a meio do ano. Acreditem em mim – a última coisa que querem fazer é tirar duas crianças da escola primária em meados de março. Senti-me terrivelmente culpada, mas não podíamos pagar o empréstimo e a renda até ao fim do ano letivo, pelo que não tivemos opção.

O Nico, que é extrovertido como o pai, não pareceu ficar incomodado. Para ele, uma sala inteira cheia de miúdos novos para impressionar com as suas excentricidades seria uma aventura divertida. A Ada recebeu a notícia

calmamente, mas mais tarde encontrei-a a chorar no quarto ante a ideia de deixar as duas melhores amigas para trás. Espero que, no outono, estejam ambos instalados e que o trauma de mudar de casa a meio do ano letivo seja uma memória distante.

– Podem tentar apresentar-se – diz a Suzette, com um encolher de ombros. – Mas a mulher que lá vive, a Janice, não é muito simpática. Raramente sai de casa, a não ser para levar o filho à paragem do autocarro. Vejo-a sobretudo à janela, a olhar para a rua. É *tão* metediga.

– Oh – exclamo. Pergunto-me como pode a Janice aparentemente nunca sair de casa e, no entanto, ser tão intrometida em simultâneo.

Olho para o número 13, do outro lado da Locust Street. Todas as janelas parecem estar escuras, apesar de estarmos em pleno dia e de as pessoas que lá vivem estarem em casa.

– Espero que tencionem instalar umas boas persianas nas vossas janelas – diz-me a Suzette. – Porque ela tem uma vista excelente.

Eu e o Enzo rodamos simultaneamente a cabeça na direção da nossa casa novinha em folha, apercebendo-nos de súbito de que nem uma janela em toda a casa tem persianas ou cortinas. Como é que não nos lembrámos disso? Ninguém nos disse que tínhamos de comprar persianas! Todas as casas onde vivemos até agora as tinham!

– Vou comprar persianas – murmura o Enzo ao meu ouvido.

– Obrigada.

A Suzette parece divertida com a nossa ignorância.

– A vossa agente imobiliária não vos lembrou de comprar persianas?

– Parece que não – resmungo.

Suponho que esteja a insinuar que, se fosse ela a nossa agente imobiliária, nos teria lembrado. Mas é um pouco tarde para isso. Por agora, estamos sem persianas.

– Posso recomendar uma empresa excelente para vos instalar as persianas – diz ela. – Trataram das nossas no ano passado. Instalaram umas belas persianas em favo de mel nos andares de baixo e de cima e depois umas portadas adoráveis no sótão.

Nem consigo imaginar o que isso custaria, mas deverá ser bem mais do que temos para gastar, isso é certo.

– Não, obrigado – diz o Enzo. – Posso tratar disso.

Ela pisca-lhe o olho.

– Sim, aposto que pode.

A sério? Começo a ficar um pouco farta de ver esta mulher a atirar-se ao meu marido mesmo à minha frente. Não é como se outras mulheres não fizessem o mesmo, mas, por amor de Deus, somos vizinhas. Não pode ser um pouco mais subtil? Parte de mim sente-se tentada a dizer algo, mas preferia não fazer uma inimiga cinco minutos depois de me mudar para cá.

– Além disso, queria convidar a vossa família para jantar – diz ela. – Os dois, claro, e... as crianças também podem ir. – Não parece empolgada com a ideia de os nossos filhos entrarem em sua casa. E nem desconfia da propensão do Nico para partir algo caro cinco minutos depois de entrar em qualquer divisão.

– Claro, será maravilhoso – diz o Enzo.

– Fabuloso! – Ela sorri-lhe. – Que tal amanhã à noite? De certeza que a vossa cozinha não estará funcional até lá, por isso não terão de se preocupar com isso.

O Enzo olha para mim, de sobranceiras arqueadas. Tem uma energia inesgotável para eventos sociais, mas eu sou introvertida, por isso aprecio que me deixe decidir antes de aceitar. A verdade é que odeio a ideia de passar um serão com esta mulher. Parece um pouco *excessiva*. Mas, já que vamos viver aqui, devíamos ser cordiais com os vizinhos. Não é isso que as famílias suburbanas normais *fazem*? Talvez ela não seja assim tão má depois de a conhecer melhor.

– Claro – digo. – Seria muito agradável. Não conhecemos muita gente em Long Island.

A Suzette atira a cabeça para trás e ri-se, revelando uma fila de dentes brancos.

– Oh, Millie...

Lanço um olhar ao Enzo, que encolhe os ombros. Nenhum de nós parece saber qual é a graça.

– O que foi?

– Não sabe como soa – diz ela, com um risinho. – Ninguém diz «*em* Long Island».

– Hã... ah, não?

– Não! – Abana a cabeça, como se eu fosse simplesmente demasiado. – É «*por* Long Island». Não está *numa* ilha. Isso é tão ignorante. Está *em cima* dela.

O Enzo coça os cabelos negros. Não tem um único cabelo branco na cabeça, a propósito. Já o meu estaria praticamente grisalho, se não fossem os frascos de *Clairol*. É assim desde que o Nico nasceu. O Enzo tem apenas alguns fios grisalhos na barba quando a deixa crescer. Quando lhe salientei esse facto, porém, ele vasculhou o couro cabeludo até encontrar um cabelo branco solitário para me mostrar, como se isso melhorasse a situação.

– Então não compreendo – digo. – Quer dizer que as pessoas deviam dizer que vivem *pelo* Havai? Ou *por* Staten Island?

O sorriso apaga-se-lhe do rosto.

– Bem, Staten Island é um caso completamente diferente.

Tento captar o olhar do Enzo, mas ele parece apenas divertido com a situação.

– Bem, estamos muitos felizes por estar aqui *por* Long Island, Suzette. E estamos ansiosos por jantar consigo amanhã à noite.

– Mal posso esperar – responde ela.

Tenho de forçar um sorriso.

– Devo levar alguma coisa?

– Oh. – Bate com o indicador no queixo. – Porque não traz a sobremesa?

Fantástico. Agora, tenho de descobrir que raio de sobremesa vou levar que esteja à altura dos padrões da Suzette. Acho que uma caixa de bolachas *Oreo* não servirá.

– Parece-me bem!

Enquanto a Suzette percorre o caminho de regresso à sua casa muito maior que a nossa, com os tacões a matraquearem no passeio a cada passo, sinto uma pontada de náusea no estômago. Estava tão empolgada quando comprámos esta casa,

depois de passarmos tanto tempo amontoados em apartamentos minúsculos. Agora, tenho finalmente a minha casa de sonho.

Mas, pela primeira vez, pergunto-me se não terei cometido um erro terrível ao mudar-me para cá.

Esta noite, estamos os quatro a jantar à mesa da cozinha. Sabem o que é uma mesa de cozinha? É uma mesa que *cabe dentro da nossa cozinha*. Sim, a nossa cozinha é grande o suficiente para termos uma mesa. Na última, mal tínhamos espaço para uma pessoa.

Mandámos vir comida chinesa de um restaurante que nos deixou um menu na caixa de correio. Não sou muito picuinhas em relação à comida, e o Enzo também não. A única coisa que se recusa a comer é comida italiana. Diz que nenhum restaurante a faz bem, e fica sempre desiludido. Só não se importa de pedir *pizza*, porque, no seu entender, não é realmente comida italiana.

A Ada é igualmente pouco exigente, mas o Nico é muito picuinhas com a comida. Por isso, enquanto nós comemos massa *lo mein* com carne de vaca e brócolos, preparei, para o meu filho, um prato de arroz branco temperado com um pouco de manteiga e muito sal. Deve ter arroz com manteiga a correr-lhe nas veias neste momento.

— O nosso primeiro jantar na casa nova — anuncio, orgulhosa. — Estamos finalmente a batizar a nossa mesa da cozinha.

— Porque estás sempre a dizer isso, mãe? — pergunta o Nico. — Porque estás sempre a dizer que estamos a batizar tudo?

Para ser justa, não tenho a certeza de que ele alguma vez me tenha ouvido usar a palavra «batizar» antes, e utilizei-a pelo menos cinco vezes nas últimas horas. Quando estávamos sentados no sofá, há pouco, disse que estávamos a batizar a sala de estar. Depois, quando ele saiu para o jardim das traseiras com a bola de basebol, disse-lhe que estava a batizar o jardim. E, a dada altura, é possível que tenha referido que ia batizar a casa de banho.

— A tua mãe está só empolgada com a casa — explica o Enzo, pegando-me na mão sobre a mesa da cozinha. — E tem razão. É uma casa muito bonita.

— É *mais ou menos* bonita — admite o Nico. — Mas quem me dera que estivesse pintada de vermelho e que tivesse arcos amarelos.

Bem, parece-me que o meu filho me está a dizer que quer viver no *McDonald's*.

Não me importo. Comprámos esta casa pelos nossos filhos. Estávamos amontoados num apartamento minúsculo no Bronx. Também começámos a reparar em homens a lançar olhares lascivos à Ada enquanto ela caminhava para casa. Agora, além de estarmos num distrito escolar incrível, os nossos filhos terão espaço para brincar no jardim das traseiras e poderão passear pelo bairro sem medo de serem assaltados. Mesmo que não o reconheçam, é o melhor que podíamos ter feito por eles.

– Mãe? – A Ada empurra a massa de um lado para o outro no prato. Dou-me conta de que não comeu quase nada. – Vamos começar as aulas amanhã?

Tem as sobrancelhas negras franzidas. Os meus filhos são os dois tão parecidos com o pai, ao ponto de parecer que são ambos clones dele e eu fui meramente a incubadora que os deu à luz. A Ada é linda, com longos cabelos preto-azeviche e uns olhos castanhos que lhe ocupam metade do rosto. O Enzo diz que é igualzinha à sua irmã, Antonia. Neste momento, está a chegar à transição entre criança e adulta; e um dia, em breve, será uma mulher que fará virar cabeças. Quando isso acontecer, estou bastante certa de que o Enzo terá de passar a andar o tempo todo com um taco de basebol. Nunca o admitirá, mas é muito protetor em relação a ela.

– Sentes-te preparada para ir para a escola? – pergunto-lhe eu.

– Sim – responde, abanando ao mesmo tempo a cabeça em negação.

– É o fim das férias da primavera – saliento. – Portanto, ninguém se vê há para aí uma semana. Provavelmente, nem se lembram uns dos outros.

A Ada não parece minimamente divertida, mas o Nico ri-se.

– Posso levar-te amanhã – sugere o Enzo. – Podemos levar a minha carrinha.

Os olhos da minha filha iluminam-se, pois adora andar na carrinha do pai.

– Posso sentar-me no banco da frente?

O Enzo olha para mim, de sobrancelhas arqueadas. Adora fazer-lhes a vontade, mas aprecio o facto de não o fazer sem me consultar primeiro.

– Na verdade, querida – digo –, ainda és um pouco pequena para andares no banco da frente. Mas em breve.

– Quero apanhar o autocarro amanhã! – proclama o Nico. No ano passado, estávamos demasiado perto da escola primária para ele apanhar o autocarro escolar. Idealizou «apanhar o autocarro» como se fosse uma experiência comparável a visitar uma fábrica de chocolate cheia de Oompa Loompas. Não parece conseguir pensar em mais nada. – Por favor, mãe?

– Claro – digo. – E, Ada, se quiseres ir com o teu pai...

– Não – corta ela, com firmeza. – Vou no autocarro com o Nico.

Independentemente do que mais se possa dizer sobre a minha filha, é incrivelmente protetora em relação ao irmão mais novo. Ouvi dizer que as crianças pequenas podem ser muito ciumentas quando se introduz um novo bebé em casa, mas a Ada apaixonou-se imediatamente pelo Nico. Abandonou todas as bonecas para tomar conta dele. Tenho algumas fotos completamente adoráveis da Ada a embalar o Nico ao colo e a dar-lhe o biberão.

– Além disso... – O Nico leva uma garfada de arroz branco à boca, da qual só cerca de oitenta por cento lhe passa pelos lábios; o resto pontilha-lhe o colo e cai

para o chão. – Posso ter um animal de estimação, mãe? Por favor?

– Hum – digo.

– Disseste que, quando fosse mais velho e *responsável*, podia ter um animal de estimação – lembra-me o Nico.

Bem, ele é mais velho. Quanto à parte do responsável...

– Um cão? – pergunta a Ada, esperançosa.

– Temos de vedar o jardim primeiro, antes de pensarmos em ter um cão – digo-lhes eu. Além disso, gostaria de estar mais estável financeiramente antes de juntarmos um novo membro à família.

– Que tal uma tartaruga, então? – sugere a Ada.

Estremeço.

– Não, uma tartaruga não, por favor. *Odeio* tartarugas.

– Não quero um cão *nem* uma tartaruga – diz o Nico. – Quero um louva-a-deus.

Quase me engasgo com um pouco de brócolo.

– Um *quê*?

– É um bom animal de estimação, na verdade – intervém o Enzo. – Muito fácil de cuidar.

Oh, meu Deus, o Enzo *sabe* que o Nico quer trazer uma coisa horrível dessas para nossa casa?

– Não. Não vamos arranjar um louva-a-deus.

– Mas porque não, mãe? – insiste o Nico. – São super fixes. Mantenho-o no meu quarto, e nunca terás de o ver. A menos que queiras.

Lança-me aquele seu sorriso encantador. Neste momento, tem um rosto redondo adorável e uma falha entre os dentes. Mas dá para perceber que, daqui a seis ou sete anos, irá partir corações como o pai costumava fazer antes de estarmos juntos.

– Não importa se o vejo – digo. – Saberei que está aqui.

– Mantê-lo-emos confinado – diz-me o Enzo, esboçando-me a sua versão desse mesmo sorriso. Raios partam o meu marido por ser tão bonito.

– O que se lhes dá de comer? – pergunto.

– Moscas – responde o Nico.

– Não. – Abano a cabeça. – Não. Não vamos fazer isso.

– Não te preocupes – diz o Nico. – Não são moscas *voadoras*.

– São moscas *andantes* – graceja o Enzo.

– Nem te vai custar nada – acrescenta o Nico. – Criamos nós mesmos as moscas.

– Não. Não, não, não.

O Enzo estende a mão por baixo da mesa e aperta-me o joelho.

– Millie, tirámos os miúdos da escola e fizemo-los mudarem-se para aqui. Se o Nico quer um louva-a-deus...

Treta. *Ele* também quer o louva-a-deus. É precisamente o tipo de coisa que o Enzo acharia fixe.

Olho para a Ada em busca de ajuda, mas está demasiado absorta a fazer pequenas pilhas de massa no prato. Está a escrever o seu nome com a massa. Não

costuma brincar com a comida, por isso deve estar mesmo ansiosa.

– Se eu dissesse que sim – digo –, onde compraríamos um louva-a-deus?

O Enzo e o Nico dão um *high five*. A cumplicidade dos dois seria adorável, se eu não tivesse tanto pavor do inseto que querem trazer para casa.

– Podemos comprar um ovo de louva-a-deus – explica o Nico. Meu Deus, há quanto tempo andam eles a discutir isto? Parecem ter um plano muito firme em vista. – Depois, ele eclode e dá centenas deles.

– Centenas...

– Mas não faz mal – apressa-se o Enzo a acrescentar. – Comem-se todos uns aos outros, pelo que só sobra geralmente um ou dois.

– Depois podemos batizá-los – conclui o Nico. – Pode ser, mãe?

Imagino como a Suzette Lowell ficaria horrorizada se soubesse da existência de um louva-a-deus, bem como de uma colónia de moscas, na sua rua perfeita. É capaz de ser o único aspeto divertido nesta situação. Está bem, pronto, suponho que vou deixar isto acontecer. Mas juro por Deus que, se a minha bela casa nova ficar cheia de moscas, o Nico vai ter de se mudar.

Se esvaziar mais uma caixa, vou vomitar.

Já desempacotei cinco mil milhões de caixas hoje. Não estou a exagerar. Agora, estou de pé na casa de banho principal, a olhar fixamente para uma caixa de cartão em que escrevi «CASA DE BANHO» a marcador permanente, mas simplesmente não tenho vontade de a abrir. Infelizmente, é a caixa que tem os itens de casa de banho mais importantes. Talvez possa escovar os dentes com o dedo esta noite.

O som de passos torna-se mais alto do outro lado da porta, e, passado um segundo, o Enzo espreita para dentro da casa de banho. Sorri ao ver-me ali parada com a minha caixa a dizer «CASA DE BANHO».

– O que estás a fazer? – pergunta.

Os meus ombros descaem.

– Estou a arrumar.

– Passaste a noite toda a tratar das caixas – salienta ele. – Já chega. Acabamos amanhã.

– Mas *precisamos* destas coisas. São para a casa de banho.

O Enzo está com ar de quem me vai tentar dissuadir, mas depois pensa melhor. Em vez disso, leva a mão ao bolso das calças de ganga azuis e gastas e tira o canivete que traz sempre consigo. Foi o pai quem lhe deu a faca quando ele era pequeno, e tem as suas iniciais gravadas: EA. A faca tem quase quarenta anos, mas ele mantém-na afiada, pelo que corta facilmente a fita que fecha a caixa com os produtos da casa de banho.

Juntos, desempacotamos o conteúdo da caixa. Quando conheci este homem que me fazia fraquejar os joelhos, nunca imaginei um futuro em que estaríamos os dois numa casa de banho, a examinar barras de sabonete e frascos de champô pegajosos. Mas, por mais estranho que pareça, o Enzo adaptou-se alegremente à vida doméstica.

Vivíamos juntos há menos de um ano quando, de repente, não me veio o período, apesar de usarmos sempre métodos contracetivos. Estava cheia de medo de lhe dizer, mas ele ficou radiante de entusiasmo. *Vamos ser uma família!*,

exclamou. Os pais e a irmã tinham morrido, e eu nunca me tinha apercebido de como era importante para ele criar a sua própria família. Casámos um mês depois.

Agora, passada mais de uma década, estou a viver o tipo de vida doméstica suburbana com que nunca tinha sonhado – nem com o Enzo, nem com *ninguém*. Muitas pessoas diriam que é aborrecida, mas eu adoro. Tudo o que sempre quis foi uma existência normal e sossegada. Só demorei mais tempo do que a maioria a conseguir.

O Enzo tira as lâminas de barbear da caixa, deixando-a finalmente vazia. Acabámos. Bem, ainda temos mais cinco mil milhões de caixas em casa, mas pelo menos esvaziámos mais uma, pelo que agora são cinco mil milhões menos uma. Prevejo que terminaremos de desencaixotar tudo algures nas próximas três ou quatro décadas.

– Muito bem – diz o Enzo. – Acabámos por hoje.

– Sim – concordo.

Lança um olhar por cima do ombro à cama *queen size* com um lençol lavado estendido por cima, voltando em seguida a olhar para mim com um sorriso no rosto.

– O que foi? – provoco-o eu. – Queres batizar a cama?

– Não – responde. – Quero *profaná-la*.

Solto uma risada, que é interrompida quando ele agarra em mim e me ergue nos braços, transportando-me pelo umbral até à cama no nosso magnífico quarto novo. Dir-lhe-ia para ter cuidado com as costas, mas, tendo em conta que carregou caixas que têm o dobro do meu peso (espero eu), presumo que saiba o que está a fazer. Não para até chegarmos à cama e me depositar no colchão.

Arrancando a *T-shirt*, o Enzo põe-se em cima de mim e beija-me o pescoço, mas, por mais que me queira deixar levar por isto, o meu olhar é atraído para as duas janelas mesmo junto à nossa cama. Porque não comprámos persianas? Que idiota se muda para uma casa sem se assegurar de que as janelas estão tapadas?

Da minha posição na cama, tenho uma vista excelente para a casa do outro lado da rua. As janelas estão às escuras, mas deteto movimento numa das divisões do andar de cima. Pelo menos, parece-me que sim.

O Enzo nota que fiquei tensa e afasta-se.

– O que se passa?

– As janelas – murmuro. – Dá para ver tudo.

Ele ergue a cabeça, olhando pela nossa janela para o número 13 da Locust Street.

– As luzes estão apagadas. Estão a dormir.

Ao voltar a espreitar pela janela, desta vez não vejo qualquer sinal de movimento. Mas sei que vi há apenas um segundo. Tenho a certeza.

– Não acho que estejam.

– Damos-lhes espetáculo, então – sugere, com um piscar de olho.

Eu olho-o fixamente.

– Está bem – resmunga o Enzo. – E se apagássemos as luzes?

– Ótimo.

Levanta-se de cima de mim para desligar o interruptor, mergulhando o quarto

nas trevas.

Retorço-me nos lençóis, incapaz de desviar o olhar da janela exposta.

– Nunca te perguntas porque conseguimos esta casa tão barata?

– Barata? – exclama o Enzo. – Usámos todas as nossas poupanças para pagar a entrada! E o empréstimo é...

– Mas conseguimos-la abaixo do preço solicitado – saliento. – *Nenhuma* outra casa estava a ser vendida abaixo do preço solicitado.

– Deve ser porque precisa de reparações.

– As outras também precisavam. – Soergo-me na cama. – E não conseguimos ganhar o leilão de nenhuma.

O Enzo lança-me um olhar exasperado.

– Compramos a tua casa de sonho, e agora tens um problema com ela? Tivemos sorte! É assim tão difícil de acreditar?

Sim, porque temos de encarar os factos: eu nunca tenho sorte.

– Millie... – diz o Enzo, naquela voz rouca que sabe que eu acho irresistível. – Vamos desfrutar da primeira noite na nossa casa de sonho. Pode ser?

Ao dizê-lo, volta a subir para a cama ao meu lado. Por agora, sou incapaz de resistir aos seus encantos. Ao lançar um último olhar à janela, apesar de ser do outro lado da rua, juro que consigo sentir um par de olhos no meu corpo.

A observar-nos.

Hoje, os miúdos vão estrear-se na escola nova.

A Ada enfia o vestido rosa-claro e sem mangas que escolhi para o seu primeiro dia. Se fosse o meu filho a vesti-lo, de certeza que estaria coberto de sujidade e gordura antes mesmo de ele sair pela porta da frente. Sei que a Ada o adora e quase de certeza que o manterá limpo. Quanto ao Nico, fico apenas feliz por ter conseguido vestir-lhe roupa limpa e sem buracos.

Disseram-me que o autocarro escolar para em frente ao número 13 da Locust Street, pelo que guio os miúdos porta fora, passo pela casa da Suzette no número 12 e rumo à casa da vizinha. Estou convencida de que nos tem estado a observar pelas janelas sem persianas desde ontem. De facto, vejo uma mulher e uma criança à espera na paragem do autocarro, mas não são o tipo de pessoas que esperava que fossem.

Em primeiro lugar, a mulher é mais velha do que imaginava. Não sou a mãe mais nova de entre os pais dos amigos dos meus filhos, mas esta mulher parece ter idade suficiente para ser *minha* mãe. É muito magra, com um cabelo crespo grisalho e uns dedos finos que quase parecem garras. Apesar de a Suzette me ter dito que o filho é da idade do Nico, o rapazinho ao seu lado parece ser, pelo menos, dois anos mais novo. Está tão emaciado como a mãe e, apesar do dia quente de primavera, veste uma camisola grossa de lã de gola alta que parece extremamente comichosa e desconfortável.

Claro que pode não ser a mãe do rapaz. Talvez seja a avó – parece certamente ter idade suficiente para isso –, mas jamais perguntaria tal coisa. Não sou a Suzette. É o tipo de coisa que não se pergunta a uma pessoa assim que a conhecemos – tal como «Está grávida?». (Estúpida camisola maljeitosa.)

Ao ver-me aproximar, vejo a mulher semicerrar os olhos na minha direção pelos óculos de armação de chifre. Não posso deixar de reparar na corrente prateada presa aos óculos – algo que sempre tinha associado aos idosos, apesar de uma das amigas da Ada no Bronx usar uma, pelo que talvez tenham voltado a estar na moda.

– Olá – digo alegremente, decidida a fazer amizade com esta mulher. Adoraria

fazer alguns amigos em Long Island – ups, *por* Long Island, quero dizer.

A mulher esboça-me um sorriso irresoluto que mais parece um esgar.

– Olá – responde, no tom mais inexpressivo que alguma vez ouvi.

– Chamo-me Millie – digo.

Ela fita-me com uma expressão vazia nos olhos. É nesta altura que a maioria das pessoas me diria o seu nome, mas parece que ela não entende as regras básicas da sociedade.

– E estes são o Nico e a Ada – acrescento.

Finalmente, ela põe uma mão no ombro do rapazinho.

– Este é o Spencer – diz. – Eu sou a Janice.

O rapaz muda subitamente de posição, revelando o que parece ser um gancho por baixo da mochila, do qual sai um acessório que a mulher agarra. Oh, meu Deus. É uma trela. A pobre criança está à trela!

– Prazer em conhecer-vos – digo. Talvez devesse dizer *lindo cãozinho*... – Ouvi dizer que o Spencer anda no... terceiro ano?

Parece-me impossível ao dizê-lo. O rapazinho é quase um palmo mais baixo do que o Nico, que tem a altura média para a sua idade. Mas o rapaz, Spencer, assente com a cabeça.

– Sim – confirma ele.

– Fixe! – Os olhos do Nico iluminam-se. – A minha professora é a senhora Cleary. Com quem *tás* tu?

– Com quem *estás* tu – corrige a Janice.

O Nico olha para ela, piscando os olhos castanho-escuros.

– Já disse que estou com a senhora Cleary – responde, em voz baixa, como se achesse que ela é estúpida. Contenho uma risada.

Antes que a Janice possa esclarecer que estava a tentar corrigir-lhe a linguagem, o Spencer interrompe-a com uma exclamação.

– Eu também! Também tenho a senhora Cleary!

Os rapazes começam a conversar entusiasticamente, o que me deixa feliz. O Nico é tão extrovertido, que consegue fazer amizade até com os miúdos mais tímidos. Invejo a sua habilidade.

Lanço um sorriso conspirador à Janice.

– Bem, parece que o Nico fez o seu primeiro amigo.

– Sim – responde a Janice, com bastante menos entusiasmo.

– Talvez possam juntar-se para brincar, um dia destes?

– Talvez. – Franze o sobrolho, acentuando as rugas que lhe atravessam o rosto.

– O seu filho tem as vacinas todas?

Todas as escolas públicas exigem um esquema vacinal completo e tenho a certeza de que ela sabe disso. Mas tudo bem, vou fazer-lhe a vontade.

– Sim.

– Incluindo a da gripe?

Nem sequer é época de gripes, mas pronto.

– Sim.

– Todo o cuidado é pouco, sabe? – diz ela. – O Spencer é muito frágil.

É certo que o rapaz parece um pouco frágil, com a pele quase translúcida e o

corpo minúsculo, a nadar naquela gigantesca camisola de lã. Mas, enquanto conversa com o Nico, parece ter readquirido alguma cor nas faces.

– Seria bom conhecermo-nos melhor, uma vez que sou nova aqui – digo. – Eu e o meu marido vamos jantar com a Suzette e o Jonathan esta noite.

– Oh. – Os seus lábios curvam-se com desagrado. – Eu teria cuidado perto dessa mulher. – Olha-me com ar de entendida. – E, se fosse a si, seria especialmente cuidadosa no que diz respeito ao seu marido atraente.

Não me agrada o que ela está a sugerir. É verdade que a Suzette é muito bonita e, sim, foi um pouco excessiva a namoriscar. Mas eu confio no meu marido – não me vai trair com a vizinha do lado. Não fico nada satisfeita que a Janice tenha sentido a necessidade de fazer esse comentário.

– A Suzette parece... simpática – digo, educadamente, embora não saiba se eu própria acredito nisso.

– Pois, mas não é.

Fico sem saber o que responder, mas, nesse momento, felizmente, chega o autocarro escolar, e a Janice solta o filho da trela. (Ainda que desconfie de que lhe tenha implantado um *microchip* com GPS no cérebro ou algo parecido.) O Nico mal se apercebe da minha despedida ligeiramente chorosa, de tão absorto que está no seu novo amigo. Deixa-me dar-lhe um beijo na testa, ainda assim, e tem a gentileza de não o limpar até ir a subir os degraus do autocarro. A Ada, por outro lado, dá-me um grande abraço e agarra-se a mim durante tempo suficiente para me fazer desejar ir levá-la diretamente à escola.

– Vais fazer montes de amigos – murmuro-lhe ao ouvido. – Sê só tu mesma.

A Ada lança-me um olhar cético. Não posso acreditar que disse isso. Dizer a uma pessoa para ser ela mesma é o pior conselho de sempre. Sempre *odiei* quando as pessoas me diziam isso. Mas não tenho mais nenhum conselho além desse. Se tivesse, teria mais amigos.

Oxalá o Enzo estivesse aqui. Saber ia exatamente o que dizer para a fazer sorrir. Infelizmente, saiu cedo esta manhã para um trabalho de paisagismo, portanto sou só eu.

– Estarei à espera em casa esta tarde! – grito para as costas de ambos.

Vou tirar metade do dia hoje para garantir que estarei em casa quando chegarem, ainda que, no futuro, seja provável que cheguem trinta minutos a uma hora antes de mim.

As portas fecham-se e o autocarro arranca, levando os meus dois filhos. Sinto a pontada de ansiedade que me invade quando estou separada dos meus filhos. Será que alguma vez irá desaparecer? Era tão mais fácil quando estavam a crescer dentro de mim. Mas dispenso a pré-eclampsia potencialmente fatal que tive no terceiro trimestre com o Nico, que levou à minha decisão de fazer uma laqueação de trompas.

Só depois de o autocarro desaparecer da rua é que me apercebo de que a Janice está a olhar para mim com uma expressão horrorizada no rosto.

– Há algum problema? – pergunto, o mais educadamente possível.

– Millie – diz ela. – Não está verdadeiramente à espera de que eles vão para casa sozinhos, pois não?

– Bem, sim. – Aponto para a minha casa, praticamente ali ao lado. – Vivemos *mesmo ali*.

– E então? – retorque ela. – Nós também vivemos mesmo aqui – reforça, apontando para a sua casa, que está mesmo atrás de nós –, mas não me vê a deixar o Spencer sozinho nem por um segundo. Se andar algum predador atrás do seu filho, pode raptá-lo facilmente.

Enquanto o diz, estala os dedos mesmo à frente do meu rosto para demonstrar a premência da ameaça.

– Mas é uma localidade bastante segura – comento, hesitante, não querendo dizer diretamente a esta mulher que é ridículo trazer o filho em idade escolar por uma trela.

– Falsa segurança – replica ela, com um sorriso escarninho. – Sabia que, há três anos, houve um rapaz de oito anos que desapareceu em plena rua?

– *Aqui?*

– Não, numa terra aqui perto.

– Onde?

– Já disse que foi *aqui perto*. – Lança-me um olhar. – A mãe largou-lhe a mão por *um segundo* e ele foi levado. Desapareceu sem deixar rasto.

– A sério?

– Sim. Fizeram todos os possíveis para o encontrar. Chamaram a polícia, o FBI, a CIA, a Guarda Nacional. Até contrataram um médium. Nem o *médium* foi capaz de o encontrar, Millie.

Não conheço os pormenores desse alegado rapto, mas tenho a certeza de que nunca ouvi nada do género nas notícias. E nem sequer aconteceu aqui. Para a Janice, «aqui perto» pode muito bem querer dizer na Califórnia. Não sei se ajudaria partilhar a estatística de que quase todos os raptos de crianças são cometidos por familiares, uma vez que a Janice parece ter a sua opinião formada. Provavelmente, o Spencer continuará à trela até ter trinta anos.

– Bem, vão ter de ir sozinhos para casa mais cedo ou mais tarde – digo eu. – Tanto eu como o meu marido trabalhamos e não os podemos ir buscar todos os dias.

Ela olha para mim, espantada.

– Trabalha?

– Hã, sim.

– Quando o meu marido faleceu – diz-me ela, com um estalar de língua na minha direção –, deixou-me dinheiro suficiente para nunca mais ter de trabalhar.

– Ah, que bom.

– É uma tristeza terrível – prossegue a Janice – que os seus filhos não possam ter a mãe em casa. Nunca conhecerão o amor que merecem de uma mãe que não sai de junto deles.

Fico de boca aberta.

– Os meus filhos sabem que os amo.

– Mas pense no que está a perder! – exclama ela. – Não a entristece?

Tenho as palavras «pelo menos, não trago o meu filho à trela» na ponta da língua, mas, por verdadeiro milagre, consigo manter a boca fechada. Os meus

filhos sabem que os amo. Além disso, adoro o meu trabalho e faço coisas boas pelas pessoas no hospital. Mesmo que não fizesse, precisamos de cada cêntimo dos nossos rendimentos neste momento, enquanto o Enzo reconstrói o negócio nesta cidade.

– Fazemos com que resulte – digo.

– Bem, de certeza que faz o melhor que pode com o pouco tempo que tem com eles.

Por alguma razão, não me parece que eu e a Janice nos tornemos grandes amigas. Estava tão entusiasmada por nos mudarmos para cá, mas começa a parecer que escolhi a zona menos amigável da cidade. Uma das vizinhas anda a atirar-se ao meu marido e a outra julga a minha dedicação como mãe.

Pergunto-me novamente se mudar-me para cá não foi um erro terrível.

A escola foi um sucesso hoje.

Ao saírem do autocarro, os miúdos estão em pulgas para contar as histórias sobre o primeiro dia de aulas. O Nico já fez amizade com todas as crianças do terceiro ano e conseguiu esguichar leite pelo nariz durante o almoço. (É uma competência que tem vindo a praticar há meses.) A Ada está menos entusiástica do que o irmão, mas garante-me que fez alguns novos amigos. É difícil mudar de escola a meio do ano, por isso estou muito orgulhosa de ambos.

– As provas para a Liga Infantil de Basebol são no fim da semana – diz o Nico.
– Quando é que o pai chega a casa? Prometeu que treinava comigo.

Olho para o relógio. A Suzette disse-nos para aparecermos em sua casa às seis, o que é daqui a menos de uma hora. Conhecendo o Enzo, vai chegar tão à justa quanto possível.

– Em breve. Espero eu.

– Quando? – insiste ele.

– *Em breve*. – Não parece ficar satisfeito com esta resposta, por isso continuo. – Tenho uma ótima ideia. Porque não vais bater umas bolas sozinho no jardim das traseiras?

Os seus olhos iluminam-se.

– Adoro ter um jardim das traseiras, mãe.

Também eu.

O Nico sai para ir treinar sozinho no jardim das traseiras – um luxo que não tínhamos na cidade. Subo ao quarto e aplico uma nova camada de corretor, para esconder as olheiras que parecem permanentes por estes dias. Começo a pôr um pouco de rímel, mas sem querer entra-me um pouco do conteúdo no olho e tenho de lavar tudo, pois não paro de lacrimejar. Aplico uma camada de um chamado batom *nude*, que é aparentemente um batom que faz parecer que não estamos a usar nada. Não consigo imaginar porque haveriam de inventar tal produto, mas uma pergunta melhor é: porque é que o comprei?

Ainda não comprámos um espelho de corpo inteiro, por isso quase tenho de fazer acrobacias para ver o meu aspeto no pequeno espelho de toucador por cima do lavatório. Envolve um certo contorcionismo, mas acabo por decidir que estou suficientemente bem. Seja como for, tenho de resolver a situação da sobremesa,

pois é esse o meu contributo para a noite.

A caminho de casa, depois do trabalho, parei no supermercado e comprei uma tarte de maçã. Ora, não me interpretem mal – adoro tarte de maçã em todas as suas formas. Mas, quando desço à cozinha e a tiro do saco de compras, constato que parece exatamente o que é: uma tarte barata de supermercado.

Posso apenas imaginar que tipo de comentários vou receber da Suzette sobre esta tarte. Aposto que compra todas as sobremesas nalguma pastelaria francesa elegante.

Tiro a tarte do invólucro de plástico, mas deixo-a no recipiente de metal. Em seguida, tiro um garfo da gaveta dos talheres. Com precisão artística, amasso as orlas da tarte e espeto o centro algumas vezes. Já não parece que foi feita numa linha de produção em massa. Poderei fazê-la passar por caseira? Talvez.

Enquanto estou a examinar a tarte, a porta da frente abre-se com um chiar de dobradiças. O Enzo chegou. Finalmente. Não nos resta muito tempo. Corro para a porta da frente para o receber, mas o meu rosto esmorece de imediato. O meu marido está literalmente coberto de terra da cabeça aos pés, e temos de estar em casa dos Lowell daqui a...

Quinze minutos. Fantástico.

– Millie! – O seu rosto ilumina-se ao ver-me, mas então reparo que está a olhar para a tarte. – Tarte de maçã... a minha sobremesa americana favorita!

– Fui eu que fiz – declaro, testando as águas.

– A sério? Parece daquelas do supermercado.

Raios. Afinal, não a deixei suficientemente rústica.

Ele aproxima-se para me dar um beijo, mas eu recuo, erguendo uma mão para o afastar.

– Estás imundo!

– Estive a escavar um buraco – diz, como se fosse absurdo pensar outra coisa. – Tomo um duche depois de ir jogar basebol com o Nico. Ele quer treinar.

– Enzo. – Fulmino-o com o olhar. – A Suzette convidou-nos para jantar! Temos de estar lá daqui a quinze minutos, lembra-te?

Fita-me com um ar desorientado. A capacidade que tem de se esquecer de qualquer tipo de compromisso social é espantosa, embora pareça ser muito bom a manter-se a par dos deveres profissionais.

– Oh – exclama. – Estava no calendário familiar?

O Enzo diz-me sempre para pôr as coisas no calendário familiar que temos nos telemóveis, mas, tanto quanto consigo perceber, nunca o consulta. Nunca.

– *Sim*, estava.

– Oh. – Coça o pescoço com a mão encardida de terra. – Suponho que... vou tomar duche agora, então.

Sinceramente, é como ter um terceiro filho, às vezes. Aliás, é mais como o segundo filho, pois a Ada é muito mais adulta.

Viro-me novamente para a tarte. Por impulso, enfio-a no forno. Talvez consiga fingir que é caseira, se estiver quente. Por alguma razão, sinto uma necessidade desesperada de impressionar a Suzette Lowell. Trabalhei para muitas mulheres como a Suzette no tempo em que limpava casas, mas nunca passei de ser mais do

que a criada de mulheres como ela.

Não gosto da Suzette, mas, se pudermos ser amigos dos Lowell, é um progresso. Significa que atingi finalmente a vida normal com que sempre sonhei – a vida que faria tudo para conseguir.

Vinte minutos depois, estamos à porta do número 12 da Locust Street.

Demorou um pouco mais do que esperávamos. Apesar de o Enzo ter tomado um duche rápido, desceu vestido com umas calças de ganga amarrotadas e uma *T-shirt*, porque é claro que sim. Portanto, tive de o mandar subir novamente para vestir algo um pouco mais respeitável. Está a usar uma camisa preta formal que lhe comprei há seis meses, quando me apercebi de que não tinha absolutamente nenhuma camisa. Tal como esperava, combina na perfeição com os seus olhos e cabelo negros, fazendo-o parecer ainda mais bonito. Também como esperado, tem o ar de estar muito desconfortável, e parece-me que, se puder, a arranca do corpo a qualquer momento do serão. (A Suzette *morria*.)

Consegui aquecer a tarte de maçã, o que a ajuda a parecer um pouco mais caseira. Torna-a também muito difícil de segurar. Está a esquentar-me as mãos, por isso mal posso esperar para a pousar.

Desconfortável, o Nico puxa a sua camisa de manga curta. É ainda mais provável que seja ele, em vez do pai, a arrancá-la do corpo devido ao desconforto esta noite.

- Temos mesmo de ir a esse jantar aborrecido?
- Sim – digo.
- Mas quero jogar basebol com o pai.
- Não vamos ficar muito tempo.
- O que vão fazer para o jantar?
- Não sei.
- Posso ver televisão enquanto lá estamos?
- Viro a cabeça para lançar um olhar fulminante ao meu filho.
- Não, *não* podes.

Olho para o Enzo, à procura de apoio, mas ele parece estar a tentar não se rir. Provavelmente, também gostaria de poder ver televisão.

Ao fim de um minuto a sentir as minhas mãos a serem queimadas pela tarte de supermercado, uma mulher desconhecida abre a porta da frente. Ronda os sessenta anos e tem a estatura de um defensor de futebol americano, com o cabelo grisalho

apanhado atrás num puxo apertado. Tem a postura mais perfeita que alguma vez vi. Se lhe puséssemos um livro em cima da cabeça, aposto que, dois dias depois, continuaria no mesmo sítio. Usa um vestido floral com um avental branco por cima e fita-me com uns olhos cinzentos mortiços que me trespassam.

– Hã, olá... – digo, insegura. Verifico o número da casa na porta, como se, de alguma forma, me pudesse ter dirigido à casa ao lado errada. – Sou a Millie. Estamos aqui para...

– Millie!

Atrás da mulher que nos recebeu, oiço uma voz das profundezas da casa. Passado um segundo, a Suzette desce as escadas, com um ar ligeiramente ofegante, mas, simultaneamente, sem um cabelo fora do sítio. Traz um vestido verde que me faz perceber que os seus olhos são, na realidade, mais verdes do que azuis. Não sei que *soutien* milagroso está a usar, mas puxa-lhe as mamas praticamente até ao queixo. O cabelo cor de caramelo resplandece, como se tivesse acabado de sair do cabeleireiro, e a pele quase parece brilhar. Está deslumbrante.

Olho para o Enzo, para ver se está a reparar no seu aspeto, mas vejo-o ocupado a remexer num dos botões da sua camisa. Odeia *mesmo* a camisa. Espero que a consiga manter vestida até chegarmos a casa.

– Millie e Enzo! – exclama a Suzette, juntando as mãos e demonstrando mais prazer do que qualquer pessoa poderia sentir com uma visita dos vizinhos. – Estou *tão* feliz por terem vindo. E estão tão elegantemente atrasados.

Caramba, só nos atrasámos cinco minutos.

– Olá, Suzette – digo.

– Vejo que já conheceram a Martha. – Os olhos da Suzette brilham ao pôr uma mão no ombro da mulher mais velha. – Dá-nos uma ajuda aqui em casa dois dias por semana. Eu e o Jonathan estamos simplesmente *tão* ocupados. A Martha é um anjo da guarda.

– Pois – murmuro.

Fui a Martha de muitas famílias no passado, mas, nitidamente, nunca consegui desempenhar o papel tão bem como esta mulher. Parece uma criada dos anos cinquenta. Só lhe falta um pequeno espanador e um daqueles aspiradores com o motor comicamente grande.

Mas há algo de enervante nela. Possivelmente, por continuar com o olhar fixo em mim, como se não conseguisse desviar os olhos. Estou habituada a que as mulheres olhem para o Enzo, mas ela não está interessada nele nem nos meus filhos. O seu olhar está focado no meu rosto como um *laser*.

O que será assim tão interessante? Tenho espinafres nos dentes? Será que sou parecida com alguma celebridade e ela quer um autógrafo?

– Posso dizer à Martha para vos trazer alguma coisa para beber? – pergunta-nos a Suzette, embora esteja a olhar apenas para o Enzo. – Água? Um copo de vinho? Acho que também temos um sumo de romã maravilhoso.

Abanamos os dois a cabeça.

– Não, obrigada – digo.

– Têm a certeza? – insiste ela. – Não é incómodo nenhum para a Martha.

Olho para a mulher mais velha, que se mantém tensa e parada, à espera da

ordem para regressar à cozinha e nos ir rapidamente buscar uma bebida.

– Não é incómodo nenhum – repete ela, numa voz grave e rouca, como se não tivesse por hábito falar.

– Estamos bem – garanto-lhe eu, esperando que ela se retire. Não o faz.

A Suzette repara finalmente no Nico e na Ada, que estão pacientemente encolhidos à porta.

– E estes devem ser os vossos lindos filhos. São absolutamente adoráveis.

– Obrigada – digo. Sempre me pareceu estranho que, ao elogiarmos os filhos de alguém, os pais dissessem «obrigado», como se fossem os proprietários da criança. E, ainda assim, aqui estou eu, a fazer o mesmo.

A Suzette volta novamente a sua atenção para o Enzo.

– São os dois *iguaizinhos* a si.

– Não exatamente – diz o Enzo. É uma mentira descarada. – A Ada tem a boca e os lábios da Millie.

– Hum, não estou a ver – comenta a Suzette.

Não vê porque não é verdade. Nenhum deles se parece minimamente comigo. E, já agora, nenhum dos miúdos tem a minha personalidade. Nesse aspeto, o Nico é muito parecido com o Enzo. Não sei de onde veio a inteligência e timidez da minha filha.

– A propósito – diz a Suzette. – Acabo de receber uma notícia *fantástica*. Outra família para quem a Martha trabalhava acaba de se mudar. Aposto que ela teria todo o gosto em tratar também das vossas limpezas.

– Oh. – Eu e o Enzo trocamos um olhar. *É claro* que adoraria a ideia de alguém além de mim a limpar a casa, mas não nos podemos dar a esse luxo. – É muito simpático da sua parte, a sério, mas não creio que...

– Estou livre às quintas-feiras de manhã – diz-me a Martha.

– Estaria bem para si às quintas-feiras de manhã? – pergunta-me a Suzette.

Como explico a esta mulher cuja casa tem o dobro do tamanho da nossa que não podemos pagar a uma empregada de limpeza? E, mesmo que pudéssemos, a Martha deixa-me incrivelmente desconfortável.

– Hum, a hora é boa, mas...

Antes que consiga pensar numa desculpa que não envolva admitir que não queremos os serviços da Martha, a Suzette baixa os olhos para a tarte que tenho nas mãos e solta uma risada estridente.

– Oh, não, Millie, deixou cair a tarte pelo caminho?

Uf, suponho que a deixei *demasiado* rústica.

Felizmente, consigo ao menos pousar a tarte na mesa de centro da sala de estar, enquanto a Martha desaparece na cozinha. A sala é muito maior do que a nossa. Todas as partes da casa têm o dobro ou possivelmente o triplo do tamanho das nossas. O exterior é igualmente antigo – a casa foi construída em finais dos anos 1800 e não houve grandes alterações –, mas, ao contrário do que aconteceu em nossa casa, o interior foi totalmente remodelado. O Enzo prometeu remodelar a nossa casa, mas suspeito que isso levará a maior parte da próxima década.

– É uma casa linda – comento. – E têm tanto espaço.

A Suzette pousa a mão num grande móvel, que julgo que poderíamos

descrever como um armário. Pergunto-me se não podíamos arranjar um para a nossa casa. (Quem estou a enganar? Já é bom termos comprado cadeiras e mesas.)

— Originalmente, as três casas pertenciam todas à mesma quinta — diz ela. — Esta era a casa principal, onde viviam os proprietários. E o número treze da Locust Street era o alojamento da criada.

— E quanto à nossa casa? — pergunto.

— Acho que era o abrigo dos animais.

O quê?

— Fixe! — exclama o Nico. — Aposto que o meu quarto era a pocilga!

Bem, *tem* de estar a gozar connosco. Quer dizer, se fosse uma casa para animais, não teria escadas, certo? Ou talvez as escadas tenham sido instaladas mais tarde. Notei *realmente* um certo cheiro que...

— Jonathan! — exclama a Suzette.

Os olhos azul-esverdeados da mulher fixam-se na escadaria sinuosa que dá para o andar de cima da casa, onde um homem vem a descer. Veste uma camisa branca combinada com uma gravata azul-marinho e, ao contrário do meu marido, parece muito confortável em roupa formal. Também ao contrário do meu marido, o seu aspeto é de resto completamente modesto. Tem traços faciais vagamente agradáveis, o cabelo castanho-claro impecavelmente aparado e a barba feita. É apenas alguns centímetros mais alto do que eu, com uma constituição franzina. Parece o tipo de homem capaz de desaparecer em qualquer multidão.

— Olá — diz ele, com um sorriso sereno. — Devem ser a Millie e o Enzo. E companhia — acrescenta, virando-se para se dirigir aos miúdos.

Depois do pretensiosismo da Suzette, o Jonathan parece uma lufada de ar fresco.

— Sim, sou a Millie — digo. — Deve ser o Jonathan.

— Isso mesmo. — Estende o braço para me apertar a mão. Ao contrário do aperto mortífero da Suzette, a sua palma suave não me aperta o suficiente para partir nenhum osso da mão. — É um prazer conhecê-la finalmente.

De seguida, aperta a mão do Enzo. Se se sente minimamente ameaçado pelo meu marido, como acontece a alguns homens inseguros, não dá certamente sinais disso.

Instintivamente, gosto do Jonathan. Não sei dizer porquê, mas é simplesmente uma sensação que me desperta. Trabalhei em muitas casas ao longo da minha vida e tornei-me bastante boa a ler as pessoas.

Particularmente, a ler casais.

Dá para perceber muito a partir da linguagem corporal. Há certos gestos que vi maridos fazerem que sugerem que estão a exercer o seu poder na relação. Por exemplo, um beijo na testa em vez de nos lábios, ou uma mão ao fundo das costas enquanto caminham. É subtil, mas aprendi a reparar nisso. No entanto, o Jonathan não faz nenhuma dessas coisas com a Suzette. Não há nada que me leve a pensar que são mais do que aparentam — um casal com um casamento feliz.

— Então, o que estão a achar da nova casa? — pergunta-nos ele.

— Adoro-a — digo, de súbito, esquecendo a minha vergonha de a casa poder ter servido em tempos de barracão para gado. — Sei que é pequena, mas...

– Pequena? – repete o Jonathan, rindo. – Eu acho que tem o tamanho ideal. Teria comprado essa casa, se estivesse disponível. A nossa é demasiado pomposa, sobretudo só para nós os dois.

Mais um ponto para o Jonathan.

– Não têm filhos? – pergunta o Enzo.

Antes que o Jonathan possa responder, a Suzette apressa-se a intervir.

– Oh, *não*. Não somos o tipo de pessoa que se dê bem com *crianças*. São tão barulhentas e desarrumadas e precisam constantemente de atenção... sem ofensa. As pessoas que estão dispostas a fazer esse sacrifício são verdadeiras santas. – Ri-se ao dizer as palavras, como se fosse hilariante que alguém quisesse abdicar da sua vida para ter um filho. – Mas simplesmente não é para nós. Estamos absolutamente de acordo em relação a isso. Não é verdade, Jonathan?

– Sim, certo – responde ele, afavelmente. – Eu e a Suzette sempre estivemos de acordo a esse respeito.

– Não é para todos – digo.

Apesar disso, não pude deixar de reparar que, enquanto a Suzette falava efusivamente sobre como é maravilhoso não ter filhos, o Jonathan tinha uma expressão taciturna no rosto. Interrogo-me se estão mesmo «absolutamente de acordo» quanto à questão da parentalidade. Não julgaria ninguém por não querer ter filhos, mas é triste quando um dos elementos de um casal tem de abdicar do seu sonho para satisfazer o outro.

– Estava a dizer à Millie que adoro o quanto a casa deles é acolhedora e pitoresca – diz a Suzette. – Também acho que esta casa é simplesmente tão grande e extravagante. Sinceramente, não sabemos o que fazer com todo este espaço, sobretudo o nosso jardim das traseiras, que é enorme.

Ao ouvir as palavras «jardim das traseiras», o Enzo arrebita.

– Tenho uma empresa de paisagismo, se estiverem à procura de melhorar o jardim.

A Suzette arqueia uma sobrancelha.

– Ah, sim?

Ele assente avidamente.

– Tenho clientes no Bronx, mas estou a tentar transferir tudo para cá. É uma viagem tão grande até à cidade.

– A via rápida de Long Island é letal – concorda a Suzette.

Sim, sobretudo com a maneira como o Enzo conduz. Sempre que entra na autoestrada 495, tenho a certeza de que vai encontrar uma morte violenta. O negócio de paisagismo que tinha no Bronx estava a correr bem, mas tem vindo a fazer um esforço por arranjar mais clientes na ilha, para não ter de continuar a fazer essa viagem tão longa todos os dias. O objetivo é transferir o negócio para os bairros vizinhos durante os próximos anos. Há famílias ricas suficientes por aqui para haver um grande potencial de crescimento e expansão do negócio.

– Sou um excelente paisagista – acrescenta o Enzo. – O que quiserem que eu faça ao vosso jardim, eu faço.

– Seja o que for? – pergunta a Suzette, num tom carregado de insinuações.

– Todo o tipo de serviços de paisagismo, sim.

Ela põe-lhe uma mão no braço.

– Talvez aceite essa oferta.

E depois? *Deixa simplesmente a mão* nos músculos do braço do meu marido. Durante demasiado tempo. Quer dizer, tem de haver um limite para quanto tempo se pode deixar a mão nos músculos de um homem que não é o próprio marido, certo?

Mas é inofensivo. Afinal, o Jonathan está *mesmo ali* e não parece minimamente perturbado. Provavelmente, sabe que a Suzette gosta de namoriscar e aprendeu a ignorá-la.

Digo a mim mesma que não tenho nada com que me preocupar.

E quase me convenço.

Nunca tinha tido um jantar tão elaborado.

Em primeiro lugar, temos cartões de mesa com os nossos nomes. Cartões de mesa! E não posso deixar de reparar que a disposição dos cartões deixou a Suzette sentada de um lado da mesa com o Enzo, enquanto eu fiquei do outro lado com o Jonathan. Além disso, os nossos filhos nem sequer estão à mesma mesa que nós! Facilmente haveria espaço para mais duas pessoas a esta enorme mesa de mogno, mas, em vez disso, prepararam uma outra mesa mais pequena do outro lado da sala. Quase precisamos de binóculos para os ver.

– Presumi que os meninos quisessem ter a sua privacidade – diz a Suzette.

Na minha experiência, as crianças nunca querem privacidade. *Nunca*. Só há pouco tempo é que as idas à casa de banho deixaram de ser uma experiência em família. E, como se isso não bastasse, a mesa das crianças é demasiado pequena. Parece que seria mais adequada à sala de estar de uma casa de bonecas. Consigo ver pela expressão nos rostos dos miúdos que não estão satisfeitos.

– É uma mesa para bebés – resmunga o Nico. – Não me quero sentar ali!

– *Fai silenzio* – silva o Enzo.

Naturalmente, os nossos filhos falam ambos um italiano perfeito, pois o pai falava-lhes constantemente nessa língua quando eram pequenos, a fim de crescerem bilingues. Diz que têm ambos um sotaque americano terrível, mas a mim soa bastante bem. Em todo o caso, o aviso aquietar-os e fá-los ocupar os lugares à mesa comicamente pequena, ainda que o façam de forma relutante. Quase me apetece tirar-lhes uma foto sentados àquela mesa minúscula, com os rostos numa expressão miserável idêntica, mas suspeito que isso os deixaria furiosos.

O Enzo parece igualmente perplexo com a mesa posta à sua frente. Deixa-se cair na cadeira que lhe foi atribuída e pega num dos garfos que foram dispostos.

– Porque há três garfos? – quer ele saber.

– Bem... – explica pacientemente a Suzette. – Um é o garfo de jantar, claro, depois há o garfo para a salada e por último um garfo de esparguete.

– Qual é a diferença entre um garfo de esparguete e um garfo de jantar? – pergunto.

– Oh, Millie – exclama ela, rindo, e não me esclarece, apesar de me ter parecido que era uma excelente pergunta.

– Então, o que estão a achar do bairro até agora? – pergunta-nos o Jonathan, instalando-se na cadeira de costas altas em madeira e abrindo cuidadosamente um guardanapo no colo.

Retorço-me no meu lugar. São cadeiras de aspeto dolorosamente caro, feitas de madeira maciça, mas são bastante desconfortáveis.

– Adoramos.

A Suzette apoia o queixo no punho.

– Já conheceram a *Janice*?

– Eu já.

– É uma loucura, não é? – Dá uma gargalhada. – Aquela mulher tem medo da própria sombra. E é tão intrometida! Não é, Jonathan?

O Jonathan bebe um gole do copo de água e sorri vagamente à mulher, mas não diz nada. Aprecio o facto de não começar de imediato a falar mal da vizinha, ainda que possa ser merecido. A Suzette, por outro lado...

– Tinha o filho por uma *trela* – lembro-me eu. – Saía-lhe da mochila.

A Suzette ri-se.

– É tão protetora, chega a ser hilariante. Acha que há monstros à espera para lhe raptar o filho ao virar de cada esquina.

– Estava paranoica quanto a um rapaz que vivia aqui perto que disse ter sido raptado.

– Certo – diz ela, assentindo com a cabeça. – Foi uma batalha pela custódia entre os pais. Parece que o pai cruzou a fronteira para o Canadá com ele, mas conseguiram encontrá-lo. Deu nas notícias, na altura, mas ela age como se o papão andasse por aí à solta! E nem é isso o pior de viver ao lado dela. Devia ouvir algumas das tretas que ela armou.

Estremeço.

– Como o quê?

– Uma vez, tínhamos o grelhador aceso no jardim das traseiras – conta ela. – Não estávamos a cozinhar quase nada, só alguns lagostins e um corte de carne. Tínhamos poucos convidados, não é verdade, Jonathan?

– Não me lembro bem, querida – diz ele.

– Enfim – prossegue ela. – Não é que, mesmo a meio do nosso churrasco, aparece a polícia? A Janice tinha ligado à emergência a dizer que tínhamos ateado um incêndio no jardim das traseiras! Conseguem imaginar?

– Têm um grelhador no jardim? – pergunta o Enzo, interessado.

– Devia arranjar um – diz o Jonathan.

– Ou usar o nosso – oferece a Suzette. – Sinta-se à vontade para vir cá experimentá-lo, se quiser.

– Posso? – pergunta ele, entusiasmado.

Tem graça, porque, quando o conheci, há já quase duas décadas, o Enzo parecia muito mais empolgante do que qualquer homem que eu alguma vez conhecera.

Era tão *arrojado*. Agora, apercebo-me da verdade nua e crua: a maior fantasia da vida deste homem é grelhar hambúrgueres no jardim das traseiras – pelo menos, é isso que qualquer pessoa pensaria ao ouvi-lo interrogar a Suzette sobre os meandros de grelhar. Conseguiria alinhar mais na conversa se ela não sentisse a necessidade de estar *constantemente* a tocar-lhe no braço enquanto fala com ele.

É completamente possível falar com alguém sem lhe tocar no braço. A sério.

Felizmente, a conversa sobre grelhadores é interrompida quando a Martha sai da cozinha com quatro pratos de salada. Não sei o que tem, mas cheira a framboesas e vejo pequenos torrões de queijo.

– Obrigada, Martha – digo, ao ver que a Suzette não se deu ao trabalho de lhe agradecer.

Espero que ela diga «não tem de quê», mas, em vez disso, fica outra vez apenas a olhar para mim até me fazer desviar o olhar.

Não consigo comer com o olhar da Martha a pesar sobre mim, mas, mal ela deixa a sala, atiro-me à salada. Não sou muito uma pessoa de saladas, mas uau. Quer dizer, *uau*. Se todas as saladas soubessem assim, talvez pudesse *ser* uma pessoa de saladas. Não fazia ideia de que era possível uma salada ser assim tão deliciosa.

– Millie – diz a Suzette, com um risinho. – Está a usar o garfo de esparguete para comer a salada!

Estou? Quando olho para a mesa, vejo que estão todos a comer com um garfo aparentemente diferente do meu, apesar de a verdade ser que todos me parecem idênticos. E o Enzo, que tenho a certeza de que não tem mais conhecimento sobre garfos do que eu, aponta para o garfo mais afastado do meu prato. Como sabia ele isso?

Uau, isto é estranhamente embaraçoso. Troco os garfos rapidamente.

– Então, Jonathan, trabalha em quê? – pergunto, para desviar as atenções do fiasco do garfo.

– Finanças.

Esboço um sorriso.

– Parece interessante.

– Paga as contas – responde, com um encolher de ombros. – Não é nem de perto tão empolgante como o emprego da Suzette.

Ao dizer isso, estende o braço sobre a mesa para lhe pegar na mão. Ela deixa-o segurá-la apenas por uma fração de segundo antes de a retirar.

– Adoro estar com pessoas – observa. – Graças ao meu trabalho, conheço toda a gente por aqui. Na verdade... – Arregala os olhos, parecendo ocorrer-lhe um pensamento. – Podia ser-lhe útil, Enzo.

Ele franze o sobrolho.

– A mim?

– Sim! – Limpa os lábios ao guardanapo, e não posso deixar de reparar que o batom está perfeitamente intacto. Estou bastante certa de que o meu saiu depois de comer várias folhas de alface, mas suponho que não faz mal, pois era da mesma cor dos meus lábios. – Anda à procura de clientes para a sua empresa de

paisagismo, não é verdade? Bem, eu conheço toda a gente que anda a comprar casa nas localidades vizinhas. Posso mencionar o seu nome no pacote de boas-vindas.

– Faria isso? – pergunta ele, boquiaberto.

– É claro, seu tonto! – Ao dizê-lo, volta a tocar-lhe no braço. Outra vez! Estará a tentar bater algum recorde mundial? – Somos vizinhos, não somos?

– Nem sabe se sou bom no meu trabalho.

O Enzo é *muito* bom no que faz. É claro que há uma percentagem de mulheres que o contrata apenas por ele ser atraente, mas ele *mantém* os clientes porque faz um trabalho excecional, e ele sabe disso. Ainda assim, sente fortemente que tem de provar o seu valor.

– Nesse caso – diz a Suzette –, talvez possa fazer-me uma demonstração privada.

Não me agrada nada o rumo que isto leva.

– Precisamos desesperadamente de trabalhar no nosso jardim das traseiras – explica ela. – Adorava fazer alguns trabalhos de jardinagem a sério lá atrás, mas temo não ter jeito para as plantas. Se pudesse mostrar-me do que é capaz e dar-me também algumas dicas, teria todo o gosto em recomendá-lo a todas as pessoas que conheço.

O Enzo olha para mim, abrindo a boca, quase de certeza prestes a perguntar se não tenho problemas com o acordo, mas nesse momento a Suzette intervém.

– Sabem o que adoro em vocês os dois? Confiam um no outro, ao contrário de muitos outros casais. O Enzo não tem de pedir a sua autorização, Millie, para cada coisinha insignificante.

E então ele fecha a boca.

– O que me diz, então? – pergunta-lhe ela. – Temos acordo?

Lanço um olhar desesperado ao Jonathan, na esperança de que ele intervenha e diga que não está de acordo com isto, mas ele fica simplesmente sentado, a enfiar bocados da salada estranhamente deliciosa na boca, sem parecer minimamente perturbado. Mas, claro, porque *haveria* de estar perturbado? O Enzo vai apenas tratar do jardim. Não há razões para ter ciúmes.

E, encaremos os factos, não é como se a Suzette fosse a primeira mulher a fazer-se ao meu marido – não é a primeira e não será a última.

Só que há algo no namoriscar da Suzette que me enfurece mais do que a típica dona de casa aborrecida que vê o meu marido como um doce para comer com os olhos. Não consigo perceber muito bem o quê.

– Claro – aceita o Enzo. – Com todo o gosto.

A Martha volta a sair da cozinha com mais pratos de comida. Olho para a mesa das crianças, para ver se fizeram progressos com a salada – algo que geralmente só comem sob ameaça de castigo – e fico chocada ao ver que até o Nico tem o prato quase limpo. Fico também com um pouco de inveja ao ver que os miúdos só têm um garfo para a refeição.

A Martha recolhe os pratos da salada e deposita à minha frente um prato que parece ser italiano. Infelizmente, a Suzette não fazia ideia de como o Enzo é picuinhas em relação à comida italiana. Bem, está prestes a descobrir.

O Enzo baixa os olhos para o prato, inspirando fundo.

– Isto é *pasta alla Norma*?

A Suzette assente entusiasticamente com a cabeça.

– Sim! O nosso *chef* é italiano, e eu adivinhei pelo seu sotaque que é da Sicília, por isso ele achou que poderia gostar.

Sustenho a respiração, à espera de que o Enzo afaste o prato ou, possivelmente, coma algumas garfadas para ser educado. Em vez disso, porém, quando leva uma enorme garfada de esparguete à boca, os seus olhos quase começam a lacrimejar.

– *Oddio...* Sabe tal qual o que a minha *nonna* costumava fazer.

– Ainda bem que gosta! – exulta ela. – É maravilhosa, não é? Claro que tenho a certeza de que não sabe tão bem como quando é a Millie a fazer.

– A Millie não cozinha este prato – diz o Enzo.

A Suzette bate as suas longas pestanas.

– Não?

Todos à mesa estão a olhar para mim, como se eu fosse a pior pessoa do universo por não fazer ao meu marido *pasta à la Nora*, ou como raio se chama. Em minha defesa, sempre que tento cozinhar algo italiano, ele age como se eu o estivesse a tentar envenenar. Quem diria que ia gostar disto ao ponto de o fazer *chorar*?

Pego no meu garfo e espeto-o no que parece ser um pedaço de beringela. Enfio-o na boca e...

Uau, é bastante bom. Não vou começar a chorar com o sabor, mas é realmente uma massa muito boa.

– Oh, Millie – exclama a Suzette, com um risinho. – Está a usar o garfo de *sobremesa*!

Se, até ao fim desta noite, eu não tiver apunhalado a Suzette com um destes garfos, será apenas por não ter a certeza de qual deles usar.

Estás zangada – observa o Enzo.

Não sei como terá descoberto. Talvez seja porque mal disse uma palavra, ao regressarmos da casa ao lado enquanto transportava a tarte de maçã, porque, mesmo depois de me ter dito para levar a sobremesa, a Suzette mandou o *chef* fazer um *soufflé* de chocolate incrível. Talvez porque bati com a porta do frigorífico ao enfiar a tarte por comer lá dentro. Ou porque subi pesadamente os degraus até ao nosso quarto e fechei a porta atrás de mim, saindo apenas para dizer boa noite aos miúdos.

– Eu como a tarte – diz ele, ao enfiar-se na cama ao meu lado. – Adoro tarte de maçã. Não me importo que a tenhas deixado cair ao chão.

– Eu não a deixei cair ao chão.

– Não?

Gemo. O facto de o Enzo não fazer ideia do motivo por que estou chateada faz com que seja difícil continuar zangada. Além disso, está sem camisola, o que o torna ainda mais difícil.

– Tens mesmo de trabalhar no jardim das traseiras da Suzette? – pergunto.

Ele reclina-se contra as almofadas e suspira.

– Oh. Isso.

– Bem, é mesmo necessário?

– Porque é que te incomoda?

– Porque sim.

– Porque sim não é resposta – diz ele, o que me irrita por ser algo que digo constantemente aos miúdos.

– Sinto apenas que a Suzette está a fazer isto por outros motivos.

– Que outros motivos?

Cruzo os braços sobre o peito.

– Tu sabes.

– Não sei, não.

– Oh, meu Deus. – Viro-me na cama. – Enzo, aquela mulher passou a noite inteira a namoriscar descaradamente contigo! Não parou nem um segundo!

Ele agarra-se ao peito em horror fingido.

– Uma mulher a namoriscar *comigo*? *Ma va'!* Como posso eu resistir a tal coisa?

Reviro os olhos.

– Está bem, está bem...

– Provavelmente, vamos fugir juntos.

– *Está bem.*

Ele sorri-me.

– Lisonjeia-me que te preocupes. Mas, Millie, sabes que eu jamais olharia para outra mulher.

– Oh, a sério?

– A sério – diz ele. – Seria estúpido trair-te.

– Seria?

– Oh, sim. – Vira-se de lado, apoiando a cabeça na mão. – És a minha mulher. A mãe dos meus filhos. Amo-te tanto.

– Está bem...

– Além disso... – acrescenta ele. – Sei o suficiente para não te trair. Gostaria de continuar a respirar.

Resfolego.

– Sim, pois.

– Como podes dizer que estás preocupada com a Suzette? – retorque o Enzo. – A Suzette... *ela* é que tem de se preocupar.

– Ahah, que engraçadinho.

– Não estou a brincar – diz ele, apesar de os seus lábios se curvarem. – Tenho medo de ti, Millie Accardi.

Faço-lhe uma careta.

– Certo. Como se *tu* fosses o senhor Simpático.

Para dizer a verdade, ambos fizemos coisas bastante más, coisas indizíveis, ainda que goste de pensar que foram todas feitas em nome da justiça. Mas, seja como for, se fizéssemos uma contagem, eu ficaria muito à frente do meu marido. Fiz coisas muito piores do que ele. Afinal, ele nunca fez nada mau o suficiente para ser preso.

Pelo menos, daquilo que sei sobre ele. Dá-me a sensação de que o Enzo tem toda uma vida no estrangeiro que desconheço. Uma vez, arranjei coragem para lhe perguntar se alguma vez tinha matado alguém, e ele riu-se, como se eu estivesse a dizer uma piada, mas não disse que não, arranjando rapidamente uma maneira de mudar de assunto.

Só perguntei dessa vez, porque, depois disso, não tinha a certeza de querer saber.

O Enzo passa lentamente um dedo pela linha do meu maxilar.

– Millie... – sussurra.

Por cima do ombro, lanço um olhar à janela por onde o luar entra no nosso quarto.

– Quando vais instalar as tais persianas?

– Amanhã. *Prometo.*

Fecho os olhos, tentando desfrutar da sensação do toque do meu marido e dos

seus lábios no meu pescoço. Mas, de olhos fechados, apercebo-me de uma coisa. Um som vindo de algures na casa.

Abro bruscamente os olhos.

– Ouviste aquilo? – pergunto.

Ele ergue a cabeça do meu pescoço.

– O quê?

– Aquele som. Parece... qualquer coisa a raspar.

É um som muito perturbador, quase como unhas a raspar num quadro, uma e outra e outra vez.

E vem de algures dentro de casa.

Ele sorri-me.

– Talvez seja um homem com um gancho a servir de mão no telhado?

Dou-lhe uma palmada na cabeça.

– Estou a falar a sério! O que é isto?

Por um momento, ficamos os dois deitados, à escuta. É claro que nesse momento o som para.

– Não oiço nada – diz o Enzo.

– Bem, parou.

– Oh.

– Mas o que *era*?

– Devia ser a casa a assentar nos alicerces.

– A *assentar*? – Faço-lhe uma careta. – Isso não acontece. Inventaste isso agora mesmo.

– Acontece, sim. Seja como for, és alguma especialista em casas? As casas fazem barulhos. É um barulho da casa. Nada de especial.

Não sei se concordo totalmente, mas, ao mesmo tempo, não posso propriamente discutir agora que o barulho parou.

Ele arqueia as sobrancelhas.

– Então... posso *continuar*?

Não me sinto a arder de desejo depois de ouvir o raspar vindo do interior da casa, a juntar à janela completamente exposta, mas o Enzo já está outra vez a beijar-me o pescoço e tenho de admitir que é extremamente difícil pedir-lhe que pare.

As quintas-feiras, tenho a manhã de folga.

Os miúdos vão sozinhos para a paragem do autocarro, como têm vindo a fazer desde ontem. De certeza que a Janice fica traumatizada ao ver que estão sozinhos, mas não me preocupo muito com isso. Fico a vê-los por uma das janelas da frente da casa (que, finalmente, tem persianas – obrigada, Enzo) e vejo-os apanhar o autocarro que os leva à escola.

Estão bem. A maternidade é um estado constante de preocupação relativa, mas recuso-me a ser o tipo de mãe que anda com o filho à trela. A dada altura, temos de os deixar ir, mesmo que isso nos leve à loucura.

Depois de saírem, a casa fica muito silenciosa. Geralmente, a Ada é sossegada, mas o Nico está sempre num turbilhão de atividade. Quando ele não está, a casa parece mergulhar num silêncio sepulcral. Já era silencioso quando vivíamos num apartamento pequeno, mas agora que estamos numa casa mais ampla (ainda que *acolhedora*), o silêncio é muito maior. Acho que a nossa casa faz eco. *Eco*.

Não sei o que fazer nesta folga. Talvez faça o pequeno-almoço e leia um livro.

Dirijo-me à cozinha e tiro uma embalagem de ovos. Agora que estou a ficar mais velha, tenho vindo a tentar fazer uma alimentação saudável. Ouvi dizer que os ovos são bastante saudáveis se não os fritarmos em óleo nem manteiga. (O que é claramente injusto, pois é assim que sabem melhor.) Por isso, ponho água a ferver para o meu ovo sem óleo nem manteiga. Nesse momento, a campainha toca.

Corro para a porta da frente e abro-a sem ver quem lá está, pois é esse o tipo de bairro em que vivo agora. Quando vivíamos no Bronx, nunca abria a porta sem ver quem estava à espera do outro lado, e se fosse alguém que não reconhecia, exigia que erguesse a identificação para o óculo. Mas este bairro é tão seguro, que já não tenho de me preocupar com nada.

Fico extremamente surpreendida, ainda assim, ao ver a Martha – a empregada de limpeza da Suzette – do outro lado da porta, com um vestido floral e um avental branco limpo, um par de luvas de borracha numa mão e uma espécie de esfregona especial na outra.

– Olá – digo, porque não sei bem o que mais dizer.

A Martha fita-me com o mesmo olhar penetrante, o seu rosto amplo uma máscara.

— É quinta-feira. Estou aqui para limpar.

O quê? Lembro-me de ela ter referido que estava livre às quintas-feiras, mas não me lembro de aceitar que ela viesse. Na verdade, lembro-me nitidamente de ter tentado pensar numa forma simpática de lhe dizer que não estávamos interessados, antes de a Suzette me distrair com o insulto à minha tarte. Seria ela capaz de *aparecer* simplesmente aqui sem ter confirmado os planos?

Terá sido a Suzette a persuadi-la a fazer isto?

— Hã... — digo. — Agradeço a sua vinda e tudo o mais, mas, como lhe dizia na outra noite, não temos realmente...

A Martha não cede. Não está a perceber a mensagem.

— Olhe, nós não... — continuo. — Quer dizer, posso limpar a casa sozinha. Não precisa de...

— O seu marido disse-me para vir — interrompe-me a Martha.

O quê?

— Ah... ah, disse?

Acena com a cabeça quase impercetivelmente.

— Ligou-me.

— Ah... — volto a dizer. — Dê-me licença por um segundo.

Hoje, o Enzo só começa a trabalhar mais logo, por isso ficou a dormir até tarde. Subo as escadas a correr e, ao vê-lo deitado do seu lado da cama, abano-lhe o ombro. As suas pestanas tremulam, mas ele não abre os olhos. Volto a sacudi-lo, desta vez com mais força, e ele olha finalmente para mim, sonolento.

— Millie? — murmura.

— Enzo — digo. — Ligaste à empregada de limpeza que a Suzette recomendou?

Ele senta-se lentamente na cama, esfregando os olhos. Em tempos, acordava e saltava logo da cama, imediatamente alerta, mas há muito tempo que não o vejo fazer isso. Talvez desde que os miúdos nasceram. Hoje em dia, deixá-lo coerente o suficiente para uma conversa é um processo de cinco minutos.

— Sim — responde ele, por fim. — Liguei-lhe.

— Porque haverias de fazer isso? Não podemos pagar uma empregada de limpeza! Posso ser eu a tratar disso.

— Está tudo bem — diz, com um bocejo. — Não é assim tão caro.

— Enzo...

Demora mais alguns segundos a acordar por completo e depois passa as pernas pelo lado da cama.

— Millie, estás há anos a fazer as limpezas de outras pessoas. Desde que te conheço. Por isso, desta vez, deixa que alguém o faça por ti.

Torço as mãos.

— Mas...

— Nada de mas — diz ele. — Só virá duas vezes por mês. Não é assim tanto dinheiro. Além disso, o Nico vai começar a tratar do lixo e a Ada vai lavar a loiça. Falei com eles.

Começo outra vez a protestar, mas a verdade é que *seria* bom não ter de limpar,

para variar. Ele tem razão, é algo que sempre fiz. Passei de limpar as casas dos outros a limpar a casa da minha família.

Não que o Enzo não ajude, mas limpar uma casa com quatro pessoas dá muito trabalho.

– Não é assim tanto dinheiro – repete ele. – Tu mereces isto.

Talvez. Talvez o mereça realmente. E, de qualquer modo, ele parece estar decidido, por isso não vou discutir.

Mas porque tem de ser a *Martha*?

Regresso à sala de estar e vejo que a Martha localizou eficientemente os nossos produtos de limpeza e deitou mãos à obra.

É verdade que tem um certo problema de ficar fixada a olhar para mim, mas há muitas pessoas que são desajeitadas socialmente. Além disso, parece ser uma empregada de limpeza bastante competente. A maioria das famílias para quem trabalhei tinha um sem-fim de instruções sobre como queriam as coisas feitas, mas eu jurei que, se alguma vez me pudesse dar ao luxo de ter esse tipo de ajuda, não seria tão detestável.

– O Enzo diz que está tudo bem – comunico-lhe.

Ela acena de forma seca. A mulher quase nunca fala. Faz-me lembrar um pouco aqueles guardas do palácio real em Inglaterra que não podem falar nem sorrir.

Tento preparar o meu ovo na cozinha, mas é difícil cozinhar com a Martha mesmo ao meu lado, a esfregar eficientemente a nossa bancada e a lançar-me olhares de soslaio a cada poucos segundos. Ainda que a nossa cozinha seja muito maior do que a que tínhamos antes, é estranho estar aqui enquanto ela limpa. É embaraçoso, como se eu fosse o tipo de pessoa rica e sofisticada que contrata criados, o que tem graça, tendo em conta que... bem, mal conseguimos pagar esta casa, mesmo estando dez por cento abaixo do preço. Uma casa que, possivelmente, costumava ser ocupada por gado. (Não que acredite mesmo nisso. Quer dizer, acho que não acredito.)

De forma desajeitada, desvio-me para o lado, para a Martha poder fazer o seu trabalho.

– Desculpe – murmuro.

A maioria das pessoas para quem trabalhava costumava sair de casa enquanto eu limpava, o que eu agradecia. Mesmo que os patrões não estivessem ativamente a dizer-me como limpar, como alguns faziam, sentia sempre que me estavam a julgar em silêncio quando estavam na casa. Ou então a vigiar-me, para garantirem que não roubava nada. Mesmo que não estivessem a fazer nenhuma dessas coisas, estavam simplesmente a *atrapalhar*.

Desisto do ovo. Pego antes numa banana, porque é o único pequeno-almoço de que me consigo lembrar que não envolva cozinhar. Levo a minha banana ligeiramente castanha para a sala de estar e deixo-me cair no sofá com o telemóvel na outra mão.

Talvez possa tirar antes as manhãs de quarta-feira de folga.

Vejo os meus *e-mails*, lidando com o que posso. Há menos de uma semana que os miúdos entraram para a escola nova, e já tenho dúzias de *e-mails* da escola. A diretora parece sentir-se obrigada a escrever diariamente a todos os pais. É uma

diferença drástica da antiga escola primária pública no Bronx. Podemos não estar a pagar mensalidades aqui, mas os pais esperam muito. *E-mails* diários, ao que parece.

Acabo por apagar quase todos os *e-mails* da escola. Quer dizer, quantas mensagens pode uma pessoa ler sobre a feira do livro que se aproxima ou algo chamado almoço *Lego*?

A banana não é lá muito satisfatória, mas serve o propósito. Decido ir tratar de alguns recados fora de casa enquanto a Martha limpa. Só que, ao levantar-me do sofá e virar-me, quase dou um salto de susto.

A Martha está parada e imóvel à entrada da cozinha.

Está tão quieta. Parece quase um robô, ali parada – ou será «ciborgue» o termo correto? Seja como for, sobressaltou-me. Pensava que estava ocupada a limpar a cozinha, mas aparentemente estava ali a olhar para mim sabe-se lá há quanto tempo. E, quando a apanho a fazê-lo, não desvia o olhar. Continua apenas a fitar-me sem remorsos.

– Sim? – pergunto.

– Não queria incomodá-la – diz ela.

– Hã, não faz mal. Do que precisa?

Hesita por alguns segundos, como que a medir cuidadosamente as palavras.

– Onde está o seu limpa-fornos? – pergunta, por fim.

Era por *isso* que me estava a fitar tão intensamente? Por não saber a localização do limpa-fornos? Era mesmo só isso?

– Está no armário ao lado do fogão.

Onde mais haveria de estar?

A Martha assente à minha resposta e regressa à cozinha. Continuo a sentir-me um pouco inquieta. Mesmo que o Enzo queira que tenhamos uma empregada de limpeza, não quer dizer que tenha de ser a Martha. Preferia não ter uma empregada que não para de olhar para mim. Mas, por outro lado, já está a trabalhar aqui. Se arranjarmos outra pessoa, terei de a despedir. Nunca despedi ninguém na minha vida e não é algo por que anseie.

Talvez vá correr tudo bem. Afinal, ela já sabe onde está o limpa-fornos. Além disso, segundo o Enzo, o preço é muito razoável. A casa da Suzette está imaculada, por isso é óbvio que é boa naquilo que faz.

E, como o Enzo disse, eu mereço isto.

O Nico tem um encontro hoje para ir brincar com o Spencer, o rapaz que vive no número 13 da Locust Street.

Foi quase impossível combinar este encontro. Há duas semanas que cá vivemos, e esta foi a primeira abertura. Tive de facultar à Janice uma cópia do boletim de vacinas do Nico – a sério. Surpreende-me que não tenha pedido amostras de sangue e de urina.

Mas vale a pena, pois o Nico nunca está quieto aos fins de semana e não tem muitos amigos que vivam aqui perto, como onde vivíamos antes. O encontro é às três da tarde de domingo em casa do Spencer, mas desde a uma que o Nico me tem vindo a perguntar mais ou menos de quinze em quinze minutos se já são horas. Chega ao ponto de me dar vontade de gritar de cada vez que ele diz a palavra «mãe».

– Mãe – diz ele, às três menos um quarto. – Posso levar o *Pequeno Quivi* para casa do Spencer?

O Enzo e o Nico decidiram que não queriam esperar que um ovo de louva-a-deus eclodisse e todos os insetos se comessem uns aos outros, por isso compraram antes um louva-a-deus bebé, que chegou na segunda-feira passada. O Nico deu-lhe o nome de *Pequeno Quivi*, numa estranha homenagem a um dos seus frutos favoritos.

– Se quiseses voltar a ser convidado, é melhor não – respondo.

O Nico fica a pensar nisso.

– Posso levar a bola e o taco de basebol?

As provas para a Liga Infantil foram na sexta-feira da semana passada, e o Nico entrou para a equipa, o que é ótimo, pois será outra forma de ele fazer amigos e queimar alguma energia em excesso. A entrada na equipa, porém, deixou-o ainda mais obcecado pelo basebol do que antes. O Enzo tem praticado com ele todas as noites. É muito engraçado de ver, porque o Enzo narra cada jogada como se de um verdadeiro jogo de basebol se tratasse: *Aproxima-se da base, atira-se ao lance... e acerta! Corre para a primeira base, para a segunda...*

– Está bem – acedo, embora tenha um pouco de receio de que o Nico perca o controlo da bola e parta uma janela, o que fará com que a Janice tenha uma apoplexia. É bom a bater, mas ainda não é muito bom no controlo da bola.

Finalmente – *finalmente!* – são três da tarde, pelo que podemos sair para o

encontro. A Ada está esparramada no sofá a ler um livro, com os lustrosos cabelos pretos soltos. Mais uma vez, impressiona-me o quanto a minha filha é linda. Acho que nem se apercebe disso. Estaremos em sarilhos quando se aperceber.

– Ada – digo. – Queres vir connosco?

A minha filha olha para mim como se eu tivesse perdido o juízo.

– Não, obrigada.

– Tens alguma amiga com quem te queiras encontrar? – pergunto-lhe eu. – Tenho todo o gosto em levar-te.

Ela abana a cabeça. Espero que esteja a fazer amigos na escola. Não é nem de longe tão extrovertida como o Nico, mas sempre teve o seu grupinho unido de amigas na escola. Deve ser difícil começar de novo no quinto ano, mas a Ada não é do tipo de se queixar. Talvez lhe possa sugerir uma noite de miúdas, só nós as duas, para poder sondar um pouco e ver como vão as coisas.

Penso em convidar o Enzo a juntar-se a nós, mas apercebo-me então de que não o vi a tarde inteira. Deve estar a trabalhar. Tinha muitos clientes na cidade, mas como está a tentar transferir o negócio para aqui, passa a vida a correr. Está incrivelmente preocupado com a nossa capacidade de pagar as prestações do empréstimo. Reconheço o que está a fazer, mas, ao mesmo tempo, gostaria que estivesse mais presente.

Enfim, parece que vamos ser só eu e o Nico a sair. Agarro na minha bolsa, e atravessamos a rua até ao número 13 da Locust Street – a casa que supostamente costumava ser para a criadagem. Ao passarmos pela casa da Suzette, pelo caminho, não posso deixar de reparar que vem muito barulho do jardim das traseiras. O que estarão a fazer lá atrás?

Ao abrir-nos a porta, o rosto da Janice esmorece, como se, apesar do convite, tivesse esperança de que pudéssemos não aparecer.

– Oh – diz ela. – Suponho que podem entrar.

– Obrigada – respondo.

Ao pisarmos o tapete de boas-vindas dentro de casa, ela aponta para os nossos pés.

– Tirem os sapatos.

Descalço as minhas sandálias de ponteira fechada, enquanto o Nico tira as sapatilhas com um pontapé, fazendo-as voar pelo *hall*, para meu horror. Apresso-me a recolhê-las e coloco-as cuidadosamente na sapateira. Mal saímos de casa hoje, por isso não percebo porque estão as sapatilhas do Nico cobertas de terra. Ao olhar-lhe para as meias, vejo que também estão sujas. Como terá acontecido?

– Porque é que tens as meias tão sujas? – pergunto-lhe eu.

– Estive a brincar no jardim das traseiras, mãe.

– De *meias*?

O Nico encolhe os ombros.

Quando tira as meias, vejo que os pés *também* estão sujos – ainda que menos sujos, suponho, do que as sapatilhas ou as meias. Tenho de dar um banho com lixívia a este miúdo logo à noite.

O Spencer e o Nico parecem exultantes por se verem, como amigos há muito conhecidos, apesar de terem estado juntos na escola há dois dias. Correm para o

jardim das traseiras, e a Janice grita para as costas do Spencer:

– Cuidado!

Torce as mãos, olhando na direção do jardim. Não sei se devia oferecer-me para ficar nem sei se ela me quer sequer aqui. Do que realmente parece precisar é de uma bebida forte. Finalmente, quando se vira para mim, estou certa de que me vai oferecer uma limonada ou queijo e bolachas, mas o que ela diz é outra coisa.

– Com que frequência vê se o Nico tem piolhos?

Fico de boca aberta. Quero sentir-me ofendida, mas a verdade é que o Nico já teve piolhos três vezes; tal como a Ada, o que foi muito mais difícil de resolver, pois não se pode propriamente rapar a cabeça a uma rapariga de oito anos. É o tipo de coisa que ela iria descrever ao fazer terapia anos depois.

Mas com certeza que já rapei o cabelo do meu filho. Inicialmente, ele não ficou lá muito encantado, mas o Enzo ofereceu-se para rapar também o seu cabelo, por isso tornou-se divertido.

– Ele não tem piolhos – digo.

Ela semicerra os olhos na minha direção.

– Mas como *sabe*?

Não sei o que responder.

– Não se anda a coçar, portanto...

– Tem um bom pente para piolhos?

– Hã, sim...

– De que marca?

Não sei se aguento muito mais disto. Quer dizer, gosto tanto de piolhos como qualquer outra pessoa – ou seja, nada –, mas não é o meu tema de conversa favorito.

– Escute – digo. – É melhor ir andando...

– Oh. – O rosto da Janice esmorece. – Pensei que talvez pudesse ficar um pouco. Fiz sumo fresco.

O seu rosto enche-se de decepção genuína. Apesar de ter sido tão mal-educada quanto à minha opção de ser mãe trabalhadora, se fica o dia inteiro em casa, é possível que se sinta muito sozinha. Eu também nunca fui lá muito boa a fazer amigos. Talvez tenhamos apenas começado com o pé errado e ela venha a ser a minha primeira amiga em Long Island. Quer dizer, *por* Long Island.

– Adoraria provar o seu sumo – digo.

A Janice anima-se um pouco, e eu sigo-a até à cozinha. Como seria de esperar, está imaculada. O chão parece mais limpo do que as minhas bancadas. Tem uma mesa na cozinha, tal como eu, com individuais e bases para copos em cima. Dirigindo-se ao frigorífico, a Janice tira um enorme jarro de algo espesso, granuloso e verde. Serve dois copos cheios e passa um deles sobre a mesa na minha direção.

– Não se esqueça de usar uma base – diz-me ela, quando vou a pousar o meu copo na mesa da cozinha.

Enquanto a Janice se instala à mesa à minha frente, examino o líquido no meu copo. Bem, é quase um líquido. Tem algumas propriedades dos líquidos.

– O que é ao certo?

– É *sumo* – responde ela, como se seu tivesse feito uma pergunta muito estúpida.

Quero perguntar-lhe o que lhe pôs para lhe dar um verde tão vívido. Não me consigo lembrar de nenhum fruto verde que goste de comer. Bem, há a meloa, mas não sei se queria ingeri-la em forma de bebida.

Mas ela está a observar-me e apercebo-me de que tenho de beber um gole deste suposto sumo. Bem, talvez seja melhor do que parece – tem de ser. Levanto o copo, levo-o à boca e bebo. Encho a boca e...

Oh, meu Deus.

Não é melhor do que parece. De alguma forma, é pior. Deve ser a coisa mais nojenta que alguma vez bebi. Preciso de me controlar para não cuspir o líquido de novo para o copo. É como se ela tivesse agarrado na relva do jardim das traseiras, com terra e tudo, e a tivesse transformado em bebida.

– Delicioso, não é? – pergunta a Janice, bebendo um longo gole. – Acredite ou não, também é muito nutritivo.

Limito-me a assentir, pois ainda me estou a esforçar por engolir o que tenho na boca.

– Então – diz ela. – O que está a achar da casa nova?

– Adoro-a – respondo, com sinceridade. – Precisa de algumas reparações, mas estamos muito felizes.

– É o que acontece com a maioria das casas ao serem compradas – observa ela.

– Com certeza que conseguiram um preço muito bom.

Lambo os lábios e arrependo-me de imediato, pois sabem à substância verde.

– Porque diz isso?

– Porque mais ninguém a queria.

As palavras da Janice fazem-me esquecer por completo o gosto amargo do sumo na minha boca.

– Como assim?

Ela encolhe os ombros.

– Só houve uma outra pessoa a fazer uma oferta e depois retirou-a.

Não foi isso que a nossa agente imobiliária nos disse. Deu-nos a entender que havia outras ofertas, mas eram baixas. Estaria a mentir? Teremos mesmo sido os únicos interessados na acolhedora, mas deslumbrante casa num distrito escolar excelente?

Como é possível?

– Porque não houve mais ofertas? – pergunto à Janice, tentando não deixar transparecer o quanto estou curiosa.

– Não faço a mínima ideia – responde ela. – É uma bela casa, vista do exterior. Bem construída. Com um bom telhado.

Bem, isso é um alívio.

– Deve ser *algo no interior* da casa – acrescenta ela.

Algo no interior da casa? O que pode a minha casa ter para assustar as dezenas de outros casais que a devem ter visitado?

Não posso deixar de pensar naquele som horrível que não me deixou dormir na outra noite. Fiquei tão feliz quando recebemos a chamada a dizer que tínhamos

ficado com a casa. A verdade é que não houve um dia desde que nos mudámos em que não me tenha interrogado sobre se não terei cometido um erro terrível...

– Então – diz a Janice, mudando ríspidamente de assunto. – Como correu o jantar com a Suzette e o Jonathan?

Ergo bruscamente a cabeça, sentindo um laivo de irritação. Bem, agora faz sentido porque quis que eu ficasse. Quer ver se lhe conto mexericos sobre os vizinhos. É por *isso* que estou aqui – não para provar o sumo.

– Foi bom – digo. A última coisa que quero é falar mal da Suzette e que isso lhe chegue aos ouvidos.

– Bom? Custa-me a crer.

– Parecem simpáticos.

Ela franze os lábios.

– *Não* são simpáticos. Confie em mim. Há cinco anos que vivo ao lado deles.

Tenho de morder a língua para me impedir de lhe contar que a Suzette disse exatamente o mesmo sobre ela. Há nitidamente muita hostilidade entre estas duas. Seja como for, a verdade é que a Suzette não parece uma pessoa assim tão simpática. Por mais que tenha tentado conhecê-la melhor durante o jantar, cheguei ao fim do serão a detestá-la ainda *mais*.

– O Jonathan parece simpático, ao menos.

– Ela é horrível para ele – diz a Janice.

Não me pareceu a esposa mais atenciosa do planeta, mas não iria ao ponto de dizer que a Suzette fosse horrível para ele.

– A sério?

– Sempre que ele lhe tenta tocar, ela afasta-se – diz ela. – Deita-o abaixo sempre que pode. Só posso imaginar como é a vida sexual deles.

Na verdade, tento não imaginar isso.

O olhar da Janice crava-se na janela da cozinha, que tem uma vista perfeita para a porta da frente do número 12 da Locust Street. Pode ver todos os que entram ou saem da casa a partir da sua cozinha.

– A Suzette Lowell é a pior pessoa que alguma vez conheci.

Uau. Também não gostei da Suzette, mas essa é uma declaração bastante radical.

– Parece... – Agito o líquido verde no copo em vez de o beber. – É cordial, ao menos.

– Sabe que o seu marido está agora mesmo em casa dela?

Não, não sabia. A Janice consegue percebê-lo pela minha cara, e isso parece dar-lhe um prazer enorme.

– Abriu-lhe a porta há cerca de uma hora – diz-me ela. Faz sentido que o saiba, dada a vista extraordinária que tem para a frente da casa da Suzette. – Ainda lá está.

– Não tem mal. – Forço um sorriso, pois não quero dar à Janice a satisfação de saber que esta informação me perturba. – Ele disse-me que ia trabalhar no jardim das traseiras dela no futuro próximo, portanto suponho que tenha decidido fazê-lo hoje.

– Ao domingo? Não me parece que seja dia de trabalho.

– O Enzo está sempre a trabalhar. Tem muito que fazer.

A Janice bebe um gole do copo e lambe a marca verde com que fica no lábio superior.

– Bem, tudo bem. Desde que confie nele.

– Confio.

– Então não tem nada com que se preocupar – conclui ela, com um sorriso afetado.

Está a tentar armar confusão, mas tento ignorá-la. Confio realmente no Enzo. Quer dizer, sim, por alguma razão não lhe passou pela cabeça dizer-me que ia trabalhar no jardim das traseiras da nossa vizinha atraente. Mas não me vou deixar perturbar por isso. Talvez não saiba algumas coisas sobre o meu marido, mas tenho a certeza de que é um bom homem. Provou-mo vezes sem conta. E, mesmo que não fosse, continuo a achar que não seria capaz de me trair.

Não se atreveria.

Tenho medo de ti, Millie Accardi.

E é bom que tenha.

Estiveste em casa da Suzette hoje?

Faço a pergunta ao Enzo o mais casualmente possível, enquanto ele escova os dentes. Se o objetivo é tentar não parecer uma mulher ciumenta, durante o processo de escovar os dentes parece-me uma boa altura para abordar o assunto. Não há nada mais casual do que isso, pois não?

Ele lança-me um olhar, parando em plena escovagem. Espera um instante e depois recomeça a escovar os dentes.

– Sim. Fui ajudá-la com o jardim e dar-lhe umas dicas de jardinagem. Como disse que faria.

– Não me disseste que ias lá.

– É importante que te diga sempre onde vou?

Cospe pasta de dentes para o lavatório. Penso em todas as vezes que ele me viu fazer o mesmo: demasiadas para contar. E depois penso em todas as vezes que viu a Suzette cuspir pasta de dentes para o lavatório: nenhuma.

– Seria bom – digo – se me dissesse onde vais ao fim de semana. Não é suposto esse tempo ser para a família? Não é isso que dizes sempre?

Lança-me um olhar exasperado.

– Millie, é um trabalho. Precisamos desesperadamente de dinheiro. O que queres?

– Está a pagar-te?

Ele não responde. O que significa que a resposta é não.

– Portanto, foste lá num domingo, e ela não te pagou. Como é isso um trabalho?

O Enzo enxagua a boca e cospe novamente para o lavatório, mais agressivamente desta vez. Ao erguer o olhar, não parece satisfeito.

– Millie, ela já me arranjou dois clientes novos. Está a ajudar-me. Está a ajudar-nos. – Aponta para o espaço em redor. – Como esperas tu que consigamos pagar esta casa?

É uma excelente pergunta. Desenvolver um negócio depende muito do passapalavra, e a Suzette pode ajudar nesse aspeto.

– Olha, desculpa não te ter dito onde ia – diz ele, deixando descair os ombros.
– Mas tinhas aquele encontro com o Nico, e a Ada quer sempre ficar só a ler. Por isso achei que era uma boa altura para lá ir, porque ninguém precisava de mim.

Mais uma vez, tem razão. Tudo o que ele está a dizer está totalmente correto. Por mais arduamente que trabalhe, o Enzo sempre esteve presente para a nossa família. Costumava participar nas brincadeiras de chás da Ada com os animais de peluche, quando ela era pequena. Nem eu suportava esses chás aborrecidos com os ursinhos de peluche, mas ele deve ter participado em milhares deles. Costumava fazer vozes diferentes tontas para os ursos, embora tivessem todas sotaque italiano.

– Desculpa – digo. – Sei que estás só a tentar expandir o teu negócio. Não queria importunar-te.

Ele sorri-me.

– Tem a sua graça quando ficas ciumenta. Tu nunca tens ciúmes.

Tem graça porque é verdade. As mulheres passam a vida a atirar-se-lhe para cima, mas eu sempre confiei nele. Não sei porque é que a Suzette me mexe com os nervos desta forma, sobretudo tendo em conta que é casada, pelo que não é como se estivesse à espera de que ele fosse fugir com ela.

– Desculpa – diz ele. – Perdoas-me?

Não respondo de imediato, por isso ele chega-se mais perto de mim e beija-me com o seu hálito mentolado fresco. Como era de prever, os últimos resquícios da minha fúria desvanecem-se. Sou terrível a manter-me zangada com ele.

– Mãe! Pai! – grita uma voz, vinda através da porta. – O *Pequeno Quivi* começou a muda! Têm de ver! Venham depressa!

Não há nada que mate o romance mais depressa do que ouvir dizer que está um louva-a-deus a mudar de exoesqueleto em nossa casa. O Enzo e eu trocamos um olhar.

– Depois, Nico! – grita o Enzo. – Estou... a falar com a tua mãe. Estamos a ter... uma conversa importante. Vejo depois, está bem?

Mas o Nico não se deixa dissuadir.

– Quando? – pergunta.

O Enzo suspira, reconhecendo que a possibilidade de termos um momento a dois desapareceu por completo.

– Só um minuto. – Pisca-me o olho. – Queres ver a muda?

– Vou passar, obrigada.

– Mas... – Lança um olhar à porta do quarto e olha de novo para mim. – Estamos bem?

Só hesito por um momento.

– Sim.

– A partir de agora, digo-te quando for a casa da Suzette – diz ele. – Prometo.

– Não é preciso – apresso-me a responder. – Eu confio em ti.

E é verdade. Tenho toda a confiança nele.

Mas não confio na Suzette.

Os meus olhos abrem-se de repente a meio da noite.

Outra vez aquele raspar.

Há já algumas noites que não o ouvia. Esperava que a casa tivesse acabado de «assentar» ou de fazer o que quer que fosse que estava a causar um barulho tão horrível, mas está de volta, mais alto do que nunca.

Viro a cabeça para olhar para o relógio na mesa de cabeceira junto à cama. São duas da manhã. Por que raio se ouve um raspar dentro de nossa casa às duas da manhã?

Sustenho a respiração, ouvindo o mais atentamente possível.

Não pode ser nenhum animal. Não podemos ter ratazanas a correr de um lado para o outro atrás das paredes. Quer dizer, *espero* que não tenhamos. Soa quase como se...

Soa como se alguém estivesse preso e a tentar escapar.

As palavras da Janice ainda me assombram. *Deve ser algo no interior da casa*. Há algo de errado nesta casa. *Dentro* desta casa. Algo que afugentou todas as outras pessoas que a vieram ver.

Não consigo parar de pensar nisso. Está a dar comigo em doida.

O Enzo dorme profundamente ao meu lado. O som não o acordou. Na verdade, podia estar a tocar tuba mesmo ao seu lado, mas ele continuaria a dormir.

Se o acordar, não vai ficar satisfeito. Já me disse que tem um trabalho de manhã cedo que fica a quarenta minutos de distância. Mas, por outro lado, tem agido como se eu estivesse a inventar o som. Parece que sou a única a ouvi-lo.

Finalmente, saio da cama. Já que certamente não vou conseguir dormir com este som horrível, mais vale ir investigar.

O corredor do lado de fora do quarto está às escuras. Pergunto-me se devia acender a luz, e os meus dedos pairam sobre o interruptor. Não quero acordar a casa inteira, mas também não quero cair das escadas. Por mais que adore ter tanto espaço nesta casa, sinto uma pontada de nostalgia pelo pequeno apartamento no Bronx. Bastava-me dar uma volta em meu redor para poder observar quase tudo o

que se passava. Há tantos cantos e recantos nesta casa.

Tantos sítios para alguém se esconder.

Os meus olhos ajustaram-se à escuridão, por isso decido deixar as luzes apagadas. Cuidadosamente, apalpo caminho pelo corredor até à escadaria. O barulho vem do andar de baixo. Tenho a certeza.

– Olá? – questiono, em direção das escadas.

Não obtenho resposta. Naturalmente.

Olho para trás, na direção do quarto principal. Estou a ouvir um arranhar no andar de baixo da nossa casa às duas da manhã que me parece provocado por um ser humano. Vou mesmo investigar isto sozinha? Não seria mais inteligente acordar o Enzo para ir comigo, mesmo se ficar rabugento?

Mas já lhe falei no arranhar. Ele disse-me várias vezes que não o ouve e que estou a ser tola. Vai simplesmente argumentar que é outra vez a casa a assentar e depois vira-se para o outro lado e continua a dormir. Além do mais, não preciso de um *homem* para investigar a minha própria casa. Vou ficar bem.

Seja como for, ele está à distância de um grito.

Agarro-me ao corrimão da escadaria. Por um segundo, o raspar torna-se mais alto – suficientemente alto para me causar um arrepio na espinha. É como se o que está a produzir o som estivesse a avançar na minha direção.

Não, nem pensar. Vou voltar para trás. O Enzo tem de acordar. Se não ouvir este som, precisa de um exame auditivo.

Só que, antes que eu possa dar meia-volta e regressar ao quarto...

O ruído cessa.

Fico imóvel, à espera de o ouvir novamente. Mas não. A casa está em silêncio absoluto.

Não sei se fico aliviada ou desiludida. Alegro-me por o som horrível ter parado, mas é impossível localizá-lo agora que desapareceu.

Apesar disso, continuo. Lentamente, deço os degraus até chegar ao andar de baixo. Parece incrivelmente silencioso. Semicerrando os olhos, observo os contornos da mobília, envolta em sombras. O meu olhar dardeja de canto para canto, em busca da origem daquele som.

Finalmente, estendo o braço para o interruptor e acendo a luz.

Não está aqui ninguém. O andar de baixo está completamente vazio. Suponho que não devia ficar surpreendida. E, no entanto...

Sei que ouvi um barulho. Um barulho vindo do andar de baixo desta casa. *Não* o imaginei. Mal comecei a descer as escadas, ficou tudo em silêncio. Será possível que quem quer que estivesse a fazer o barulho tenha ouvido a minha aproximação e parado?

Não, estou a ser ridícula. Como o Enzo disse, deve ser apenas a casa a assentar – seja lá o que isso for.

Mãe.

Estou a mexer uma panela de molho de tomate e tenho beringelas a alourar numa frigideira. Adivinhem o que estou a fazer? *Pasta alla Norma*. Procurei meia dúzia de receitas *online* e escolhi a que tinha as melhores críticas. Em seguida, fui às compras para adquirir todos os ingredientes. Até fui ao supermercado *bom* – o que fica do outro lado da cidade. Estou a aplicar-me muito neste prato. Se não fizer o Enzo derramar pelo menos uma lágrima, vou ficar seriamente desiludida.

– Mãe, mãe, mãe, mãe, mãe, mãe.

Pouso a colher que estou a usar para mexer o molho de tomate e viro-me para olhar para o Nico, que não parece saber o significado de «paciência».

Veste as mesmas calças de ganga e a mesma *T-shirt* do treino de hoje da Liga Infantil, apesar de lhe ter pedido para as despir ao chegar a casa, por estarem bastante sujas. Às vezes, porém, temos de escolher que batalhas valem a pena lutar. Há duas semanas que está na equipa, e o treinador disse-me que é um dos melhores jogadores até agora. Gostei especialmente da forma como todos os miúdos o apoiaram quando foi a sua vez de bater.

– Mãe. – O cabelo preto despenteado do Nico cai-lhe para os olhos. – Onde está o pai? Disse que treinava comigo esta noite.

– Talvez quisesse dizer depois do jantar?

Ele espeta o lábio inferior.

– Mas eu quero treinar *agora*. O pai disse que me ensinava a lançar uma bola curva!

Arqueio as sobrancelhas.

– Ele sabe fazer isso?

– Sim! É incrível. Parece que vai para a direita, mas depois vai para a esquerda e depois sobe, a seguir desce e depois vai outra vez para a direita!

Não sei se essa bola curva que desafia a gravidade é ou não real. O Nico adora o pai como se ele fosse um herói. Tenho a certeza de que imagina que a bola podia voltar atrás no tempo, apenas se o Enzo o desejasse. A Ada é igual – ambos os miúdos acham que o pai é capaz de andar sobre as águas. Já eu não passo de uma

mãe banal que faz comida italiana medíocre. Mas não faz mal. Ser banal sempre foi um sonho impossível para mim, por isso alegro-me por o ter alcançado. No que me diz respeito, se os meus filhos acharem que sou aborrecida, é fantástico.

– De certeza que chegará em breve – digo. – E vamos jantar daqui a mais ou menos meia hora.

O Nico torce o nariz.

– O que estás a fazer?

– É o prato favorito do teu pai, *pasta alla Norma*.

– Posso comer macarrão com queijo?

Se pudesse escolher, o Nico comia macarrão com queijo a todas as refeições, incluindo ao pequeno-almoço. E a Ada também.

– Posso tirar algum esparguete para ti e ponho manteiga e queijo.

O Nico parece satisfeito com o acordo.

– Posso ir para o jardim treinar sozinho até ao jantar?

Anuo, encantada por o meu filho se contentar com ir treinar para o jardim, sem precisar que eu ou o Enzo estejamos com ele.

O Nico sai alegremente e vai disparado para o jardim das traseiras – aposto que se vai sujar tanto quanto possível até à hora do jantar.

E agora, de volta à *pasta alla Norma*.

A receita diz para saltar as beringelas até ficarem douradas, mas não é isso que está a acontecer. Estão simplesmente a transformar-se em papa e a desintegrar-se. Não sei o que estou a fazer mal. Até sou bastante boa cozinheira. É como se algo me impedisse de cozinhar o único prato que tenho de acertar para o Enzo. Quer dizer, não tenho, mas...

O Enzo parece gostar sempre da comida que faço. Quando nos sentamos à mesa para jantar e vê o prato de comida à sua frente, inclina-se imediatamente para me depositar um beijo na face. É um pequeno agradecimento por lhe fazer o jantar, mesmo que seja algo simples, como arroz com frango. Nunca o vi gostar tanto de um prato a ponto de chorar, como quando comeu em casa da Suzette na outra noite.

O que estarei a fazer mal? Porque é que a beringela estúpida não aloura de uma vez?

Trás!

Ergo bruscamente a cabeça do fogão, ao ouvir o som de vidros a partir. O meu filho é o maior especialista do mundo em partir coisas, por isso estou muito familiarizada com esse som e ainda mais com a expressão de pânico que vejo no seu rosto, quando volta a correr para dentro de casa, apertando o taco de baseball.

– Mãe – diz ele. – Tive um acidente.

Que surpresa.

Ao segui-lo para o jardim das traseiras, espero deparar com uma das janelas dos quartos partida, mas, quando ergo o olhar, a realidade é muito pior. Está, de facto, uma janela partida, mas não é na nossa casa. É na casa ao lado.

Partiu uma das janelas da Suzette. Fantástico.

– Desculpa, mãe – diz ele, baixando a cabeça.

– Não mo digas a mim – respondo. – Vais pedir desculpa à senhora Lowell.

E eu também devo ter de o fazer. Tenho o pressentimento de que a Suzette não é o tipo de pessoa que não dá importância a uma janela partida.

Isto é mau. Muito, muito mau. Não sei como vamos conseguir pagar isto.

Enquanto nos dirigimos à casa ao lado, o Nico age como se o estivesse a levar para a cadeira elétrica. Também não estou empolgada com isto, mas está a ser *muito* dramático. Seria de esperar que já estivesse habituado a pedir desculpa, dado o número de vezes que partiu coisas.

Ao aproximarmo-nos da casa, oiço vozes vindas das traseiras, uma feminina e outra masculina. As vozes não pertencem à Suzette e ao Jonathan. Reconheceria o sotaque da voz masculina em qualquer lugar. O meu marido está no jardim das traseiras da Suzette. *Outra vez.*

O que faz o Enzo em casa da Suzette em plena noite? Especialmente depois me ter dito *especificamente* que não voltaria lá sem me dizer.

Estou tão zangada que piso o relvado da frente da Suzette até à porta. Uma vez que o Enzo trabalha com jardins, tenho bastante cuidado e nunca atravesso os relvados das pessoas para não estragar a relva, mas neste momento não quero saber. Estou furiosa. Encosto o polegar à campainha e, sem esperar que alguém venha à porta, toco outra vez, seguindo-se uma terceira, só para ter a certeza de que me ouvem.

– Posso tocar também? – pergunta o Nico, querendo juntar-se à diversão.

– Força.

Quando a Suzette abre a porta, com ar chateado, já devemos ter tocado à campainha pelo menos sete vezes. Ao vê-la com uns calções minúsculos e uma camisola de alças amarrada para mostrar a cintura, não sinto pena nenhuma de a incomodar.

Nem sequer sinto pena da janela partida.

– Millie. – Lança-me um olhar exasperado, que só se torna ainda mais irritado ao ver o Nico. – Ouvi a campainha perfeitamente. Basta uma vez.

– O Enzo está cá?

A irritação desaparece e um sorriso infiltra-se-lhe nos lábios.

– Sim. Tem estado a ajudar-me no jardim das traseiras.

Nesse momento, o Enzo emerge das traseiras, com umas calças de ganga e uma *T-shirt* branca suja, com as mãos cobertas por uma boa camada de terra.

– Posso usar o lava-loiça da cozinha? – começa a perguntar, mas paralisa ao ver-me. – Millie?

A Suzette está a adorar este drama, mas, por mais que odeie desiludi-la, não vim aqui para apanhar o meu marido. Temos um problema mais urgente. Ponho a mão no ombro do Nico e dou-lhe um apertão.

– Parti a sua janela – diz ele. – Peço muita desculpa.

– Meu Deus – exclama a Suzette, levando uma mão ao peito. – Bem me *pareceu* que tinha ouvido qualquer coisa a partir!

– Nico. – O Enzo franze o sobrolho. – Disse-te para teres cuidado ao treinares no jardim, não foi?

Arqueio-lhe uma sobrancelha.

– Ele *pensava* que ias jogar com ele.

Agora, é a vez de o Enzo parecer culpado. Já devia saber. Se prometemos ao nosso filho de nove anos que vamos jogar baseball com ele, é boa ideia fazê-lo realmente. Caso contrário, acontecem coisas más. Partem-se janelas.

– Que janela foi? – pergunta a Suzette.

– É no andar de cima – digo eu. – A do meio, na lateral.

– Oh. – Bate com uma unha arranjada no queixo. – A janela de vitral.

Vitral? Oh, meu Deus, isso soa extremamente caro. O Enzo arregala os olhos – está nitidamente a pensar no mesmo que eu. Nem pensar que vamos conseguir pagar uma janela de vitral nova.

– E se... o Nico fizesse tarefas em sua casa até pagar a janela? – sugiro, hesitante.

É óbvio que a Suzette não gosta desta ideia, porque o seu corpo retesa-se.

– Não sei.

Tenho de a convencer. Não podemos ser *nós* a pagar a janela.

– É a única forma de ele aprender a assumir a responsabilidade pelas suas ações.

Olho para o Enzo, em busca de apoio. Ele assente lentamente com a cabeça.

– Sim, concordo. Suzette, acho que seria muito bom para o meu filho poder fazer as suas tarefas.

– Já *tenho* alguém para fazer as tarefas – diz a Suzette, cruzando os braços sobre o peito. – A Martha vem cá dois dias por semana!

– Nesse caso, sobram cinco dias por semana para o Nico vir – saliento.

Estou bastante certa de que a Suzette teria recusado, mas o Enzo franze as sobrancelhas, semicerrando os olhos negros.

– Há alguma *razão* para não querer o meu filho em sua casa?

Finalmente, ela ergue as mãos.

– Está bem! Ele pode fazer algumas tarefas.

Pela primeira vez desde que a Suzette sugeriu que o Enzo lhe desse umas dicas de jardinagem, sinto a tensão esvair-se de mim. A Suzette não falou de todo em dinheiro. Não teremos de pagar a janela de vitral, e o Nico aprenderá a assumir alguma responsabilidade pelas suas ações. Ocorre-me ainda que, com o Nico por perto, talvez a Suzette se abstenha de se atirar ao meu marido.

Resolvi todos os meus problemas. A expressão de azedume no rosto da Suzette é apenas um bónus.

Fui encarregada de mandar a senhora Green para casa.

Foi o que me disseram. A senhora Green teve um ligeiro ataque cardíaco, mas disseram-me que está bem, o que significa que está tão bem como estava antes. Apesar disso, pergunto-me se já estava realmente bem antes, pois estive bastante confusa durante o internamento, e a família disse-me que tem dado muitas quedas. Uma das coisas que aprendi desde que comecei a trabalhar no hospital foi que há muitos idosos a viverem sozinhos que provavelmente *não* deviam viver sozinhos.

E, se quiserem ficar realmente assustados, digo-vos quantas dessas mesmas pessoas ainda conduzem.

Desde que tirei o curso de assistente social, trabalhei em vários lugares. Comecei por trabalhar com crianças, mas, depois de ter a minha filha, custava-me lidar com as coisas terríveis que lhes aconteciam às mãos de pessoas em quem era suposto confiarem. Todas as noites, pegava na Ada ao colo e soluçava pelas atrocidades que tinha visto nesse dia. Estava a devastar-me.

O Enzo reconheceu o que o trabalho me estava a fazer e soube de uma vaga para assistente social hospitalar. Candidatei-me ao emprego, e foi o melhor que me podia ter acontecido. Trabalho com pessoas maioritariamente idosas, que precisam tanto da minha ajuda como as crianças, mas já não faço o caminho inteiro para casa a chorar.

A senhora Green está deitada numa cama no hospital. É uma mulher minúscula de noventa e um anos, com um tufo de cabelo branco suave como penugem. Tem os cobertores puxados cuidadosamente até às axilas, para cobrir a camisa de noite que a família lhe levou de casa.

— Olá, senhora Green — digo. — Lembra-se de mim? Sou a Millie, a sua assistente social.

Ela sorri-me.

— Veio para levar o lixo? Porque está muito cheio.

— Não, sou a sua assistente social. — Aproximo-me e aponto para o crachá no

meu peito. Em seguida, ergo a voz, pois suspeito de que seja esse o problema. Lembro-me de ver «PA» na ficha de doente, o que significa perda de audição. – ASSISTENTE SOCIAL.

Ela acena em sinal de compreensão.

– Pode limpar também o chão?

– Não. – Abano a cabeça e aponto mais enfaticamente para o crachá. – SOU A SUA ASSISTENTE SOCIAL. ESTOU AQUI PARA AJUDAR A PERCEBER COMO A MANDAMOS PARA CASA!

Ela aponta para uma pilha de roupa em cima da pequena cómoda do hospital.

– Já agora, pode-me dobrar a roupa?

É verdade que não estou aqui para limpar o quarto da senhora Green nem para lhe dobrar a roupa, mas é óbvio que está muito ansiosa quanto ao asseio do quarto. Talvez confie mais em mim se lhe dobrar a roupa. Também fico incomodada ao ver pilhas de roupa desarrumada. Consigo imaginar-me um dia com noventa e um anos, deitada numa cama de hospital e incomodada com o chão sujo e a roupa por dobrar. (O Enzo ainda andarà a carregar sofás por essa altura.)

Não tenho nenhuma esfregona, por isso dedico-me a dobrar a roupa. Infelizmente, ela trouxe apenas uma grande pilha de camisas de noite. A senhora Green parece o tipo de mulher que usa camisas de noite para todas as ocasiões. Mais uma vez, consigo ver-me a ser assim, um dia. Anseio pelo tempo em que poderei usar pijama vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, e não ser julgada por isso.

– Ei! – grita ela. – O que está a fazer?

– Estou a dobrar as suas roupas, senhora Green! – respondo, o mais alto que consigo.

– Está a roubar as minhas coisas! – arqueja ela. Espeta o polegar no botão vermelho para chamar a enfermeira. – Ladra! Ladra! Chamem a polícia!

Embora reconheça que a senhora Green é uma velhota confusa, o meu coração dispara no meu peito. Como pode acusar-me de roubar? Estou apenas a tentar ajudá-la a dobrar a roupa, tal como me pediu!

Passado um segundo, a enfermeira supervisora da ala, uma mulher robusta chamada Donna, entra apressadamente no quarto. Por esta altura, a senhora Green está a gritar a plenos pulmões que sou uma ladra e a pedir que chamem a polícia. Já eu larguei as roupas e estou de mãos no ar, para deixar completamente claro que não estou a roubar nada.

– O que se passa aqui, Millie? – pergunta-me a Donna, no seu sotaque carregado de Long Island. (Ou será *com* o seu carregado sotaque de Long Island?)

– Eu... – Engulo em seco. – Não roubei nada. Estava só a ajudá-la a dobrar a roupa. Juro.

– MENTIROSA! – grita a senhora Green. – Estava a roubar as minhas coisas! Tem de chamar imediatamente a polícia!

Fico ao canto do quarto, a torcer as mãos, enquanto a Donna faz todos os possíveis para acalmar a senhora Green. Demora vários minutos, mas, depois de pôr a televisão num programa sobre canções de Natal (apesar de estarmos na primavera), a senhora Green parece finalmente apaziguada.

Eu, por outro lado, estou uma desgraça.

Sigo a Donna para fora do quarto, mas os meus joelhos continuam vacilantes. A Donna está perfeitamente impávida com a interação. Não tem um só cabelo fora do lugar do puxo alto na sua cabeça. Sinto a minha cabeça a latejar ao regressar ao posto de enfermagem.

– Sente-se bem, Millie? – pergunta-me a Donna.

– Eu... não roubei nada.

– É claro que não – diz ela, puxando o estetoscópio do pescoço. – Sabe que ela tem demência, certo? Estava escrito na ficha.

Estava, *de facto*, escrito na ficha. Qualquer outra pessoa teria desvalorizado a interação, mas eu não posso. Não com os meus antecedentes.

Passar dez anos na prisão por homicídio muda a forma como vemos as coisas.

A Donna não deve fazer ideia, e também não estou ansiosa por contar a história. A versão resumida é que, quando era adolescente, um rapaz tentou violar a minha melhor amiga. Quando o apanhei a fazê-lo, bati-lhe na cabeça com um pisa-papéis. Infelizmente, isso não o deteve, por isso bati-lhe outra vez. E outra. Até que finalmente parou... de respirar.

Os pais do rapaz eram muito ricos e prometeram que não iriam deixar-me sair impune depois de ter matado o seu maior orgulho – mesmo que essa fonte de orgulho fosse um violador. Talvez me tivesse conseguido safar com um bom advogado, mas só tive direito a um defensor público que não era lá muito bom. Fui declarada culpada de homicídio involuntário e cumpri dez anos numa prisão feminina.

Não é propriamente algo que ande por aí a contar às pessoas. Embora não me arrependa de ter ajudado a minha amiga, não me orgulho do tempo que passei atrás das grades. Quando fui contratada para trabalhar neste hospital, alguns meses antes de me mudar para Long Island, revelei-lhes essa informação. Tinha de o fazer. Não sabia se ainda me iriam contratar depois disso, mas acabaram por fazê-lo, por haver uma escassez de assistentes sociais.

Ainda assim, sinto-me paranoica. No meu último emprego, desapareceram alguns objetos do hospital, e eu fui a única a ser interrogada pela polícia a esse respeito. Não é que me tenham levado para a esquadra nem nada desse género, mas ficou muito claro que, devido ao meu cadastro, desconfiavam mais de mim do que de todos os outros.

Estará a Donna a fazer o mesmo? Achará que roubei algo daquele quarto? *Saberá?*

– Millie – diz ela.

Sinto um suor frio brotar-me na testa.

– Sim?

– Está *muito* pálida. Devia sentar-se.

A Donna puxa uma cadeira para me sentar mesmo antes de as minhas pernas cederem. Manda-me pôr a cabeça entre os joelhos e entra em modo de enfermeira, pegando num dos monitores automáticos de tensão arterial.

– Almoçou? – pergunta-me ela.

– Ahã – consigo responder.

– Parece indisposta. Deixe-me medir-lhe a tensão arterial.

A Donna insiste em enrolar a manga do monitor de tensão arterial no meu braço, apesar de eu ter a certeza de que a minha tensão está ótima. O problema não é a tensão. Estou só com medo de que ela saiba que sou uma assassina condenada. Só isso, caramba.

Fico sentada enquanto a Donna me examina. A manga do monitor aperta-se em torno do meu braço esquerdo. A pressão afrouxa e volta a apertar, e o ciclo repete-se mais duas vezes. A Donna pragueja em surdina, mas conseguimos finalmente obter os valores da minha tensão.

– Eia – diz ela.

Não é o que queremos ouvir de alguém que nos está a fazer um exame médico.

– O que se passa?

– Tem a tensão alta – anuncia ela. – *Muito* alta.

– Tenho?

– Sim. Como estava da última vez que foi ao médico?

A verdade é que não vou muitas vezes ao médico. Costumava ir mais vezes ao ginecologista antes de fazer a laqueação de trompas, mas, visto que os meus anos férteis acabaram, não parece haver grandes razões para ir. A última vez que fui a qualquer tipo de médico foi há cerca de três anos, o que é irónico, uma vez que trabalho num hospital e passo a vida com médicos por perto.

– Bem, estou ansiosa – digo. A minha ansiedade não melhorou nada agora que sei que tenho a tensão alta. – Deve ser por isso.

– Está bastante alta, Millie. Devia ligar ao seu médico.

Fantástico. Mais uma coisa com que lidar.

– É assim tão grave?

– Não – responde ela. Antes que tenha qualquer hipótese de relaxar, continua:

– Quer dizer, se quiser ter um ataque cardíaco ou um AVC.

Isso é ridículo. Está a exagerar. Não tenho idade para ter um ataque cardíaco nem um AVC. Além disso, estou em muito boa forma. Não preciso de lidar com o problema da tensão agora mesmo. É óbvio que estou apenas stressada pela mudança. E, ontem à noite, fui acordada *outra vez* por aquele som de raspar vindo de algures dentro de casa, que felizmente parou antes de poder sequer pensar em investigar.

Tenho a certeza de que, quando tudo acalmar, a minha tensão arterial também vai diminuir.

À noite, depois do jantar, o Enzo ajuda-me a limpar a mesa. É bastante bom a fazê-lo – ou, pelo menos, tornou-se bom depois de ouvir vários comentários sarcásticos ao longo dos anos. Mas agora é ótimo. Traz todos os pratos e copos para a cozinha sem sequer precisar de lhe pedir.

– Mais um jantar delicioso – declara, arrumando alguns pratos na máquina de lavar loiça.

Olho para o prato do Nico na minha mão. Mal lhe tocou. Não me apeteceu lidar com queixas esta noite, por isso optei por um prato de macarrão com queijo verdadeiro. Tem as três coisas favoritas do Nico: massa, manteiga e muito queijo. Geralmente, ele farta-se de comer. Tenho sorte que nem ele nem o Enzo me deem nenhuma dentada.

– O Nico está bem? – pergunto. – Não comeu o macarrão com queijo.

– Talvez tenha comido muito ao almoço?

– Talvez...

– Talvez esteja farto de macarrão com queijo?

– Nunca.

Ele sorri-me.

– Talvez ande a comer as moscas do *Pequeno Quivi*.

O louva-a-deus horrível voltou a mudar de exoesqueleto. Descobri que, a cada muda, fica um pouco maior. Na minha opinião, já era demasiado grande. Mas o Nico adora o inseto. Ontem à noite, pediu para o trazer para a mesa de jantar, depois de voltar de fazer as tarefas em casa dos Lowell. Respondi-lhe um grande não.

Olho para o prato, resistindo ao impulso de comer o resto do macarrão. Mas não preciso das calorias, sobretudo porque estou com problemas de *saúde*. Continuo sem acreditar que preciso de ir ao médico. Pelo que pesquisei, parece que os monitores automáticos de tensão arterial são notoriamente imprecisos.

– A propósito – digo. – Quando estava no trabalho, enervei-me com uma situação, e uma enfermeira mediu-me a tensão arterial. Ao que parece, estava muito alta, e ela fez um alvoroço enorme.

O Enzo costuma ser compreensivo quando lhe conto histórias sobre o meu dia no trabalho. Desta vez, porém, franze o sobrolho.

– Porque tens a tensão alta?
– Não sei. – Raspo o macarrão com queijo para o caixote do lixo e enfio o prato na máquina de lavar loiça. – Vamos pôr a loiça a lavar.
– Mas a máquina não está cheia.
– Sim, mas a Martha vem cá amanhã, por isso quero lavar e arrumar estes pratos antes que ela chegue.

Ele coça o queixo.

– Não compreendo. Porque temos de lavar os pratos antes da vinda da empregada de limpeza? Antes do jantar, também te vi a aspirar.

– Quero só garantir que está tudo limpo para ela.

– Mas ela *vem cá para limpar*! – Abana a cabeça. – Se calhar é por isso que a tua tensão arterial está alta, não?

– Que importa – resmungo. – Não estava assim tão alta.

– Disseste «muito alta».

– Não, disse *bastante* alta. – Tento passar por ele para chegar à máquina de lavar loiça. – Podemos pôr estes pratos a lavar para amanhã, por favor?

O Enzo estende o braço para o armário que contém as pastilhas de lavar a loiça. Põe uma no compartimento, fecha-o com força e prime o botão para iniciar o ciclo de lavagem. Depois, vira-se para olhar para mim, com os braços muscudos cruzados sobre o peito.

– Pronto, agora já não temos a desculpa da máquina de lavar loiça. Podemos falar sobre a tua tensão arterial.

– Oh, meu Deus. – Reviro os olhos. – Olha, não teria dito nada se soubesse que ias dar tanta importância a isto.

– Porque *não* haveria de dar importância? – retorque ele. – És minha mulher, e quero que sejas saudável e vivas para sempre.

– Isso é... querido, suponho – admito. – Mas estás a dar demasiada importância. Estava stressada. A minha tensão devia estar alta por causa disso.

– Tudo bem. Então, vais a um médico verificar.

– Mas...

– Tu *nunca* vais ao médico, Millie – salienta ele.

– Nem tu. E és mais velho do que eu.

Prepara-se para protestar, mas depois os seus ombros descaem.

– Está bem. Vamos ambos ao médico. Pode ser?

Tudo bem. *Tudo bem*. É óbvio que o Enzo me vai importunar com isto até eu aceitar, por isso irei ao médico e deixá-lo-ei verificar a minha tensão arterial, mas tenho a certeza de que estará tudo bem.

– Além disso – acrescenta –, devíamos fazer seguros de vida.

Não me agrada o rumo que esta conversa está a tomar. Já é suficientemente mau ter de procurar um novo médico e marcar uma consulta.

– Seguros de vida? Não sei. Porque haveríamos de fazer isso?

– Porque não haveríamos de o fazer? – Olha pela janela, que nos dá uma vista espetacular da casa muito maior dos Lowell. – E se me acontecesse alguma coisa? Ficarias sozinha com os meninos. Devias ter dinheiro.

Fecho os olhos, não querendo imaginar a morte do meu marido. É quase

impensável.

– Está bem, então faz tu um seguro de vida.

– Tu também devias fazer um.

– Para receberes uma recompensa se eu morrer?

Ele estreita os lábios.

– Millie, sabes que isto não é por mim. É pelos nossos filhos. Para terem um teto sobre as cabeças. Sabes que já mal conseguimos pagar o empréstimo, como as coisas estão.

Não está errado. Muitas pessoas com filhos têm seguros de vida. Há vários anos, chegámos a falar nisso, mas ficámos ambos tão perturbados com a ideia de um de nós morrer, que acabámos por nunca os fazer.

Não sei se a minha tensão arterial está ou não alta neste momento, mas parece que a sinto *aumentar*.

– Sei que é um assunto triste – diz o Enzo, tomando-me a mão na sua. – Não te quero perder nunca. Mas é uma decisão responsável.

– Sim, é verdade.

– Além disso, a Suzette recomendou-me um mediador de seguros muito bom – acrescenta ele. – Podia ligar-lhe amanhã.

Ah. A Suzette estava metida nisto. Agora tudo faz sentido.

– Então, durante onze anos, achaste que não precisávamos de nenhum seguro de vida – digo. – Mas basta a Suzette dizer uma palavra sobre o assunto e de repente temos de fazer o seguro *amanhã*?

– Millie. – O seu rosto cora ligeiramente, embora seja difícil de perceber, devido ao tom moreno da sua pele. – Estou a *tentar* velar pela minha família, independentemente do que me possa acontecer.

– Está bem, pronto!

Céus, porque está ele a fazer-me sentir como se fosse *eu* quem está a ser difícil? Um seguro de vida é um grande passo, não é? Sei que é importante, mas não me quero precipitar, sobretudo quando não temos muito dinheiro disponível.

Afinal, não é como se eu fosse morrer *amanhã*.

E stás a morrer, mãe?

A Ada faz-me a pergunta quando lhe estou a dizer boa noite. Está deitada com o cobertor cheio de imagens de cães puxado até ao queixo e o rostinho franzido de preocupação. A Ada sempre se preocupou demasiado. Esta rapariga carrega o peso do mundo aos ombros. Mesmo em pequena, costumava preocupar-se com tudo, especialmente com o Nico. Costumava chorar quando o Nico apanhava sequer a mais ligeira das constipações.

– Não estou nada a morrer! – Afasto-lhe algumas madeixas do cabelo preto do rosto. – Porque haverias de dizer isso?

– Ouvi-te a falar sobre isso com o pai.

Oh, fantástico. No nosso apartamento antigo, estávamos demasiado cientes de que os miúdos podiam ouvir o mínimo barulho através das paredes finas como papel. Por alguma razão, tínhamos a ideia de que isso seria diferente nesta casa maior. Mas, ao que parece, continuam a ouvir tudo.

– Não estou a morrer – garanto-lhe eu.

– Então porque vão fazer seguros de vida?

Sinto que «para o caso de morrermos» não é a resposta certa – ainda que tecnicamente seja a verdade.

– Só para o caso de acontecer algum acidente estranho e inesperado. Mas não vai acontecer.

– Pode acontecer.

A Ada tem a mesma ruga entre as sobrancelhas com que o Enzo fica quando está preocupado. Parece-se muito com ele – os mesmos olhos, o mesmo nariz, o mesmo tom de pele, os mesmos cabelos negros densos –, mas não tem a mesma personalidade que ele. Sinceramente, seja para o bem ou para o mal, também não é muito parecida comigo. É uma daquelas crianças que não se sabe muito bem a quem saem. Talvez saia a um dos avós. Estou de relações cortadas com a minha mãe, mas sempre me pareceu muito ansiosa.

A inteligência da Ada também é um mistério.

– Ada. – Subo para a pequena cama, enroscando-me junto ao seu corpo quente. Daqui a alguns anos, não me deixará fazer isto, por isso vou aproveitar por enquanto. – Vou viver durante muito tempo, provavelmente até depois de tu teres filhos e talvez até de os teus filhos terem filhos. E o teu pai... Bem, provavelmente vai viver para sempre.

Se houver alguém imortal neste mundo, essa pessoa seria o Enzo, por isso pode muito bem ser verdade.

– Então porque precisam de seguros de vida?

Esta conversa podia prolongar-se pelo resto da noite.

– Ada – digo. – Tens de parar de te preocupar e ir dormir.

Ela retorce-se debaixo dos cobertores.

– O pai vem cá?

Neste momento, os nossos filhos precisam os dois que *ambos* os pais lhes digam boa noite antes de adormecerem. É uma rotina tanto doce quanto extenuante. Depois de terminar com a Ada, a próxima paragem será no quarto do Nico. Deve ser onde o Enzo está neste momento. Podemos trocar.

– Mando-o entrar a seguir – digo.

Isso arranca-lhe um sorriso. Por mais que odeie admiti-lo, a Ada é uma verdadeira menina do papá – desde o momento em que nasceu. Lembro-me de que, quando era bebé, houve um dia em que passou duas horas seguidas a gritar a plenos pulmões. Mal o Enzo chegou a casa do trabalho e lhe pegou, aquietou-se num instante. Por isso, não tenho dúvidas de que será capaz de a fazer sentir-se melhor.

Ao chegar ao quarto do Nico, esperava vê-lo com o Enzo no quarto, a dar umas moscas ao louva-a-deus ou algo horrível desse género. Mas o Enzo não está com ele. O Nico está sozinho na cama, e as luzes já estão apagadas, apesar de ele ainda estar de olhos abertos.

– Cansado? – pergunto-lhe eu.

– Mais ou menos.

Semicerro os olhos no escuro para lhe ver o rosto. Os seus traços também são similares aos do Enzo, embora suponha que seja o que mais se parece comigo de entre os meus dois filhos, o que não é dizer muito. Demos-lhe o nome de Nicolas em honra do pai do Enzo.

– Está tudo bem?

– Ahã.

O Nico tem o louva-a-deus mesmo à cabeceira da cama. É um pouco difícil de discernir na jaula de rede, mas, quando finalmente avisto o inseto longo e esguio, vejo-o a esfregar as patinhas. O bicho tem mesmo ar de quem está a tramar alguma. Sei que os rapazes gostam de insetos, mas porque haveria *alguém* de querer algo assim no seu quarto? Terá algum problema?

Não. O Nico não tem nenhum problema. É o rapaz mais feliz e equilibrado de sempre. Toda a gente o adora.

Retraio-me ao inclinar-me sobre a jaula para dar um beijo na testa do meu filho. Amanhã, terei de falar com ele sobre mudá-la de sítio. Talvez para o outro lado do quarto ou possivelmente para fora de casa.

– Boa noite – digo.

– Boa noite, mãe – responde, sonolento.

Ao afastar-me, olho pela janela. A Lua está quase cheia, iluminando o nosso jardim das traseiras perfeitamente cuidado. Quando chegar o verão, aposto que teremos o melhor jardim da cidade. O Enzo assegurar-se-á disso.

Mas o meu olhar é atraído para algo fora do nosso jardim das traseiras:

O jardim dos Lowell.

Pensava que o Enzo estava em casa, a dizer boa noite aos meninos, como eu, mas não está. Por alguma razão, está no jardim das traseiras dos vizinhos. Mas não está a trabalhar. Está ao lado da Suzette, a conversar com ela.

Por um momento, fico a observá-los da escuridão do quarto do meu filho. Pode ser perfeitamente inocente. Afinal, são vizinhos, e ele tem estado a trabalhar no seu jardim. Mas há algo nisto que me parece errado. São dez da noite. Porque haveria o meu marido de estar no jardim das traseiras com outra mulher?

Não lhe toca. Nem sequer a beija nem nada do género. Parecem estar apenas a conversar. Mas não deixa de haver algo nesta situação que me deixa inquieta.

Não consigo afastar a sensação de que o Enzo me está a esconder algo.

São seis da manhã, e está alguém a invadir a nossa casa.

Desta vez, não é o som do raspar, que ouvi mais umas quantas vezes desde que tentei investigar. Convenci-me de que deve ser apenas um ramo, algures, a roçar contra uma das janelas do andar de baixo. Mas este som é muito diferente. Oíço ruídos fortes. Passos. Uma porta a bater. É alto o suficiente para me fazer sentar na cama, apesar de o meu marido continuar a ressonar baixinho ao meu lado. É suposto ser um bairro seguro. Este tipo de coisa não devia acontecer por aqui.

Um baque sonoro vindo do andar de baixo faz-me endireitar bruscamente. Será um daqueles casos de violação de domicílio? Se for, o que fazemos? Não temos nenhuma arma. O Enzo costumava ter uma no apartamento antigo, mas livrou-se dela depois de a Ada nascer. Tinha pavor de que ela a encontrasse e se magoasse.

Terei simplesmente de ligar para o 112 e esperar que cheguem depressa.

O Enzo dorme profundamente ao meu lado, alheio à invasão em curso. Veio tão tarde para a cama ontem à noite, que não tive oportunidade de lhe perguntar o que estava a fazer com a Suzette no seu jardim das traseiras. Neste momento, é a última coisa no meu pensamento.

Abano o meu marido para o acordar, de forma mais agressiva do que necessário.

– Enzo – silvo. – Alguém invadiu a casa. Vou chamar a polícia.

– *Che?* – Esfrega os olhos. Fica com o sotaque mais carregado logo de manhã. – Invadiu?

– Não *ouves?*

Por um momento, ele põe-se à escuta, enquanto eu estou prestes a começar a gritar.

– É a Martha. Não?

– A Martha? Como veio a Martha parar a nossa casa às seis da manhã? Como entrou?

– Dei-lhe a chave.

Fico a olhar para ele, horrorizada.

– Deste-lhe a *chave*? Porquê?

– Porquê? Para não te acordar quando viesse limpar! – Geme e volta a deitar a cabeça na almofada. – Dorme, Millie!

Nesse momento, oiço o som distante de um aspirador a trabalhar no andar de baixo. Está bem, pronto, suponho que tem razão. A maioria dos assaltantes não se põe a aspirar a sala de estar, portanto deve ser a Martha.

Mas, mesmo sabendo que a minha casa não está a ser invadida, não consigo voltar a adormecer. Ainda tenho o coração acelerado. Por isso, opto antes por me levantar e ir tomar um duche. Mais vale começar o dia, sobretudo porque costumo precisar de bastante tempo para conseguir tirar o Nico da cama.

Desço as escadas cerca de meia hora depois, de duche tomado e vestida. Vou novamente buscar uma banana à cozinha para não estorvar a Martha. A limpeza que ela faz na cozinha é extremamente meticulosa.

Só que a Martha não está na cozinha.

Está junto à secretária que temos ao canto da sala de estar, mas não está a limpá-la. Está a vasculhar uma das gavetas. Por um momento, fico a observá-la, e a única coisa em que consigo pensar é: *Que raio está ela a fazer?* Nunca vasculhei gavetas daquela maneira quando fazia limpezas.

– Martha? – digo, finalmente.

Ela ergue o olhar. Posso não conhecer muito bem a Martha – raramente fala comigo a menos que seja absolutamente necessário –, mas reconheço uma expressão de culpa em qualquer pessoa. Tenho de reconhecer, ainda assim, que se recompõe muito depressa.

– Precisava de lhe deixar um bilhete, por isso andava à procura de papel e caneta – diz-me ela. – Estamos quase sem *spray* de limpeza.

Estamos? Pode ser verdade. Acho eu.

Mas aposto que não era de papel e caneta que ela andava à procura.

A Martha volta a desaparecer na cozinha. Não posso acreditar que a apanhei a vasculhar as gavetas da minha secretária. É uma infração digna de despedimento. É certo que a Suzette a recomendou vivamente, mas não é como se a minha vizinha estivesse no topo da minha lista de pessoas em quem confio. Há algo na Martha que não me agrada. Oxalá nos pudéssemos livrar dela.

Não sei o que fazer. Como se despede sequer alguém? Quer dizer, já fui despedida, por isso entendo o conceito em geral, mas o meu coração acelera ante a ideia de o fazer. A minha tensão arterial deve ter subido a pique.

Quando vou a sentar-me no sofá para contemplar o meu próximo passo, reparo que o chão em frente está cheio de vidros partidos. Ainda bem que estou de chinelos. Demoro um segundo a perceber que o vaso que geralmente mantenho em cima da mesa de centro foi derrubado. Está uma pilha de lírios e um sem-fim de estilhaços de vidro por todo o chão.

Bem, agora estou fula e tenho mais uma razão para despedir a Martha.

Marcho para a cozinha, tentando evitar os vidros, que parecem estar basicamente em toda a parte. Surpreende-me não ter ouvido o vaso a partir lá em cima, só os habituais barulhos associados às limpezas. Na cozinha, a Martha está a limpar a bancada com um frasco de *spray* que me parece bastante cheio.

– Martha – digo. – Podia ter-me avisado dos vidros partidos no chão.

Ela nem sequer se dá ao trabalho de erguer os olhos da bancada.

– Que vidros partidos?

– Derrubou o vaso da mesa de centro – respondo, rigidamente. – Partiu-se.

Está vidro *por todo o lado*.

Finalmente, a Martha pouisa a esponja. Fita-me com os mortíços olhos cinzentos.

– Não parti vaso nenhum. Ainda nem comecei a limpar a sala de estar.

A sério? Primeiro estava a vasculhar as minhas gavetas e agora finge não ter partido o vaso, quando é óbvio que o fez. Não posso acreditar que a Suzette recomendou esta mulher.

– Martha – digo, incisivamente. – Se partiu alguma coisa, devia ter ao menos a cortesia de o admitir. Não lhe vou cobrar por isso. – *Mas vou despedi-la*.

Ela pestaneja na minha direção.

– Eu não parto coisas – diz, rigidamente. – Mas, se partisse, admitia.

– Quem o partiu, então? – replico. – Desceu simplesmente da mesa sozinho e quebrou-se?

É inacreditável. Não é como se eu não tivesse partido a minha quota-parte de copos, vasos e afins quando limpava casas. Mas sempre o admiti. Era óbvio que tinha sido eu a fazê-lo, portanto de que adiantaria mentir a esse respeito? Mas a Martha recusa-se obstinadamente a admitir.

– O que se passa aqui, senhoras? Porquê os gritos?

O Enzo está de pé à entrada da cozinha. Aparentemente, eu estava a gritar. Não pensei que estivesse, mas sinto uma pequena veia a latejar na minha têmpora, como acontece às vezes, quando ergo a voz demasiado.

A Martha apoia as mãos nas ancas robustas, de ambos os lados do avental branco imaculado.

– Senhor Accardi, pode fazer o favor de dizer à sua mulher que não parti o vaso da sala de estar?

Uau. Agora está a virar o meu marido contra mim? Isto está cada vez melhor.

– Encontrei-o partido ao descer esta manhã. Quem mais o poderia ter feito?

O Enzo resfolega.

– Parece obra do Nico.

É certo que o Nico parte muitas coisas, mas, quando o faz, diz-me sempre de imediato. Não é do tipo de partir um vaso e deixar simplesmente os vidros na sala de estar. Conheço-o suficientemente bem para saber que não o faria.

– Não foi o Nico – insisto. – Além disso, ele ainda está a dormir.

O Enzo olha para o relógio.

– Bem, parece-me que são horas de acordar.

Antes que o possa impedir, dirige-se aos pés da escadaria e começa a gritar o nome do Nico. Passa um bom minuto a gritar-lhe que arraste o traseiro cá para baixo, até o meu filho descer as escadas, de olhos sonolentos e cabelo despenteado.

– O que foi? – resmunga o Nico, ainda a esfregar os olhos. – Porque me estás a incomodar?

– Nico – diz o Enzo, com ar severo. – Partiste o vaso da sala de estar?

Faz-se um longo silêncio, e ficamos os três a olhar para o Nico.

– Oh – responde ele. – Sim.

Olho para o meu filho, espantada.

– A sério? Porque não disseste nada? Podia ter cortado o pé nos vidros.

Encolhe os ombros.

– Estavas a dormir. Tive fome a meio da noite, por isso vim comer qualquer coisa, e foi então que bati contra a mesa e o vaso caiu.

Fantástico. Sabia que ia ter fome depois de não ter acabado de jantar. Além disso, perturba-me que o som dos vidros a partir não me tenha acordado. O que mais me estará a escapar enquanto durmo?

– Podias ter tentado limpá-los – saliento.

– Disseste-me para não tocar em vidros partidos.

É verdade. Mas mesmo assim. Esperava que o Nico tivesse mais sentido de responsabilidade, sobretudo agora que anda a fazer tarefas em casa dos Lowell.

– Martha – diz o Enzo. – Pedimos imensa desculpa por termos pensado que tinha partido o vaso. É óbvio que estávamos enganados.

Está a ser generoso. Fui *eu* que a acusei de partir o vaso. Em minha defesa, parecia mesmo ter sido ela a fazê-lo. Mas conheço a sensação de ser acusada injustamente e sinto-me muito mal por ter feito isso à Martha. Além do mais, fui acusada muitas vezes sem qualquer tipo de desculpa. Uma vez, uma mulher para quem fazia limpezas acusou-me de lhe roubar um anel que tinha deixado na casa de banho. Quando o encontrou atrás da sanita nesse mesmo dia, nem sequer me pediu desculpa. Não quero ser como *essa* mulher.

– Lamento imenso – digo-lhe eu. – Acho que... tirei conclusões precipitadas e estava completamente enganada. Espero que possa aceitar as minhas desculpas.

A Martha não diz nada.

– E vamos limpar o vaso partido – acrescenta o Enzo. – Claro.

Ela fixa o olhar diretamente no meu rosto.

– Não gostei que me tivesse feito sentir como uma *criminosa*.

Inspiro bruscamente. Porque olhou ela para mim daquela maneira ao dizer a palavra «criminosa»? *Não* foi apenas imaginação minha.

Será possível que a Martha saiba do meu passado? Saberá que estive na prisão? Oh, meu Deus, terá dito à *Suzette*? É uma ideia impensável. A Suzette deliciar-se-ia com essa informação.

Mas não pode saber. Mudei de apelido, e não é como se ela soubesse o meu número da Segurança Social para fazer uma verificação dos meus antecedentes. Estou a ser paranoica.

– Lamento que a tenhamos feito sentir como uma criminosa – diz o Enzo, alheio à ameaça na voz da Martha. – Aceita as nossas desculpas, por favor?

Finalmente, ela anui. Sem dizer mais nada, dá meia-volta, marchando de regresso à cozinha, e recomeça a limpar.

– Anda – diz-me o Enzo. – Temos de limpar isto antes que os miúdos desçam. Há vidros por todo o lado.

Não posso deixar de me sentir irritada por passar o início da manhã a limpar vidros partidos, apesar de ter uma empregada de limpeza. Limpei a minha quota-

parte de vidros ao longo dos anos. A ironia é que, se eu não tivesse acusado a Martha, provavelmente, teria sido ela a limpá-los por mim.

Pronto, está bem, não partiu o vaso. Mas sei que não imaginei a expressão no seu rosto ao dizer a palavra «criminosa». *Tenho a certeza* de que estava a vasculhar a gaveta da secretária. Vi com os meus próprios olhos. E não sei se acredito na desculpa.

Porque estava a Martha a vasculhar as minhas gavetas? O que procurava? Andará esta mulher a remexer no meu passado?

Não consigo afastar esta sensação. Não confio nesta mulher que a Suzette pôs a trabalhar para nós.

Não é tão fácil como parece marcar uma consulta com um novo médico de cuidados de saúde primários.

Liguei para meia dúzia de consultórios na região, mas nenhum deles está a aceitar novos pacientes. Sinceramente, teria desistido, só que o Enzo não parava de me perguntar, todas as noites antes de irmos para a cama, se já tinha marcado a consulta. Finalmente, à sétima tentativa, consegui marcar uma consulta com a doutora Sudermann, mas tive de esperar três semanas.

Ainda assim, aqui estou eu, sentada na marquesa de exame com uma daquelas batas que abrem atrás, à espera de que a doutora Sudermann entre na sala. Já me mediram a tensão arterial, e a enfermeira emitiu um som de surpresa ao ver o número, o que não me fez sentir muito bem. Por isso, agora estou aqui sentada, nervosa, à espera. Sinto uma brisa da conduta de ar que bate exatamente onde a minha bata se abre.

Após o que me parece uma hora à espera, a doutora Sudermann bate à porta uma vez e entra na sala. Vi uma fotografia *online* ao marcar a consulta, mas não estava totalmente preparada para ver uma médica tão *jovem*. Se me dissessem que ainda andava na universidade, acreditaria. Felizmente, parece pelo menos mais velha do que a Ada – mas não muito.

Ainda assim, tem um ar confiante. Supostamente, terminou o curso de medicina e o internato complementar, pelo que deve ter pelo menos... trinta anos, creio eu. A menos que seja uma daquelas crianças-prodígio de que se ouve falar. Vejo que tem um rosto doce, o que é reconfortante. Não consigo imaginar esta mulher a dar-me más notícias.

– Senhora Accardi? – pergunta ela.

Anuo.

– Sou a doutora Sudermann – apresenta-se. – Prazer em conhecê-la.

Volto a anuir. Talvez consiga chegar ao fim desta consulta sem dizer uma palavra.

– Soube que tem algumas preocupações com a tensão arterial – continua.

– Verificaram-na no hospital onde trabalho – digo. – Disseram-me que estava um pouco alta.

– Está *muito* alta. – Senta-se no banco junto ao computador da sala, entrando no sistema para aceder ao meu processo. – Gostaria que fizesse um exame e algumas análises para ver se há uma causa subjacente, mas, seja como for, gostaria que comesse a tomar uma medicação para a tensão arterial já hoje.

– Tenho estado sob muito *stress* – digo, esperando que isso a possa fazer mudar de ideias. – Mudei recentemente de casa, tenho dois filhos pequenos, e o meu emprego é muito cansativo. Se não estivesse sob tanta pressão, a minha tensão estaria ótima.

– O *stress* contribui muito para a hipertensão – admite ela. – Trabalhar na gestão do *stress* é uma excelente ideia. Muitos dos meus pacientes dizem que a meditação ajuda.

Tentei fazer meditação uma vez e achei impossível. Como pode alguém ficar simplesmente sentado sem pensar durante cinco minutos inteiros? É como não *respirar* durante cinco minutos. Mas não lhe digo isso.

– De qualquer modo, tem de tomar medicação para a tensão arterial – diz ela. – Está *demasiado* elevada.

Fantástico.

A doutora Sudermann prossegue com o seu exame, enquanto eu passo o tempo todo a ferver de ressentimento. Não sou assim *tão* velha. Não devia tomar medicação para a tensão arterial. Lembro-me de que o meu pai o fazia quando eu era adolescente, e ele era *velho* nessa altura. Eu sou... bem, pelo menos, cinco anos mais nova do que ele era, acho eu.

Saio do consultório, prometendo levantar a receita na farmácia a caminho de casa. A médica aproveita e faz também pedidos de análises ao sangue, uma mamografia e algo chamado ecografia renal. Tudo *isto* porque a minha tensão arterial está um pouco elevada – bem, muito elevada. O Enzo ficará transtornado se não fizer tudo o que ela mandou. (Aliás, foi ao médico há poucos dias e não tinha absolutamente nenhum problema de saúde. É um espécime perfeitamente saudável.)

Ao regressar a casa, vejo o Jonathan Lowell sentado no alpendre da frente do número 12 da Locust Street, a andar lentamente no baloiço que têm instalado, enquanto olha para o telemóvel. Ao ver-me sair do carro, ergue a mão num cumprimento.

– Millie! – chama. – Tem um minuto?

Nem por isso. Não me apetece conversar com o meu vizinho, mas também não quero ser mal-educada, sobretudo porque o Jonathan parece sempre extremamente simpático. Espero que o que quer que ele queira discutir comigo seja rápido. Já estou stressada o suficiente. A farmácia demorou quase uma hora a preparar a minha medicação, quando lá parei a caminho de casa.

O Jonathan salta do alpendre da frente e corre pelos respetivos relvados para falar comigo. O Enzo odiaria vê-lo pisar a relva, mas não vou chateá-lo por isso.

– Como está, Millie? – pergunta-me ele.

– Oh, ótima – minto.

Ele abre-me um sorriso apologético.

– Escute, foi bom termos o Nico a ajudar lá em casa estas últimas semanas, mas...

Oh, não, o que foi agora?

– Ontem, estava a arrumar alguns pratos – diz o Jonathan – e deixou cair um deles ao chão. Não foi nada de grave, mas deixou-o simplesmente lá. Não disse a ninguém.

– Oh, meu Deus. – Tapo a boca com a mão. Estou surpreendida, mas, ao mesmo tempo, não. – Peço imensa desculpa.

– Enfim. – O Jonathan passa uma mão pelos cabelos esparsos castanho-claros.

– Não é necessário ele fazer mais tarefas em nossa casa para pagar a janela. Acho melhor que deixe de ir.

– Certo. Desculpe. Se lhe devo alguma coisa...

Rezo a Deus para que não diga que lhes devo dinheiro. Apesar de o Enzo estar a conseguir trabalho adicional graças à Suzette, continuamos a ter um orçamento muito apertado.

– Está tudo bem – diz o Jonathan. – A sério.

Espreito por cima do seu ombro para a casa atrás de si. Vejo movimento numa das janelas da frente e capto um vislumbre de cabelo cor de caramelo. É a Suzette. Por algum motivo, está a assistir à nossa interação.

Será que não confia em mim para estar com o marido?

Ocorre-me que esta é a minha oportunidade de lhe dar a provar do seu próprio veneno. Tem vindo a namoriscar com o Enzo desde que chegámos. O que acharia se eu fizesse o mesmo com o marido? Apesar de não me sentir atraída pelo Jonathan, não há mal nenhum num namoriscar ligeiro e inofensivo, pois não?

Chego-me um passo mais perto do Jonathan. Enfio uma madeixa do meu cabelo louro-escuro atrás da orelha e esboço-lhe o que espero que seja um sorriso convidativo. Há muito tempo que não namoriscava – estou um pouco enferrujada.

– Fico muito agradecida. – Pouso uma mão no ombro magro do Jonathan. Não o aperto nem faço nada de sugestivo, mas espero que pareça que sim da janela de onde a Suzette nos observa. – Foram simplesmente *maravilhosos*.

– Hã, obrigado. – O Jonathan esboça um sorriso desconfortável e dá um passo atrás, retirando-se do meu alcance. Lança um olhar rápido por cima do ombro e volta a olhar para mim. – Enfim, tenha um bom dia, Millie.

Depois, foge para casa o mais rápido possível, batendo com a porta atrás de si.

Uau. Foi uma rejeição rápida. Ligeiramente humilhante, para ser absolutamente sincera.

O Jonathan não alinhou nem por uma fração de segundo. Mal lhe toquei, ficou em pulgas para fugir de mim, e a primeira coisa que fez foi olhar para trás, para confirmar que a Suzette não tinha visto nada.

Sabia que ela o estava a observar.

O que se passa no número 12 da Locust Street? O que quer a Suzette Lowell de nós? Parece que, mesmo apesar de termos instalado persianas, ela nos tem mantido debaixo de olho.

Chego tarde a casa do trabalho.

Geralmente, saio do hospital por volta das cinco e, dependendo do trânsito, entro pela porta da frente perto das cinco e meia. Mas hoje foi um daqueles dias em que nada correu bem. Uma paciente devia ter tido alta hoje, mas a sua filha decidiu subitamente que não podia tomar conta da mãe, por isso passei a tarde a tentar resolver a situação.

Tentei convencer a filha de que conseguia lidar com a mãe, mas ela recusou-se a ceder. Liguei então a outros três familiares, na esperança de que um deles pudesse providenciar a assistência de que a minha paciente precisava, depois de ter um ataque cardíaco. Liguei para uma clínica de fisioterapia, mas rejeitaram-lhe o seguro. Neste momento, não sei o que será da pobre mulher.

E é uma senhora tão simpática. Trazia-a para casa, se pudesse. Claro que digo sempre isso. Se dependesse de mim, a minha casa estaria cheia de pacientes cujos familiares não os quiseram ajudar.

Seja como for, são quase seis horas quando entro na garagem. A carrinha do Enzo está estacionada em frente à casa, por isso ao menos está em casa com os miúdos. Tenho noção de que a Janice é superprotetora, mas também odeio que os meus filhos fiquem mais de uma ou duas horas sozinhos em casa.

Destranco a porta da frente, tentando afastar a tensão do dia de trabalho. Entro no *hall*, e a primeira coisa em que reparo é no silêncio. Quando os miúdos estão em casa, especialmente o Nico, nunca está tudo tão silencioso.

— Olá? — chamo.

Ninguém me responde.

Percorro o andar de baixo. Não é nem de longe tão grande como o da casa do lado, mas ainda assim demoro um minuto a atravessar o espaço. Passo pela cozinha, que parece estar como a deixei de manhã, quando preparei taças de cereais para os miúdos, antes de sair. (A Janice expressou recentemente choque e horror face à ideia de preparar o pequeno-almoço para os meus filhos sem incluir algum tipo de proteína animal.)

Não está ninguém no andar de baixo. Tenho a certeza.

Sigo para o jardim das traseiras, supondo que o Nico estará a praticar basebol – ou a tentar partir mais uma janela –, mas, ao chegar lá, vejo apenas a relva perfeitamente aparada e verde.

Muito bem, os miúdos também não estão no jardim das traseiras.

Subo as escadas para o andar de cima. Os miúdos adquiriram o hábito de deixar as portas fechadas ao saírem para a escola, mas reparo que a porta do quarto principal está aberta e o nosso quarto vazio. Em seguida, bato à porta do quarto da Ada.

Não obtenho resposta. Não oiço nenhum som do interior.

Rodo o puxador e abro a porta. Como sempre, a cama está feita perfeitamente. Nunca tenho de lhe dizer para a fazer. Sinceramente, acho que a incomodaria ir para a escola com a cama por fazer. Tem uma estante repleta de livros e uma prateleira com alguns troféus que ganhou, numa feira de ciências e também em algo chamado feira de matemática – o que quer que isso seja. Mas não há sinal da Ada.

Talvez estejam todos a brincar no quarto do Nico.

O quarto do meu filho é a última paragem. Bato-lhe à porta, sentindo um aperto no estômago, enquanto espero ouvir a sua voz infantil dizer-me para entrar. (Ou para não entrar.) Mas, mais uma vez, não obtenho resposta.

Abro tão bruscamente a porta, que quase caio para dentro do quarto. Ao contrário do da minha filha, está uma confusão. Os cobertores formam um grande monte enrolado no meio da cama, e está roupa suja espalhada por todo o lado. O louva-a-deus horrível continua na jaula ao lado da cama. O *Pequeno Quivi* está aqui, mas o Nico não.

Onde estão eles?

Muito bem, não vou entrar em pânico.

A carrinha do Enzo está parada à frente de casa, portanto ele esteve cá. Deve tê-los levado a algum lado. Mas a zona onde vivemos não se faz propriamente bem a pé. Onde poderá ele ter ido sem a carrinha?

Tiro o telemóvel do bolso das calças e envio uma mensagem ao Enzo:

Onde estás?

Olho fixamente para o ecrã, à espera de uma resposta. Nada. Diz que a mensagem foi entregue, mas não foi lida.

Não me apetece esperar que responda à minha mensagem, por isso seleciono o seu nome de entre os favoritos para lhe ligar. O telefone toca uma vez, duas... meia dúzia de vezes. E depois vai para o correio de voz.

Mais uma vez, isso não devia ser preocupante por si só. O Enzo nunca atende o telemóvel quando está a trabalhar. O equipamento é muito ruidoso, e é frequente ele usar luvas grossas que não lhe permitem usar o telemóvel. Mas, por outro lado, não pode estar a trabalhar, pois a carrinha está no jardim.

Sinto uma vaga de preocupação, como se algo tivesse acontecido.

Desço as escadas a correr, quase tropeçando. Verifico novamente a sala de estar e a cozinha, em busca de algum bilhete do Enzo, a dizer que levou os miúdos a comer um gelado ou algo do género.

Mas não há bilhete nenhum. Não há *nada*.

Volto a pegar no telemóvel, perguntando-me se preciso de ligar à polícia, mas parece uma reação exagerada. Uma coisa seria se só tivessem desaparecido os miúdos, mas, visto que o meu marido também desapareceu, parte-se do pressuposto de que estão todos juntos. O Enzo pensará que enlouqueci, se chamar a polícia. Além disso, não confio na polícia. Depois de ter passado uma década na prisão por razões que ainda considero um pouco injustas, não posso evitar sentir-me assim. Só confio num detetive, mas não lhe ligaria a menos que fosse uma emergência verdadeira. E isto não é uma emergência – ainda.

Muito bem, tenho de pensar logicamente. O Enzo e os miúdos não estão aqui,

mas a carrinha está, o que significa que, onde quer que tenha ido, foi a pé. O mais provável é que ainda esteja na nossa rua.

Saio pela porta da frente, tentando acalmar o coração acelerado. Isto *não* pode ser bom para a tensão arterial. Tomei um comprimido esta manhã, como todos os dias da última semana, e o Enzo comprou-me um monitor de tensão arterial, para a controlar diariamente, mas continua alta. Não baixou nem um bocadinho.

A minha primeira paragem é no número 12 da Locust Street. Ao chegar à porta da frente, oiço ruído vindo do jardim das traseiras. Parece o equipamento do Enzo, o que é bom sinal. Deve ter ido trabalhar no jardim da Suzette e levou os miúdos com ele.

Toco à campainha, e, após o que me parece uma eternidade, a Suzette aparece à porta. Sorri ao ver-me, mas há algo no seu sorriso que me dá arrepios. Só quero ver a minha família e pôr-me a andar daqui.

– Millie! – exclama ela. – Parece transtornada! Está bem?

– Estou ótima – murmuro. – Hã, o Enzo e os miúdos estão aqui? Preciso que venham para casa, para começar a fazer o jantar.

– O Enzo está aqui, no jardim das traseiras – confirma. – Tem tantas dicas úteis sobre jardinagem. Sinceramente, é um génio, Millie.

– Os miúdos também estão cá?

Ela abana a cabeça, desconcertada.

– Não, só o Enzo. Não vi os meninos. Acho que o Nicolas já partiu coisas que chegassem em minha casa, não lhe parece?

O alívio que senti há um minuto evapora-se por completo.

– Os miúdos não estão aqui?

– Não...

Quando cheguei a casa, fiquei mais aliviada porque pensei que os miúdos só podiam estar com o Enzo, em segurança. Mas se ele não está com eles, onde estão?

Perscruto o rosto da Suzette, perguntando-me se estará a meter-se comigo. Não creio que fazer uma mãe temer que os filhos tenham desaparecido seja uma partida engraçada, mas sabe-se lá, com esta mulher. Só que não me parece que esteja a brincar. Odeia os miúdos, por isso não é como se quisesse que estivessem por aqui.

– Pode ir chamar o meu marido, por favor? – crocito.

O seu tom suaviza-se.

– Claro. Só um momento.

Passado um segundo, o Enzo emerge das traseiras da casa, a caminhar a passos largos. Tem a mesma ruga entre as sobrancelhas que costumo ver no rosto da Ada.

A Ada... espero que esteja bem. Onde poderá estar? Ela *já* iria a algum lado sem me dizer.

– Millie? – pergunta ele, franzindo o sobrolho. – O que se passa?

Aperto as mãos.

– Acabo de chegar a casa, e os miúdos não estão lá. Eu... pensei que talvez estivessem contigo.

Olhando para o relógio, o Enzo fica de olhos esbugalhados.

– Só chegaste a casa *agora*?

Não me agrada a expressão de julgamento no seu rosto.

– Bem, *tu* também não estavas lá.

– Porque pensei que *tu* estarias – retorque ele.

Não o compreendo. Chegou a casa antes de mim, por isso sabia bem que eu não estava lá, com base no facto de o meu carro não estar na garagem. Mas, mesmo assim, saiu.

– Viu no jardim das traseiras? – pergunta inutilmente a Suzette.

– Sim. – Sinto o rosto a arder. – Vi em *todo* o lado.

O Enzo olha por cima do meu ombro para a nossa casa.

– De certeza que estão lá escondidos algures. Vamos procurar. A Ada não teria fugido.

Mal consigo acompanhar o Enzo, enquanto corre pelo jardim em direção à nossa porta da frente. Pisa a relva, esmagando as folhas com as botas – deve estar *mesmo* preocupado, o que, por sua vez, me deixa ainda mais preocupada. Geralmente, ele é o mais descontraído de entre nós os dois.

Sigo-o, e, atrás de nós, vem a Suzette. Porque nos está a seguir? Não tem nada que ver com isto! Sinto-me tentada a virar a cabeça para trás e dizer-lhe que desapareça, mas tenho problemas maiores do que a Suzette neste momento.

Onde raio estão os meus filhos? Se desapareceram...

A porta da frente continua destrancada, e o Enzo abre-a. Tal como antes, o andar de baixo da nossa casa está em silêncio absoluto, fora o som do meu coração a palpar.

– A porta estava destrancada quando chegaste a casa? – pergunta-me ele.

– Não. – Lembro-me nitidamente de tirar as chaves da mala. – Fui eu que a destranquei.

– É um bairro muito seguro – insiste a Suzette. – Digo sempre aos meus clientes que os índices de criminalidade aqui são dos mais baixos do país.

Cala-te, Suzette. Não é altura para um discurso de vendas!

– Ada! – chama o Enzo. – Nico!

Ninguém responde. Tenho o coração a bater tão depressa, que me sinto zozza.

– Millie, podes ligar para a escola? – pergunta ele. – Talvez possamos descobrir se apanharam o autocarro para casa.

– A escola já deve estar fechada – lembro-lhe eu. – Mas posso ligar para a... para a polícia...

– A polícia? – exclama a Suzette, arregalando os olhos azul-esverdeados. – Parece um exagero. Quer mesmo trazer a *polícia* para aqui? Os miúdos só devem ter ido dar uma volta de bicicleta por aí.

O Enzo lança-lhe um olhar acutilante.

– A Ada não tem bicicleta, e eles *não* teriam saído sem nos dizer. Nunca.

– O Nico teria – resmunga ela, baixinho.

– Ada! – volta ele a chamar. – Nico!

Levo novamente a mão ao bolso para tirar o telemóvel. Temos de chamar a polícia. Parte de mim não quer fazê-lo, pois tornará tudo real. Deixarão de ser apenas dois miúdos que se afastaram por um momento, mas que são encontrados rapidamente no jardim de um vizinho. Se ligar à polícia, isso quer dizer que

estarão, de facto, *desaparecidos*. Mas, por outro lado, as primeiras horas após o desaparecimento de uma criança são cruciais. Não queremos desperdiçar esse tempo.

A Suzette agarra-me no braço, cravando as unhas na minha pele.

– Está a ser ridícula. Não chame a polícia.

Olho para o seu rosto perfeitamente maquilhado e, por um instante, vejo um laivo de medo genuíno. Porque não quer a Suzette que eu chame a polícia?

O Enzo está junto à escadaria, petrificado, a olhar para o papel de parede, de olhos semicerrados. Olha para debaixo da escadaria, embora não consiga perceber o que lhe chamou a atenção. Afasto a mão da Suzette e junto-me a ele. E é então que vejo.

Há uma brecha no papel de parede.

Não, é mais do que uma brecha. O papel de parede foi completamente rasgado em linha reta, e o padrão do rasgão no papel tem a forma exata de uma pequena porta. Vejo que o topo chega à altura do ombro do Enzo. Costuma estar uma planta grande de interior nesse sítio, mas foi desviada para revelar o contorno da porta.

– *Che diavolo?* – murmura ele.

Estende o braço e faz força contra o defeito na parede. Para nossa surpresa, a parede move-se e começa a abrir-se, exigindo-lhe algum esforço. Um som terrível de arranhar enche a sala.

Nesse momento, apercebo-me.

– Oh, meu Deus! – exclamo. – É isso! É esse o raspar que tenho vindo a ouvir!

Não estava a imaginar o barulho que me assombrava durante a noite. Era *real*. Vinha da minha própria casa, do abrir e fechar desta porta secreta.

Mas quem estava dentro de minha casa, a abrir e a fechar esta porta, enquanto dormíamos?

Agarro no braço do Enzo antes que ele possa abrir a porta. Por mais que queira encontrar os miúdos, sinto um súbito pavor do que está por trás.

– Por favor, tem cuidado – imploro-lhe.

Ele olha-me por um segundo, aquiescendo ao meu aviso. Depois, abre a porta totalmente.

É uma pequena divisão, pouco maior do que um armário. Não tem janelas, o que me faz sentir uma sensação asfixiante de claustrofobia. Olho para o pequeno espaço, iluminado tenuemente por uma única lâmpada tremulante.

E, ao canto da sala, estão a Ada e o Nico, agachados no chão, a fitar-nos.

– Ada! Nico! – Os meus olhos enchem-se de lágrimas de alívio. – O que fazem aqui? Como encontraram esta sala? O vosso pai e eu estávamos tão preocupados!

Os miúdos põem-se de pé apressadamente, com expressões idênticas de culpa. Nem sei qual deles abraçar primeiro, mas o Enzo abraça-se à Ada, por isso faço o mesmo ao Nico. Começa por ficar tenso, mas depois enterra o rosto no meu peito. Agarrada a ele, lanço um olhar mais atento à pequena divisão. Tem cerca de metade do tamanho dos quartos dos miúdos e está extremamente empoeirada, como se ninguém cá entrasse há anos. Surpreende-me que a lâmpada ainda funcione. A um canto da sala, está um pequeno monte de pregos ferrugentos. A outro canto, vejo uma pequena pilha dos livros de banda desenhada do Nico.

– Desculpa, mãe – diz o Nico. – Encontrei esta casinha para brincar. Não sabia que não era permitido.

Só o meu filho seria capaz de rasgar o papel de parede novo da nossa casa e encontrar uma sala suja e nojenta, cheia de pregos com tétano, para depois a tornar no seu quarto de brincar. E, ao que parece, tem vindo a esgueirar-se cá para baixo várias noites por semana, a julgar pela frequência com que tenho ouvido o arranhar, que por várias vezes quase me causou um ataque cardíaco.

– Estávamos a chamar-vos! – digo. – Não nos ouviram?

A Ada afasta-se do Enzo, limpando os olhos. Está a chorar muito. Ao tocar no meu próprio rosto, apercebo-me de que também estou a chorar.

– Não ouvimos nada! – soluça a Ada.

Entretanto, a Suzette entrou na pequena divisão e está a examinar a porta.

– Parece ter uma camada muito densa de isolamento. Teria sido difícil ouvirem o que quer que fosse.

– Não ouvimos nada – confirma o Nico.

A Suzette está a observar o espaço, como se estivesse a avaliá-lo para quando a casa regressar ao mercado, depois de, inevitavelmente, não conseguirmos pagar o empréstimo.

– Não fazia ideia de que esta salinha existia sequer nesta casa. Devem tê-la tapado com papel de parede durante a remodelação. – Ergue os olhos para o teto.

– Talvez tenham achado que não era estável.

Lanço um olhar severo aos meus filhos.

– Não posso *acreditar* que estavam escondidos num quarto secreto. A casa nem sequer tem um teto estável.

– Desculpa – funga a Ada.

O Nico não volta a pedir desculpa, mas baixa os olhos.

– Está tudo bem. – O meu ritmo cardíaco parece ter abrandado para um valor normal. E a minha tensão arterial... Bem, de certeza que continua alta, porque é como está sempre, mas ao menos já não sinto que estou à beira de ter uma apoplexia. – Vamos sair desta sala perigosa por baixo da escadaria, por favor.

Começo por retirar os miúdos da sala. Segue-se o Enzo, baixando a cabeça para evitar bater no caixilho da porta, e a seguir saio eu. A Suzette fica para trás, a observar o espaço minúsculo. Juro por Deus que, se ela sugerir que transformemos esta sala numa espécie de quarto de brincar ou algo do género, sou capaz de lhe bater. *Não* gosto de espaços fechados. Não sei se alguma vez irei superar por completo a experiência que tive num sítio destes.

– Desculpa – repete a Ada, limpando os olhos. – Nunca mais voltamos a ir lá para dentro. Prometo.

Parece muito perturbada. A Ada leva tudo tão a peito.

– Eu sei que não, querida.

Continua a chorar, engolindo em seco para tentar controlar as lágrimas. Mas eis a parte estranha: quando entrámos na sala, os seus olhos pareciam vermelhos e inchados. Como se estivesse a chorar quando irrompemos na divisão.

Mas porque haveria a Ada de estar a chorar?

Depois do susto desta noite, o Enzo não deixa os miúdos sozinhos nem por um segundo. Passa duas horas a jogar basebol no jardim das traseiras com o Nico e até convence a Ada a receber as bolas. À hora de deitar, estão ambos exaustos, mas o Enzo parece ter montes de energia, enquanto despe a *T-shirt* e as calças de trabalho.

– Mediste a tensão esta noite? – pergunta-me ele.

Sabem que mais? Começo a ficar farta da preocupação com a minha tensão arterial.

– Sim – minto.

Medi-a esta manhã. Depois do aparato desta noite, nem quero saber como está agora. Fiz todos os exames que a minha médica recomendou e estava tudo bem. Sou apenas azarada ou defeituosa.

– Tentaste meditar? – pergunta-me ele.

Pesquisou um monte de técnicas de relaxamento que supostamente ajudam a baixar a tensão arterial e imprimiu um monte de artigos. A meditação estava no topo da lista, por isso comprou-me um livro sobre o tema, que está agora a ganhar pó numa das nossas estantes.

– E *tu*, já tentaste meditar? – replico eu. – É tão aborrecido.

Ele ri-se.

– Está bem. Tentamos juntos, então?

– Talvez noutra altura.

– Tudo bem. E que tal uma massagem?

Rio-me ao vê-lo levantar as sobranceiras. As massagens do Enzo são excelentes. Se estiver para aí virado, é tentador, mas estou tão cansada. E uma massagem nunca é só uma massagem – não com ele.

– Talvez mais tarde – digo.

Sobe para a cama ao meu lado e enfia-se debaixo dos lençóis.

– Não posso acreditar que temos uma sala extra que nem sequer sabíamos que existia – observa.

– Não é uma sala extra. É um perigo.

– Talvez não seja muito segura, é verdade – diz ele. – Mas aposto que, com um pouco de trabalho, podíamos pô-la em condições.

– *Não* vamos fazer isso, Enzo.

– Porque não?

Ergo as mãos.

– A sério que precisas de me fazer essa pergunta? Sabes como me sinto em relação a espaços pequenos e fechados.

Sabe. Sabe tudo o que passei e que estive trancada num espaço como aquele, de onde não podia escapar. Passar por algo assim dá-nos claustrofobia permanente.

Seria uma boa altura para ele largar o assunto, sobretudo se está preocupado com a minha tensão arterial, mas, por razões que não compreendo, não se cala.

– Podíamos arranjá-lo – insiste. – A Suzette diz que...

– Oh? O que diz a *Suzette*? Por favor, diz-me tudo o que a *Suzette* pensa.

Estreita os lábios.

– Sabes que ela é agente imobiliária. É isto que ela faz. Está a oferecer o seu saber.

– Queres saber uma coisa? Talvez ganhasses mais dinheiro se passasses mais tempo a *trabalhar* e menos no jardim dela.

– Só lá estou de vez em quando.

– Estás sempre lá! – expludo. – Até a meio da noite!

Ainda não o tinha confrontado com tê-lo encontrado no jardim da Suzette às dez da noite. Parece-me a melhor altura para o fazer, sobretudo quando já estou zangada.

Ele pestaneja.

– Não sei do que estás a falar.

– Há algumas semanas, vi-te a falar com a Suzette no jardim dela, enquanto estava a deitar os miúdos – digo. – O que estavas lá a fazer?

– Não me lembro. – Parece estar a falar a sério. É muito tentador acreditar nele. – Tinha uma pergunta qualquer. Acho que... queria uma roseira.

– Às *dez da noite*?

– Não é assim tão tarde – diz, com um encolher de ombros.

Talvez não para ele, que fica acordado até altas horas da noite.

– Olha – insiste. – Isto não tem a ver com a Suzette. Foi ideia *minha* remodelar a sala. Achei que o espaço extra seria bom.

– Espaço extra? – exclamo. – Enzo, o último sítio onde vivemos foi um T2 no Bronx. Esta casa ainda me parece um palácio.

– É só que... é muito mais pequena do que a da Suzette e do Jonathan. – Franze o sobrolho. – Não queres aproveitar aquela sala extra?

– Nunca mais quero entrar naquela divisão. – Estremeço só de pensar nisso. – E pensava que tu, de todas as pessoas, me conhecerias o suficiente para nem teres de perguntar. Se quiseses mesmo fazer alguma coisa àquela sala, podes comprar papel de parede novo e selá-la, para eu nunca mais ter de olhar para ela. Está bem?

Abre a boca para dizer qualquer coisa, mas depois volta a fechá-la. Conhece-me suficientemente bem para saber que não vou ceder, mas, ao mesmo tempo, consigo perceber que ainda a quer renovar. Quer converter aquela sala horrível minúscula

nalgun quarto de brincar ou num escritório.

– Está bem – diz ele. – Discutimos isto mais tarde.

Ou nunca.

Ao chegar do trabalho no dia seguinte, sinto o cheiro de cola por toda a casa. Não é agradável.

– Enzo? – chamo.

Tenho quase a certeza de que está em casa. Mais uma vez, vi a carrinha estacionada à porta. Talvez esteja outra vez em casa da Suzette ou talvez esteja escondido nalguma passagem atrás da parede e nunca mais o encontrarei. Depois do dia de ontem, não faço ideia do que esperar.

– Estou aqui! – responde, por milagre.

Sigo o som da sua voz até à lateral da escadaria, onde o vejo a passar cola na parede por baixo das escadas. Tem uma lona por baixo das botas, e vejo um rolo do que parece ser papel de parede no chão.

– Liguei à imobiliária – explica. – Perguntei se sabiam onde é que os antigos proprietários tinham comprado o papel de parede e comprei outro rolo.

– Porquê?

Baixa o pincel ao virar-se para olhar para mim.

– Disseste que querias a divisão selada, portanto, é isso que vou fazer.

Estou espantada. Tinha quase a certeza de que íamos ter mais cinco ou seis discussões sobre isto antes de ele aceitar selar a divisão. Mas, por algum motivo, aqui está ele a fazê-lo de livre vontade. Não tive sequer de o convencer.

– Desculpa ter discutido contigo ontem – diz, baixinho. – Compreendo como te sentes. A verdade é que... – Olha para a brecha na parede. É o único sinal de que há uma porta escondida por baixo; até a dobradiça está do lado de dentro. – Também me deixa nervoso.

Sinto um arrepio ante as suas palavras. A divisão é tão pequena e sufocante. Não posso imaginar como seria estar presa lá dentro. Bem, na realidade, *posso*. É esse o problema.

– Está melhor? – pergunta, procurando a minha mão com a que não segura a cola.

Pego-lhe na mão e vou a dizer que sim, mas um medo terrível apodera-se de mim nesse momento. Não espreitamos para dentro desta divisão desde ontem. E

se um dos nossos filhos tiver voltado a entrar? E se ele selou a sala e eles ficaram presos lá dentro? Afinal, é completamente à prova de som.

– Podes abrir a porta? – pergunto.

Ele franze o sobrolho.

– Mas... está coberta de cola.

É uma boa observação. A parede está completamente coberta por uma camada de cola, o que tornaria excepcionalmente difícil abri-la. Mas não consigo parar de pensar que pode estar alguém preso lá dentro e que, da próxima vez que ouvir o arranhar, será alguém a tentar escapar.

– Millie?

Engulo o nó na garganta.

– É só que... preocupa-me que...

– Os meninos estão lá em cima – diz, suavemente. – Perguntei-lhes se queriam ajudar antes de começar. Não quiseram – acrescenta.

Estou a ser ridícula. Não há qualquer razão para abrir esta porta e armar uma confusão enorme só porque estou paranoica.

– Eu posso ajudar-te a selá-la.

Ele sorri-me.

– Adoraria que me ajudasses.

Começamos a colar as folhas de papel de parede por cima da porta secreta. Não sossego até a porta estar completamente tapada. E, mesmo depois disso, não consigo afastar a sensação de que esta sala secreta vai voltar para me assombrar.

Estou no trabalho quando recebo uma chamada da escola dos miúdos.

Não há nada mais assustador do que ser contactado pela escola dos nossos filhos. Duvido que me estejam a ligar à uma da tarde para me darem *boas* notícias. A diretora não iria interromper o meu dia de trabalho para me dizer que o meu filho ganhou um concurso de ortografia.

Só ligam para dar más notícias. Como há dois anos, quando o Nico caiu em Educação Física e partiu o braço. Foi uma chamada à uma da tarde.

Estou a meio de um telefonema com uma família ansiosa de que não me consigo livrar, por isso fico apenas a olhar para o ecrã do telemóvel fixamente, com o pânico a aumentar. Quando me consigo desenredar do telefonema, a chamada da escola já foi para o correio de voz. Oiço a mensagem:

«Senhora Accardi, daqui fala a Margaret Corkum, a diretora da Escola Primária Frost. Pode, por favor, ligar-me imediatamente de volta para o número...»

A voz da diretora é seca e hostil. Não está *de certeza* a ligar por causa de um concurso de ortografia. Com uma mão trémula, marco rapidamente o número que me deu.

– Margaret Corkum – diz a voz do outro lado da linha.

– Olá – digo, para o telefone. – Fala Millie Accardi... Recebi uma chamada...

– Obrigada por me ligar de volta, senhora Accardi – responde, no mesmo tom tenso que tinha na mensagem de voz. – Sou a diretora da escola. Julgo que nos conhecemos brevemente quando fez uma visita guiada, antes de os seus filhos virem para cá.

– Ah, sim. – Lembro-me vagamente de a diretora Corkum ser uma mulher simpática de meia-idade com o cabelo grisalho curto. – Está tudo... O que se passa?

– Estou a ligar por causa do seu filho, o Nicolas. – Pigarreia. – Ele está bem, mas vou precisar que venha para cá imediatamente.

Aperto o telemóvel com mais força. Os meus dedos começam a formigar.

– O que aconteceu?

Ela hesita.

– Devia vir cá para podermos falar pessoalmente. O seu marido já está a caminho.

Também ligaram ao Enzo? Oh, meu Deus, isto não é nada bom.

Olho para o relógio. Tenho uma reunião com a família de um paciente daqui a vinte minutos, mas a minha família tem de ter prioridade. Posso pedir a alguém para me substituir.

– Vou já para aí – digo-lhe eu.

Faço todo o caminho até à escola a acelerar. Não consigo pensar como deve ser. Quase passo um sinal vermelho. Recebi várias chamadas das escolas dos miúdos ao longo dos anos, mas esta é a primeira vez que me dizem para lá ir sem qualquer explicação do que aconteceu. Pelo menos, a diretora disse que o Nico está bem. Não está morto nem no hospital. Ela disse que está bem.

Mas e se alguém não estiver? Esse pensamento assombra-me.

Ao chegar à escola, reconforta-me o facto de não haver ambulâncias nem carros dos bombeiros alinhados à porta. Tenho de dar entrada na receção, onde demoram uma eternidade a emitir um pequeno autocolante com a identificação temporária, que ponho ao peito. Sigo as indicações até ao gabinete da diretora e encontro o Enzo sentado à porta, numa cadeira desconfortável de plástico. Levanta-se, ao ver-me.

– Disseram-me para esperar até tu chegares – diz-me ele.

– Sabes o que se passa? – pergunto.

Ele abana a cabeça. Apesar de saber tão pouco como eu, sinto-me muito grata por ele estar aqui. O Enzo pode ser incrivelmente encantador, o que pode dar jeito, se o Nico estiver metido em sarilhos. Apesar disso, adorava que o Enzo não tivesse as botas cheias de terra. Deixou um rasto ao entrar na sala.

Voltamos a sentar-nos nas cadeiras de plástico. O Enzo não para de bater com o pé no chão e, ao fim de um minuto, estende o braço para me pegar na mão. Trocamos olhares nervosos.

– De certeza que não é nada de grave – digo, apesar de não ter certeza nenhuma disso.

– Não vi nenhuma ambulância – concorda o Enzo. Era exatamente o que eu estava a pensar. – Não há de ser nada.

– Esta escola é tão pretensiosa – acrescento. – Aposto que só devia ter, sei lá, demasiados rasgões nas calças de ganga.

– Tem, de facto, muitos rasgões nas calças de ganga – concorda.

Aperta-me a mão. Nenhum de nós acredita mesmo nisso.

Finalmente, a diretora abre a porta do gabinete, com um ar semelhante ao que

eu recordava. Até veste uma blusa branca e umas calças bege, como durante a visita guiada. Ao contrário desse dia, não está a sorrir.

– Entrem, por favor – diz-nos ela.

O Enzo aperta-me a mão uma última vez e seguimo-la para o interior do gabinete, onde o Nico está sentado. Ao ver-lhe o rosto, arquejo. Tem o olho marcado e a gola da camisola rasgada. Daqui a uns dias, terá, certamente, um olho negro. Tem também ar de quem andou a rebolar pela lama.

– O Nicolas envolveu-se numa luta durante o intervalo – diz-nos ela.

O Nico nem olha para nós. Está cabisbaixo. E bem que deve estar.

Não posso acreditar que andou à luta. Como pôde fazer algo assim? Já se tinha metido em apuros por muitas razões diferentes, mas nunca por nada violento.

– Quem começou a luta? – pergunta o Enzo.

A diretora Corkum estreita os lábios.

– Foi o Nicolas.

– Nico! – exclamo. – Como foste capaz?

– Desculpa – murmura ele, para a camisola rasgada.

– Porquê? – pergunta o Enzo à diretora. – Por que razão estavam a lutar?

– O outro rapaz estava a gozar com uma rapariga no recreio – responde ela. – Como é óbvio, não foi um bom comportamento da parte do outro rapaz, mas a reação do Nicolas foi totalmente inapropriada. Podia ter dito a um professor ou, se não quisesse envolver os professores, podia ter falado com o colega. Em vez disso, deu-lhe um murro no nariz.

– Portanto – diz o Enzo, secamente. – O meu filho defende uma rapariga e é ele que fica em apuros?

– Senhor Accardi – responde a diretora, de forma tensa. – O seu filho está em apuros por lutar no recinto da escola. O outro rapaz está nas Urgências. Pode ter o nariz partido.

– Eu parti o nariz uma vez. – Acena com a mão, como se não fosse nada de especial, o que me faz retrair. – Ainda funciona.

Pensava que o Enzo ia usar o seu encanto para nos safar, mas só está a piorar a situação. Não sei o que julga que está a fazer, mas devíamos estar a ajoelhar-nos neste momento.

– Lamentamos imenso que isto tenha acontecido – digo à diretora. – Garanto-lhe que será castigado.

– Temo que isso não seja suficiente, atendendo às circunstâncias – responde a diretora Corkum. – Vamos ter de suspender o Nicolas o resto da semana.

Temia isto desde o segundo em que vi o rosto do Nico, mas, agora que ela disse as palavras, apetece-me desatar a chorar. Uma suspensão? Como é possível? Como afetará isto o seu futuro? Será que as universidades investigam as suspensões no terceiro ano?

Não, não é esse o problema. O problema é que, por alguma razão, o Nico decidiu dar um murro no nariz a outro rapaz, quando tem idade suficiente para saber que não devia.

– Tudo bem – diz o Enzo. – Vamos para casa, então.

O Nico nem olha para nós, enquanto fazemos a caminhada da vergonha até à

saída da escola. Não tem o melhor controlo de impulsos do mundo, mas nunca antes tinha feito nada deste género. Nunca me puxou sequer o cabelo quando era bebé. Não é violento.

Ou, pelo menos, nunca tinha sido.

Mal saímos da escola e descemos para o parque de estacionamento, o Enzo põe uma mão no ombro do Nico.

– Quem era o rapaz com quem andaste à luta?

– O Caden Ruda – responde o Nico, deixando descair os ombros. – É um idiota.

– Não importa se é um idiota – digo. – Não podes começar assim a lutar.

– Eu *sei* – murmura o Nico.

– A tua mãe tem razão – diz o Enzo, mas hesita. – Mas também não quero que penses que é errado defender alguém que está a ser importunado.

Os olhos negros do Nico arregalam-se ante as palavras do pai.

– Enzo – atiro. – O Nico está em sarilhos. Deu um murro na cara a um rapaz!

– A um rapaz que mereceu.

– Não sabemos isso!

Semicerra os olhos na minha direção.

– Seria de esperar que tu, de entre todas as pessoas, compreendesses o quanto é importante defender quem está em apuros.

Tem razão. Sempre defendi quem estava em apuros. E onde me levou isso? Fui parar à prisão por defender uma amiga. Evitei que fosse violada, mas depois fui longe demais e perdi dez anos da minha vida. O Enzo também defende quem está em apuros, mas sempre foi mais esperto ao fazê-lo. Afinal, nunca estive na prisão, como eu.

Esperava que o Nico saísse a ele. Não quero que o meu filho saia a mim.

– Foi a coisa errada a fazer – insisto, obstinadamente. – Nicolas, estás de castigo.

– Está bem – murmura.

– E vens para casa no meu carro – acrescento.

Não quero correr o risco de o Enzo lhe voltar a dizer que é um herói por ter partido o nariz ao outro miúdo.

Odeio que o Nico se recuse a olhar para mim ou sequer a oferecer um pedido de desculpas sincero. Não parece nada típico do Nico. Não é perfeito, mas sempre pediu desculpa rapidamente, quando se metia em apuros. Quando foi que isso mudou?

Parece que o meu filho está a crescer, e não sei se me agrada a pessoa em que se está a tornar.

Depois do jantar, vou ver como está o Nico para garantir que está bem.

Passou o jantar muito calado, a empurrar a comida de um lado para o outro no prato em vez de a comer. Entretanto, o Enzo agiu como se nada se passasse. Acredita verdadeiramente que o nosso filho não merece ser castigado.

Ao entrar no quarto do Nico, encontro-o a ler um livro de banda desenhada. Como parte do seu castigo, tirámos-lhe todos os aparelhos, mas ele adora banda desenhada. Está sentado na cama, com o cabelo preto despenteado, de olhos fixos na página à sua frente. O olho esquerdo já está a ficar negro e azulado, mas, ao sentar-me na beira da cama, vejo que tem ambos os olhos raiados de sangue.

– Olá, querido – digo. – Como estás?

– Bem – responde ele, sem erguer o olhar do livro.

– Estás aborrecido com o que aconteceu hoje na escola? Não faz mal se estiveres.

– Não.

– Nico. – Solto um suspiro. – Queres fazer o favor de olhar para mim?

Demora alguns segundos a desviar os olhos da banda desenhada.

– Não se passa nada. Estou bem. Só quero ler.

Semicerro os olhos para o fitar, sem saber muito bem se acredito nele.

– Dói-te o olho?

– Não.

Olho para a jaula onde o *Pequeno Quivi* tem vindo a residir, desde que o Enzo o impingiu à nossa família. Tento captar um vislumbre do louva-a-deus, mas não o vejo. Procuro entre os galhos e folhas no interior, mas não parece estar em lado nenhum. Só vejo um monte de moscas.

Oh, meu Deus. Terá aquela coisa horrível *escapado*? Este dia não pode piorar.

– Morreu – diz o Nico.

– O quê?

– O *Pequeno Quivi* morreu – repete ele. – Estava na muda e... suponho que ficou preso e morreu.

– Oh! – Não sei bem o que sentir em relação à morte de um inseto que odiava com cada fibra do meu ser. Mas o Nico parecia gostar muito dele. – Onde o puseste?

– Deitei-o pela sanita abaixo.

Fico de queixo caído. Não parece um funeral apropriado para um animal de estimação amado, mesmo para um louva-a-deus horripilante. Imaginava que teríamos de fazer alguma cerimónia solene no jardim das traseiras, com uma pedra tumular comemorativa, quando o *Pequeno Quivi* falecesse.

– Deitaste-o *pela sanita abaixo*?

– Era um *inseto*, mãe – responde o Nico, num tom exasperado.

Não sei o que responder. Algo nesta situação é altamente perturbador para mim.

– O que estás a pensar fazer enquanto estás suspenso?

Eu própria mal sei. Terá de ir para o trabalho comigo ou de acompanhar o Enzo nos trabalhos de paisagismo.

– Não sei.

– Talvez possa combinar uma tarde para ires brincar com o Spencer depois de ele chegar da escola – sugiro. Tiveram alguns encontros desde que lá fomos pela primeira vez e ambos pareceram gostar bastante. – Assim, terás alguma interação social ao menos. Pode ser?

O Nico volta a encolher os ombros.

– Está bem.

Pega no livro de banda desenhada e recomeça a ler. Suponho que a nossa conversa acabou.

Regresso ao nosso quarto, mas sinto uma vaga de náusea. Não sei o que se passa com o Nico. Sempre foi impulsivo, mas nos últimos tempos é outro nível. As mudanças são difíceis para as crianças, ainda assim. Espero que isto seja só uma fase e que ele recupere rapidamente e retorne ao seu eu antigo e alegre. E que pare de lutar com outros miúdos.

Ao entrar no quarto, vejo o Enzo a remexer na gaveta da mesa de cabeceira, de lábios franzidos.

– Millie – diz, ao ver-me entrar. – Tiraste algum dinheiro desta gaveta?

– Não, porquê?

– Tinha cinquenta dólares aqui dentro – explica. – Ou, pelo menos, acho que sim. Mas... desapareceram.

– Talvez a Martha os tenha tirado – digo, de súbito.

Ele ergue o olhar.

– A Martha?

Ainda me lembro de quando a apanhei a vasculhar a gaveta da secretária da sala de estar. Se andava a vasculhar na sala, porque não o faria no nosso quarto? Sabia que a devia ter despedido.

– Esteve aqui a limpar, portanto...

– Talvez a devesse acusar, então. Correu bem da última vez, não foi?

Mais uma acusação falsa contra a Martha significaria que ela nunca mais punha cá os pés. E ela é muito boa a limpar. É tão... eficiente. Mata-se a trabalhar e

nunca se queixa, nem mesmo quando deixo pratos no lava-loiça.

Mas também não a quero aqui se nos andar a roubar. Há outras empregadas de limpeza que são boas a limpar e *não* roubam dinheiro. Além disso, nunca me senti muito confortável perto da Martha.

– Talvez tenha sido eu a tirar o dinheiro – observa o Enzo, pensativo. – Acho que sim. Só não tenho a certeza.

– Enzo – digo. – Podemos falar sobre o Nicolas?

Ele fecha a gaveta. Espeta o queixo, numa expressão defensiva. Já estou a ver como esta conversa vai correr.

– O que há para falar? É injusto.

– Não é injusto. Ele deu um murro na cara a um rapaz.

Incomoda-me que isso faça o Enzo sorrir.

– Um rapaz foi mal-educado para uma rapariga, e ele defendeu-a. Bom para ele!

– Não devia andar a partir o nariz aos outros miúdos.

– A diretora diz que o nariz não está partido – lembra-me ele. Recebemos um *e-mail* da diretora a informar-nos. Ainda bem, pois não nos podemos dar ao luxo de ser processados. – Só ficou pisado, certo? Não é nada.

Também me incomoda que o Enzo pareça desiludido por o nariz do rapaz não estar partido.

– Não é essa a questão.

– É um rapaz. É isso que os rapazes fazem. Lutam. Eu passava a vida a fazê-lo quando era mais novo.

– Esmurravas miúdos quando eras mais novo?

– Às vezes.

Bem, é interessante saber isso. Não sei se está a exagerar ou se está a falar a sério. Como disse, o Enzo evita diligentemente falar sobre a vida antes de vir para este país. Mas tenho a certeza de uma coisa: o Enzo teve de fugir de Itália porque espancou um homem quase até à morte com as próprias mãos.

Na sua opinião, foi mais do que merecido.

Apesar disso, sempre vi o meu marido como o mais estável de nós os dois. Posso agir de cabeça quente, mas ele pensa nas coisas. Não agrediu o homem num acesso de raiva. O homem que atacou era o cunhado, que costumava espancar regularmente a irmã do Enzo, até que acabou por a matar. O Enzo encontrou o homem, espancou-o de tal forma que ficou irreconhecível e apanhou um avião para Laguardia nessa noite. Sabia exatamente o que estava a fazer.

Estava a vingar-se.

– Foi suspenso, Enzo – lembro-lhe eu. – Isto é muito importante.

– Uma suspensão no terceiro ano não é nada de especial.

Frustra-me que o Enzo se recuse a reconhecer a importância disto. Faz-me interrogar ainda mais sobre os seus dias de juventude e como costumava ser. Passava mesmo a vida a envolver-se em lutas deste tipo? Talvez sim. Afinal, espancou o cunhado sem sofrer qualquer lesão. Não se faz isso da primeira vez que se dá um soco.

O Enzo Accardi é um bom homem. Acredito nisso de todo o coração. Sempre

cuidou bem da nossa família.

Mas cada vez me interrogo mais sobre o seu passado. Pergunto-me o que fez e o que é capaz de fazer.

Não quero o Nico a amuar pela casa. Pode estar de castigo, mas também quero que socialize um pouco e que não se limite a acompanhar o Enzo nalguns dos trabalhos ou a ficar sentado no meu escritório. Por isso, na manhã seguinte, enquanto o Nico fica no quarto, acompanho a Ada à paragem do autocarro, para poder combinar um encontro com o Spencer.

Como expectável, a Janice aparece na paragem do autocarro com o Spencer, com a trela presa firmemente à mochila. Acena-me de forma cordial, mas reconheço que não sou a sua pessoa favorita. Ao menos, os rapazes são bons amigos.

Depois de os miúdos subirem para o autocarro que os leva para a escola, pigarreio e esboço o meu melhor sorriso à Janice.

– O que diz de combinar um encontro para os rapazes brincarem hoje depois da escola?

Ela resfolega.

– Um encontro? Deve estar a gozar comigo, Millie.

A julgar pela veemência da resposta, devia largar o assunto, mas não consigo.

– Porque não?

– O Nico foi *suspenso*. – Traz um roupão por cima de uma longa camisa de noite e aperta-o mais sobre a sua figura ossuda. – Por *andar à luta*.

– Para defender uma rapariga que estava a sofrer de *bullying*.

Pareço o Enzo. Apercebo-me de que ele tinha, realmente, uma certa razão.

– Sim, pois – diz-me a Janice, com um sorriso escarninho. – Sinceramente, Millie, mesmo que isto não tivesse acontecido, não tencionava deixar o seu filho voltar a entrar em minha casa.

– Porque não? O Spencer adora-o.

– O Spencer é uma *criança*. – Empurra os óculos mais para cima sobre a cana do nariz. – Não me agradou o comportamento do Nico em minha casa. Foi muito mal-educado, e achei-o extremamente agressivo. Não me surpreende de todo que tenha dado um murro a outro rapaz.

Por mais que odeie ouvi-la falar assim do meu filho, parte de mim quer

extrair-lhe mais informações. O que fez o Nico em sua casa que achou assim tão inaceitável? Tenho de me preocupar com mais alguma coisa? A Janice é um pouco estranha, mas é muito observadora – tenho de lhe dar mérito nisso.

– Odeio dizê-lo – acrescenta ela –, mas é isto que acontece quando escolhe trabalhar o dia inteiro e deixa os seus filhos sozinhos. Há um preço a pagar por ter uma carreira ao mesmo tempo que tenta ser mãe.

– O Nico é um bom menino – digo, por entre dentes. – A mudança tem sido difícil para ele.

– Não tenho assim tanta certeza disso – retorque. – Teve um comportamento repreensível. Francamente, também não aprovo o comportamento do seu marido.

– Do Enzo? – interrogo. – O que fez ele de mal?

– Não acha *estranha* a frequência com que o seu marido visita a Suzette? – Os seus olhos encontram os meus pelo rebordo dos óculos. – E desconfio que se passa ali mais do que julga.

Sinto o rosto a arder. Como se atreve ela a insinuar que o meu marido anda enrolado com outra nas minhas costas?

– O Enzo está a ajudar a Suzette com o jardim, para que ela o recomende a possíveis clientes. É um gesto totalmente inocente.

– Está a ajudá-la com o jardim *dentro de casa*? Quando o marido dela não está?

Odeio ver o sorriso alastrar pelos lábios da Janice, quando percebe que as suas palavras atingiram finalmente o alvo.

– Está enganada – digo, por fim.

– Não estou, não – responde. – Capto vislumbres pelas janelas, Millie.

Lanço um olhar ao número 12 da Locust Street. Nesse momento, a Suzette sai de casa com um roupão minúsculo. Entre ela e a Janice, parece que sou a única que decidiu vestir-se esta manhã. A Suzette tira o correio da caixa junto à sua porta da frente e acena-nos. A Janice retribui. Não sei como, mas obrigo-me a fazer o mesmo. Sustenho a respiração até a Suzette ter voltado para dentro de casa.

Quando volto a olhar para a Janice, vejo um sorriso presunçoso na sua cara. Quero arrancar-lho à chapada.

– Quer dizer então... o quê? – digo. – Que passa simplesmente o dia inteiro a observar os vizinhos? A espiar as outras duas casas?

– Alguém tem de o fazer – retorque. – Seria melhor para si se fizesse o mesmo.

Sigo o olhar da Janice, que está voltado para a frente da minha casa. A porta principal abre-se, e o meu marido sai para recolher o correio. Ainda está de calças de pijama e está sem camisola. Ao ver-nos, abre um grande sorriso e acena. A única coisa em que consigo pensar é: *Será assim tão difícil vestir uma camisola?*

– Afinal – diz-me a Janice –, *ela* também está a ver.

Não posso acreditar que me esqueci do telemóvel em casa.

É a prova de como tenho andado com os nervos em franja ultimamente. Ando sempre com o telemóvel praticamente colado à mão, mas consegui fazer quase todo o trajeto até ao trabalho antes de perceber que me esqueci de o trazer. Espanta-me que tenha feito tal coisa. É como se tivesse ido trabalhar sem camisola.

Passo alguns minutos a ponderar se vale a pena ir buscá-lo a casa. O Nico voltou para a escola esta semana. Se não tiver o meu telemóvel, vou passar o dia inteiro preocupada, a pensar se se estará algo a passar sem que eu saiba. Por isso, dou meia-volta e regresso a casa para o ir buscar. Felizmente, não tenho reuniões até às dez, e está pouco trânsito.

Consigo regressar a casa nuns impressionantes vinte minutos e entro pela garagem. A Martha veio limpar hoje, o que significa que a casa está perfumada pelo aroma cítrico do seu líquido de limpeza. Começou a trazer produtos próprios, e adoro o seu cheiro. Devia perguntar-lhe onde os compra, para o futuro.

Tenho de admitir que a Martha é incrível. Ainda não estou convencida de que não é um ciborgue, mas estou grata por o Enzo ter insistido em contratá-la. Também estou grata por me ter dissuadido de a despedir.

Verifico a cozinha e a sala de estar, mas não há sinal do meu telemóvel. Se o Enzo aqui estivesse, pedia-lhe para me ligar, mas não parece estar mais ninguém em casa a não ser a Martha. Oiço-a no andar de cima, a passar o aspirador. Subitamente, lembro-me de que, enquanto me vestia nessa manhã, reparei que o meu telemóvel estava com pouca bateria, por isso pousei-o na base de carregamento sem fios da mesa de cabeceira. Ainda deve estar lá.

Enquanto subo as escadas e estou prestes a chegar ao cimo, o aspirador para. Desço o corredor até ao quarto. Os meus sapatos rasos quase não fazem barulho na alcatifa, por isso consigo captar vagamente o som de uma gaveta a abrir-se. Paraliso, perguntando-me porque estará a Martha a abrir uma gaveta. Sou eu que trato da roupa, por isso não é algo de que esteja encarregada. Do que poderia estar à procura numa gaveta?

Acelero o passo, mas tento evitar os locais onde descobri que as tábuas do soalho tendem a ranger. Chego ao quarto principal e, o mais silenciosamente possível, espreito para o interior.

A Martha está dentro do quarto, como previa. Uma das gavetas da minha cómoda está aberta, e ela está a espreitar lá para dentro. Sustenho a respiração ao vê-la tirar o guarda-joias que guardo na gaveta. Abre a tampa e, enquanto a observo, tira um colar e deixa-o cair no bolso das calças.

Uau, não sei se teria acreditado se não o tivesse visto com os meus próprios olhos.

– Martha! – exclamo.

De um salto, a Martha afasta-se da cómoda, largando o guarda-joias na gaveta e fechando-a com força.

– Oh! Olá, Millie. Eu... não me tinha apercebido de que ainda cá estava!

Vai mesmo fazer de conta que não acabou de roubar um colar da minha gaveta?

– Vi o que fez – digo. – Vi o que tirou.

A Martha parece sempre tão calma e serena, mas não neste momento, enquanto os seus olhos cinzentos aquosos se precipitam em redor do quarto.

– Não sei do que está a falar. Estava só a dobrar algumas roupas. Pensei que podia organizar as gavetas.

Sim, pois.

– Esvazie os bolsos.

– Millie – diz. – Lembra-se de como estava errada acerca do vaso? Eu nunca...

– *Esvazie os bolsos.*

A Martha endireita os ombros.

– Não tenho de tolerar que me fale dessa maneira. Pode considerar isto a minha demissão.

Começa a passar por mim, de cabeça erguida. *Não tão depressa.* Antes que ela possa sair do quarto, interponho-me no caminho, bloqueando-a.

– Juro por Deus, Martha – declaro. – Vi-a meter o meu colar ao bolso, e não vai sair desta casa até o recuperar.

A Martha é uns cinco centímetros mais alta do que eu e deve pesar, pelo menos, mais quinze quilos. Mas eu sou mais nova e mais rápida. Mais importante do que isso, estou disposta a defender-me com unhas e dentes, se for preciso. O meu filho não é o único a saber bater em alguém. De uma maneira ou de outra, vou recuperar o meu colar.

Percorre-me com o olhar e leva um minuto a perceber que estou a falar a sério. Silenciosamente, leva a mão ao bolso e tira o colar cravejado de pequenos diamantes que o Enzo me comprou no meu aniversário há dois anos. Na verdade, são zircónias cúbicas e não têm grande valor, fora o sentimental – que é bastante.

– Peço desculpa – murmura ela. – Ia só levá-lo emprestado para...

– Saia.

A Martha limpa as mãos trémulas ao avental. De perto, vejo que as rugas no seu rosto são mais profundas do que julgava, e, pela primeira vez desde que a conheço, tem o cabelo grisalho a soltar-se do puxo sensato.

– Vai... vai falar disto à Suzette?

– Talvez.

Dar-me-ia um certo grau de satisfação dizer à Suzette que a empregada de limpeza me tem andado a roubar. Sabe-se lá porquê, a Martha decidiu roubar-me a mim quando a Suzette tem coisas muito melhores.

Tarda um momento a recompor-se, mas, quando volta a falar, a voz não vacila.

– Se lhe falar de mim, eu falo-lhe de *si* – declara.

Sinto uma veia a latejar na têmpora.

– De *mim*?

– A Suzette ficaria muito interessada em saber que a nova vizinha é uma ex-presidiária.

Dou um passo atrás, de coração a palpitar. A minha tensão arterial neste momento deve estar em mil milhões por um milhão. Afinal, não foi imaginação minha quando, no outro dia, me pareceu que ela tinha enfatizado a palavra «criminosa». De alguma forma, a Martha conhece o meu passado sombrio.

– Como descobriu? – pergunto.

– Não se preocupe – diz, num tom calmo, deixando-me exasperada. – Ninguém ficará a saber do seu segredo. A menos que diga alguma coisa à Suzette.

Odeio que me esteja a chantagear, mas tenho de ceder. Que alternativa tenho? Se a Suzette souber do meu passado, dirá a *toda a gente*. Nem consigo imaginar a vergonha nas reuniões da Associação de Pais e Professores.

E se os miúdos soubessem? Seria horrível. Não quero que saibam do meu passado. Não até terem idade suficiente para compreenderem – e talvez nem mesmo então.

– Tudo bem – silvo. – Não digo nada à Suzette.

– Ainda bem que estamos entendidas – responde a Martha, secamente.

A minha empregada de limpeza passa por mim, batendo-me no ombro ao dirigir-se às escadas. Sigo-a escadas abaixo até à porta da frente, só para garantir que sai sem roubar nem destruir nada. Só ao vê-la rodar a fechadura para sair é que me apercebo de que tem as mãos a tremer.

D-espedita-a?

O Enzo parece surpreso quando lhe conto o que aconteceu com a Martha enquanto estou a fazer o jantar. Uma vez que a *pasta alla Norma* que fiz há várias semanas não foi um sucesso estrondoso, estou a fazer macarrão com queijo pela milionésima vez. Pelo menos, sei que os meus filhos vão comer. É mais fácil assim, simplesmente.

– Estava a *roubar-nos* – digo. – O que havia de fazer? Dar-lhe um aumento?

Tira alguns pratos do armário junto ao lava-loiça. Não é grande cozinheiro, mas está sempre disponível para pôr a mesa e encher a máquina de lavar loiça no fim.

– Estou só a dizer que tinha um bom emprego. Connosco e também com a Suzette e o Jonathan. Porque haveria de roubar?

– Não sei – respondo, irritada. – Achas que tenho alguma visão da psicologia de um ladrão? Talvez seja cleptomaníaca.

Ele sorri-me.

– Nunca me tentou encurralar no quarto.

– Não é *ninfomaníaca*. Meu Deus. – Reviro os olhos. – *Clepto*-maníaca. Aquelas pessoas que têm a compulsão de roubar.

– Isso existe?

– Li sobre isso na minha cadeira de psicologia.

– Ah... – Tira um punhado de talheres da gaveta, apesar de nunca parecer pegar nos talheres certos. Alguém acaba sempre com dois garfos em vez de um garfo e uma faca. Não sei como consegue fazer isso. Mesmo que se enganasse ao tirá-los da gaveta, não deveria reparar ao pô-los na mesa? – Pagaste-lhe o último salário, nesse caso?

– Enzo. – Viro as costas ao macarrão com queijo a ferver para o fitar. – Ela *roubou-nos*. Apanhei-a a roubar o colar que tu me deste, e também deve ter tirado aquele dinheiro que tinhas na gaveta junto à cama.

– Eram só cinquenta dólares.

Não contei ao Enzo o que a Martha me disse antes de partir, a ameaça que me fez. Não me consigo obrigar a revelar todos os pormenores, mas não sei bem porquê. Os meus filhos podem não saber que estive na prisão, mas o Enzo sabe de tudo. No entanto, não compreende a vergonha que sinto. Não compreende por que motivo não quero que os miúdos saibam, e sempre foi a favor de lhes dizermos «antes que sejam eles a descobrir».

Seja como for, não vou passar um cheque a uma mulher que me roubou e ameaçou.

Notoriamente, o Enzo tem uma sensibilidade especial no que toca às mulheres, talvez por causa da irmã, a Antonia, e por sentir que podia ter evitado a sua morte, se a tivesse protegido melhor. Foi por isso que ficou do lado do Nico por ter defendido aquela rapariga. Não parece achar que as mulheres sejam capazes de fazer coisas más, mas está absolutamente errado.

Sinceramente, depois do que passámos juntos, já devia saber.

– Olha. – Respiro fundo. – Não sei porque é que a Martha nos roubou, mas não interessa. Já temos problemas financeiros que cheguem sem que alguém nos roube. Sejam quais forem os problemas dela, não posso lidar com isso agora.

Ele inclina a cabeça para o lado.

– Como estava a tua tensão arterial esta manhã?

– Enzo! Não é essa a questão.

– Eu sei – diz, baixando a cabeça. – Tenho de me esforçar mais para trazer dinheiro para a nossa família. É por isso que estou a trabalhar tanto para fazer crescer o negócio. Para deixarmos de ter preocupações financeiras.

Sinto-me terrível por ele se martirizar tanto com os nossos problemas financeiros. Não estamos assim tão mal. Oxalá não remoesse tanto no assunto. Temo que os miúdos o oiçam e fiquem nervosos – especialmente a Ada.

– Estamos bem. – Desligo o fogão para poder abraçá-lo. Ele não tarda a abraçar-me de volta, e eu apoio a cabeça no seu ombro firme. – Estás a fazer um ótimo trabalho. Aposto que, daqui a um ano ou dois, estaremos ainda melhor.

– Sim – murmura. – Ou talvez... antes.

Não sei do que está a falar. Apesar de o seu negócio estar a crescer, não está a crescer assim *tão* depressa. Um ou dois anos é otimista. Vamos passar o futuro próximo, no mínimo, a contar todos os cêntimos.

Às vezes, pergunto-me se tudo isto valeu a pena.

V iemos todos ver o jogo da Liga Infantil de Basebol do Nico.

A Ada não costuma querer vir, mas hoje aceitou acompanhar-nos. Alegro-me por a minha filha estar aqui, pois o Nico não tem sido o mesmo desde a suspensão há algumas semanas, apesar de ser bastante evidente que ela não está interessada no jogo, a julgar pelo facto de ter trazido um livro de capa mole para ler, enquanto está sentada no estádio ao nosso lado. A Ada não vai a lado nenhum sem um livro.

– O que estás a ler? – pergunto-lhe eu.

As suas pestanas longas negras tremulam. Tem a pele morena, como a do Enzo, que lhe esconde o rubor das faces, ao contrário da minha. Mas consigo sempre perceber quando a deixo desconfortável.

– Desculpa – diz ela. – Eu guardo o livro.

– Não faz mal – digo. – Também acho o basebol bastante aborrecido. – Aponto com a cabeça para o Enzo, que está praticamente a saltar da cadeira enquanto vê o jogo. Adora desporto, mas adora ainda mais ver o Nico a jogar. – Mas *ele* gosta.

– Estou a ler *Stranger with My Face*, de Lois Duncan – diz.

– Oh, adorei esse quando era miúda. Adorei todos os livros dela, na verdade.

Sinto uma pontada de tristeza ao pensar na minha infância e em como tudo correu mal. Seria tudo diferente se eu não tivesse atacado aquele rapaz e acabado por o matar? Por outro lado, agora, tenho uma boa vida. Amo o meu marido e tenho dois filhos incríveis. Se tive de sofrer algumas adversidades (ou *muitas* adversidades) para aqui chegar, foi porque era simplesmente assim que tinha de ser.

Bebo um gole da garrafa de água que trouxe. Ainda estamos apenas em meados de maio, mas parece que o fim de semana vai ser extremamente quente. O meu telemóvel diz que estão vinte e muitos graus. Os miúdos parecem desconfortáveis e sem energia.

Quando o Nico avança para bater, dou uma cotovelada à Ada para pousar o livro. Não conseguiu acertar em nenhuma bola o dia todo, e tem aquela expressão

frustrada que lhe surge no rosto às vezes. É bastante bom batedor, por isso deve estar a preparar-se mentalmente ou algo assim. Espero que consiga acertar desta vez.

O lançador arremessa a bola por cima da base e oíço um estalo quando o taco estabelece contacto. O Enzo grita de entusiasmo. *Sim, Nico!* Ressalta uma vez e roda para o campo. O Nico atira o taco para o lado e desata a correr em direcção à primeira base.

O lançador consegue agarrar a bola. Com a velocidade de um relâmpago, atira-a na direcção da primeira base. O Nico desliza para a placa no preciso instante em que o primeiro-base apanha a bola. Faço figas com os dedos das mãos e dos pés para que não esteja fora, mas nesse momento o árbitro abana a cabeça.

– Não. Não! – Subitamente, o Enzo está de pé, aos gritos. – Não está fora! Não!

Aparentemente, o Enzo acha que foi uma decisão injusta – o que não significa necessariamente que seja, de facto.

O Nico também ficou insatisfeito com a decisão. Quando o outro miúdo lhe diz qualquer coisa, ele tira o boné da cabeça e atira-o ao chão. O Nico está a gritar qualquer coisa, mas só consigo distinguir a palavra «treta». Sustenho a respiração, pedindo mentalmente ao meu filho que recue e regresse ao banco.

É então que o Nico desfere o soco.

Sabia que costumava ficar zangado e que já se tinha exaltado durante outros jogos da Liga Infantil, mas nunca o tinha visto a ser violento. Agora, vejo-o esmurrar o primeiro-base em cheio no estômago, fazendo com que o pobre miúdo tombe violentamente. Cai-me o coração aos pés ao ver tudo a acontecer e levanto-me a toda a pressa.

O Enzo também está a ver e paralisa, calando-se de súbito. Ficou do lado do Nico quanto ao que aconteceu na escola, mas isto é mais difícil de defender. O outro miúdo não fez nada de mal, mas o Nico esmurrou-o.

Não sei grande coisa de italiano, mas percebo que está a praguejar em surdina.

– Millie. – Vira-se para mim, de cenho franzido. – O Nicolas acabou de dar um murro àquele miúdo.

– Eu vi.

– *Cazzo* – murmura. – Em que está ele a pensar? Temos de o tirar daqui.

Descemos ambos ao campo. O outro miúdo está no chão, a soluçar. O Nico ergue-se sobre ele, respirando pesadamente. O treinador, um homem chamado Ted, que é pai de um dos outros rapazes, não parece nada satisfeito. Tem manchas de suor debaixo de ambos os braços e parece não gostar nada de estar aqui ao calor. Agora, também tem de lidar com o facto de o meu filho ter batido noutro miúdo.

– Tem de o tirar daqui – diz o Ted ao Enzo, no seu sotaque carregado de Long Island. – Temos uma política de tolerância zero quanto à violência entre os rapazes.

– Peço imensa desculpa – responde o Enzo. – Não voltará a acontecer.

– Não, pois não. – O Ted ergue as mãos. – Lamento, Enzo. Ele está fora da equipa.

O Enzo abre a boca para protestar, mas volta a fechá-la. Defendeu o Nico no

gabinete da diretora, mas isto é diferente. Vimos o que aconteceu. Ele deu um murro àquele miúdo *sem qualquer razão*.

O Enzo vira-se para o nosso filho, que está afastado, a bater na terra com a sapatilha.

– Anda – diz ele. – Vamos para casa.

Não falamos muito no carro, em parte por a Ada estar lá. É o Enzo que conduz, e vejo que tem os nós dos dedos exangues sobre o volante. De cada vez que espreito por cima do ombro, vejo o Nico a olhar pela janela. Nem parece perturbado por ter sido expulso da equipa poucas semanas antes do fim da época. É como se nem se importasse.

O que se passa com o meu filho?

Ao chegarmos a casa, o Enzo diz ao Nico para ficar na sala de estar. O Nico deixa-se cair no sofá e estende a mão para o comando da televisão, mas o Enzo abana a cabeça.

– Nada de televisão – diz. – Ficas aí quietinho. Vou falar com a tua mãe.

Sigo o meu marido até à cozinha. Uma vez no interior, ele vira-se para me encarar e inspira fundo, de forma trémula.

– Bem, aquilo não foi nada bom.

– Parece-te? – atiro.

– É um bom menino – insiste o Enzo. – Só...

– Só deu um murro no estômago a outro rapaz sem razão nenhuma.

– Não foi sem razão. Foi uma decisão injusta! Ele não estava fora!

Cerro os dentes.

– Isso não importa, e tu sabes. Não se dá um murro a outra pessoa só por a decisão do árbitro não lhe agradar.

– Estava perturbado...

– Tem nove anos, não três. É inaceitável.

– Os rapazes são violentos. – Passa uma mão pelos cabelos negros densos. – É um comportamento normal para um rapaz. É bom lutar.

Olho para o meu marido, espantada. Dada a sua reação no jogo, esperava que estivéssemos finalmente em sintonia quanto à violência do Nico, mas nitidamente não estamos. O comportamento do Nico levou-o a ser suspenso da escola e expulso da equipa da Liga Infantil de Basebol. Só pode ser um sinal de que as coisas estão descontroladas. Mas o Enzo continua a defender as ações do Nico.

– Não é um comportamento normal para um rapaz – digo, com firmeza.

Por um momento, o Enzo fica calado. Quero que concorde comigo e que admita que esmurrar outros miúdos não é uma atitude correta para um rapaz. Incomoda-me que não o faça. Parece sempre muito controlado no seu comportamento, sobretudo em comparação comigo. Nunca o vi bater em ninguém, nem mesmo se a pessoa merecesse.

Mas fê-lo – é um facto. É a razão por que está neste país.

– Diz-me – peço. – Era assim que *tu* te comportavas quando tinhas nove anos?

Mais uma vez, ele hesita.

– Sim, lutava quando era miúdo. Às vezes, sim. Não era mau. Torna-nos duros. *Não* é a resposta certa.

– Está bem, está bem – diz, abanando a cabeça. – É diferente aqui na América. Compreendo isso agora.

Não estou totalmente segura de que sejamos uma frente unida, mas voltamos a sair da cozinha para a sala de estar, onde o Nico está sentado no sofá. Está reclinado nas almofadas, a olhar para uma racha no teto. Ao ouvir-nos entrar na sala, vira a cabeça na nossa direção.

– Estou outra vez de castigo? – pergunta.

Já estava de castigo. Estava de castigo há, sei lá, cinco minutos. Não pareceu fazer a menor diferença. Sento-me junto a ele no sofá, e o Enzo ocupa a cadeira ao lado.

– Nico – digo. – Tens de aprender a controlar-te. O que fizeste hoje foi muito mau. Sabes disso, não sabes?

– Desculpa – responde, ainda que a verdade seja que não parece muito arrependido. – O Grayson estava a ser um idiota.

– Não importa se é o maior idiota do mundo. Não lhe podes bater.

– Tudo bem.

Perturba-me que o Nico não pareça mais afetado com tudo isto. Porque não está a chorar? Porque não está a implorar por perdão? Não é esse o comportamento normal para um rapaz de nove anos que fez algo de errado?

Olho para o Enzo, tentando avaliar se acha que isto é normal, mas tenho a certeza de que, se lhe perguntasse, ele diria algo como *os rapazes não choram*.

Passa-se algo de errado, ainda assim. Ultimamente, o Nico tornou-se tão...

Frio.

– Qual é o meu castigo? – pergunta, como se estivesse impaciente por acabar com isto.

– Bem, estás fora da equipa – diz o Enzo. – Portanto, acabou-se o basebol.

O Nico encolhe os ombros.

– Está bem.

O Enzo parece abalado com a reação casual do Nico ao descobrir que se acabou o basebol. Costumavam treinar os dois todos os dias. O Nico costumava implorar-lhe para o fazerem. *Quando é que o pai chega a casa? Temos de treinar!*

– E nada de aparelhos durante um mês – acrescenta o Enzo.

O Nico anui. Claramente, estava à espera disso.

– É tudo? Posso ir?

– Sim – responde o Enzo.

O Nico não desperdiça um segundo. Salta do sofá e sobe os degraus a correr em direção ao quarto, batendo com a porta atrás de si – demasiado exaltado para um rapaz de nove anos.

O Enzo fica a olhar para os degraus. A sua expressão é indecifrável, mas não parece satisfeito.

– Acho que talvez devêssemos pensar em pô-lo a fazer terapia – digo.

– Terapia? – repete ele, lançando-me um olhar desconcertado.

– Um psicólogo – esclareço.

Arregala os olhos como se tivesse sugerido atirmos o nosso filho do telhado, para ver se ele conseguia voar.

– Não. *Não*. Isso é ridículo. Ele não precisa disso.

– Talvez ajudasse.

– Com o quê? – O Enzo ergue os braços. – Está só a agir como um rapaz normal. Vocês, americanos, e as vossas regras severas. O Nico está bem. Ele está *bem*.

Não posso discutir com ele quando está a agir desta maneira, mas está enganado. Temo que se passe algo de errado com o Nico que não se resolverá sem ajuda profissional. Temo que, dado o meu histórico e o do meu marido, o Nico tenha herdado uma combinação de genes que lhe deu uma propensão para a violência muito superior à dos miúdos da sua idade.

Por isso, depois de jantarmos e de os miúdos terem subido para a cama, a primeira coisa que pesquiso no *Google* quando fico sozinha é: *Será o meu filho um psicopata?*

Surpreendentemente, há bastantes artigos sobre o assunto. Parece que não sou a única mulher cujo filho está a ter problemas. Um *site* tem uma lista de características comuns encontradas em crianças com tendências psicopáticas. Percorro a lista, com uma preocupação crescente.

Falta de culpa após maus comportamentos. O Nico mal pediu desculpa depois de bater naqueles dois rapazes. Não parecia minimamente perturbado com o que fez.

Mentiras constantes. Costumava dizer-nos sempre que partia alguma coisa em casa, mas não disse uma palavra sobre aquele vaso até o confrontarmos, e tenho o pressentimento de que nos está a esconder mais coisas.

Crueldade para com os animais. O que terá acontecido ao louva-a-deus? Depois de afirmar que adorava o animal de estimação, deitou-o, subitamente, pela sanita abaixo.

Comportamento egoísta e agressivo. Bem, o que poderia ser mais agressivo do que dar um murro no estômago a um rapaz por o árbitro ter decidido que ele estava fora da primeira base?

O Enzo pode não estar preocupado, mas eu estou. Sinto-me ainda pior ao imaginar que há hipóteses de ele ter herdado algumas das minhas tendências violentas. Quer dizer, não acho que seja uma psicopata, mas não fui para a prisão por apanhar margaridas.

Vou deixar que os ânimos acalmem, mas recuso-me a ficar sem fazer nada. Se o meu filho precisar de ser salvo de si mesmo, é isso mesmo que vou fazer.

Vou a regressar a minha casa da paragem do autocarro quando vejo a Suzette sair pela porta da frente para recolher o correio.

Deve ir mostrar uma casa em breve, pois está vestida impecavelmente, com um fato de saia e uns sapatos vermelhos com um salto tão alto, que me faria cair de cara no chão se tentasse andar neles. Tem o cabelo tão bem arranjado, que quase parece uma peruca. Acena-me, e é difícil sorrir ao acenar-lhe de volta, mas obrigome a fazê-lo. Não estou com disposição para a Suzette, pelo que, quando ela desce os degraus para falar comigo, quase pondero fugir. Mas ela é bastante rápida e alcança-me antes de eu conseguir chegar à porta da frente.

– Millie! – diz ela. – Como está?

– Estou bem, e a Suzette?

Ao vê-la alisar o cabelo, reparo na pulseira cravejada de diamantes que tem no pulso que capta a luz do sol. Parece-se um pouco com o colar que a Martha me tentou roubar, mas presumo que *esta* pulseira seja feita de diamantes a sério. Espero que a Suzette a guarde num local seguro.

– Bela pulseira – comento.

– Obrigada – diz ela, olhando para a pulseira. – Foi um presente de uma pessoa muito especial. Adoro a sua... – Varre-me com o olhar, nitidamente em dificuldades para encontrar algo por que me elogiar. – Perdeu peso? O seu rosto parece muito menos inchado.

Parece que é o melhor que consegue arranjar. Mas não, não perdi peso. Estou tão inchada como sempre.

– Talvez – respondo, simplesmente.

– Enfim, queria falar consigo – diz a Suzette.

– Hã, claro. O que se passa?

Esboça-me um sorriso tão branco, que me deixa ofuscada. Pergunto-me se tem coroas nos dentes.

– Eis a situação – explica. – Importava-se de pôr o lixo na rua um pouco mais tarde, na véspera da recolha?

Olho-a fixamente.

– Está a falar de quê? O Nico só leva o lixo depois do jantar.

– Certo – diz ela. – Devem jantar muito cedo, porque, quando *nós* estamos a jantar, vemos o seu lixo em frente à casa. E fica lá a noite toda. Fica lixo no passeio desde, sei lá, as sete da tarde até à manhã seguinte. – Funga. – Sinceramente, Millie, é *desagradável*.

– Falou sobre isto com o Enzo? – pergunto. Parece passar a vida a falar com ele, por isso não sei muito bem porque me está a dizer isto a *mim*.

– Parece tão ocupado. Não quis incomodá-lo com algo tão trivial.

– Certo...

– Além disso, é o Nico que trata do lixo, não é? Parti do princípio de que os miúdos seriam mais a sua área.

Por alguma razão, a Suzette acha que sou uma dona de casa dos anos 50. Não me apetece discutir com ela neste momento.

– Tudo bem – resmungo. – A que horas gostaria que ele pusesse o lixo na rua?

– Bem, não antes das onze, certamente.

– A hora de deitar é às dez – digo, por entre dentes. – Tem *nove* anos.

– Oh. – Bate no queixo. – Talvez devesse ser a *Millie* a pôr o lixo na rua, nesse caso?

Deve estar a *gozar* comigo. Sinto-me tentada a dizer a esta mulher onde pode enfiar o lixo, mas nesse momento para uma carrinha em frente à minha casa. Um homem com um grande bigode desgrenhado e uma pança desce da carrinha, com uma expressão azeda no rosto. Tardo um segundo a reconhecê-lo como o canalizador que passou por cá há alguns dias. Chamei-o para arranjar a sanita do andar de baixo. O autoclismo demorava cerca de uma hora a descarregar. O Enzo não parava de insistir que podia ser ele a arranjá-la e que não precisávamos de ajuda profissional, mas parecia que, de cada vez que tentava fazê-lo, o autoclismo passava a demorar mais dez minutos. Nem lhe disse que chamei o canalizador. Acha que a sanita se arranjou por magia.

– Ei! – O canalizador, cujo nome me escapa por completo neste momento, desce o passeio até onde estou com a Suzette. – Estive aqui há alguns dias a arranjar uma sanita. Passou-me um cheque careca!

O quê?

– Eu... passei? – gaguejo.

Não sei como é possível. Mantenho-me a par de cada cêntimo que entra e sai da nossa conta. Não temos muito dinheiro de reserva, mas tenho a certeza de que tínhamos mais do que o suficiente para cobrir o cheque de trezentos dólares que passei ao canalizador.

O canalizador não é um homem pequeno. Tem mais de um metro e oitenta e ergue-se sobre mim, fazendo-me dar um passo atrás quando se aproxima.

– Passou, pois, senhora! – rosna.

A Suzette parece divertida ao ouvir a interação. Porque não voltou ainda para casa? Isto é *tão* embaraçoso.

– Peço imensa desculpa – digo. – Pensava que tinha o suficiente na conta para o cobrir. Posso... Aceita cartões de crédito?

– Não – cospe ele. – Disse-lhe isso quando lhe arranjei a sanita: só dinheiro ou

cheques. E agora, para si, só dinheiro.

Bem, isso é um problema. Não tenho trezentos dólares em dinheiro espalhados por casa. Com sorte, devo ter quarenta dólares na carteira. O Enzo já saiu para o trabalho, mas também não traz muito dinheiro consigo.

– Hã – digo. – Se puder esperar, posso ir ao multibanco...

O canalizador puxa as calças para cima e planta-se firmemente no passeio em frente à minha casa.

– Não vou dar nem um passo enquanto não me pagar, senhora.

– Sabem que mais? – intervém a Suzette. – Sou capaz de ter algum dinheiro em casa. Deem-me um minuto.

Apressando-se, dirige-se a casa, andando surpreendentemente bem nos tacões de dez centímetros. Passado um minuto, irrompe da porta da frente com um maço de notas e estende-o ao canalizador, que começa imediatamente a contá-las.

– Está certo – garante-lhe a Suzette.

O canalizador acaba de contar o dinheiro e acena-lhe com a cabeça.

– Está, pois, minha linda senhora – confirma, inclinando o boné de basebol encardido na sua direção. – Obrigadinho.

Lança-me um último olhar venenoso e volta a subir para a carrinha. Estou bastante certa de que entrei para a lista negra desta empresa de canalização. Espero que o Enzo aprenda a arranjar os canos.

A Suzette fica a ver o canalizador afastar-se, voltando-se depois para mim com uma expressão expectante no rosto. Sei o que quer e vou ter de lho dar.

– Muito obrigada, Suzette – digo. – Juro... juro que lhe vou devolver até ao último cêntimo.

– Oh, demore o tempo que precisar – responde, brincando com a pulseira de diamantes no pulso, que refulge à luz do sol. – Sinceramente, eu e o Jonathan temos tanto dinheiro que nem sabemos o que fazer com ele. Nem imagina o que pagamos de impostos!

Bela forma de me atirar à cara. Não quero que a Suzette me veja como uma obra de caridade, uma mulher pobre e a acumular dívidas por toda a cidade. Desagrada-me especialmente a ideia de lhe dever seja o que for. Tecnicamente, nunca lhe pagámos pela janela partida, mas isso foi diferente, pois o Nico aceitou fazer tarefas. Se puder, devolvo-lhe o dinheiro ainda hoje.

Só que... será que posso? Pensava que tínhamos dinheiro mais do que suficiente na conta para cobrir o cheque do canalizador. Mas é óbvio que não temos. Para onde foi o dinheiro? Eu e o Enzo discutimos sempre as compras maiores. Ele não teria tirado simplesmente o dinheiro sem me dizer.

Pois não?

Depois de o canalizador partir, ligo o computador para consultar a conta bancária.

Há alguns dias, tínhamos mais de mil dólares na conta à ordem. Olho para o ecrã, à espera de confirmar que o dinheiro continua lá. Cai-me o coração aos pés quando vejo o saldo da conta à ordem aparecer no ecrã:

213 \$

Que raio se passa? Faltam cerca de mil dólares na nossa conta à ordem. Não somos podres de ricos, como os nossos vizinhos. Não é uma quantia que possamos simplesmente desvalorizar.

Acedo ao histórico de transações. Vejo um levantamento de mil dólares feito há alguns dias. Só pode ser isso. Mas quem é que tirou esse dinheiro da nossa conta? Eu não fui, de certeza, e não imagino que o Enzo o fizesse sem mo referir.

Estou atrasada para o trabalho, mas isto é muito mais importante. Se alguém roubou dinheiro da nossa conta bancária, tenho de fazer algo em relação a isso o mais rápido possível. Ligo para o banco e acabo por passar quinze minutos em espera, enquanto olho para o relógio. Envio uma mensagem a um dos meus colegas, para me substituir na reunião a que vou, sem dúvida, faltar.

– Olá, fala a Serena, a sua assistente de apoio ao cliente – anuncia uma voz feminina animada.

– Olá. – Pigarreio. – Preciso de ajuda relativamente a algum dinheiro que está em falta na minha conta bancária.

– Oh, céus – diz a Serena. Concordo veementemente com o sentimento. – Deixe-me ver o que posso fazer.

Dou-lhe toda a minha informação bancária e depois fico à espera, enquanto oiço o som do premir de teclas. E *mais* teclas. E mais tempo à espera.

– Peço desculpa, mas o sistema está muito lento hoje – diz a Serena, alegremente. – É um daqueles dias, sabe?

Não estou propriamente com disposição para fazer conversa de circunstância enquanto tento descobrir porque falta dinheiro na minha conta bancária.

– Ahã.

– Ah, certo! – exclama, triunfante. – O levantamento foi feito há dois dias por Enzo Accardi, que também é titular da conta. É o seu marido?

– Sim, mas... – Franzo o sobrolho. – O meu marido não...

Pois não?

– O seu marido disse-lhe que não levantou o dinheiro? – pergunta-me ela.

– Não. Quer dizer, eu só... pensava que me teria dito. Mas...

A Serena parece não saber o que dizer. Suponho que os dramas familiares não fazem parte das suas funções.

– Oh.

– Obrigada pela ajuda – balbucio. – Acho que... é melhor falar com o meu marido. Provavelmente... Talvez se tenha esquecido.

– De certeza que se esqueceu – responde, num tom condescendente. – Há mais alguma coisa em que possa ajudar?

Sim, pode dizer-me porque é que o meu marido levantou um monte de dinheiro da nossa conta sem me dizer o raio de uma palavra a esse respeito.

Desligo a chamada e fico um longo minuto a olhar para o ecrã. Estou extremamente atrasada para o trabalho, mas sei que não me conseguirei concentrar em nada enquanto não ligar ao Enzo e lhe perguntar o que aconteceu ao dinheiro. Não sei porque é que a ideia de o fazer me deixa tão inquieta. *Confo* nele. Se tirou dinheiro da conta, teve um bom motivo para isso.

Finalmente, seleciono o seu nome dos meus favoritos. É frequente não atender o telemóvel enquanto trabalha, mas, desde o incidente da suspensão do Nico, tem atendido de imediato.

– Millie? – diz. – O que se passa?

Raramente lhe ligo durante o dia, por isso percebe que não é uma chamada normal.

– Falta dinheiro na nossa conta à ordem.

Esperava ouvir uma série de palavrões furiosos em italiano, mas o silêncio sepulcral em que mergulha confirma-me que ele já sabia. Apesar de a Serena já mo ter confirmado.

– Tinha passado um cheque de trezentos dólares – continuo, ao ver que ele não parece querer comentar. – Foi *devolvido*.

– Oh. – Oiço-o inspirar fundo. – O que aconteceu, então?

– A Suzette emprestou-me dinheiro – respondo.

– Bem, isso é bom.

– Portanto, liguei ao banco para perceber o que se passou – prossigo –, e disseram-me que tinhas levantado mil dólares.

Mais silêncio. Não tenciona facilitar-me as coisas.

– E então? – pergunto. – Levantaste?

Mais um silêncio longo.

– Sim – acaba por responder.

– Pois muito bem. É muito dinheiro para levatares da nossa conta conjunta sem me dizeres.

– Sim... – Fica mais alguns instantes em silêncio. Não posso deixar de pensar para comigo que parece estar a empatar enquanto inventa alguma mentira. –

Desculpa. Estávamos a ficar com pouco dinheiro este mês, mas precisei de substituir alguns equipamentos que avariaram. Pensava que o conseguia repor antes que desses conta. Reponho-o amanhã.

– Equipamentos que avariaram? – repito.

– Sim. Precisei de uma motocultivadora e de um arejador de relvado novos. São caros.

Juro que às vezes acho que ele está apenas a inventar palavras, mas suponho que parece uma desculpa razoável, por isso opto por acreditar nele. Faz sentido que tenha de substituir os equipamentos que avariaram de imediato.

É melhor do que a alternativa. Recuso-me a pensar que o meu marido me está a mentir.

O Nico está a escapulir-se de casa.

Ou pelo menos é isso que me parece, ao ouvir a porta das traseiras abrir-se numa tarde soalheira de sábado. Felizmente, nunca nos demos ao trabalho de pôr óleo nas dobradiças, e consigo ouvir a porta a abrir e a fechar a quilómetros de distância. Atiro o meu livro para o lado e chego à porta das traseiras mesmo a tempo de apanhar o Nico antes de sair.

– Desculpa, meu menino. – Pigarreio. – Onde pensas tu que vais?

Ele olha para mim sem qualquer vestígio de culpa no rosto.

– A casa do Spencer. Disseste que podia ir sempre que quisesse.

É verdade que disse isso, mas pensava que ele tinha sido banido da casa da Janice.

– A mãe do Spencer não se importa? – pergunto.

– Disse que não faz mal desde que fiquemos no jardim das traseiras.

Fico aliviada. Não gostei nada que a Janice tenha dito que o Nico não podia brincar com o seu filho. Fico mais descansada que ele tenha voltado a estar nas suas boas graças. Ao que parece, não o deixa entrar na sua casa imaculada, mas isso é compreensível.

– Tudo bem – digo. – Mas volta para casa antes da hora do jantar.

O Nico assente e parte apressado em direção a casa do amigo. Estava tão concentrada na fuga iminente do meu filho, que não reparei no meu marido ao canto do jardim das traseiras. Não é invulgar ver o Enzo lá fora – é o seu lugar favorito –, mas não está a trabalhar no jardim. Está a falar baixinho ao telemóvel, com um sorriso a brincar-lhe nos lábios.

Com quem estará a falar?

Aceno-lhe para lhe chamar a atenção. Ele pestaneja algumas vezes ao ver-me, e o sorriso desvanece do seu rosto de forma gradual, mas recupera rapidamente e retribui-me o aceno. Murmura mais algumas palavras ininteligíveis para o telefone e depois enfia-o no bolso das calças de ganga desgastadas.

– Millie. – Corre pelo relvado até junto de mim. – Tenho ótimas notícias.

– Ah, sim?

– Sim! Tenho um cliente potencial com duas grandes propriedades que precisa dos meus serviços. É um trabalho bem grande. É muito bom.

Olho para o telemóvel que lhe sobressai do bolso.

– Era com o cliente que estavas a falar?

– Sim. – Hesita. – Bem, não. Não propriamente. Estava a falar com a Suzette.

Os clientes... são amigos dela. Gostaria que eu me encontrasse com eles amanhã.

– Oh... – Esperava que amanhã pudéssemos ter um dia em família. – Onde vais encontrar-te com eles?

Volta a hesitar por um instante.

– É um encontro informal, numa praia privada.

Soam alarmes na minha mente.

– Um encontro na *praia*? A Suzette vai estar lá?

– Bem... sim. São amigos dela.

Nada disto me agrada. Em primeiro lugar, o Enzo está a esquivar-se a um dia em família. Em segundo, um encontro de negócios na *praia*? E, em terceiro, não o quero sozinho com a Suzette só de biquíni, sobretudo depois do sorriso que tinha no rosto enquanto falava com ela.

Aflora-me à cabeça um pensamento fugaz. No outro dia, quando o canalizador apareceu para exigir o dinheiro em falta, a Suzette tinha uma pulseira nova de aspeto caro que me disse ter sido um «presente». Na mesma altura, desapareceram subitamente mil dólares da nossa conta bancária. Será possível que o Enzo tenha utilizado o dinheiro para comprar um presente para a Suzette?

Não, não acredito nisso. Ele não seria capaz.

E, no entanto...

– Se vais à praia amanhã – digo –, tens de levar os miúdos. A família inteira.

– O quê? Não.

– Não estou a pedir, Enzo.

Ele abana a cabeça.

– Millie, é uma reunião de negócios importante.

– A *nossa família* também é importante – saliento. – Não paras de trabalhar desde que nos mudámos para cá...

– Por *nós*.

– Quase nunca te vemos – prossigo. – Ainda não levaste os meninos à praia desde que nos mudámos para cá. Eles iam adorar. O Nico em particular está mesmo a precisar de um dia na praia. Tem andado tão em baixo desde que foi expulso da Liga Infantil. Eu posso ficar de olho neles. Não te vou incomodar até teres acabado a reunião.

Por um momento, ele fica calado, a ponderar.

– Está bem, sim. Compreendo o que dizes. Vou falar com a Suzette. Mas... ela não vai ficar contente.

Sim, aposto que não vai gostar nada.

Vamos a caminho da praia.

A Suzette permitiu com relutância que a família se juntasse à viagem. Não ouvi a conversa, mas imagino que tenha feito tudo o que estava ao seu alcance para impedir que fôssemos. Mas, mesmo assim, estamos aqui.

Estou expectante, ainda assim. É uma praia privada, na costa, a que só a Suzette e o grupo de amigos de elite têm acesso. Exige um cartão especial para entrar. Visitei muitas praias na minha vida, mas esta deve ser a mais pretensiosa a que alguma vez fui. Aposto que é mesmo boa.

O Enzo vai a conduzir e, como habitual, vai demasiado depressa. Pensei que se deixaria disso depois de termos filhos, mas continua a fazê-lo. Não ajuda que os miúdos adorem.

– Podes abrandar, por favor? – murmuro, ao passarmos por um sinal na via rápida que estabelece o limite de velocidade nos noventa quilómetros por hora. Vamos pelo menos trinta acima disso.

– Millie – diz ele. – Vai *toda a gente* a esta velocidade. Se abrandarmos, vão passar todos à nossa frente.

– Eu não conduzo assim tão depressa – saliento.

Ele pisca-me o olho.

– Sim, mas tu conduzes como uma velhota.

– Não conduzo nada.

– Erro meu. As velhotas conduzem mais depressa do que tu.

Reviro os olhos.

– Que engraçadinho.

– É verdade, mãe – intervém o Nico. – As pessoas estão sempre a buzinar para ires mais depressa.

Aparentemente, em (por?) Long Island, só se pode circular trinta quilómetros por hora acima do limite de velocidade.

Só que, ao virarmos para a rampa de saída da via rápida, uma sirene da polícia faz-se ouvir atrás de nós. O Enzo olha para o retrovisor e pragueja baixinho em

italiano.

– Devem estar a gozar comigo – murmura.

Encosta à berma da estrada. Tenho de resistir ao impulso de dizer que o avisei. O agente demora a sair do carro, enquanto o Enzo tateia em redor, procurando a carta de condução.

– O pai vai ser preso? – pergunta a Ada, num tom preocupado.

– Não – digo.

– Isso seria fixe – diz o Nico.

– A resposta continua a ser não.

O polícia é um homem na casa dos trinta que não parece lá muito empolgado por estar a parar ao calor dos trinta graus de hoje. O Enzo abre a janela e esboça-lhe um sorriso encantador.

– Olá, senhor agente – cumprimenta, num sotaque tão carregado, que é difícil entendê-lo. – Algum problema?

– Carta e documentos – diz o agente, num tom aborrecido.

O Enzo entrega-lhe a papelada, à espera de ouvir o que o polícia tem para dizer. Depois de inspecionar a carta do Enzo, diz finalmente:

– Sabe a que velocidade ia, senhor Accardi?

– Mil desculpas – responde o Enzo. – Mas... vê o mostrador da gasolina? O depósito está quase vazio! Tenho de ir depressa para procurar um posto antes que acabe!

O agente fita-o por um segundo, coçando a cabeça.

– Sabe que não é assim que funciona, não sabe?

– Não? – O Enzo lança-lhe um olhar espantado, que parece bastante genuíno, na verdade. – Não sabia!

– Não. Não é. – Olha novamente para a carta e depois para o meu marido e para os restantes de nós dentro do carro. – Muito bem, não quero estragar a sua tarde em família. Vá pôr gasolina no carro. Não precisa de ir tão depressa.

– *Grazie* – diz o Enzo, sorrindo ao agente. – Tenha um bom dia, senhor.

Só depois de o polícia ter regressado ao carro é que o Enzo fecha a janela e me pisca o olho.

– É demasiado fácil.

Nunca apanha multas. Consegue sempre safar-se com conversa, ou com *mentiras*, dependendo das circunstâncias. É espantoso o quanto é bom a dizer falsidades absolutas com uma expressão completamente séria.

Sempre soube que o meu marido era um excelente mentiroso. Nunca me incomodou até suspeitar que ele me andava a esconder algo.

O Jonathan e a Suzette chegam antes de nós à praia. Ainda que, provavelmente, o Enzo conduza mais depressa, eles não foram mandados encostar pela polícia durante o caminho.

Quando estacionamos no parque reservado da extravagante praia privada, ao sair do carro, vejo que o Jonathan e a Suzette estão a dirigir-se à entrada, que é guardada por um homem de aspeto duro com uma camisola de alças preta e uns calções de

banho. É o equivalente a um porteiro de discoteca nesta praia privada.

O Jonathan carrega duas cadeiras de praia e um guarda-sol, enquanto a Suzette tem apenas uma pequena sacola pendurada ao ombro. O Jonathan parece o típico banhista de início da estação – um pouco pálido demais, com uma ligeira pança acima dos calções de banho, os pés brancos enfiados nuns chinelos de dedo e um boné de basebol a cobrir-lhe o cabelo esparsos. A Suzette, por outro lado, parece que passou o inverno inteiro na praia. Está perfeitamente bronzeada, com os óculos de sol *Cartier* empoleirados no nariz, e veste um biquíni minúsculo que exhibe o corpo em forma.

Depois de ter dois filhos e com quarenta e tal anos de gravidade a fazer-se sentir, o meu corpo não tem esse aspeto. Não pode ter. Mas não me sentia confortável a pavonear-me pela praia com um biquíni do tamanho de um lenço nem quando tinha vinte e cinco anos, pelo que visto um fato de banho modesto com uma túnica por cima. À semelhança do Jonathan, estou bastante pálida. Provavelmente, não chegarei a tirar a túnica, uma vez que nem sou grande nadadora.

O segurança da praia está a tirar as medidas à Suzette no biquíni minúsculo. Na verdade, estão muitas pessoas a fazê-lo. Até *eu* estou com dificuldade em não olhar. Quando é que arranja tempo para ficar com a barriga assim tão firme? Também não deve precisar de tapar cicatrizes de cesariana nem estrias.

O Enzo tem a *T-shirt* e os calções vestidos e debate-se com as nossas cadeiras de praia, que tirou da bagageira. Para ser sincera, não o culparia se também estivesse a olhar para a Suzette naquele biquíni minúsculo – é um mero humano –, mas não apanho o seu olhar a descer abaixo da linha do pescoço.

– Millie! – diz a Suzette. – Tem uma túnica... muito engraçada. Adoro que

não sinta necessidade de gastar montes de dinheiro em roupa de praia. É *tão* típico de si.

Foi o insulto indireto mais óbvio que alguma vez ouvi. Apesar disso, não posso propriamente contradizê-la. Comprei a túnica na secção dos saldos.

Ainda que o Enzo não esteja a olhar a Suzette dos pés à cabeça, não posso dizer o mesmo dela. Varre-lhe o corpo com os seus olhos azul-esverdeados frios, e os seus lábios curvam-se. E ele nem despiu a camisola.

Ainda nem entrámos na praia, e, de repente, apetece-me ir para casa. Suponho que é melhor estar aqui do que deixá-lo sozinho com a Suzette no biquíni minúsculo.

– Tiveram problemas em encontrar a praia? – pergunta ela. – Perguntávamo-nos se se teriam perdido pelo caminho.

O Nico apressa-se a contar tudo.

– O pai foi parado pela polícia.

O Enzo ri-se.

– Disseram que ia demasiado depressa.

– De certeza que não – diz a Suzette, com um abanar de cabeça. – A polícia é demasiado zelosa por aqui.

– Bem, ainda bem que puderam vir – observa o Jonathan. Ao contrário da mulher, não parece infundir qualquer insinuação na frase. Parece verdadeiramente feliz por nos ver. – Como estás, Nico? Sentimos a falta de te ter lá por casa a fazer as tarefas.

É simpático da parte do Jonathan dizer isso, apesar de eu saber que estavam fartos de ter o Nico a partir-lhes metade dos objetos da sala de estar.

O Nico encolhe os ombros.

Quero dizer-lhe que está a ser mal-educado, mas sei que não adianta. O mau humor piorou ainda mais nos últimos tempos. Acabei por ligar à pediatra do Nico e levei-o a uma consulta, mas, depois de lhe auscultar o coração e os pulmões, ela não teve muito a acrescentar. Não recomendou terapia. Na verdade, disse exatamente o mesmo que o Enzo: *Os rapazes podem ser agressivos, por vezes. É provável que ainda se esteja a ajustar à mudança. Dê-lhe tempo.*

– Onde estão os clientes com que nos vamos encontrar? – pergunto à Suzette.

Ela encolhe os ombros.

– Oh. Cancelaram.

O Enzo não parece minimamente surpreendido, o que me faz interrogar sobre se alguma vez existiu sequer uma reunião com o cliente. Quer dizer, quem é que tem uma *reunião na praia*? Parece inventado.

Mas não, estou a ser paranoica. De certeza que tinha uma reunião marcada. As pessoas cancelam reuniões a toda a hora.

A Suzette conduz-nos à praia para procurar o local perfeito onde nos instalarmos. Só que não parece conseguir decidir-se. Marchamos por meia praia, passando por vários locais que parecem perfeitamente bons. O pobre Jonathan vê-se em dificuldades para carregar as duas cadeiras e o guarda-sol, por isso ofereço-me para lhes levar o guarda-sol juntamente com o nosso. A Suzette podia oferecer-se para levar pelo menos uma coisa, mas dá a impressão de que não tem lá muita

vontade de o fazer. O Jonathan não se parece importar, ainda assim.

– Muito bem – diz ela, finalmente, quando os meus braços parecem estar prestes a cair. – Aqui parece-me bem.

O Jonathan larga as duas cadeiras no chão, mas, quando está a fletir os braços, ela volta a falar.

– Esperem, talvez devêssemos ir para ali. O sol está melhor além.

O Jonathan está prestes a pegar outra vez nas cadeiras, mas eu estou farta.

– Suzette, aqui está perfeito – declaro. – Não vou dar nem mais um passo.

Ela revira os olhos.

– Está bem, está bem. Mas, Millie, caminhar faz bem. Ajuda a emagrecer.

Será que dar-lhe um murro na cara também ajudaria a emagrecer? Porque é bem capaz que isso aconteça hoje.

Depois de instalarmos as nossas cadeiras e toalhas, tiro o *spray* de protetor solar da minha sacola. O Enzo recusa-o sempre, mas gosto de o borrifar nos miúdos e, sem dúvida, em mim mesma. Sou a única que apanha escaldões, mas não é suposto o protetor solar prevenir o cancro ou algo do género? Seja como for, os miúdos não têm escolha.

– Oh, Millie – arqueja a Suzette, ao ver-me aplicar o *spray* na Ada. – Não acredito que usa *esse protetor solar* nos seus filhos. Não usa, pois não?

É óbvio que sim.

– Sim...

– Não sabe que os *sprays* têm vários químicos tóxicos? – diz ela. – E agora estão todos a flutuar aqui. Estamos, basicamente, a *inalar protetor solar* neste momento.

Será que devia estar mais preocupada com o facto de poder estar a inalar protetor solar? Por alguma razão, não estou.

– Ahã...

– Além disso, é inflamável – acrescenta.

O Nico arregala os olhos.

– Quer dizer que podemos *pegar fogo*?

– Não vais irromper em chamas por causa do protetor solar – digo-lhe eu.

Ele parece ficar desiludido.

A Suzette leva a mão à sacola e tira um creme branco.

– Este é o melhor protetor solar que há no mercado. É feito apenas de ingredientes naturais e tem fator de proteção solar duzentos! Não se encontra fator duzentos em lado nenhum.

Por que raio haveríamos de precisar de um protetor solar de fator duzentos? Até parece que temos de atravessar um círculo de fogo para chegar à água.

Reparo que os olhos da Suzette se esbugalham, ao olhar para o peito moreno e escultural do Enzo assim que ele tira a *T-shirt*. Adoro ter um marido bonito e musculado, mas, às vezes, também gostaria que engordasse um pouco ou que não estivesse em tão boa forma.

– Enzo – diz ela. – Gostaria de experimentar o meu protetor solar?

Ele ri-se.

– Não preciso. Nunca me queimo.

– Sim, mas é bom para si, mesmo que não queime – argumenta ela. – Previne o cancro da pele, sabia?

– Ah, sim? – pergunta o Enzo, interessado, como se eu não tivesse passado a última década a dizer-lhe exatamente o mesmo.

– Sim, é claro que sim – diz ela, avidamente. – Devia pôr, pelo menos, nos ombros. Espere, deixe-me ajudá-lo.

Fico boquiaberta ao ver a Suzette espremer protetor solar para a palma e começar a esfregá-lo nos ombros do meu marido. Está mesmo a fazer isto? Está a cobrir o meu marido de protetor solar? Parece tão inapropriado que é absurdo.

Olho para o Jonathan, esperando vê-lo tão horrorizado como eu, mas está apenas a esfregar o creme ridiculamente caro nos braços, feito, ao que tudo indica, para pessoas que vão passar férias ao Sol. Tenta pôr creme nas costas, mas não consegue chegar. A mulher está demasiado ocupada a esfregar as mãos no meu marido.

– Está bom – diz o Enzo. Já se estava a prolongar por demasiado tempo. – Tenho que chegue. Seja como for, vai sair na água.

– Oh, não – responde a Suzette. – É à prova de água. Podia passar o dia inteiro a nadar e continuaria a ter proteção de fator duzentos.

O Enzo arregala os olhos.

– Ah, sim?

Estou tão farta de ouvir falar deste protetor solar estúpido.

– Ada – diz a Suzette. – Gostarias de experimentar este protetor solar?

A Ada olha para o protetor, mas abana a cabeça. Não a culpo. Tal como o Enzo, ela nunca se queima. Além disso, tenho a certeza de que não quer ter de espalhar o creme branco por todo o corpo.

– Nico? – pergunta a Suzette.

O Nico limita-se a fitá-la. Não lhe responde, mas lança-lhe um olhar muito frio. Não sei se alguma vez o tinha visto olhar para alguém dessa maneira. Causa-me um arrepio na espinha. Depois, desvia o olhar, e fico a pensar se não terei imaginado.

Quando os miúdos dizem que querem ir à água, o Enzo tem todo o gosto em levá-los. Seria de esperar que a Suzette fosse o tipo de pessoa que quererá passar a tarde inteira a apanhar banhos de sol, sobretudo depois do alvoroço que armou sobre onde nos íamos sentar, mas, mal o Enzo diz que quer ir à água, ela acede rapidamente e segue-o.

– Queres vir, Millie? – pergunta-me o Enzo.

Abano a cabeça.

– Vou ficar aqui a relaxar.

O Jonathan esfrega um pouco de protetor solar mal espalhado na cana do nariz e começa a seguir a Suzette, mas, antes que possa dar mais do que alguns passos, ela vira-se para o fitar.

– Não – diz. – Tu ficas aqui. Eu vou dar um mergulho.

Ele assente e, sem a questionar, vira-se para regressar à cadeira de praia. Senta-se e pega num livro de capa mole. Estico o pescoço para ver o título. *Madame Bovary*.

– Não quer ir dar um mergulho? – pergunto.
– Nem por isso – responde, com um sacudir de mão.
– Parecia que se estava a preparar para ir à água, antes de a Suzette lhe dizer para não ir.

– Não me importo.

Talvez ele não se importe, mas eu acho o autoritarismo da Suzette enfurecedor. Não consigo conter um comentário.

– Parece-me apenas que não devia ser a Suzette a decidir se vai dar um mergulho ou não – observo.

O Jonathan encolhe os ombros e sorri.

– Gosta de ter o seu espaço, às vezes. Como disse, não me importo.

Pelo que soube, a Suzette não é assim tão bem-sucedida como agente imobiliária. Ainda assim, tem, de longe, a maior casa da nossa rua, numa localidade em que os preços das casas são muito altos. Nitidamente, é o Jonathan quem ganha o dinheiro que lhe sustenta o estilo de vida. Apesar disso, é ela quem lhe dá ordens. Quer dizer, nem pode ir à água na praia? É absurdo.

– É uma massa de água enorme – saliento. – É o oceano Atlântico. Parece-me que podiam estar os dois a nadar sem se incomodarem um ao outro.

Ele pousa o livro no colo.

– *Quer* ir dar um mergulho, Millie?

– Não, não é isso que estou a dizer.

O Jonathan fita-me com o rosto neutro. Não se importa mesmo de todo de ser um pau-mandado da Suzette? Gosto de pensar que eu e o Enzo somos parceiros em pé de igualdade em todas as decisões que tomamos, mas, por aquilo que vi, parece ser a Suzette quem manda em casa dos Lowell.

Por outro lado, lembro-me de que o Enzo levantou mil dólares da nossa conta conjunta sem me dizer. É verdade que já repôs o dinheiro, e tenho a certeza absoluta de que estava a dizer a verdade e que o utilizou para comprar equipamento para o negócio. Quer dizer, tenho noventa e nove por cento de certeza.

As águas azuis e límpidas cintilam à luz do sol. Os meus filhos são ambos bons nadadores, como o Enzo. Costumava levá-los a aulas de natação quando eram pequenos. Ensinou-os a nadar mesmo antes de darem os primeiros passos. Vejo as suas cabeças morenas a flutuarem na água. A Ada está junto ao Enzo, mas o Nico está um pouco afastado. E está a...

Espera. Porque parece estar a falar com a Suzette?

O que poderia o Nico ter a dizer à Suzette? Parece estranho, sobretudo depois daquele olhar feroz que lhe lançou há pouco. Oxalá soubesse do que estão a falar, mas não estou perto o suficiente para conseguir ouvi-los.

– Enfim – diz o Jonathan. – Não vamos embora tão cedo, por isso posso nadar mais logo. Este protetor solar dura horas. Dias, na verdade, se for preciso.

Desvio os olhos da água.

– A sério?

– Oh, sim, é fantástico. – Leva a mão à sacola da Suzette e tira o creme. – Quer um pouco?

– Sim – digo.

O Jonathan passa-me o protetor. Não tenta esfregar-mo nas costas nem nos ombros – o que é muito apropriado, uma vez que não é meu namorado nem meu marido. Parece um protetor solar bastante banal, embora tenha de admitir que tem um cheiro agradável.

Estou prestes a espremer o protetor solar mágico para a mão, quando um som vindo do oceano me interrompe.

Está alguém a gritar.

Acontece tudo muito depressa. O afogamento é rápido.

Há uma enorme agitação na água, mas não consigo ver grande coisa. Levanto-me de um salto, e o Jonathan faz o mesmo ao meu lado. O que quer que esteja a acontecer passa-se exatamente onde ainda há pouco vi os meus filhos a nadar. O nadador-salvador desceu do posto e vai a correr para o mar, mas é demasiado tarde.

Enzo vem a sair da água com ela nos braços.

Parece que a Suzette quase se afogou. Agarra-se ao pescoço do Enzo, enquanto ele a tira da água, tal como um herói. Está consciente, apesar de ter o rosto corado e de estar a tossir. Por mais que gostasse de a acusar de ter simulado o afogamento, parece verdadeiramente aflita.

O Enzo deposita-a na areia e ajoelha-se ao seu lado. O nadador-salvador agacha-se também junto a ela, mas a atenção da Suzette está exclusivamente no meu marido.

– Está bem? – pergunta-lhe o Enzo.

– Sim – arqueja ela, começando de novo a tossir. – Foi só... Foi tão assustador. Mas estou bem. – Pega na mão do meu marido. – Obrigada. Obrigada por me salvar. É o meu herói.

Oh, céus.

Olho para o Jonathan, que não parece de todo incomodado com o facto de um italiano incrivelmente atraente estar a rondar a mulher nem de ela se estar quase a babar por ele – talvez a baba seja do afogamento.

– De certeza que está bem, menina? – pergunta-lhe o nadador-salvador.

– Estou ótima. – Consegue apoiar-se nos cotovelos. – Creio que fiquei com a perna enredada em algo que estava a puxar-me para baixo. Foi... aterrador.

– Talvez algumas algas – sugere o nadador-salvador.

– Sim – diz a Suzette, mas não parece convencida. Concorro que seria difícil que algumas puxassem alguém para debaixo de água, mas não me ocorre mais nenhuma explicação.

A Ada e o Nico saíram da água e parecem bastante abalados com o incidente.

A Ada abraça-se ao corpo, e o Nico está parado na areia, a uns três metros de nós, com uma expressão indecifrável no rosto.

– Suzette, querida – diz o Jonathan. – Acho que seria melhor levar-te para casa.

– Talvez – responde ela. – Não quero arruinar os planos.

– Não se preocupe com isso – diz o Enzo. É então que reparo que ela ainda está agarrada à mão do meu marido. Aliás, *ele* está a segurar a mão *da Suzette*. Seja como for, estão, nitidamente, de mãos dadas. – Tem de cuidar de si.

– Salvou-me mesmo a vida – declara ela. – Sinceramente, estava tão assustada, mas o Enzo... salvou-me.

– Não foi nada. – Ele encolhe os ombros, mas sei que está encantado. Adora ser o herói. Quem o poderia culpar?

O Enzo ajuda a Suzette a levantar-se, e o Jonathan aproxima-se para a amparar, mas ela nem sequer se dirige a ele. Acabamos por arrumar tudo, pois ficamos todos abalados. É demasiado difícil desfrutar de um dia na praia. Quer dizer, *eu* conseguia aproveitar, mas até os miúdos parecem querer ir embora.

Infelizmente, o Enzo está a ajudar a Suzette – seria de pensar que sofreu alguma fratura nas pernas que a impede de andar –, pelo que temos de ser nós a levar a maioria das coisas. Os miúdos levam uma cadeira cada um, enquanto eu levo duas e ainda consigo enfiar o guarda-sol debaixo do braço. Não é fácil, mas acabamos por conseguir regressar aos carros.

– Mais uma vez, obrigada. – A Suzette olha para o Enzo, e ele ajuda-a, enquanto ela cambaleia até ao *Mercedes* do Jonathan, depositando-a no lugar do passageiro. – Salvou-me a vida.

E, ao dizer isso, põe-lhe a mão no braço, o que, sinceramente, parece um pouco desnecessário.

Ao ver a forma como o fita, penso que, se o marido não estivesse a poucos metros de distância e eu não estivesse a lançar-lhe olhares fulminantes, podiam desatar aos beijos agora mesmo. Não é que ache que o Enzo fosse capaz de me fazer isso, mas, se eu não existisse, quem sabe? A Suzette é uma mulher muito atraente, e, embora não goste dela, ele não parece partilhar da minha aversão.

– Conduzam em segurança – diz-lhe o Enzo.

– Assim faremos! – responde o Jonathan, alegremente. – Mais uma vez, obrigado, Enzo! Fico grato por ter zelado pela minha mulher!

A sério que ele está a *agradecer* ao meu marido por estar agarrado à mulher?

Oxalá pudesse dizer que fico aliviada ao vê-los partir. É difícil livrarmo-nos de alguém quando essa pessoa vive mesmo na porta ao lado.

— O quê? Achas que devia tê-la deixado afogar-se, Millie? É isso que querias? Passei a tarde amuada, desde que regressámos a casa da praia. Apesar de só lá termos estado menos de uma hora, está areia por todo o lado. Cada fresta do meu corpo parece ter grãos de areia. Mesmo depois de tomar duche, ainda sinto que estou coberta de areia.

Portanto, sim, estou rabugenta. Quando nos deitámos para dormir, não pude deixar de comentar o resgate à Suzette no mar.

— Não queria que a deixasses afogar-se — resmungo. — Mas tinhas mesmo de a salvar *daquela forma*?

— Como?

— Como... — Sento-me na cama, a coçar os dedos dos pés. Ainda parece que tenho areia por entre cada um. — Sei lá, de forma tão... heroica.

Os seus lábios curvam-se.

— *Heroica*?

— Quer dizer, ela podia bem ter regressado ao carro sozinha. O Jonathan podia tê-la acompanhado.

— Ela queria-me a mim — responde ele, com um encolher de ombros.

— Aposto que sim. — Cerro os dentes. — E que *conveniente* que o cliente tenha cancelado.

— Não, não foi conveniente. — Vejo-o franzir o sobrolho. — Eu queria encontrar-me com o cliente. Quero o trabalho.

— Não pareceste surpreso quando ela disse que ele tinha cancelado.

— Ela avisou-me esta manhã, mas queria na mesma passar o dia na praia contigo e com os miúdos.

— Certo.

— Millie, isto é ridículo — resmungo. — Não entendo porque estás chateada.

— Muito bem. Quer dizer que, se um tipo jeitoso me tirasse da água e me cobrisse de atenções, não te incomodava de todo?

— Não, não incomodava.

Se for verdade, fico ainda mais perturbada. Porque *não* haveria de ter ciúmes se um homem atraente se fizesse a mim?

– Porque *confio* em ti – acrescenta, antes que eu possa ficar ainda mais agitada.
– E tu podes confiar em mim. Sabes isso, não sabes?

Sei? Antes de nos mudarmos para o número 14 da Locust Street, a resposta teria sido um sim confiante. Mas a quantidade de tempo que ele tem vindo a passar com a Suzette Lowell levantou-me suspeitas. Quem tem uma conversa sobre *roseiras* a meio da noite? *A sério?*

Mas o Enzo é um bom homem. Acredito nisso de todo o coração.

Está a olhar para mim, à espera que eu responda. Só há uma resposta certa.

– Sim, confio em ti.

– Ótimo. Agora, acalma-te. Se a Suzette aparecer morta, serás a principal suspeita.

– Engraçadinho.

O Enzo estende a mão para apagar a luz. Aproxima-se de mim, rodeando-me o corpo com o braço. Está com vontade – consigo perceber. Mas não consigo animar-me. Apesar de ele ter aplacado algumas das minhas preocupações sobre o que aconteceu na praia, uma delas ainda permanece e não consigo esquecê-la.

– Enzo – digo.

– Shh – murmura ele, subindo a mão pela minha coxa. – Chega de falar sobre a Suzette.

– Mas... como é que achas que a Suzette ficou presa debaixo de água?

Detém a mão bruscamente.

– O quê?

– Quer dizer... – prossigo. – Disse que ficou com a perna presa em qualquer coisa que a puxou para debaixo de água. Em que é que terá ficado presa?

– Numas algas?

– Algas que lhe agarraram na perna e a puxaram?

Retira a mão da minha coxa.

– Não sei. Talvez tenham sido uns miúdos a fazer disparates?

– Que miúdos? Viste mais alguns miúdos a nadar onde ela estava?

Por um momento, ele fica calado.

– Não compreendo. Qual é a tua preocupação?

– Eu só... – Cerro os punhos sobre o cobertor. – Viste o Nico a falar com ela? Mesmo antes de quase se afogar.

– Não – responde, semicerrando os olhos.

– Eu vi.

Desta vez, ele senta-se direito na cama. Se eu não estava com disposição antes, acho que ele também já não está.

– O que estás a dizer, Millie?

– Não estou a dizer nada. Estou só a tentar perceber o que aconteceu.

– Estás a dizer que o nosso filho tentou afogar a Suzette? É isso que pensas?

– Não – digo, apesar de ser mais ou menos isso que estava a pensar. O Enzo não viu o olhar fulminante que o Nico lhe lançou antes de irem para a água.

– Bem, ótimo. Porque não tentou.

– Tens a certeza?

– Sim! – Lança-me um olhar exasperado. – Eu vi-o. Não estava perto dela.

Como disse, devem ter sido algas ou outros miúdos.

Está a mentir-me. Tenho a certeza. Vi o Nico ao lado da Suzette pouco antes de ela se afogar. O Enzo está só a dizer-me o que acha que eu preciso de ouvir. Mas o que eu quero é a verdade.

– O Nico é um bom menino – diz, obstinadamente. – Não devias preocupar-te tanto. É mau para a tua tensão arterial.

Só que não posso deixar de pensar que, neste momento, tenho problemas muito maiores do que a tensão arterial.

Acordo às três da manhã encharcada em suor.

Estava a ter uma espécie de pesadelo. No pesadelo, estava a flutuar no oceano. De repente, uma mão apertou-me o tornozelo e começou a puxar-me para debaixo de água. Desatei aos gritos, tentando libertar-me, mas a mão puxava e puxava. Comecei a afundar-me.

Foi então que acordei.

Passou uma semana desde a nossa tentativa de ida à praia. Parece que as coisas nunca mais foram as mesmas desde esse dia, embora não consiga perceber porquê. O Enzo esteve distante a semana inteira, mas não posso propriamente dizer-lhe isso, pois não está a fazer nada de mal. Anda apenas estranhamente distraído.

O céu está limpo esta noite, e o luar entra pelas janelas do quarto. Viro a cabeça, esperando ver o meu marido a dormir profundamente junto a mim. Mas não é isso que vejo.

O Enzo não está a dormir profundamente. Na verdade, nem sequer está na cama.

Que raio?

Sento-me na cama, totalmente desperta. Normalmente, sou eu que passo a vida a acordar a meio da noite. O Enzo tem um sono pesado. Não sei se alguma vez tinha acordado sem ele na nossa cama. Onde poderá estar? Na casa de banho?

Mas, do meu lugar na cama, consigo ver a casa de banho principal. E ele não está lá.

O som do motor de um carro chama-me a atenção. Corro para a janela e fico de boca aberta ao ver a carrinha do meu marido entrar no nosso caminho de acesso à garagem. O que andava a fazer a conduzir pelo bairro a meio da noite?

Ao estacionar, a carrinha fica fora do meu campo de visão, por isso não o consigo ver sair. Mais importante que isso é o facto de não conseguir ver se estava sozinho. Não sei o que seria pior – andar a conduzir sozinho a meio da noite ou fazê-lo acompanhado.

Quem quero enganar? *Acompanhado* é definitivamente pior.

Os passos do meu marido tornam-se mais altos à medida que sobe as escadas para o andar de cima. Move-se lentamente, tentando não fazer demasiado barulho. Deve estar a tentar não me acordar. Espera que, quando regressar ao quarto, eu esteja a dormir profundamente e que não tenha dado por nada.

Vai ter uma surpresa.

A porta do quarto entreabre-se. O Enzo espreita para o interior e arregala os olhos ao ver-me sentada na cama.

– Millie – diz. – Hã, olá.

– Onde estavas? – pergunto, bruscamente.

– Estava... – Olha por cima do ombro na direção do corredor. – Estava com sede. Fui só lá abaixo beber um copo de água.

– De calças de ganga?

O Enzo baixa os olhos para as calças e para a *T-shirt*. Também está de meias, com as quais jamais dormiria. É evidente que se voltou a vestir, entre o momento em que veio comigo para a cama e agora.

Antes que possa inventar outra mentira, continuo.

– Vi-te a estacionar a carrinha. Por isso, diz-me lá outra vez: onde estavas?

– Desculpa. – Esfrega a parte de trás do pescoço. – Não conseguia dormir, por isso fui dar uma volta. Não queria incomodar-te nem que te preocupasses.

– Foste dar uma volta?

– Sim.

– Onde foste?

– Só dar uma volta pelo bairro – diz, com um encolher de ombros.

– Sozinho?

– Sozinho – assente.

Lembro-me da forma como sorriu ao polícia que o apanhou em excesso de velocidade e de como lhe mentiu com os dentes todos. Conheço-o há muito tempo, mas, se não soubesse a verdade nesse dia, jamais teria sabido que ele estava a mentir. Agora, ao olhar para ele, não consigo perceber a verdade. Terá mesmo ido apenas dar uma volta porque não conseguia dormir?

Ou terá feito algo mais sinistro?

– Não devias preocupar-te – diz-me ele. – Não foi nada. Só uma voltinha rápida e já voltei. – Boceja sonoramente. – Resultou. Já estou cansado.

Despe as calças de ganga e a *T-shirt*, tira as meias uma a uma e atira-as para o cesto da roupa suja. Em seguida, sobe para a cama ao meu lado e envolve-me nos seus braços.

– Dorme, Millie – murmura. – É tarde.

Quero dormir. Estou cansada e tenho um longo dia de trabalho amanhã. Oxalá pudesse fechar os olhos e adormecer, como ele parece estar a fazer. Desejo-o mais do que tudo.

Mas é extremamente difícil dormir com o perfume de outra mulher a entrar-nos pelas narinas.

O Enzo anda a trair-me.

É a única coisa em que consigo pensar ao regressar a casa do trabalho, apesar de estar a demorar imenso na via rápida de Long Island – para variar. Passaram duas noites desde que o Enzo se escapuliu em plena noite. Duas noites desde que chegou a casa a tresandar ao que estou bastante certa de que era o perfume da Suzette. Não consigo tirar isso da cabeça.

O Enzo age como se estivesse tudo bem. Mantém a história sobre a volta aleatória a meio da noite. Não confessou ter tido uma noite de paixão com a Suzette enquanto chorava. E eu não voltei a sentir o cheiro do seu perfume.

Esforço-me por procurar uma explicação inocente, mas não consigo encontrá-la. Quando eu e o Enzo fomos para a cama nessa noite, ele não cheirava a perfume. É óbvio que se levantou durante a noite, foi a algum lado com ela na carrinha e esteve fora até às três da manhã, altura em que regressou a casa e fingiu que nada tinha acontecido.

Ao chegar a casa, encontro a carrinha do Enzo estacionada. Bem, pelo menos está em casa agora. Talvez devesse falar com ele sobre isto. Mesmo que não haja nenhuma explicação inocente, talvez seja melhor pôr simplesmente tudo em pratos limpos. Nunca quis ser o tipo de mulher que tem de fingir que não faz ideia de que o marido anda enrolado com outra nas suas costas.

Ao entrar, vejo os sapatos dos miúdos espalhados junto à porta da frente. Devem estar no andar de cima. Mas não vejo as botas do Enzo.

A carrinha está estacionada à porta, mas não está em casa.

Deve estar com a Suzette.

Cerro os dentes. Estou *tão* farta desta mulher, tão farta de o Enzo ir a correr para casa dos vizinhos para trabalhar no seu jardim das traseiras. Tive de ver o meu marido a resgatá-la do oceano, quando provavelmente nem sequer se estava a afogar. Aposto que inventou tudo. Afinal, quem é puxado para debaixo de água por *algas*?

Estou farta de ser a vizinha simpática. Vou dizer àquela mulher o que penso dela de uma vez por todas e depois vou trazer o meu marido para casa comigo.

Não me dou ao trabalho de tirar os sapatos. Bato com a porta da frente de

nossa casa ao sair e piso ambos os relvados acabados de cortar, para chegar ao número 12 da Locust Street. Encosto o polegar à campainha, deixando-a tocar por muito mais tempo do que seria necessário.

Não obtenho resposta.

Toco uma segunda vez, com o mesmo resultado. O interior da casa está silencioso. Não se ouvem passos a dirigir-se à porta nem oiço o som do equipamento do Enzo no jardim das traseiras.

E se não ouvem a campainha porque estão ocupados? E se estiverem lá em cima, no quarto da Suzette, a...

Oh, meu Deus, não quero pensar nisso.

Por impulso, levo a mão ao puxador. Não esperava que a porta estivesse aberta, mas a maçaneta roda. Rodo-a totalmente para a direita e apoio-me na porta para a abrir.

Entro no *hall* da grande casa dos Lowell. Parece... silenciosa. Não oiço camas a ranger no andar de cima, isso é certo.

– Suzette? – chamo. – Enzo? – acrescento, num rosnido grave.

Mais uma vez, ninguém me responde.

Atravesso o *hall*. Continua tudo em silêncio. Não me parece que esteja alguém em casa. Mas, ao chegar à sala de estar, apercebo-me de outra coisa. Um cheiro característico. Um cheiro que se tornou muito familiar para mim.

É o fedor do sangue.

Porque cheira a sangue nesta casa? E não é um odor ténue; a casa tresanda. Da última vez que cá estive, cheirava a lilás ou outra coisa do género.

– Suzette? – chamo. Desta vez, há um tremor na minha voz.

Baixo os olhos e é então que vejo, ao virar da esquina da escadaria, um pé que pertence ao corpo sem vida no chão. Os olhos fitam o teto sem nada verem, e uma poça de sangue alastra lentamente pelo soalho da sala de estar. Reconheço o que vejo de imediato e preciso de todas as minhas forças para não desfalecer.

É o Jonathan Lowell.

Alguém lhe cortou a garganta.

Segunda Parte

Tenho de ligar para o 112. *Já.*

Claro que não há como salvar o Jonathan Lowell. Está morto. Assusta-me mais que ainda tenha sangue a escorrer do pescoço, o que significa que quem quer que o tenha matado o fez há muito pouco tempo.

Será possível que ainda aqui esteja?

Oiço uma porta bater algures no interior da casa. Parece a porta das traseiras. Estará alguém a sair? Ou a voltar para se livrar de testemunhas?

Tateio os bolsos em busca do telemóvel, mas encontro apenas as chaves de casa. E então lembro-me: fiz uma chamada enquanto estava no carro e guardei o telemóvel na mala. A mala que está neste momento em minha casa. Não sei se o Jonathan tem o telemóvel no bolso, mas nem pensar que lhe vou tocar. Tenho de voltar a minha casa para chamar a polícia.

Tento não pensar na possibilidade de o assassino ter fugido para a casa ao lado, onde os meus filhos vivem, enquanto dou meia-volta e corro para a porta da frente. Nem olho para trás. Saio diretamente em direção a minha casa. Não paro de correr até chegar à porta da frente e entrar, batendo-a com força atrás de mim.

Ao entrar em casa, a primeira coisa que oiço é o som de água a correr vindo da cozinha. Em seguida, oiço palavrões em italiano. O meu marido está em casa. Saberá o que fazer nesta situação.

Já estive em cenários como este, e ele é uma das poucas pessoas em que posso confiar.

Ao entrar na cozinha, vejo o Enzo debruçado sobre o lava-loiça, a lavar as mãos. Mais uma vez, pragueja baixinho. Ao aproximar-me, capto um vislumbre do líquido vermelho-escuro a descer pelo ralo.

O que está ele a lavar das mãos?

— Enzo?

Ele olha por cima do ombro.

— Dá-me um segundo, Millie. Descuidei-me e cortei a mão numa tesoura da poda. *Stupido.*

Só que não vejo nenhum corte na mão. Vejo apenas muito sangue.

– Há algum problema? – pergunta.

Abro a boca para lhe contar da coisa terrível que acabo de ver, que o Jonathan Lowell está morto na casa ao lado. Ao vê-lo virar-se, porém, revelando o sangue que lhe cobre a *T-shirt* branca, tenho o pressentimento horrível de que ele já sabe.

– Millie? – diz o Enzo.

Ao longe, o som de sirenes torna-se mais alto. Não cheguei a chamar a polícia. Ainda assim, vêm a caminho. De alguma forma, sabem o que aconteceu.

– Millie? – repete ele, franzindo as sobrancelhas negras. – O que se passa?

– O Jonathan Lowell está morto – respondo, com a voz embargada. – Foi esfaqueado.

– *O quê?*

Não sabia ao certo se me estava a mentir há dois dias, quando desapareceu do quarto a meio da noite. Neste momento, porém, o Enzo parece verdadeiramente espantado. Quase podia jurar pela minha vida que está chocado com o que lhe estou a dizer.

Quase.

Baixa os olhos para a camisola, manchada de sangue ainda fresco. Ao voltar a erguer o olhar e ver a minha cara, dá um passo atrás.

– Já te disse que me cortei. Este sangue é da minha ferida. É o *meu* sangue.

As sirenes soam agora muito mais alto. O carro da polícia chegará a qualquer momento.

– Muda de camisola – digo-lhe eu.

Por um momento, o Enzo fica paralisado, mas acaba por assentir. Corre para o andar de cima para se livrar da camisola ensanguentada. E do que mais precise de se livrar.

Ao longo dos vinte minutos seguintes, chegam cada vez mais polícias a casa dos Lowell.

Dizemos aos miúdos para ficarem nos quartos, pois não queremos que vejam o que se passa lá fora. A dada altura, vão descobrir que o vizinho foi assassinado, mas quero adiá-lo o máximo possível. Acabo por fazer alguns *bagels* de *pizza* no micro-ondas e deixo que comam nos quartos.

Assisto ao aparato pela janela. A Suzette chega a casa cerca de meia hora depois da chegada da polícia, e vejo um homem que parece ser um detetive a dar-lhe a notícia. Ela tapa os olhos e começa a soluçar, mas aos meus olhos parece falso.

Não está minimamente perturbada por o marido estar morto.

A dada altura, a polícia virá a nossa casa para fazer perguntas, mas isso ainda não aconteceu. Quando vierem, não sei muito bem o que lhes dizer.

O Enzo e eu estamos sentados à mesa da cozinha, a olhar para os *bagels* de *pizza* que fiz. Seriam pouco apetecíveis mesmo na melhor das alturas. O queijo está mal derretido de um dos lados e, em simultâneo, quase queimado do outro. Mesmo que fosse uma refeição *gourmet*, não seria capaz de comer nem uma dentada.

– Não compreendo – digo ao Enzo. – O que se passou? Estavas em casa deles?

– Não! – exclama. – Não estava lá dentro. Estava no jardim, a trabalhar.

– E não ouviste nada?

– Não, mas sabes que o meu equipamento é barulhento. Nunca oiço nada do que se passa dentro de casa.

Olho para as mãos do Enzo, apertadas sobre a mesa da cozinha.

– Onde fizeste o corte?

– O quê?

– Disseste que te tinhas cortado na mão – lembro-lhe eu. – Por isso é que estavas a sangrar, *lembras-te*? Onde está o corte, então?

Estende-me a mão esquerda. De início, nem o vejo, mas, ao olhar com mais atenção, encontro o corte na sua palma.

Vou dizê-lo, simplesmente: é impossível que este corte tenha deitado tanto sangue.

– Os cortes nas mãos sangram muito – diz, à defesa. – Têm muitos vasos sanguíneos.

– Agora já não está a sangrar.

– Bem, *estancou*.

Não sei o que dizer. Quero acreditar nele. Quero mesmo, mesmo muito. Lembro-me do Jonathan Lowell caído no chão da sala de estar com a garganta aberta. Não quero pensar na hipótese de o meu marido poder ser responsável por algo assim.

Se foi, é uma pessoa muito diferente do que eu julgava.

Antes que possa formular mais alguma pergunta, tocam à campainha. Apesar de estarmos à espera, damos ambos um salto. O Enzo parece apavorado, ao agarrar-me no braço.

– Millie – crocica. – Não lhes digas do sangue na minha camisola. Está bem?

Liberto-me do seu aperto e levanto-me da cadeira para ir abrir a porta. Não tenho a menor intenção de lhes falar da camisola. Fui eu que lhe disse para a trocar.

O detetive que deu a notícia à Suzette está à nossa porta da frente. Ronda os quarenta anos e tem o cabelo grisalho impecavelmente aparado. Veste uma gabardina bege sobre uma camisa branca e uma gravata vermelho-escura. Conheci muitos detetives ao longo dos anos, e algo no fundo da minha mente me diz para não confiar neste. Por outro lado, sinto isso muitas vezes quando a polícia está por perto.

– Senhora Accardi? – O sotaque do detetive soa mais de Queens do que de Long Island. – Sou o detetive Willard. Tem um minuto?

Assinto mudamente.

– Sim.

– Posso entrar? – pergunta o Willard.

Já que não é a minha primeira vez nestas andanças, sei que é um erro convidar um polícia a entrar em nossa casa. Assim que lhe der permissão para entrar, vai começar a examinar tudo. Tendo em conta a camisola ensanguentada que o meu marido acabou de despir, preferia que não o fizesse.

– Na verdade – digo –, os meus filhos estão lá dentro. Portanto, preferia ficar aqui no alpendre.

– Se preferir, claro – assente o Willard.

Acendo a luz do alpendre e saímos. Os mosquitos andam a rondar, fazendo-me desejar ter borrifado alguma proteção. Ainda assim, não vou convidar este homem a entrar em minha casa. Prefiro que me comam viva.

– Não sei se soube do que aconteceu – diz.

Atento, o detetive observa a minha expressão. Independentemente do que mais possa achar sobre ele, parece inteligente. Decido ser franca sobre o que aconteceu.

– Eu, hã... tenho uma ideia... – Pigarreio. – Ia lá a casa para falar com a Suzette e vi o Jonathan estendido no chão. Estava... – Tenho de fechar os olhos, tentando bloquear a memória. – Vim a casa buscar o telemóvel para ligar para o 112, mas depois ouvi as sirenes da polícia.

O detetive Willard assente.

– Foi a sua vizinha, a Janice Archer, que ligou à polícia. Disse que ouviu gritos no interior da casa.

A Janice, pois claro. Está sempre vigilante e tem uma vista perfeita para o número 12 da Locust Street.

– Disse que a viu entrar na casa depois de ter chamado a polícia – diz. – E que saiu pouco depois.

Ainda bem que decidi dizer a verdade. A Janice viu tudo, por isso ao menos confirmou a minha história. Será agradável, só por esta maldita vez, não ser suspeita de homicídio.

– Disse-me também – prossegue o Willard – que o seu marido entrou pela porta da frente cerca de duas horas antes do sucedido e que nunca o viu partir, o que significa que saiu pela porta das traseiras, para onde ela não tem vista.

– O meu marido é paisagista – digo. – Trabalha frequentemente no jardim das traseiras dos Lowell. É só um trabalho.

– A senhora Archer diz que ele vai muitas vezes lá a casa – contrapõe ele. – Sobretudo quando o senhor Lowell não está.

Bem. Uau.

– Não é... – Recomponho-me, lembrando a mim mesma que o detetive está a tentar obter uma reação minha. Não lha vou dar. Nem sequer me fez uma pergunta direta, por isso não lhe devo uma resposta. – A senhora Archer é uma intrometida. Não se passa nada entre eles.

– Não? Tem a certeza?

– Sim, tenho – respondo, tensa.

O detetive Willard ajeita a gravata vermelha.

– Sabe de alguém que pudesse querer fazer mal ao Jonathan Lowell?

– Não o conhecia muito bem.

– E quanto ao seu marido?

– O meu marido jamais faria algo assim! – exclamo. – É a coisa mais ridícula que alguma vez ouvi!

Um sorriso sinistro torce os lábios finos do detetive.

– Perguntava-me apenas se o seu marido conhecia bem o senhor Lowell.

– Ah. – Sinto um calor nas faces. – Não. Eu... acho que não.

– E quanto à *senhora* Lowell? – A mensagem subliminar das suas palavras é óbvia. – Ele conhecia-a bem?

– Não assim tão bem.

– Apesar de passar lá a vida?

– *A trabalhar.*

Estou furiosa comigo mesma por deixar que o detetive me abale desta forma. Há dez anos, jamais teria deixado que isso acontecesse. Tornar-me esposa e mãe deixou-me sensível.

– Enfim – diz o Willard. – Talvez seja melhor falar com o seu marido, nesse caso. Importa-se de o ir chamar?

Respiro fundo para me acalmar.

– De todo. Só um momento.

Regresso a casa e fecho a porta atrás de mim, deixando o detetive no alpendre da frente. Encosto-me à porta, tirando um momento para respirar. O detetive Willard abalou-me. Ao olhar para as minhas mãos, vejo que estão a tremer.

Finalmente, recomponho-me o suficiente para entrar na cozinha. O Enzo continua lá sentado, com os *bagels* frios numa pilha intacta à sua frente. Ergue os olhos, ao ouvir-me entrar na divisão.

– Então? – pergunta.

– O detetive quer falar contigo – digo.

As suas feições bonitas enchem-se de temor. Fita-me como se lhe tivesse dito que vai ser conduzido à cadeira elétrica. Apesar disso, ergue-se e dirige-se à porta da frente, para ir falar com o detetive.

O Enzo não me diz grande coisa depois da conversa com o detetive. Não sei do que falaram. Encostei o ouvido à porta da frente, tentando ouvir, mas a nossa porta deve ser tão à prova de som como a divisão secreta, pois não consegui perceber nem uma palavra. O lado positivo é que o detetive não levou o meu marido algemado.

Depois de o detetive partir, subi ao piso de cima para procurar a *T-shirt* com as manchas de sangue, mas não a vi no cesto da roupa suja. Não a vi em lado nenhum.

Pergunto-me o que é que o Enzo lhe terá feito.

Os nossos filhos têm estado trancados nos quartos, por isso, depois de acabarem de comer, decidimos chamá-los à sala de estar para conversar sobre o que se passou. Afinal, não podemos esconder-lhes que o nosso vizinho do lado foi assassinado. Eles sabem que algo se passa.

Sentam-se os dois no sofá. A Ada fita-me atentamente com os grandes olhos negros, e o Nico retorce-se, tentando pôr-se confortável. Parece nunca conseguir estar quieto. Não posso também deixar de reparar que está a evitar o contacto visual.

Sento-me ao seu lado no sofá, enquanto o Enzo ocupa a poltrona. Não sei bem qual de nós devia iniciar a conversa, mas vejo que o Enzo tem uma expressão vidrada no rosto, como se ainda estivesse atordoado com seja o que for que discutiu com o detetive, por isso tenho o pressentimento de que vou ter de ser eu.

– Queremos falar convosco sobre o que se está a passar na casa ao lado – começo. – Presumo que tenham visto os carros da polícia.

A Ada assente solenemente, enquanto o Nico se remexe no lugar.

– Lamento dizer-vos – digo – que o senhor Lowell foi... Alguém o matou.

Não precisam de ouvir os pormenores. Não precisam de saber que o encontrei numa poça de sangue com a garganta cortada. Esta versão simplificada já é má o suficiente.

Como era de prever, a Ada desata a chorar. O Nico baixa os olhos e não diz nada.

– Não quero que fiquem com medo – prossigo. – A pessoa que lhe fez isto... não querará fazer mal à nossa família. Não tem nada que ver connosco.

Como é óbvio, não temos qualquer prova disso. Não fazemos ideia de quem matou o Jonathan Lowell. Mas creio que não há nenhum mal em assegurar a duas crianças que as suas vidas não correm perigo.

– Estão bem? – pergunto, afavelmente.

A Ada limpa os olhos.

– Sabem quem o matou?

Não posso dizer as palavras que tenho na cabeça. *A polícia acha que pode ter sido o vosso pai.* Passo-lhe o braço pelos ombros.

– Saberão em breve. Não te preocupes.

O Nico está recostado no sofá e tem uma expressão no rosto que não consigo decifrar. Lembro-me de como se mostrou indiferente, quando o louva-a-deus adorado foi desta para melhor. Foi... perturbador. Esta situação é diferente, trata-se de um *ser humano*. Além disso, o Nico passou algum tempo em casa dos Lowell a fazer tarefas. Conhecia-os. Deve ter o cérebro num caos neste momento.

Mas a verdade é que não parece minimamente perturbado.

Mandamos os miúdos de volta para os quartos. Com a insistência da Ada, garantimos a ambos que iremos desejar-lhes boa noite. O Nico não diz grande coisa.

Espero até ouvir o fechar das portas de ambos os quartos, antes de me virar para o meu marido.

– Achas que eles estão bem?

Mal me disse uma palavra desde que o detetive partiu. Continua com a mesma expressão vítrea nos olhos.

– Enzo?

Vira a cabeça para me fitar.

– Eu não o matei, Millie. Sabes disso, não sabes?

Estou na ponta mais distante do sofá e podia chegar-me para o lado, para ficar mais perto da poltrona, mas não o faço.

– Eu sei.

– Cortei-me na mão – diz ele. – Estava a sangrar.

– Certo. Foi isso que disseste.

– E não te andava a trair com a Suzette – acrescenta.

– Está bem – assinto.

A polícia já desconfia do Enzo por causa do que a Janice lhes disse e nem sabem das coisas que eu sei, como o sangue que tinha nas mãos, e que se escapuliu na outra noite e regressou a cheirar ao perfume da Suzette.

Deu-me explicações para tudo, mas não acredito em nenhuma. Não as repetirei à polícia, mas isso não significa que possa esquecer o que aconteceu.

– Por favor, Millie. – Falha-lhe a voz. – Preciso que acredites em mim. É importante. Eu não fiz isto.

– Está bem – digo. – Eu acredito em ti.

– Juras?

– Juro – respondo, baixinho.

Veem? Sou tão boa a mentir como ele.

Na manhã seguinte, somos acordados pelo som do telemóvel do Enzo a tocar.

Esfrego os olhos, enquanto ele tateia em busca do aparelho na mesa de cabeceira. Oiço-o dizer um «Estou?» sonolento. Depois, o seu corpo fica tenso.

– Sim – diz para o auscultador. – Posso ir à esquadra. Preciso só de... reagendar umas coisas e... Sim, ela também pode ir. Temos só de mandar os miúdos para a escola, mas... Sim, está bem. Aí estarei. – O Enzo desliga a chamada, parecendo mais desperto do que alguma vez o vi a esta hora do dia. – Era o detetive Willard – explica. – Quer que vamos ambos à esquadra. Quer falar connosco.

Fico desperta de imediato.

– Disse mais alguma coisa?

– Não. Só isso.

Mais uma vez, sei por experiência própria que pedir-nos para ir à esquadra não é bom. Quer assegurar-se de que o que quer que digamos fica registado.

Pergunto-me se descobriram mais alguma coisa.

– Acho que devíamos ligar ao Ramirez.

O Enzo suspira.

– Não quero incomodá-lo. Além disso, está reformado, não está?

– Disse que se ia reformar da última vez que falámos, mas aposto que não o fez.

Ele só hesita um segundo.

– Está bem. Liga-lhe.

Eu e o Enzo não temos muitos amigos chegados, mas um dos mais próximos é o Benito Ramirez. É detetive da Polícia de Nova Iorque. Conheci-o durante um período negro da minha vida, em que fui acusada de algo terrível que não tinha feito, e ele esforçou-se muito para garantir que as acusações eram completamente retiradas. Tornámo-nos bons amigos desde então e ajudamo-nos mutuamente, quando podemos. Quando a Ada nasceu, pedi-lhe para ser seu padrinho. É o maior

viado no trabalho que conheço – ainda pior do que o Enzo –, mas passámos muito tempo juntos ao longo dos anos, e comprou sempre presentes para os afilhados nas festas e aniversários.

Talvez seja a única pessoa que fique feliz por ter notícias minhas a esta hora da manhã.

Seleciono o nome do Ramirez na minha lista de contactos. O Enzo mantém os olhos negros fixos em mim, enquanto faço a chamada. Toca duas vezes, e depois a voz rouca familiar do detetive soa-me ao ouvido.

– Millie? – diz, aparentemente tão desperto como eu. – És tu, Millie Calloway?

É a única pessoa que ainda me trata pelo meu nome de solteira, apesar de já ser Accardi há mais de uma década.

– Sim, sou eu.

– Nesse caso, suponho que estás em algum tipo de apuros – observa. Não soa zangado. Parece mais divertido.

– Temos aqui uma situação – admito. Baixo a voz, apesar de a única pessoa no quarto ser o Enzo. – Mudámo-nos para Long Island, como te disse da última vez que falámos.

– Certo! Agora vives em Long Island! Tens ouvido muito Billy Joel? Vais jantar fora todas as noites?

– O meu vizinho acabou de ser assassinado, Benny.

Isso fá-lo parar bruscamente.

– Caramba, Millie. Lamento imenso ouvir isso. O que se passa?

Conto-lhe a história toda de como ontem encontrei o Jonathan morto em sua casa. Digo-lhe do detetive Willard e que nos pediu para irmos à esquadra esta manhã. Começo a falar-lhe do sangue nas mãos do Enzo, mas nesse momento o meu marido lança-me um olhar, por isso calo a boca. Não é que ele não confie no Ramirez, mas... bem, é polícia.

Quando acabo de lhe contar o que aconteceu, o Ramirez solta um assobio baixo.

– Uau. Que história de loucos. Mas não têm razões verdadeiras para suspeitar de ti nem do Enzo, pois não?

– Não...

– Então, vão à esquadra e falem com eles – diz. – Se algo começar a soar estranho, param e não dizem mais nada. Depois, arranjam um bom advogado.

Um bom advogado. Pergunto-me quanto custaria isso.

– Benny, não sei se podemos pagar a um advogado neste momento.

– Sim, mas têm de vos facultar um. Não vos podem interrogar se disserem que querem um advogado.

Será um defensor público que não fará ideia do que está a fazer. Da última vez que tive um defensor público, acabei a passar dez anos na prisão. Ainda assim, é melhor do que nada. Acho eu.

– Entretanto – diz ele –, vou falar com alguns colegas e ver o que consigo descobrir.

– Ainda trabalhas para a Polícia de Nova Iorque? – pergunto-lhe eu. –

Andavas a falar em reformar-te.

Ele resfolega.

– Sim, bem, ainda aqui estou. Se fosse casado, a minha mulher estaria furiosa.

Ergo um polegar ao Enzo. Ele assente e afasta-se em direção à casa de banho.

Quando oiço o duche a correr, desembucho.

– Benny, o Enzo tinha sangue nas mãos quando chegou a casa ontem à noite.

Faz-se um longo silêncio do outro lado da linha.

– Sangue?

– Diz que se cortou.

– Talvez seja verdade.

Abano a cabeça.

– Não sei...

– Millie – diz ele. – Se há algo que sei sobre o Enzo Accardi é que é um bom homem. Não creio que fosse capaz de matar alguém. Se o fizesse, seria por muito boas razões.

Isso é verdade.

– Não dramatizes – aconselha-me ele. – O vosso vizinho acabou de ser assassinado. É claro que vos vão querer interrogar. Quanto mais cedo descobrirem o responsável, mais cedo o assunto se resolve. – Hesita. – Mas não lhes digas do sangue.

Se ganhasse um euro por cada vez que menti à polícia, não teria de me preocupar com as prestações do empréstimo.

Tencionava manter os miúdos em casa hoje em vez de os mandar para a escola, mas nem pensar que vou fazer isso, se tiver de ir com o Enzo para a esquadra. Não vou levar os meus filhos para uma esquadra da polícia. O meu maior desejo é que nenhum deles tenha de pôr os pés numa esquadra em toda a vida. (Exceto talvez nalguma visita de estudo. Nesse caso, suponho que não haveria problema.)

Até o Nico se prepara para ir para a escola sem grandes protestos ou complicações. Estão ambos atipicamente silenciosos, enquanto engolem os cereais, o que parece apropriado, dada a gravidade do que aconteceu. Não os tenho levado à paragem do autocarro de manhã, mas hoje levo, só para garantir que tudo corre sem percalços.

Infelizmente, a Janice e o Spencer estão à espera na paragem quando chegamos. A Janice veste a camisa de noite habitual e os chinelos. Preciso de me controlar para não lhe apertar os dedos à volta do pescocinho magro. Esta mulher disse à polícia que achava que o meu marido tinha matado um homem. Não é propriamente o comportamento de uma boa vizinha.

Não dizemos uma palavra uma à outra, enquanto esperamos que o autocarro chegue, mas não tenho o menor problema com isso.

– Mamã – diz o Nico. Fico emocionada, pois há anos que não me chamava assim. – Tenho de ir à escola hoje?

Oxalá pudesse mantê-lo comigo, junto a mim, mas é impossível.

– Desculpa, querido. Tenho... de fazer uma coisa.

– Posso ir contigo?

– Eu... receio que não.

Treme-lhe ligeiramente o lábio inferior. Há muito tempo que o Nico não chorava em público, mas temo que esteja prestes a acontecer.

– Desculpa – apresso-me a dizer. – Mas estarei em casa quando voltares da escola. Prometo.

– Posso ir brincar com o Spencer? – pergunta, esperançoso.

Os olhos do Spencer iluminam-se ante a sugestão.

– Podemos, mamã?

A Janice parece estar à beira de uma apoplexia. Também não adoro a ideia, depois do que ela disse à polícia sobre o meu marido, mas estaria disposta a permiti-lo para fazer o Nico sentir-se melhor. No entanto, não parece ser uma possibilidade.

– Spencer – diz a Janice, bruscamente. – O Nicolas foi suspenso da escola por andar à luta. Já te tinha dito que nunca mais podias brincar com ele.

Esperem lá, *o quê?*

Nem me lembro de ficar furiosa com a Janice por falar assim à frente do Nico. O que ela acaba de dizer não pode estar certo. O Nico foi a casa do Spencer na véspera da ida à praia e mais algumas vezes desde então. Pelo menos, foi isso que me disse...

– Nico – digo, incisivamente. – Pensava que a senhora Archer tinha dito que podias brincar no jardim das traseiras com o Spencer?

– Não disse tal coisa! – ladra ela. – Pois não, Spencer?

O Spencer acena em concordância, ávido por agradar. Uma expressão de culpa invade o rosto do meu filho. A Janice nunca lhe disse que podia brincar no jardim, e duvido que não se apercebesse se ele tivesse ido brincar com o Spencer sem ela saber. O que significa...

– Nico, vem cá. – Puxo-o pelo braço, até estarmos a vários metros de distância, e ele segue-me de forma obediente. Baixo a voz para que a Janice não me possa ouvir. – Onde tens ido quando saís de casa?

– A lado nenhum – apressa-se a responder. – Tenho ficado a brincar na rua sozinho.

Mas, se só estava mesmo a fazer isso, porque haveria de mentir?

– Só queria estar sozinho – acrescenta. – Não queria que te preocupasses.

Não acredito nele. Há algo que não me está a contar. O autocarro escolar chega nesse momento, e o Nico parece ansioso por subir, o que não é nada típico. Fico a ver o autocarro levar os meus filhos, perguntando-me se alguma vez obterei respostas para as perguntas que rodopiam na minha cabeça.

Mesmo sabendo o que ia acontecer, é inquietante que a primeira coisa que façam ao chegarmos à esquadra seja porem-nos, a mim e ao Enzo, em salas separadas.

É claro que nos querem separar. Querem que façamos as nossas histórias coincidir. Faz sentido, mas, ao mesmo tempo, causa-me um certo pânico. O facto de sentirem a necessidade de nos separar leva-me a pensar que não nos estão a interrogar apenas como vizinhos da vítima. Veem-nos como suspeitos.

Sento-me na sala de interrogatório pouco iluminada e retorço-me numa das cadeiras desconfortáveis de plástico. Imagino o meu marido sentado numa sala similar noutro ponto da esquadra e pergunto-me o que estará a pensar. Mal falou comigo desde o telefonema que fiz esta manhã. Não lhe disse que admiti ao Ramirez que ele chegou a casa com sangue nas mãos.

A minha outra prova de que podemos estar em apuros é que é o detetive Willard que entra na sala para falar comigo. Não enviou nenhum dos outros agentes. Quer ser ele a falar comigo, pessoalmente.

Isso não é bom.

– Senhora Accardi. – Deixa-se cair na cadeira à minha frente. A iluminação da sala faz os papos que tem debaixo dos olhos parecerem hematomas. – Obrigada por ter vindo.

– Sem problemas. – Tento soar o mais possível como uma mulher que não receia que ela e o marido estejam a ser acusados de homicídio. – Só queremos descobrir quem fez aquilo ao Jonathan. É tão horrível. Parecia um homem muito simpático.

– Não se preocupe – diz o Willard. – Vamos descobrir quem fez isto.

Porque me soa a uma ameaça?

– Sou suspeita? – pergunto.

– Não – responde, sem hesitação. Apesar de tudo, sinto um rasgo de alívio. – Esteve no trabalho até trinta minutos antes de o cadáver ser encontrado. A senhora Archer viu o seu carro chegar a casa e disse que só esteve alguns minutos em casa dos Lowell. Isto foi depois de ela já ter ligado para o 112 por ter ouvido

distúrbios. Portanto não, não é suspeita, mas percebo porque estaria preocupada – acrescenta. – Dado o seu... historial.

Não devia estar de todo surpreendida por ele saber dos meus antecedentes criminais. Teria perdido o respeito por qualquer polícia que não investigasse quem questiona, mas é sempre um choque de realidade quando alguém os menciona.

– Sim – respondo, tensa.

– Senhora Accardi – diz. – O que sabe sobre a relação do seu marido com a senhora Lowell?

– Os Lowell são nossos vizinhos. – Encolho um ombro, tentando não deixar transparecer o meu nervosismo. – Ele estava a ajudá-la a tratar do jardim das traseiras, e, em troca, ela recomendava o seu trabalho a possíveis clientes. Tinham uma relação cordial.

– Alguma vez suspeitou que houvesse algo mais?

– Não. Nunca.

Esboça-me um sorriso conspirador.

– Nunca? Nem um bocadinho? Mesmo quando ele passava lá o dia inteiro? Quer dizer, a Suzette Lowell é uma mulher muito atraente.

Cerro os maxilares.

– Já disse *nunca*.

– Compreendo.

Não me vai passar nenhuma rasteira. Sou demasiado esperta. Não está a lidar com uma novata.

– Senhora Accardi – diz ele. – Sabia que o seu marido comprou uma arma recentemente?

Fico de boca aberta.

– Uma... uma arma?

– Isso mesmo. – Observa a minha expressão. – Levantou mil dólares da vossa conta conjunta e usou algum do dinheiro para comprar uma arma de fogo. *Ilegalmente*. Mas temos contactos.

– Eu...

Sinto o coração a palpitar dentro do meu peito. Custa-me imaginar que possa ser verdade, mas não posso negar que o dinheiro estava em falta na nossa conta. O Enzo disse que o tinha usado para substituir equipamento avariado, mas, se fosse só isso, porque não me teria ele dito?

Por outro lado, qual é o mal de comprar uma arma? Quer dizer, não fico encantada com isso e não consigo evitar interrogar-me sobre onde está a arma neste momento e o que tencionava fazer com ela. No entanto, o Jonathan Lowell não foi alvejado. Foi esfaqueado. Portanto, quer o Enzo tenha ou não comprado uma arma, não foi a arma do crime.

– Já agora – acrescenta o Willard. – Sabia que ele deu entrada num motel com a Suzette Lowell há quatro noites?

Sinto que vou sufocar. Suspeitei, quando me disse que tinha ido apenas dar uma volta, que o Enzo não estava a ser honesto. Mas esta informação arrasa-me. Quero acreditar desesperadamente que o detetive está a inventar isto só para me

abalar, mas tudo o que ele diz bate certo: o dinheiro em falta, o desaparecimento do Enzo...

O detetive Willard nem espera que eu responda à pergunta. Obteve toda a informação de que precisava através da expressão no meu rosto.

– Senhora Accardi – continua. – A senhora e o seu marido... estão com algumas dificuldades financeiras, não estão?

– Estamos bem – digo, à defesa.

– Então, não é verdade que lhe devolveram um cheque recentemente?

Oh, meu Deus, este detetive sabe de *tudo*. Reteso-me na cadeira de plástico, perguntando-me se saberá de que cor é a roupa interior que tenho vestida neste momento. Não me surpreenderia.

– Foi um erro de cálculo – respondo.

– Sabia – prossegue – que o Jonathan Lowell tinha um seguro de vida considerável e que a Suzette Lowell é a única beneficiária?

Mais uma vez, tento não reagir.

– Não, não sabia, mas não sei o que tem isso que ver comigo ou com o meu marido.

– Não? – pergunta, arqueando uma sobrancelha.

Respiro fundo, lembrando-me do que o Ramirez me disse para fazer se as perguntas comessem a seguir pelo caminho errado. Podem não desconfiar de mim, mas estou bastante certa de que o meu marido está na lista de suspeitos.

– Detetive Willard – digo. – Não vou responder a mais perguntas sem um advogado.

O detetive decide que não tem mais perguntas para me fazer, o que não se aplica ao Enzo.

Fico à sua espera na esquadra, mas mantêm-no lá durante *horas*. Duvido que passem esse tempo todo a interrogá-lo. Estão apenas a tentar vencê-lo pelo cansaço para lhe arrancarem a verdade. Também deve ter pedido um advogado – algo que pode demorar algum tempo.

Finalmente, ao fim de três horas, ele sai, com um ar exausto. Tem olheiras e os olhos ligeiramente raiados de sangue. Os seus lábios curvam-se para baixo, e parece nauseado.

– O que aconteceu? – pergunto-lhe eu.

– Vamos embora – diz. – Já. *Por favor*.

Vimos no meu carro para a esquadra, e ainda bem, pois ele não parece estar em condições de conduzir (além disso, tenho pavor de conduzir a sua carrinha com transmissão manual). Entra para o lugar do passageiro da frente e olha fixamente pela janela.

Pergunto-me o que lhe terão dito lá dentro.

Faz os primeiros cinco minutos de viagem em silêncio, a ver as ruas passar. Finalmente, fala.

– Millie, sabes que eu não te traí com a Suzette, não sabes?

Faço um esgar. Não quero ter esta conversa neste momento. Entre as minhas suspeitas anteriores e o que ouvi hoje do detetive Willard, é muito pouco provável que *não* me andasse a traír. Se me disser o contrário, será um monte de mentiras.

– Seria incapaz. – Vira o rosto da janela para me encarar. – Juro.

Lembro-me das palavras do Ramirez esta manhã: *Se há algo que sei sobre o Enzo Accardi é que é um bom homem. Não creio que fosse capaz de matar alguém. Se o fizesse, seria por muito boas razões*.

Quero tanto acreditar nisso, mas ele está a dificultar tanto.

– Então, porque foste para um motel com ela? – pergunto.

– Não fui!

– O detetive disse-me...

– Não é verdade – insiste.

– Enzo – digo. – Senti o perfume dela em ti.

Fica calado novamente, a absorver a informação. Lanço-lhe um olhar e encosto à berma da estrada, não querendo bater com o carro enquanto temos esta conversa. Parece estar a dar voltas à situação na sua cabeça. Irá confessar tudo?

Quero *mesmo* que confesse?

– Está bem – diz, por fim. – É verdade que fui a um motel nessa noite.

Até aí, não me tinha apercebido do quanto queria que ele negasse tudo.

– Compreendo...

– Mas juro que não estive com a Suzette. A polícia só sabe que estive com uma mulher, por isso assumiram que fosse ela.

O quê?

– Com quem me andas a trair? – atiro-lhe eu.

– Não te ando a trair – diz, com firmeza. – Estive... com a Martha. A Suzette dá-lhe restos de perfume, acho eu. Ou talvez... ela lho roube.

– A Martha, a nossa *empregada de limpeza*?

Ele assente lentamente.

Bem...

De todas as pessoas com quem imaginaria que o meu marido me pudesse trair, a minha empregada de limpeza de sessenta anos estava no fundo da lista. Ele jura que não me traiu, mas, se não o fez, porque estava num motel com ela?

– Fui a casa dela para lhe levar o último salário – começa.

Cerro os dentes, lembrando-me que lhe *pedi* para não o fazer, e ele fê-lo na mesma.

– Certo...

– E ela tinha... – Leva a mão ao rosto. – Hematomas por todo o lado. Já tinha pressentido ao falar com ela antes, mas nesse dia percebi tudo. O marido... Ficava-lhe com o salário, por isso é que ela roubava coisas. Estava a tentar poupar o suficiente para partir. Ele tê-la-ia matado, Millie. Estava zangado por ela ter sido despedida de mais um emprego. Tinha de a ajudar a fugir.

O Enzo jamais mentiria sobre isso. *Nunca*. Se diz que a Martha estava a ser espancada pelo marido, é porque é verdade – ou, pelo menos, é a verdade em que acredita.

– Talvez te estivesse a manipular para obter dinheiro – sugiro.

– Não – diz. – É real. Na verdade...

Para de falar, como se não soubesse se me devia contar mais. Não é altura para me esconder coisas.

– O quê?

– Queria falar *contigo*. – Suspira. – Sabia de ti.

– Sabia?

Pergunto-me como. Pergunto-me quem lhe contou.

A verdade é que tenho um... historial com mulheres como a Martha, mulheres que estão em situações terríveis, sem saída. Tornei-me a salvação de algumas dessas mulheres, e o Enzo também. Devo dizer que não posso deixar de recordar tudo com orgulho. Fizemos algum bem pelo caminho.

E talvez também tenhamos feito algum mal.

– Sim. E estava a tentar ganhar coragem, porque queria a tua ajuda. Mas

depois tu acusaste-a de partir coisas e disseste que estava a roubar...

– Ela *estava* a roubar!

– Já te disse porquê! – Abana a cabeça. – Não levou quase nada. A Suzette também achava que ela andava a roubar, e era disso que estava a falar comigo naquela noite no jardim dela. Tive de a convencer de que não andava a roubar nada, para que a Martha não perdesse o emprego.

Vejo nos seus olhos negros que cada palavra do que diz é verdade, e sinto uma pontada de culpa. A Martha estava sempre a olhar para mim, mas não era por me querer mal. Era porque pensava que eu era a sua única esperança de fugir e estava a ganhar coragem para me pedir ajuda. Em que tipo de pessoa me tornei para não ter conseguido ver isso?

– Então – digo, baixinho. – Estás a dizer-me que a arma era para ela?

– Precisava de uma forma de se defender até eu a conseguir afastar do marido. Depois de partir, ficou a precisar ainda mais. Ele ia procurá-la, Millie. Tinha de a ajudar. Apesar de ela estar a centenas de quilómetros, ainda a pode encontrar.

– Está bem, está bem. – Aperto o volante com mais força. – Compreendo o que fizeste. Não posso dizer que não teria feito o mesmo, mas... porque não me disseste? Sabes que podes falar comigo sobre esse tipo de coisas. Quer dizer, costumávamos ser uma *equipa*. Certo?

Costumávamos passar a vida a ajudar mulheres em apuros. Foi assim que nos conhecemos. Foi a razão por que nos apaixonámos. Podia ter ajudado – teria *querido* ajudar. Porque me deixou de fora desta vez?

Fica em silêncio, a medir as palavras.

– Estava preocupado contigo.

– Preocupado?

– Estás sob tanto *stress*. A tua tensão arterial...

– Oh, meu *Deus*. – Bato no volante com a palma da mão. – Então preferiste deixar-me acordar durante a noite a perguntar-me onde raio estavas? Achas que *isso* foi bom para a minha tensão arterial?

Solta um longo suspiro, deixando descair a cabeça no encosto.

– Fiz asneira. Fui estúpido.

– Sim. Foste.

– Mas... acreditas em mim?

– Sim – digo. – Acredito.

Pela primeira vez desde que saímos da esquadra, ele consegue esboçar o mais ínfimo dos sorrisos. Sim, a situação está má. O testemunho da Janice põe o Enzo em cheio no local do crime. Mas o Ramirez tem razão. O meu marido não mataria um homem por nada. Se diz que não o fez, acredito nele.

Ainda que, no fundo, continue a ter o pressentimento de que há algo que ele me está a esconder.

Ao chegar à nossa rua, vejo um *Dodge Charger* preto estacionado em frente a nossa casa. Antes de olhar sequer pelo para-brisas para o condutor, reconheço o carro do Benito Ramirez. Mal nos vê entrar no caminho de acesso, sai do veículo, segurando um café.

Acena, ao ver-me sair do carro. Apesar de estar calor na rua, traz um casaco de fato preto e uma gravata frouxa à volta do pescoço. Quando o conheci, há mais de uma década, tinha o cabelo curto grisalho, mas agora é quase todo branco.

– Millie. – Dirige-se a mim para me dar os abraços e beijinhos obrigatórios. – Que bom ver-te. Pareces bem.

– Obrigada – digo, apesar de ter a certeza de que pareço exausta.

Quando o Enzo sai do carro, o Ramirez dirige-se a ele.

– E tu, meu amigo, pareces um caco.

– Obrigado – responde o Enzo. – É como me sinto.

O Ramirez aponta com a mão em direção da nossa casa.

– Vamos para dentro. Infelizmente, trago mais notícias que te vão deixar em baixo. Precisam de ouvir isto.

Oh, meu Deus. O que foi agora?

Conduzimos o Ramirez ao interior da casa. Noutras circunstâncias, sentir-me-ia obrigada a fazer-lhe uma visita guiada, mas nenhum de nós está com disposição. Ainda assim, ele olha em volta e acena em aprovação.

– Bela casa, bem melhor do que o Bronx.

– Lamento termos partido – digo.

– Como estão os miúdos?

– Muito bem – responde o Enzo. Suponho que não é uma mentira descarada.

Instalamo-nos na sala de estar e não consigo parar de tremer, perguntando-me que raio vai o Ramirez dizer-nos. Ofereço-lhe um café, apesar de ele já ter um copo na mão. Esboça-me um sorriso compreensivo.

– Muito bem, vamos diretos ao assunto. – Pousa o copo na mesa de centro e inclina-se para a frente, apoiando-se nos cotovelos. – Felizmente, tenho um

contacto aqui em Long Island e fiz algumas averiguações. Tinham razão em estar preocupados. O Willard é um polícia severo e acha que mataste o Jonathan Lowell, Enzo. Está agora mesmo a construir o caso.

– Com base em *quê?* – pergunto.

– Bem – diz o Ramirez. – Não quero ser indelicado, Enzo, mas ele acha que te andavas a enrolar com a Suzette Lowell. Acha que conspiraram os dois para despachar o marido dela e receber o dinheiro do seguro. Ela aumentou o valor da apólice recentemente. Estamos a falar de muito dinheiro.

– Isso é ridículo – resmunga o Enzo.

– A senhora do outro lado da rua abriu o jogo todo com a polícia. – continua o Ramirez. – E, além disso, tirou fotos.

– Fotos? – arquejo.

– Ahã. Não são totalmente incriminatórias, mas tirou várias em alturas diferentes, um pouco perto demais, se é que me entendem.

A Suzette tinha toda a razão. A Janice é *tão* metediga.

O Enzo geme.

– Estávamos só a conversar.

– Sobre o *quê?* – pergunta o Ramirez, arqueando uma sobancelha.

– Nada. Coisas de jardinagem. Problemas com a empregada de limpeza. O tempo. Não importava. Tinha sempre uma desculpa para eu ficar. Dá-me a sensação... sei lá... Não parecia ter um casamento feliz.

– Achas que o marido lhe batia?

– Não. Não me deu essa impressão.

– Namoriscava contigo?

O Enzo lança um olhar preocupado na minha direção e ergue os braços num gesto exasperado.

– Sim. É claro que sim. Mas não significava nada, era inofensivo.

– Eis a situação – diz o Ramirez. – A vossa vizinha tem fotografias muito sugestivas tuas e da Suzette Lowell. Um motel a cerca de uma hora daqui tem registos teus a dar entrada com uma mulher há poucos dias. Compraste uma arma e pagaste em dinheiro. A Suzette Lowell subiu o valor do seguro de vida do marido. Depois, a vizinha vê-te a entrar em casa dos Lowell, e, quando damos por isso, o Jonathan Lowell está morto.

O Enzo cerra os dentes.

– Estive o tempo todo nas traseiras. A Suzette queria plantar um jardim, por isso estava a preparar a terra.

– Esperas mesmo que acredite que, além de não teres ouvido o que aconteceu dentro de casa, o verdadeiro assassino entrou e saiu pela porta das traseiras sem tu veres?

– Tinha o equipamento ligado... Faz muito barulho. E andava de um lado para o outro, entre o meu jardim e o deles.

– Vá lá, Enzo. – O Ramirez crava o olhar no meu marido. – Podes ser franco comigo. Mataste-o?

O Enzo enterra o rosto nas mãos.

– Não. Juro, Benny, seria incapaz.

– Nesse caso, vais precisar de um excelente advogado.

Frustrado, o Enzo dá um murro no sofá. Não o culpo. Um advogado excelente? Não temos dinheiro. Não podemos pagar a *nenhum* advogado, quanto mais a um dos bons. Teremos de aceitar o que nos derem. O advogado nomeado pelo tribunal terá de ser bom o suficiente.

– Não temos muito dinheiro – digo ao Ramirez. – Contratar um advogado está fora de questão.

– Pensei que pudesses dizer isso – responde. – Tomei a liberdade de contactar uma defensora pública. É das melhores que conheço. Está sediada no Bronx, pelo que fica fora da jurisdição, mas posso puxar uns cordelinhos. É jovem, acabou o curso de Direito há dois anos, mas é muito perspicaz. Tem um registo de vitórias excelente e até venceu um par de casos de homicídio. Quando lhe falei de vocês, ficou ansiosa por ajudar.

– Isso é ótimo – digo.

– Vem a caminho – acrescenta o Ramirez, olhando para o relógio. – Se não tiver apanhado trânsito, deve estar quase a chegar. Podem pô-la a par de todos os pormenores. – Lança um olhar de aviso ao Enzo. – Diz-lhe tudo. Nada de tretas.

– Nunca – assente o meu marido.

Abano a cabeça.

– É tão simpático da parte dela fazer a viagem tão à última hora.

– Disse que reagendou umas coisas.

Semicerro os olhos ao Ramirez. Algo me parece um pouco duvidoso. Esta mulher é uma defensora pública incrível, mas está disposta a largar tudo e a viajar da cidade até *Long Island* para ajudar um casal que nunca conheceu sequer? Quem faz algo assim? Olho para o Enzo, vendo a sua expressão cética, como a minha.

Passa-se algo.

O Ramirez leva a mão ao bolso e tira o telemóvel. Lê a mensagem no ecrã e roda a cabeça para olhar pela janela da frente. Um sedã azul parou em frente a nossa casa.

– É ela – diz ele.

Inclino-me para a frente na cadeira, para ver a mulher que está a sair do veículo. Tem o cabelo louro-claro apanhado atrás num coque francês e uma figura esbelta. Parece franzina. Não é o tipo de pessoa que imaginaria a ser feroz num tribunal, mas as aparências iludem. Se o Ramirez diz que é boa, confio nele.

O Ramirez salta do sofá para a deixar entrar. Ponho-me de pé, enquanto a nossa nova advogada entra na sala de estar, segurando uma pasta. O Enzo também se levanta, e oiço a sua inspiração súbita.

– *Oddio!* – arqueja.

A nossa advogada não é uma defensora pública qualquer. O Enzo sabe exatamente quem é esta mulher.

E, passado um instante, também a reconheço.

Cecelia! – exclama o Enzo.

Mal diz o nome, sei exatamente quem é esta rapariga: a Cecelia Winchester. Fui sua ama há algum tempo. O Enzo também cuidou dela devido às situações difíceis em que estava. Não a via pessoalmente desde que tinha dez anos. Agora, deve ter...

Oh, meu Deus, tem *vinete e sete*. Estou demasiado velha.

Apesar de tudo, o Enzo corre na sua direção. Envolve-a nos braços, e ela retribui o abraço. Sussurra-lhe algo ao ouvido, e ela sorri e anui. Não consegui perceber o que disse, apesar de ter ouvido as palavras «a tua mãe».

Atravesso a sala para a ver melhor. Pode ter vinte e sete anos, mas não deixa de parecer muito jovem. Acreditaria que tem apenas vinte, se alguém mo dissesse. Apesar disso, há algo de muito astuto e duro nos seus olhos azuis. Tem os olhos de alguém vinte anos mais velho. Algo no seu olhar me leva a crer que tê-la do nosso lado pode ser a melhor arma que temos.

– Olá, Millie – diz ela. Da última vez que ouvi a sua voz, era aguda e infantil. Agora, é decidida e profissional. Parece o tipo de mulher que trabalha até à mesa de jantar.

Consigo esboçar um sorriso.

– Olá, Cece. É muito bom ver-te.

– Idem. – Alisa a lapela do casaco do fato. – Gostava que não fosse nestas circunstâncias.

– A Cecelia é defensora pública, portanto, oficialmente, somos inimigos mortais – diz o Ramirez. – Mas admirei a paixão dela ao vê-la em ação. Cruzei-me com ela há cerca de um ano no supermercado, quando ia buscar o bolo que me pediram para a festa de aniversário da Ada, e começámos a conversar. Quando lhe disse que o bolo era para vocês, apercebi-me de que vos conhecia tão bem como eu. Por isso, quando me telefonaram esta manhã, liguei-lhe de imediato.

«Tão bem como eu» é um exagero. Somos amigos do Benny há anos. A última vez que vi a Cecelia foi quando ela era pequena. Ter-nos-á andado a vigiar?

Mesmo que o tenha feito, devia sentir-me grata. Neste momento, é a nossa única esperança.

– O Benny pôs-me a par de todos os pormenores, enquanto passava pela confusão da via rápida de Long Island – diz ela, ao regressarmos à sala de estar. – Estão a construir um caso bastante forte contra ti, Enzo.

Ele estremece.

– Eu sei. É terrível. Cecelia, eu não...

A Cecelia instala-se no sofá, cruzando uma das pernas magras sobre a outra. Pousa a pasta no colo e abre-a, produzindo um estalido. Extrai um bloco de notas amarelo e pega numa esferográfica. Nitidamente, não quer perder tempo com conversa de circunstância – algo que agradeço neste momento.

– Talvez não o tenhas matado – diz ela. – Mas vão atirar-se a ti com *tudo* o que têm, garanto-te. Não me surpreenderia se tivessem pedido um mandado de busca.

O Enzo esboça um sorriso escarninho.

– Deixá-los procurar. Não vão encontrar nada.

Não sinto o mesmo, porque a polícia já fez buscas em minha casa. É a maior violação que consigo imaginar. Correm *tudo*. Desfazem-nos a vida inteira e não voltam a pô-la como estava.

– De que virão à procura? – pergunto à Cecelia.

– Da arma do crime – responde, sem hesitação. – De quaisquer vestígios de sangue do Lowell.

Penso na *T-shirt* ensanguentada que o Enzo tinha vestida ontem à noite. Acabei por nunca a encontrar. Deve ter-se livrado dela.

Se era mesmo o sangue do seu corte, porque haveria de se livrar da camisola? Se fosse mesmo seu, não seria incriminatória.

– Não vão encontrar nada – declara, com firmeza.

– Ajudaria – diz ela – se me contasses tudo desde o início.

Assim, é isso que ele faz. Conta-lhe tudo, enquanto ela toma notas no seu bloco, em silêncio. Fala-lhe da relação com a Suzette, das coisas que fez para ajudar a Martha e, finalmente, de como estava a trabalhar no jardim ontem, enquanto o Jonathan estava a ser assassinado.

– Não fiz nada – insiste. – *Nada*. Porque haveriam de pensar que o matei?

É uma pergunta retórica, mas a Cecelia parece estar a contemplá-la. É óbvio que se transformou numa jovem muito ponderada. Pergunto-me se a Ada sairá como ela.

Claro que, se o pai for mandado para a prisão, a sua vida será arruinada para sempre.

– Vou ser sincera contigo, Enzo – responde a Cecelia, por fim. – Acho que pode estar relacionado com o Dario Fontana.

Ao ouvir esse nome, toda a cor se esvai do rosto do Enzo.

– O quê?

– Segundo percebi... – A Cecelia lança um olhar ao Ramirez, que anui. – O detetive Willard fez algumas indagações sobre o teu passado, sobre antes de vires para este país. Parece que surgiu esse nome.

Não faço a mínima ideia de quem seja. É perturbador que o homem com quem

estou casada há mais de uma década tenha uma reação tão violenta ao ouvir esse nome.

– Quem é esse Dario Fontana? – pergunto-lhe eu.

– Foi há muito tempo – responde ele, com a voz embargada.

A voz da Cecelia é firme, não deixando espaço para tretas.

– Não há assim tanto.

– Enzo? – digo.

Aperta os joelhos com tanta força, que fica com os nós dos dedos brancos.

– O Dario era o marido da minha irmã.

Claro, o marido da irmã. Faz sentido que o nome o tenha perturbado tanto. A Antonia sofreu de violência doméstica pelo marido durante muitos anos, até que ele acabou por a matar. Era um homem com ligações perigosas à máfia, e, quando exerceu a sua vingança, o Enzo teve de deixar o país imediatamente. Compreendo o porquê de nunca me ter dito o nome do homem, mas o que não compreendo é porque o referiu a Cecelia.

– Não era só isso – diz ela. – Temos de ser honestos quanto à situação com que estamos a lidar.

O Enzo lança-me um olhar angustiado.

– Millie, podes deixar-nos por um momento?

Está a gozar comigo? Acha realmente que seria capaz de *sair* depois disto?

– Nem penses – respondo, de forma brusca. – O que não queres tu que eu saiba?

– Enzo – diz o Ramirez. – Diz a verdade à tua mulher.

O Enzo murmura qualquer coisa em surdina. Nem pensar que vou sair desta sala sem descobrir o que ele não quer que eu saiba.

– Enzo? – repito.

– Está bem. *Está bem*. – Cerra as mãos em punhos. – Eu trabalhava para ele. Trabalhava para o Dario Fontana. Está bem?

Fico de queixo caído. Nunca antes tinha ouvido esta peça do quebra-cabeças. O Enzo *trabalhava* para o homem que espancava a irmã? Além disso, segundo entendi, o homem era um mafioso, portanto, se o Enzo trabalhava para ele...

– Era um *miúdo* – diz ele. – Tinha dezasseis anos quando comecei a trabalhar para o Dario. Não sabia quem ele era realmente. Quando percebi...

– Quantos anos trabalhaste para ele? – pergunta a Cecelia, pressionando-o.

O Enzo parece desolado por ter esta conversa.

– Oito anos.

– E, quando trabalhavas para ele, o que fazias?

Por um momento, o Enzo fecha os olhos, voltando depois a abri-los.

– Para, por favor. Eu... compreendo. Isto é mau. Percebo isso.

O que *fazia* afinal o Enzo para esse mafioso?

– Está bem – anui a Cecelia. – Não temos de falar sobre isto agora, mas preciso que entendas com o que estamos a lidar. Se isto aparecesse em tribunal...

– Sim. Compreendo.

– Vou lutar por ti – diz ela. – Mas não quero ouvir mentiras, Enzo. Não posso fazer nada por ti se me mentires. Tens de me contar tudo. Tens de ser

completamente honesto para eu te poder proteger.

Ele olha-a nos olhos.

– Eu não matei o Jonathan Lowell. Tens a minha palavra.

– Tudo bem – assente. – Mas, se não foste tu, quem foi?

– A Suzette Lowell – digo, de súbito. É o pensamento que tem estado na minha cabeça desde o momento em que vi o cadáver do Jonathan Lowell estendido no chão. A Suzette nunca pareceu respeitar o marido ou sequer gostar dele. O meu primeiro instinto foi que ela o tinha matado por fim.

– Mas como? – pergunta o Ramirez. – A vossa vizinha jura que a Suzette esteve fora o dia inteiro.

– Tem um álibi? – contraponho.

– Não, não tem, mas não pode propriamente chegar a pé a esta zona. Teria de ter vindo para casa de carro, e alguém a teria visto.

– Há outra maneira – diz o Enzo.

A Cecelia arqueia as sobrelanceiras.

– Sou toda ouvidos.

– Há uma forma de estacionar nas traseiras da casa deles sem entrar pela rua – explica o Enzo. – A Suzette disse-me. Pode ter estacionado e entrado pela porta das traseiras, de modo que a Janice Archer nunca a teria visto.

– E tu não terias reparado nela?

– Andava de um lado para o outro entre o nosso jardim e o deles. Não é certo se a teria visto.

– Bem, é um começo. Deixa-me investigar – diz a Cecelia, olhando para o relógio. – Muito bem, tenho uma tarde ocupada, por isso tenho de ir. Não vai ser fácil, mas prometo que farei tudo o que estiver ao meu alcance para evitar que te atirem com as culpas disto para cima. Vou lutar por ti.

O Enzo franze o sobrolho ao vê-la levantar-se. Quando aprendeu a pequena Cecelia Winchester a andar nuns saltos tão altos?

– Já venceste casos como este? – pergunta ele.

Honra lhe seja feita, a Cecelia esquiva-se habilmente à pergunta.

– Vamos vencer este.

Espero que tenha razão.

Depois de a Cecelia e o Ramirez partirem, temos trinta minutos até os meninos chegarem da escola.

Trinta minutos para extorquir a verdade ao meu marido.

– Enzo – digo. – Precisamos de falar.

Ele baixa a cabeça.

– Millie, estou tão cansado. Temos mesmo de falar agora?

– Sim, temos. – Cruzo os braços sobre o peito. Não o vou deixar safar-se desta vez. – Há onze anos que somos casados, e, de repente, parece que há muito que não sei sobre ti.

– Conte-te tudo o que era importante.

– E és tu quem decide o que é importante?

Cambaleia de volta à sala de estar e deixa-se cair no sofá.

– O quê? Tens de saber todos os pormenores? Tudo o que fiz desde o dia em que nasci?

Sigo-o até ao sofá e sento-me ao seu lado.

– Não, mas se foste o capanga de um mafioso, sim, preciso de saber isso.

– Não fui nenhum capanga.

– Que tipo de trabalhos fazias, então?

– Nada. Recados.

Lanço-lhe um olhar.

– *Recados*? Queres dizer que lhe davas de comer ao gato quando estava fora da cidade e lhe ias buscar a roupa à lavandaria? Era a isso que a Cecelia se referia?

– O que queres que diga? – Endireita-se no sofá, mas recusa-se a olhar para mim. – Era só um miúdo e cometi um erro terrível ao trabalhar para uma pessoa horrível. Queria sair, mas, por essa altura, ele namorava com a minha irmã, e não era assim tão fácil. Depois casou com ela. O que podia eu fazer?

– Quais eram as tuas tarefas, então? – pergunto. – Ias atrás das pessoas que lhe deviam dinheiro e partias-lhes as rótulas?

Ele resfolega.

– Vês demasiados filmes. Ninguém parte rótulas. Isso é ridículo.

– Caramba, não sabia que eras tão *entendido* – replico.

– Millie...

– Tudo bem, ninguém parte rótulas, então. O que é melhor? O que partem quando querem que um caloteiro qualquer pague o que deve, hã?

Fica muito tempo calado, a olhar para o colo. Finalmente, responde, em voz baixa.

– Dedos.

Oh. Meu. Deus.

– Millie. – Ergue o olhar. – Não me orgulho disto, acredita. A Antonia está morta por minha culpa. Se eu não tivesse começado a trabalhar para o Dario quando era um miúdo estúpido, ela nunca teria casado com ele. Ainda estaria viva. – Engole em seco. – Tenho de viver com isso, mas consome-me todos os dias. É por isso que... quando alguém precisa de ajuda... eu tenho de...

Tenho de morder a língua para me impedir de dar voz ao pensamento terrível que me passa pela cabeça. *Se andava a ameaçar pessoas e a partir-lhes os dedos (ou pior), talvez isto seja o karma a dar-lhe o que merece.*

– Diz-me. Alguma vez mataste alguém a mando dele?

– Não. Nunca! Já te disse isso.

– Bem, disseste muitas coisas que afinal não eram verdade.

– Estava só a tentar proteger-te – responde, lançando-me um olhar magoado.

Tretas. Escondeu-me tanto do seu passado. Não posso acreditar que só agora estou a descobrir tudo isto. Teve tantas oportunidades para me dizer a verdade. O Enzo sabe tudo sobre o meu passado, e não é nada idílico. Também tenho muitos segredos obscuros.

Podia ter sido honesto. Podia ter-me dito tudo, mas optou por não o fazer.

– Nunca matei ninguém. – Falha-lhe a voz. – Seria incapaz. Não matei o Jonathan.

Olho-o nos olhos. Da primeira vez que o vi, mal podia acreditar na cor tão escura dos seus olhos. Davam-me arrepios. Anos depois, quando fomos ao registo civil jurar que nos amaríamos até que a morte nos separasse, olhei para os seus olhos e não senti senão amor por este homem. Confiava nele. Ia ser o pai do meu filho, e sabia de todo o coração que tomaria conta de nós. Faria tudo o que estivesse ao seu alcance para nos proteger.

Não sei como correu tudo tão mal.

A certeza de que o Enzo passou este tempo todo a mentir aumenta.

Depois de a minha família ter ido para a cama, decido esgueirar-me para o jardim das traseiras dos Lowell com uma lanterna.

Espero até os miúdos estarem a dormir. O Enzo parece ter também adormecido. Não percebo como é capaz de dormir, com tudo o que aconteceu hoje, mas, quando o fitei do seu lado da cama, tinha os olhos fechados e ressonava baixinho.

Não me dou ao trabalho de me vestir, pois vou só ao jardim das traseiras da casa ao lado. Visto umas calças de pijama e enfio os pés nuns chinelos. Deve ser suficiente.

Toda a parte da frente do número 12 da Locust Street está isolada por fita da polícia, e o interior da casa está às escuras. É óbvio que a Suzette arranjou algum sítio para ficar que não estivesse manchado pelo sangue do marido. Havia um punhado de jornalistas a rondar, mas o Enzo e eu mantivemo-nos dentro de casa, e acabaram por se aborrecer e partir. Liguei para o trabalho a dizer que ia precisar de alguns dias de folga, e eles foram muito compreensivos.

O Enzo diz que há uma maneira de entrar no jardim das traseiras sem estacionar em frente à casa. Quero acreditar que tem razão, porque, se não tiver, ele é a única pessoa que pode ter matado o Jonathan Lowell. Quero acreditar que não o fez.

O jardim dos Lowell é enorme em comparação com o nosso. Se a nossa casa costumava de facto ser para os animais, seria de esperar que tivéssemos ao menos um jardim das traseiras enorme. Mas o nosso jardim não é nada em comparação com o dos vizinhos. A relva foi cortada de forma impecável pelo meu marido, que plantou e moldou ainda arbustos ao longo da periferia do terreno. Também separou uma área que a Suzette queria reservar para começar um jardim.

Está tudo tal como ele disse que estaria.

Aponto a lanterna às orlas do jardim. Consultei um mapa antes de vir, mas não era muito revelador. Há muitas coisas que existem na vida real e que podem não aparecer num mapa – mesmo os digitais. Foi por isso que vim ver pessoalmente.

Mantenho a lanterna apontada aos arbustos. O Enzo fez um trabalho excelente.

Estão todos aparados perfeitamente, sem qualquer ramo nem folha fora do sítio. É tão hábil. Teria conseguido fazer crescer o negócio nesta zona mesmo sem a Suzette. Não precisava dela.

E se for verdade o que o detetive disse? E se o Enzo e a Suzette conspiraram para matar o Jonathan e fizeram um acordo para dividir o dinheiro do seguro de vida?

Não. Não posso imaginar o meu marido a concordar com algo assim. O Enzo está disposto a contornar a lei, por vezes, mas nunca mataria alguém por dinheiro. Mas a verdade é que também não o consigo imaginar a partir os dedos a alguém.

Tem andado stressado com as prestações do empréstimo. É certo que são tão altas que nos sentimos asfixiados. Queríamos tanto esta casa, por isso era difícil admitir que estava um pouco acima do nosso intervalo de preços. Ele faria tudo para dar uma boa casa num bairro excelente à sua família.

Mas não. Não teria matado para nos dar isso. Não acredito.

Não posso acreditar.

Ao chegar ao extremo mais afastado do jardim, oiço um som. Um rumorejar de folhas. Aponto a lanterna nessa direção, e vejo alguns dos ramos moverem-se. As sombras mexem-se e vergam-se.

Ocorre-me que, se alguém tiver entrado pelas traseiras para matar o Jonathan Lowell, essa pessoa continua a ter acesso a esta casa. E aqui estou eu, de pijama e chinelos felpudos, a vaguear pelo jardim das traseiras sem qualquer arma com que me defender, a não ser as minhas próprias mãos.

Por um segundo, imagino o Enzo a sair para o jardim do lado amanhã de manhã e a encontrar-me com a garganta cortada, estendida numa poça de sangue.

– Olá? – sussurro, apontando o feixe de luz na direção do rumorejar das folhas.

Pondero fugir. O jardim da nossa casa está a uma curta distância. Afinal, o Nico já atirou a bola de basebol para este jardim a partir do nosso e partiu uma janela. Se desligar a lanterna, quem quer que seja deixará de me conseguir ver.

A menos que também tenha uma lanterna.

O meu coração acelera, enquanto pondero o que fazer a seguir. Mas, ao ficar aqui, paralisada, dou-me conta de que esperei demasiado.

O intruso chegou.

Dou um passo atrás, tentando decidir se devia desligar a lanterna. Será melhor ter o fator surpresa ou ver com quem estou a lidar?

Antes que possa decidir, uma figura entra no jardim das traseiras, e os meus ombros relaxam.

– Suzette? – chamo.

A Suzette Lowell está vestida de uma forma mais casual do que alguma vez a vi, com umas calças de ganga e um casaco de malha leve. Olha-me de cima a baixo, para o meu pijama e o cabelo apanhado num rabo de cavalo despenteado, agarrada à lanterna como se a minha vida dependesse disso. Ri-se, embora não seja um riso alegre.

– O que faz no meu jardim, Millie? – exige saber.

– Eu, hã... – Puxo as calças do pijama para cima. – Ouvi um barulho.

Arqueia uma sobrancelha. Sabe que é uma desculpa esfarrapada.

– Não acha que a sua família já me fez o suficiente?

Aperto mais a lanterna, até me doerem os dedos.

– Não lhe fizemos nada.

– A sério? – As sombras projetam as suas olheiras marcadas. – O seu marido assassinou o Jonathan ontem à noite.

– Isso não é verdade – digo, apesar de ainda ter as minhas dúvidas.

– Está a gozar comigo? – pergunta. – A Janice viu-o entrar na casa. Estava *lá* quando o Jonathan foi morto. Vai mesmo dizer-me que não foi ele?

– Porque haveria ele de fazer algo assim?

Tenho curiosidade em ouvir a resposta da Suzette, pois tudo o que ouvi até agora envolve algum tipo de conspiração entre ela e o Enzo. É óbvio que a Suzette negaria, pois não admitiria estar envolvida.

– Millie – diz ela. – Odeio ser eu a dar-lhe a notícia, mas o Enzo estava obcecado por mim.

– Obcecado por si? – repito, incrédula.

– Acha que lhe pedia para vir cá a toda a hora? – Abana a cabeça. – Tinha

sempre uma desculpa para cá estar. Estava sempre a namoriscar comigo e tinha *graves* ciúmes do Jonathan.

Esforço-me por não me rir. O Enzo não estava a namoriscar com ela. Vi com os meus próprios olhos que era ela a instigadora. Sei bem quando uma mulher se está a atirar ao meu marido.

– A Millie viu que ele não me largava na praia – continua. – Acha que queria que ele quase me carregasse até ao carro? Não o conseguia afastar de mim.

– Não me pareceu que se importasse – comento.

– Pois, mas importei – funga ela. – Ele disse-me que não era feliz. Disse que se tinha sentido obrigado a casar, porque a Millie estava grávida.

O quê?

As suas palavras atingem finalmente o alvo. Porque é absolutamente verdade. O Enzo casou comigo porque eu estava grávida da Ada. Sim, vivíamos juntos, mas falávamos pouco sobre casar. Ou melhor, *não* falávamos de todo sobre casar.

Tenho a certeza de que nunca disse à Suzette que eu e o Enzo tínhamos casado por eu estar grávida, o que significa que deve ter sido ele a dizer-lhe. Porque lhe contaria ele isso? A menos que...

– Lamento que tenha de o ouvir de mim – diz ela –, mas o seu marido é um homem perigoso. – Inclina a cabeça para o lado. – Talvez já saiba disso.

Uma brisa fresca súbita faz com que um arrepio me percorra.

– Não há nada para saber. O Enzo não faria mal a uma mosca.

Ela ri-se.

– Oh, Millie. De certeza que não acredita realmente nisso.

Acredito, sim. O meu marido nunca fez nada de violento a ninguém desde que o conheço. Talvez tenha ameaçado fazê-lo, mas nunca o vi sequer dar um soco.

Apesar disso, há a pequena hipótese de ter partido alguns dedos. Ah, pois, e houve uma vez em que espancou um homem quase até à morte.

– Enfim. – A Suzette afasta-se do círculo de luz da lanterna. – Preciso de ir buscar umas coisas a casa sem que os *paparazzi* me apanhem. Achei melhor esgueirar-me pelas traseiras.

– Os jornalistas já foram todos embora.

– A sério?

Franze o sobrolho, nitidamente desiludida com a falta de atenção da imprensa. Tenha ou não matado o Jonathan, a Suzette não parece lá muito devastada com a morte do marido. É como se nem se importasse. Falar com ela também não ajudou em nada a situação. Ainda assim, descobri algo muito importante esta noite.

Existe, *de facto*, uma forma de alguém entrar nas traseiras da casa sem ser visto pela Janice Archer do outro lado da rua.

Na manhã seguinte, somos acordados pela campainha a tocar no andar de baixo e por luzes vermelhas e azuis a piscar à porta de casa. Com um abanão, acordo o Enzo, que fica alerta de imediato e se junta a mim à janela.

– O que foi desta vez? – murmura.

Haverá hipóteses de o detetive ter vindo para prender o meu marido? Nem consigo conceber essa possibilidade.

Visto umas calças de ganga e uma *T-shirt* e corro para o andar de baixo, descalça, quase a tropeçar nos degraus. Ainda não tomei banho nem escovei os dentes, e o meu cabelo está oleoso. Não posso propriamente pedir à polícia à minha porta da frente que me dê alguns minutos para tomar um duche.

Quando entreabro a porta, o detetive Willard ergue-se no nosso alpendre. Tem o rosto sóbrio e usa uma camisa branca imaculada e a gravata bem apertada.

– Senhora Accardi – diz ele.

– Em... em que posso ajudá-lo?

– Tenho um mandado de busca.

A Cecelia mencionou que era uma forte possibilidade, mas não deixa de me chocar que estejam aqui. Passaram dois dias desde que o Jonathan Lowell foi assassinado. Parece-me que devia haver outros suspeitos mais concretos por esta altura. O facto de ainda estarem a investigar o Enzo assusta-me.

– Posso acordar os meninos primeiro, por favor? – peço.

– Podemos começar pelo andar de baixo – oferece.

É o melhor que posso esperar.

Quando chego ao andar de cima, vejo que o Enzo conseguiu enfiar umas calças de ganga e uma *T-shirt*. Ao ouvir os agentes a entrarem em nossa casa, o seu rosto enche-se de preocupação.

– Vão fazer buscas? Agora?

Assinto.

– Vai demorar algum tempo. Tu ficas aqui, e eu vou levar os miúdos à escola.

Como seria de esperar, os meus filhos estão um pouco assustados e confusos

com o que está a acontecer. Digo-lhes para se vestirem e apresso-me a tomar um duche rápido e a escovar os dentes. É demasiado cedo para irmos para a escola, por isso talvez os leve a algum lado para tomarem o pequeno-almoço. Seja como for, não quero estar aqui enquanto isto acontece.

Quando saio da casa de banho, os miúdos estão ambos vestidos e parecem estar prontos para sair. Estão no quarto do Nico, com expressões de preocupação idênticas nos rostos. O Enzo está lá com eles, sentado na cama do Nico, a falar-lhes baixinho. Por um momento, deixo-me ficar para trás, a ouvir a conversa.

– Papá – choraminga a Ada. – Porque estão a fazer buscas em nossa casa? O que procuram?

– Não sei – responde o Enzo. – Mas não vão encontrar nada de interessante, por isso, deixamo-los terminar e depois tudo isto acabará.

– Estás em apuros? – insiste ela.

– Não. – O seu tom é firme. – De todo.

De seguida, fala-lhes em italiano, que ambos compreendem. Não sei o que lhes diz, porque não sei falar italiano, mas, seja o que for, consegue arrancar um ligeiro sorriso à Ada. O Nico, por outro lado, tem apenas uma expressão preocupada no rosto.

– Muito bem! – Bato palmas. – Quem quer ir comer panquecas com petitas de chocolate?

Tempos houve em que o Nico teria vendido a consola de jogos por panquecas com petitas de chocolate. Agora, limitam-se ambos a olhar para mim, sem o menor entusiasmo face à possibilidade de comerem chocolate ao pequeno-almoço.

Antes de eu sair de casa com eles, o Enzo agarra-me e inclina-se para mim.

– Não te preocupes – sussurra-me ao ouvido. – Tudo isto acabará em breve.

Oxalá pudesse acreditar nele.

Os miúdos mal falam a caminho do restaurante. Apesar de pedirmos as famosas panquecas com pepitas de chocolate, ficam ambos apenas a olhar fixamente para os pequenos círculos dourados, arrastando-os de forma apática pelos pratos. A Ada tem papos sob os olhos, e o Nico tem um pouco de baba seca ao canto dos lábios.

– Querem mais xarope? – pergunto-lhes eu.

Ergo a embalagem de xarope de ácer, pronta para encharcar os pratos de ambos, se for disso que precisam para comer.

– Mãe – diz a Ada. – A polícia acha que foi o pai que matou o senhor Lowell?

– Não – apresso-me eu a responder.

– Então porque estão a fazer buscas em nossa casa? – pergunta o Nico.

– Bem – digo –, estão a fazer buscas para provar que ele *não* matou o senhor Lowell.

– Isso não faz sentido – diz a Ada. O Nico acena em concordância.

– Está bem, pronto. – Era tão mais fácil quando eles eram pequenos e aceitavam tudo o que dizia. Oh, esperem, isso nunca aconteceu. – Eis a questão. Todos sabemos que o vosso pai nunca faria mal a ninguém, a não ser que tivesse de nos proteger, certo?

Orgulha-me a rapidez com que ambos assentem com a cabeça.

– Portanto, não importa se estão a fazer buscas em nossa casa – digo. – O vosso pai não fez nada de mal, por isso é impossível que encontrem alguma coisa.

Ao dizer as palavras, esforço-me ao máximo por acreditar nelas. Se deixar que as dúvidas se infiltrem na minha voz, os meus filhos ouvi-las-ão. Neste momento, preciso que acreditem que o pai é inocente.

– Vai ficar tudo bem – digo-lhes eu.

Mas, mesmo enquanto as palavras me saem da boca, sei que não são verdade. A situação está prestes a ficar muito pior.

Depois de deixar os miúdos na escola, faço uma paragem a caminho de casa.

Em parte, porque não quero aparecer a meio das buscas e, por outro lado, porque preciso de confirmar uma coisa. É algo que não me sai da mente e em que não vou conseguir parar de pensar até fazer esta paragem.

Encontro a morada que procuro na caixa de entrada do *e-mail*. Fica a duas localidades de distância, num bairro onde andei a ver casas com o Enzo. Encontrámos uma muito bonita que estava mais perto do nosso intervalo de preços do que aquela que acabámos por comprar, mas a zona era terrível. No nosso bairro atual, pelo menos, sentimo-nos seguros durante o dia. Quase sempre.

Estaciono em frente a uma casa branca desgastada pelo tempo, que parece precisar de ser pintada. Saio do carro, perguntando-me se é seguro deixá-lo na rua, mas não há problema. Não vou demorar.

Dirijo-me aos degraus da frente da casa, olhando em volta, para ver se vem algum cão de guarda a correr na minha direção. Por alguma razão, parece o tipo de casa que teria um cão de guarda aterrador – possivelmente, teria também um homem à espera com uma caçadeira.

Bem, continuo a preferir estar aqui do que em minha casa com a polícia.

Subo os degraus até à porta da frente e encosto o dedo à campainha, mas estou bastante certa de que está avariada. Por isso, bato com o punho na porta. Quando não obtenho resposta, bato com mais força. Está um *Pinto* no caminho de acesso, por isso presumo que esteja alguém em casa.

Finalmente, oiço passos cada vez mais altos atrás da porta.

– Já vou, já vou, aguenta os cavalos – grita uma voz rouca.

Passado um segundo, um homem na casa dos sessenta abre a porta. O seu cabelo é branco e ralo, e tem veias marcadas em torno do nariz abatado. Apesar de ainda ser de manhã, tresanda a uísque.

– Hã, olá. – Abro um sorriso. – Estou à procura da... A Martha está?

O homem semicerra os olhos raiados de sangue na minha direção.

– Como conhece a minha mulher?

Por um momento, tento imaginar a mulher recatada e eficiente que conheci em minha casa a ser casada com este homem. Não parece encaixar, mas já percebi que as pessoas mudam muito depois de dizerem «aceito». Como seria para ela regressar a casa para este homem todas as noites?

Não posso deixar de sentir uma vaga de compaixão pela mulher que acusei de me roubar – ainda que, para ser justa, ela me *tenha* realmente roubado.

– Ela, hã, costumava limpar a minha casa. – Não acredito que não pensei em preparar uma mentira convincente. – Deixou o casaco em minha casa e queria devolver-lho.

Não interessa que não tenha trazido nenhum casaco. Conto que este sujeito esteja demasiado alcoolizado para reparar. Só quero falar com a Martha para confirmar a história do Enzo. Preciso de saber se ele estava a dizer a verdade.

– Pode ficar com o casaco – diz o homem. – Essa cabra deixou-me no início desta semana. Depois de tudo o que fiz por ela...

Solta uma tosse seca, obrigando-me a dar um passo atrás.

– Quer dizer que se mudou?

– Está a vê-la em algum lado? – resmunga. – Se a vir, diga-lhe que terá de vir implorar de joelhos quando decidir regressar para casa.

Para bem da Martha, para onde quer que o Enzo a tenha levado, espero que nunca mais volte. Espero que tenha partido de vez.

O homem fecha-me a porta na cara, e eu regresso ao meu carro, que por milagre não foi roubado nos dois minutos em que me ausentei. Sinto-me mais aliviada agora, como se um peso tivesse sido retirado de cima de mim. Não estava inteiramente convencida da história do Enzo sobre a Martha, mas parece que tudo se confirma. Qualquer pessoa teria ficado preocupada ao visitar esta casa. Se, quando o Enzo cá veio, ela lhe abriu a porta com pisaduras no rosto, não teria sido capaz de se afastar sem tentar, pelo menos, ajudá-la. O facto de não ter conseguido ajudar a irmã no passado tem vindo a consumi-lo há duas décadas. O seu desejo de ajudar mulheres em perigo é algo que sempre amei nele e uma paixão que partilhava.

Quero confiar nele. Quero tanto confiar no meu marido.

A polícia passa horas a vasculhar a nossa casa.

Quando terminam, está um caos, como seria de esperar. Nenhum de nós vai trabalhar hoje – eu consegui tirar o dia por razões pessoais, e o Enzo vai confiar o trabalho à equipa da empresa –, por isso dedicamo-nos a limpar tudo. Só espero que consigamos fazê-lo antes de o autocarro escolar trazer os miúdos para casa. Se virem esta confusão quando chegarem, vão entrar em pânico.

Eu e o Enzo limpamos juntos, em silêncio. Estamos a arrumar a cozinha, a guardar os tachos e as panelas que foram atirados para o chão. É quase como se estivéssemos a desempacotar as caixas das mudanças novamente.

Embora não devesse fazê-lo, tenho uma pergunta em que não consigo deixar de pensar. Antes que me possa impedir, sai-me.

– Enzo, disseste à Suzette que só casaste comigo porque eu estava grávida?

O seu corpo fica tenso.

– O quê?

– Disseste-lhe que me engravidaste por acidente?

– Não, não disse. – Esfrega o queixo. – Porque haverias de pensar isso?

– Porque ela sabia, e não fui certamente eu que lhe contei. Portanto, como sabia?

– A Ada tem onze anos. Somos casados há menos de doze. – Encolhe um ombro. – Fez as contas?

Talvez. É inteiramente possível que eu tenha referido que éramos casados há onze anos. Devia ter tido mais cuidado com o que dizia perto de alguém como a Suzette. Não duvido que estivesse a analisar cada palavra.

– Quando estiveste a falar com a Suzette sobre isto? – pergunta, semicerrando os olhos na minha direção.

Não posso propriamente dizer-lhe que me esgueirei para o jardim das traseiras dos Lowell ontem à noite. Ficaria furioso.

– Já foi há algum tempo. Só que comecei a pensar nisso há pouco.

– Acredita em mim, Millie, não falo de nós a ninguém. – Franze o sobrolho à bancada da cozinha. – A polícia partiu três pratos. Sabias?

– Eu disse-te que não iam ter cuidado.

– E isto é permitido? Partir simplesmente as coisas?

Não sei o que dizer. O que podemos fazer? Fazer queixa à polícia?

– Sabes se encontraram alguma coisa? – pergunto-lhe eu.

– Não. Não encontraram nada, porque não há nada para encontrar. – Cerra os punhos, frustrado. – Também partiram uma caneca! É ridículo!

– Enzo – digo. – Porque não me deixas acabar de tratar da cozinha? Podes ir arrumar os quartos, está bem?

– Tudo bem – resmunga.

Afasta-se, deixando-me sozinha a limpar a cozinha, o que é bom, porque estou bastante certa de que devem ter partido muito mais coisas nesta divisão. Nos quartos não há tantos objetos que se partam facilmente.

Estou a deitar fora os restos da loiça partida quando o meu telemóvel toca. É um número começado por 718, o que significa que não é alguém de Long Island. Atendo.

– Millie?

É a voz da Cecelia – reconheço-a de ontem. Ainda não consigo superar o quanto soa diferente da criança que costumava ser.

– Olá, Cecelia – digo. – Suponho... suponho que soubeste do que aconteceu.

– Sim, falei com o Enzo esta manhã. Não estava satisfeito.

– Fomos só apanhados de surpresa – explico. – Esperávamos que as coisas não chegassem a este ponto e que encontrassem outro suspeito.

– Oh, não – diz a Cecelia. – Estão absolutamente focados no Enzo neste momento.

– Verificaste o jardim das traseiras da casa dos Lowell? – pergunto. – Dei uma vista de olhos, e há mesmo um sítio por onde se pode entrar sem passar pela frente da casa.

– Sim, confirmei isso, mas pode ser um detalhe irrelevante.

– Como assim?

– Parece que encontraram algo quando fizeram a busca em vossa casa.

O quê? O Enzo estava tão certo de que não iam encontrar nada que o incriminasse.

Cai-me o coração aos pés.

– O que encontraram?

– Não sei. – Suspira. – Estão a ser muito difíceis no que toca a partilhar informação neste momento, mas consegui descobrir por um dos meus contactos. Estão agora mesmo a fazer alguns testes, mas o meu contacto disse-me que acham que é uma prova «irrefutável».

Irrefutável?

Oh, meu Deus, e se encontraram a camisola com sangue? O Enzo jurou que era o sangue do seu corte, mas se dizem que é irrefutável...

– O Enzo sabe disto? – pergunto.

– Sim, acabei de falar com ele por chamada, mas queria dizer-te também porque não me pareceu que te fosse contar. – Hesita. – Isto é tudo em confidência, claro. Não é suposto eu saber esta informação e sem dúvida que não é suposto dizer-vos. Posso confiar em ti para manter isto entre nós, Millie?

– Podes – confirmo.

– Eu e o Benito estamos ambos muito atentos. – Apesar de o meu mundo estar a desmoronar em meu redor, a Cecelia não parece minimamente abalada. A sua confiança acalma-me. – Se ouvirmos alguma coisa sobre um mandado de captura, ligo-te de imediato.

Nem consigo pensar na hipótese de o meu marido ser preso. É demasiado horrível. De súbito, fico demasiado transtornada para responder.

– Millie. – A voz da Cecelia é firme. – Vamos resolver isto. Prometo. Acreditas em mim?

– Mas... – digo, simplesmente. – E se...

Nem consigo completar a frase. De qualquer modo, não sei o que dizer a seguir.

E se o meu marido andava realmente a ter um caso com a Suzette Lowell?

E se o Enzo matou mesmo o Jonathan Lowell?

E se o prendem? O que raio vou fazer? O que digo aos nossos filhos?

– Millie – diz a Cecelia, no seu tom confiante e competente. – Tens de confiar em mim. Porque eu confio em ti. Confio no *Enzo*. Vamos ultrapassar isto.

– Está bem – concordo. – Eu confio em ti.

Mas como exatamente vamos ultrapassar isto? Se tiverem encontrado a camisola e se estiver coberta do sangue do Jonathan, o Enzo está em graves apuros. Espero mesmo que se tenha livrado dela. Que a tenha posto nalgum sítio onde nunca a encontrarão.

Nem me passa pela cabeça que tenham encontrado algo muito pior.

Não refiro a conversa que tive com a Cecelia ao Enzo.

A verdade é que tenho medo de falar com ele sobre isto. Quando entra na cozinha para me ajudar a pôr a mesa, abro a boca uma dúzia de vezes, mas as palavras nunca saem. Vem aí algo terrível, e parece-me que falar sobre isso o tornará realidade.

Quando os miúdos chegam a casa, agimos como se tudo estivesse normal. Como se a nossa casa não tivesse acabado de ser devastada por agentes da polícia em busca de provas de um homicídio. Se há hipóteses de o Enzo ser detido em breve, então mais razões temos para nos agarrarmos à normalidade enquanto ainda podemos. O Enzo até consegue convencer o Nico a ir jogar um pouco de basebol no jardim das traseiras – pela primeira vez desde o incidente da Liga Infantil.

Dedica muito mais tempo à rotina do deitar do que o habitual. Ia deixá-lo ir primeiro, mas, ao ver que já está com a Ada há meia hora, decido entrar para ir dizer boa noite ao Nico. Já está a ficar tarde, e, se não for lá entretanto, pode adormecer em breve.

Quando entro no quarto do meu filho, porém, vejo-o completamente desperto. Está sentado na cama, a ler um livro de banda desenhada. A jaula em que o *Pequeno Quivi* costumava residir ainda está junto à sua cama, mesmo que continue vazia.

– Hora de deitar. – Tiro-lhe o livro das mãos e pouso-o na secretária. – São horas de dormir.

– Não estou cansado.

– Aposto que estás mais cansado do que julgas.

– Aposto que não.

Apesar disso, obedece, deitando a cabeça na almofada. Apago as luzes, mas o luar entra pela janela junto à cama. Temos persianas, mas ele costuma mantê-las abertas. O branco dos seus olhos quase parece brilhar ao luar.

– Mãe? – chama.

Sento-me na beira da sua cama.

– Sim?

– Achas que, se alguém fizer uma coisa má, isso o torna uma má pessoa?

– Bem, que tipo de coisa má?

Os seus olhos arregalam-se.

– Uma coisa *muito* má.

Deve estar a pensar no pai. Deve ter sido tão perturbador para ele acordar esta manhã com a polícia em nossa casa. O que pensará se prenderem o Enzo?

Fita-me, à espera da minha resposta. Depois de tudo o que passei na minha vida, tenho uma perspetiva singular sobre isto. Fiz algumas coisas más – algumas coisas *muito* más. Matei uma pessoa. Na verdade, mais do que uma.

Mas o Nico não sabe disso. Escondemos esse segredo dos nossos filhos, mas tenho a certeza de que vão descobrir um dia destes. Apavora-me que me odeiem quando descobrirem.

– Acho que uma pessoa pode fazer coisas más e ser na mesma boa pessoa, desde que as tenha feito pela razão certa – digo apenas.

– Podem-se fazer coisas más por boas razões?

– Sem dúvida. Por exemplo, ambos sabemos que é errado mentir, certo?

Ele assente.

– Imagina que a Ada cortava o cabelo e lhe ficava mal. Se ela te perguntasse como ficava e tu lhe dissesse que estava bonito por não a queres magoar, isso seria mentir, mas por boas razões. Faz sentido?

– Sim...

– Isto responde à tua pergunta?

– Não propriamente – diz. – Porque mentir sobre um corte de cabelo não é uma coisa *muito* má.

Desce-me um arrepio pela espinha.

– Bem, em que tipo de coisa estás a pensar?

Onde estavas de todas aquelas vezes em que juraste que estavas com o Spencer Archer?

Estudo o rosto do meu filho, à espera da sua resposta, mas ele limita-se a encolher os ombros. O que quer que tenha feito, não vai falar.

Antes que possa sondar mais a fundo, o Enzo bate à porta, pronto para a sua vez de dizer boa noite. Ainda não percebi o que estava o Nico a perguntar em concreto. Parece que tinha algo muito específico em mente, mas não me parece que vá dizer o que era. Talvez o Enzo consiga responder às suas perguntas melhor do que eu.

É raro estarmos os quatro reunidos à mesa do pequeno-almoço.

Uma vez que os meninos não comeram as panquecas com pepitas de chocolate ontem, decidi fazê-las outra vez hoje. Não é nada de espantoso. Uso a massa para panquecas que se vende no supermercado. Tudo o que tenho de fazer é juntar água e misturar. Em seguida, verto pequenos círculos na frigideira com muito óleo. Uso demasiado óleo nas minhas panquecas. Estou quase a fritá-las, mas os miúdos adoram – e, na verdade, o Enzo também.

O toque final são as pepitas de chocolate. Ponho oito ou nove em cada panqueca, e tento fazer com que pareçam rostos sorridentes. Até sou bem-sucedida, na maior parte.

– Cheira bem, Millie – diz o Enzo. A sua voz soa alegre, mas deve estar ligeiramente em pânico, depois do que a Cecelia lhe disse ontem.

Por fim, ponho quatro pratos cheios de panquecas na mesa. Os miúdos atacam com mais vontade do que ontem. Tanto quanto sabem, esta trapalhada com a polícia acabou.

– Está a chover, mas vai parar durante a tarde – comenta o Enzo. – Nico, devíamos treinar mais um pouco de basebol quando eu voltar do trabalho.

– Achas que me deixam voltar para uma equipa da Liga Infantil no próximo ano? – pergunta o Nico, com a boca cheia de panquecas.

Não conheço muito bem as regras, mas, depois de ter dado um murro na barriga a um rapaz, é possível que o Nico esteja banido para sempre.

– Não sei bem – responde o Enzo. – Mas talvez possamos antes jogar futebol, durante o verão. Vais tornar-te tão bom como no basebol. O que achas?

O Nico assente.

– Está bem!

Este é o momento calmo e perfeito em família com que sonhei ao ver esta casa pela primeira vez. Os quatro sentados à mesa da cozinha a tomar o pequeno-almoço, a comer panquecas. Se pudesse tirar uma foto de família, seria neste preciso momento.

Depois, a campainha toca, estragando tudo.

– Vou abrir. – É tal a rapidez com que o Enzo salta da cadeira, que temo que já saiba quem está à porta. – Volto já.

É claro que o sigo. O que quer que se esteja a passar, quero saber. Estou bastante certa de que nada de bom nos aguarda do outro lado daquela porta.

Quando chego ao *ball*, já o Enzo abriu a porta da frente. Está lá a Cecelia, com o seu fato encharcado e o cabelo louro colado à cabeça da chuva. Se usasse maquilhagem, estaria a escorrer-lhe pelo rosto.

– Entra – diz-lhe o Enzo. – Estás ensopada!

Apesar de estar encharcada, a Cecelia mal parece dar por isso, ao passar por nós e entrar no *ball*.

– Ainda bem que cheguei a tempo. Precisamos de falar.

Olho para a cozinha para me assegurar de que os miúdos não estão à porta, a ouvir. Tenho um pressentimento de que não vou querer que eles oiçam o que a Cecelia tem para dizer.

– Queres sentar-te? – pergunto-lhe eu. – Posso ir buscar uma toalha ou...

– A polícia vem a caminho para te prender, Enzo – interrompe-me a Cecelia.

Apesar de ela me ter avisado ontem, esta revelação deixa-me sem fôlego. O Enzo parece igualmente abalado.

– Avisaram-me esta manhã, por cortesia. – Afasta algumas madeixas do cabelo molhado do rosto. – Pediram um mandado de captura contra ti e imagino que chegarão em breve. Vim o mais rápido que podia para podermos falar antes de isso acontecer.

– Porquê? – exclama ele. – O que é que têm contra mim? Não têm nada.

– O Benito deu-me algumas informações – diz ela. – Falámos enquanto vinha a caminho. Como te disse ontem, encontraram algo quando cá vieram. Encontraram o que julgam ser a arma do crime.

– Isso é ridículo! – exclama o Enzo. – A arma do crime? O quê, uma das nossas facas de cozinha?

– Não, um canivete – diz. – Tinha as tuas iniciais, EA. Encontraram-no enfiado numa gaveta.

Viro a cabeça para olhar para o meu marido. É o canivete que o pai lhe deu. Trá-lo sempre consigo.

– Além disso – acrescenta a Cecelia –, parece ter sido limpo, mas ainda tinha vestígios de sangue. Fizeram um teste de ADN urgente, e os resultados chegaram esta manhã com uma correspondência ao Jonathan Lowell.

O Enzo fica de boca aberta. Deixa-se descair contra a parede, como se as suas pernas estivessem prestes a ceder. De todas as provas que tinham contra ele, esta é de longe a mais condenatória. Mas tem de ter uma explicação. Tem de haver uma razão para o seu canivete ter o sangue do Jonathan. Preciso que me explique tudo.

E preciso que o faça *já*.

– Enzo? – sussurro.

– Eu... – Pestaneja algumas vezes. – Pensava que o tinha limpo.

O quê?

Endireita-se e inspira, tremendo.

– Lamento muito, Millie – diz. – Não fui honesto contigo. Fui eu que matei o Jonathan.

*F*ui eu que matei o Jonathan.

Lembrar-me-ei do meu marido a dizer estas palavras até ao dia da minha morte.

Até este momento, a Cecelia parecia absolutamente confiante e com o controlo da situação, mas esta confissão abalou-a.

– Enzo, estás a dizer que...

– Lamento imenso – diz, baixinho. – Fiz algo terrível. Lamento ter mentido. Mas... vou resolver tudo. Vou confessar.

– Estás a falar de quê? – Estou a gritar alto o suficiente para os meus filhos ouvirem, mas não consigo evitar. – Porque haverias de fazer tal coisa?

Ele baixa os olhos.

– Lamento tanto. Fi-lo por nós... pelo dinheiro do seguro. Estávamos falidos e...

A Cecelia não sabe o que dizer. Eu também não. Tenho tantas perguntas. Se fez isto pelo dinheiro do seguro, quer dizer que a Suzette esteve envolvida? Também vai ser presa? Nem sei por onde começar, mas nesse momento a campainha toca e apercebo-me de que não tenho tempo para fazer nem uma pergunta.

A Cecelia põe-se novamente em alerta.

– É a polícia – anuncia.

O rosto do Enzo enche-se de pânico.

– Millie, podes levar os meninos para cima, por favor? Não quero que vejam.

A campainha volta a tocar, seguida por fortes batidas na porta. Também não quero que os meus filhos vejam, mas não me parece que tenha muito tempo.

Oh, Enzo, em que estavas tu a pensar?

Quase tropeço a caminho da cozinha, onde os miúdos ainda estão a comer as panquecas. Meu Deus, oxalá pudesse deixá-los acabar de comer. Mas não há tempo.

– Meninos – digo. – Preciso que vão os dois para os vossos quartos e fechem as portas. Já.

Tempos houve em que um pedido destes seria recebido com lamúrias e protestos, mas, neste momento, eles percebem. Deixam os pratos e correm para o

andar de cima. Oiço duas portas baterem seguidas.

Quando regresso, o Enzo e a Cecelia ainda não abriram a porta. Estão à espera do meu sinal de que o caminho está livre. O Enzo está com ar de quem vai vomitar, mas endireita-se e abre a porta da frente. Não me surpreende ver o detetive Willard, com a mesma expressão sinistra no rosto que agora desprezo.

– Enzo Accardi – anuncia. – Está detido pelo homicídio do Jonathan Lowell.

Quando o detetive fecha as algemas sobre os pulsos do meu marido, sinto-me tão grata por os miúdos estarem no andar de cima e não a assistir a isto. Conheço a sensação de ter os pulsos algemados. Lembro-me da forma como o metal nos rasga a pele e de como, ao andar, nos sentimos desamparados. Sei como é ser levada assim pela polícia. Vejo essa dor nos olhos do Enzo.

Vai conhecer essa sensação para o resto da vida.

– Amo-te, Millie – grita-me o Enzo, enquanto está a ser levado.

Não inventa desculpas. Não finge ser inocente. Tudo o que tem a dizer em sua defesa são essas duas palavras.

– Enzo! – grita a Cecelia atrás dele, espetando a cabeça para a chuva. – Não lhes digas nada sem eu estar presente! Ouviste? Nem uma palavra! Vou ter contigo lá!

Vejo o detetive levar o meu marido para o carro-patrolha. Quando o enfiam no banco de trás, algo dentro de mim quebra, simplesmente. Nunca mais vou voltar a encontrar o meu marido ao chegar a casa. Da próxima vez que o vir, estará detido.

Quase de certeza que vai passar o resto da vida atrás das grades.

A Cecelia fecha a porta da frente e encosta-se a ela, abanando a cabeça. Afasta uma madeixa do cabelo dos olhos.

– Não posso acreditar que isto acabou de acontecer. Estou estupefacta.

– Pois – consigo dizer.

– Está a escapar-nos algo. – Olha fixamente pela janela para o carro-patrolha que leva o meu marido para longe, como se, de alguma forma, pudesse conter alguma pista. – Ele não nos está a dizer tudo. Não mataria ninguém por dinheiro. Não acredito nisso nem por um segundo. Teve outra razão.

– Talvez...

Só que ela não sabe o quanto queríamos esta casa. Não estava no nosso intervalo de preços, mesmo estando dez por cento abaixo do valor solicitado, mas comprámo-la na mesma. Festejámos quando o empréstimo foi aprovado, mas neste momento gostaria que o banco nos tivesse rejeitado. Podíamos ter continuado a procurar. Podíamos ter encontrado algo igualmente bom que não nos fizesse ter dificuldades constantes para pagar as contas.

– Não entres em pânico, Millie – diz-me ela. – Vou tratar disto.

Lanço-lhe um olhar.

– O meu marido acabou de confessar um homicídio, Cecelia.

É difícil averiguar qual é a pior parte disto. É horrível de todas as formas imagináveis. Mas talvez seja imaginar o Enzo a fazer aquilo ao Jonathan. Não é como se o Jonathan tivesse sido alvejado do outro lado da sala. O Enzo foi direto a ele com o canivete e degolou-o. Que tipo de pessoa faz isso?

Mas agora sei que há muitas coisas que o Enzo fez. Coisas em que eu não teria acreditado antes. Não imaginaria o meu marido a partir dedos a mando de um mafioso, mas parece que também isso faz parte do seu passado. Ao que parece, é o tipo de homem capaz de cortar a garganta a alguém.

Final, foi isso que ele fez. Confessou-o.

Bate uma porta no andar de cima. Um dos miúdos deve ter saído do quarto e viu o pai ser levado pela polícia. Agora tenho de ser eu a lidar com isto. Tenho de dizer a ambos o que aconteceu.

– É melhor ir para a esquadra – diz a Cecelia. – Ficas bem, Millie?

De forma alguma. Mas não há nada que ela possa fazer por mim neste momento.

– Vai.

Ela anui.

– Lembra-te: isto não acabou. Vou ajudá-lo.

– Obrigada – digo.

O que pode ela fazer por nós neste ponto? Não foi legítima defesa. ou foi homicídio simples ou qualificado. Seja como for, o Enzo perdeu a liberdade de vez.

A Cecelia dá-me um abraço de despedida e promete manter-se em contacto com quaisquer atualizações. Assim que ela parte, porém, e a casa fica novamente em silêncio, assimilo a realidade da minha situação.

O Enzo foi levado.

E agora tenho de contar aos meus filhos.

Ao subir as escadas rangentes para o andar de cima da nossa casa, ocorre-me que é impossível continuarmos a pagar as prestações do empréstimo. A primeira coisa que teremos de fazer será pôr esta casa de novo no mercado. Não sei onde conseguiremos viver só com o meu salário.

Começo a dirigir-me primeiro ao quarto do Nico, pois reparei que estava mais perturbado, mas depois oiço os soluços vindos do quarto da Ada. Ela leva sempre tudo tão a peito. Ainda que, nesta situação, não a possa culpar. Bato à porta. Quando ela não responde, entro na mesma.

A Ada está deitada na cama, a soluçar para a almofada, com os ombros estreitos a tremer de forma violenta. Na verdade, todo o seu corpo treme. Vi um paciente ter uma convulsão no hospital, no ano passado, e lembra-me isso. A Ada sempre foi uma menina do papá. O seu mundo ficará destruído ao saber o que ele fez. Só o mero facto de a ver chorar faz com que as lágrimas que tenho estado a conter me subam aos olhos.

Enzo, como foste capaz de nos fazer isto? Como foste capaz?

– Ada. – Sento-me na beira da cama e acaricio-lhe os cabelos negros suaves. – Ada, querida... Disse-te para não desceres.

Diz qualquer coisa para a almofada que não consigo perceber.

– Está tudo bem. – Volto a acariciar-lhe o cabelo. – Vai ficar tudo bem.

Não sei quem estou a tentar convencer. Se é a ela, não está a resultar, e também não me estou a convencer a mim mesma. Devia simplesmente calar-me.

A Ada muda de posição na cama, virando-se para me fitar, com os olhos inchados e raiados de sangue.

- Acham que o pai matou o senhor Lowell.
- O meu instinto é mentir, mas de que adianta?
- Sim. Acham.

Escorrem-lhe lágrimas pelas faces.

- Mas ele não o matou!

Esta próxima parte vai ser difícil para ela, mas, mais cedo ou mais tarde, vai saber. Mais vale sabê-lo por mim do que lê-lo *online* ou ouvi-lo de um amigo.

– Ada, querida, ele confessou – digo-lhe eu. – Admitiu ter matado o senhor Lowell.

- Mas não matou! – exclama. – Sei que não matou!

Tento pôr-lhe a mão no ombro, mas ela afasta-me.

- Como sabes?

- Porque... – diz a minha filha. – Fui eu que o matei.

Terceira Parte

Chamo-me Ada Accardi e tenho onze anos.

Tenho o cabelo preto e os meus olhos são, na realidade, castanhos, apesar de algumas pessoas dizerem que parecem negros. Tenho um irmão chamado Nicolas, que tem nove anos. Sou fluente em duas línguas: inglês e italiano. O meu prato preferido é macarrão com queijo, sobretudo como a minha mãe faz. O meu livro favorito é *Daughters of Eve*, de Lois Duncan. O meu gelado favorito é o de bolacha.

Ah, também matei o meu vizinho do lado, o Jonathan Lowell.

E, mais uma coisa:

Não me arrependo.

Como Matar o Tarado do Vizinho do Lado – Um Guia de Ada Accardi, Aluna do Quinto Ano

Passo 1: Deixar para trás a nossa casa e tudo aquilo que amamos

Amanhã, vamos mudar-nos.

A mãe e o pai estão muito empolgados, sobretudo o pai. Não para de falar em como vamos viver numa casa nova incrível e que vamos adorar. Agem como se estivessem a fazer algo de maravilhoso por nós, mas eu não me quero mudar. Gosto de viver no Bronx. Os meus amigos estão todos aqui. Até gosto deste apartamento que eles dizem ser «demasiado pequeno».

Quando temos onze anos, porém, não temos escolha. Se os nossos pais dizem que temos de nos mudar, então temos mesmo de nos mudar.

Enfim, é por isso que não consigo dormir.

Há uma hora que estou deitada na cama, a olhar para o teto. Gosto do meu teto. Tem muitas rachas na tinta, mas é uma vista familiar. Há uma ao centro que parece mesmo um rosto. Dei-lhe o nome de Constance.

Vou ter saudades da Constance quando partirmos.

– Nico? – sussurro, para a escuridão.

Os meus pais dizem que esta casa é má porque eu e o Nico temos de partilhar

o quarto. Como ele é um rapaz e eu sou uma rapariga, não devíamos ter de partilhar. Mas o pai pendurou uma cortina a meio do quarto, por isso não faz mal. Não me importo de partilhar o quarto com o Nico. Gosto de saber que, quando adormeço, ele está comigo, do outro lado da cortina.

– Sim? – sussurra o Nico, em resposta.

Está acordado. Ótimo.

– Não consigo dormir.

– Nem eu.

– Oxalá não tivéssemos de nos mudar.

O colchão do Nico emite o rangido alto que produz sempre que ele se vira.

– Eu sei. Não é justo.

Por alguma razão, faz-me sentir melhor que o Nico também não queira partir. A mãe e o pai estão tão entusiasmados, até parece que nos vamos mudar para a Disneyland.

Mas não é tão mau para ele como para mim. O Nico sempre teve mais facilidade do que eu em fazer amigos. Toda a gente gosta do Nico. Eu tenho as mesmas melhores amigas – a Inara e a Trinity – desde o jardim de infância. Além disso, faltam-me apenas três meses para terminar o ensino primário e vou perder a celebração de formatura. Em vez disso, vou passar de ano com um bando de miúdos que nem *conheço*.

– Talvez seja horrível – diz o Nico –, e a mãe e o pai queiram voltar para cá.

– Provavelmente não. Acho que a casa nova foi muito cara.

– Certo. Disseram que mal podem pagar as estações.

– Queres dizer as prestações?

– É diferente?

Não compreendo o que são prestações, mas sei que não são a mesma coisa que estações. Tenho quase a certeza.

– Vamos ter de viver na casa nova até irmos para a universidade.

Ele fica calado do outro lado da cortina.

– Bem, talvez não seja assim tão mau. Talvez acabemos por gostar.

Não consigo imaginar isso. Não me consigo imaginar a fazer amigos novos e a habituar-me a uma casa grande e assustadora.

– Nico? – chamo.

– Hã?

– Posso abrir a cortina?

A cortina que separa os dois lados do quarto é para mim, na realidade. Quando o pai a instalou, a mãe disse-me que era porque «agora és uma mulherzinha e precisas da tua privacidade». Eu preferia abrir sempre a cortina à noite.

– Está bem – assente o Nico, afavelmente.

Desço da cama e puxo a cortina para trás. O Nico tem a colcha do *Super Mario* puxada até ao pescoço e o cabelo preto despenteado. Acena-me, e eu aceno-lhe de volta.

Lembro-me do dia em que a mãe e o pai trouxeram o Nico para casa do hospital. A mãe diz que não é possível que me lembre, pois tinha apenas dois anos, e o meu cérebro ainda não era capaz de criar memórias, mas juro que me

lembro. A mãe trouxe-o para casa na cadeirinha de bebê, e era tão pequenino. Mal podia acreditar no quão minúsculo era! Ainda mais pequeno do que as minhas bonecas.

Perguntei se lhe podia pegar, e a mãe disse-me que sim, desde que tivesse muito cuidado. Por isso, sentei-me no sofá, e a mãe pô-lo no meu colo. Disse-me que tinha de lhe apoiar a cabeça, portanto foi isso que fiz. Parecia muito feliz por estar ao meu colo. Tinha basicamente o aspeto de um velhote. Depois, pus o dedo na sua boquinha minúscula, e ele começou a chuchar.

– Adoro-te, Nico – digo-lhe.

Vou ter saudades de partilhar o quarto com o meu irmão.

Hoje é o dia da mudança.

O meu pai arranjou uma carrinha grande, e está a transportar tudo com alguns amigos com quem trabalha. A mãe não para de lhe gritar que se vai magoar nas costas e de lhe dizer para ter cuidado. Ele diz que o fará, mas nunca se magoa, por isso não sei porque está tão preocupada. Consigo perceber que ele também acha uma tontice, mas costuma ceder quando ela fica assim chateada.

A minha mãe é excelente. Se me esquecesse de que era suposto levar comida para uma festa na escola amanhã e já fossem quase horas de dormir, seria capaz de sair para ir comprar *Rice Krispies* e *marshmallows*, de os preparar em pequenos quadrados e de se assegurar de que estavam embalados e prontos para levar para a escola no dia seguinte. (Aconteceu recentemente ao Nico, por isso sei que é verdade.) É simplesmente uma boa mãe que nos ama e cuida de nós.

Mas o meu pai é diferente.

O meu pai consegue fazer qualquer coisa. A mãe podia sair para ir buscar os ingredientes para os quadrados de *Rice Krispies* e tê-los prontos para levar para a escola amanhã, mas, se eu dissesse ao meu pai que precisava de quadrados de *Rice Krispies* vindos, sei lá, da *China*, ele ia lá sem hesitar, por mim. Não sei como, mas tê-los-ia a postos quando precisasse deles para levar para a escola no dia seguinte.

O pai conduz uma carrinha enorme e costumava deixar-me ir à frente com ele, mas depois a mãe descobriu e ficou zangada. Por isso, já não me deixa, e diz que a mãe é muito inteligente e que, se acha que não é seguro, então não o posso fazer.

O meu quarto na casa nova é grande. Tem mais ou menos o dobro do tamanho do quarto que eu e o Nico costumávamos partilhar. O pai disse-me que podia escolher o meu quarto primeiro, por ser a mais velha, portanto escolhi o do canto. Tem muitas janelas pelas quais posso olhar enquanto leio.

Quando estou a desencaixotar os livros no meu quarto novo, desato a chorar.

Choro demasiado. Toda a gente me diz isso. Mas não consigo evitar. Quando estou triste, choro. O que não compreendo é porque é que todas as outras pessoas não choram mais vezes. Até o Nico já quase não chora.

O pai passa pelo meu quarto, enquanto estou sentada na cama a chorar. De

imediatamente, larga a caixa que transportava e vem sentar-se ao meu lado.

– O que se passa, *piccolina*? Porque estás triste?

Ergo o olhar para o fitar. Sou quase tão alta como a mãe, mas o pai é muito mais alto do que nós as duas. Quando me vai buscar à escola, as outras raparigas dizem que é muito giro. A mãe da Inara tem um fraquinho por ele. Mas eu não o vejo dessa forma.

– Quero voltar para casa – digo.

Ele franze o sobrolho.

– Mas esta é a nossa casa agora. É uma casa muito melhor.

– Odeio-a.

– Ada, não estás a falar a sério.

Parece tão desiludido, que não lhe digo que estou mesmo a falar a sério. Se pudesse estalar os dedos e voltar para o nosso apartamentozinho minúsculo, fazia-o num instante.

– Fazemos assim – diz ele. – Dás uma oportunidade à nossa nova casa, e se, daqui a um ano, ainda a odiáres, então voltamos.

– Não voltamos nada.

– Sim! Faço-te uma promessa.

– A mãe não nos vai deixar fazer isso.

Ele pisca-me o olho.

– Fazemo-lo na mesma – diz-me, em italiano.

Não acredito, mas faz-me sentir melhor. Além disso, pensando bem, deve ter razão. Tudo será diferente daqui a um ano. Talvez adore mesmo viver aqui por essa altura.

Passo 2: Tentar – desesperadamente – enquadrarmo-nos

Nunca tinha sido a miúda nova.

Sentia-me sempre mal quando via o novo aluno de pé em frente à turma, a contar-nos tudo sobre si. Agora, é a minha vez. Estou de pé diante de uma sala cheia de alunos do quinto ano, com o vestido rosa comichoso e desconfortável que a minha mãe escolheu. Queria ter comprado o vestido branco bonito e esvoaçante que vi no centro comercial para o meu primeiro dia de aulas, mas, por alguma razão, a minha mãe nunca me deixa vestir branco, portanto acabei por usar este.

Não sei o que dizer.

– Vamos lá, Ada – diz-me a minha professora, a senhora Ratner. – Fala um pouco de ti.

Não gosto dela. A minha antiga professora, a menina Marcus, era jovem e usava sempre uns óculos púrpura engraçados, além de que costumava levar doces para nós todas as quintas-feiras. A senhora Ratner parece ter um milhão de anos, e os músculos do sorriso devem ser demasiado velhos para funcionarem.

– Chamo-me Ada – digo – e sou da cidade de Nova Iorque.

Lanço um olhar à senhora Ratner para ver se poderá ser suficiente. Não é.

– Gosto de ler – continuo. – E costumava ter aulas de *ballet*. – Não ando desde os nove anos, mas espero que isso possa bastar.

Não basta.

– A minha disciplina favorita é o Inglês – prossigo. – E o meu pai é italiano, por isso falo italiano.

– Alguém tem perguntas para a Ada? – pergunta a senhora Ratner, dirigindo-se à turma.

Um dos rapazes da turma põe a mão no ar.

– Se o teu pai é marciano, isso quer dizer que é verde?

– Não é marciano. É *italiano*.

– Disseste marciano.

Não sei o que responder. Surge a segunda pergunta:

– Se és italiana, como é que o Inglês é a tua disciplina favorita?

– O meu *pai* é italiano – explico. – Eu sou de cá.

– Não és, não – protesta outro miúdo. – Acabaste de te mudar para cá. Como podes ser *de cá*?

- Quero dizer – digo – que sou de Nova Iorque, que é cá.
- Não estamos na cidade de Nova Iorque – retorque o primeiro miúdo.
- Mas estamos no estado de Nova Iorque.
- E então?

A senhora Ratner deixa os outros miúdos fazerem-me perguntas durante mais alguns minutos. Fazem-me algumas perguntas normais, como o meu filme e a minha série de televisão favoritos, mas também me fazem muitas outras perguntas estranhas, como porque estou a usar meias com um vestido. O mesmo miúdo que perguntou se o meu pai era marciano pergunta-me se acredito em marcianos e se alguma vez vi algum.

Quando volto para o meu lugar, o rapaz ao meu lado está a olhar fixamente para mim. É bastante irritante.

- O que foi? – acabo por lhe perguntar.

E então ele responde:

- Se és marciana, és a marciana mais bonita que alguma vez vi.

Nem sei o que dizer a *isso*, mas a senhora Ratner manda-nos calar, por isso não tenho de pensar em como responder.

Quando chega a hora do almoço, o rapaz que estava sentado ao meu lado segue-me até à cantina. Eu também estou a ir atrás de todos os outros, porque não sei para onde ir, mas sinto que ele me segue o tempo todo. Ao chegar à fila, ele põe-se mesmo atrás de mim.

- Olá, Ada – diz. – Sou o Gabe.

- Olá – respondo.

No jardim de infância e no primeiro ano, os miúdos da nossa turma eram todos mais ou menos do mesmo tamanho. Mas, no quinto ano, alguns miúdos são muito maiores do que os outros. Há alguns que só me chegam ao ombro e depois há outros como o Gabe, que é muito alto e se ergue acima de mim.

- Então, que te parece a escola até agora? – pergunta-me ele.

Não me agrada de todo, mas não posso dizer isso, portanto limito-me a encolher os ombros.

- Parece-me bem.

- Porque te mudaste para cá?

- Os meus pais acham que é um bom sítio para os miúdos crescerem ou assim.

– Oh, não é. – O Gabe esbugalha os olhos. Por um momento, faz-me lembrar um pouco o louva-a-deus que o Nico quer arranjar. – Sabias que houve um miúdo que desapareceu há alguns anos? Tipo, um dia estava cá e no dia a seguir não estava.

Não sei do que está a falar. Se esta não fosse uma localidade segura, os meus pais não se teriam mudado para cá.

- Da nossa escola?

– Não, vivia noutra terra aqui perto, mas íamos todos ao mesmo acampamento de verão. – O Gabe parece demasiado entusiasmado por falar no rapaz desaparecido. – Era muito bom no arco e flecha, mas eu era melhor a nadar. Chamava-se Braden Lundie. Como disse, um dia simplesmente não voltou para casa depois da escola, e nunca ninguém descobriu o que lhe aconteceu.

– Dizem que costuma ser alguém da família. – Ouvi a minha mãe dizer isso ao meu pai uma vez, quando estavam a ver as notícias e pensavam que não os conseguia ouvir.

– Não, não foi – insiste o Gabe. – Os pais do Braden ajudaram a polícia e esforçaram-se imenso para o encontrar, mas nunca encontraram. – Lança-me um olhar sinistro. – Deve estar morto.

– Talvez tenha fugido.

– Tinha apenas oito anos! Para onde iria?

A ideia de um rapaz de oito anos desaparecer faz-me brotar pele de galinha nos braços. Tenho de me assegurar de que espero pelo autocarro com o Nico. Se estivermos juntos, nada nos pode acontecer.

– Se quiseres – oferece-se o Gabe –, posso acompanhar-te a casa para que nada te aconteça.

– Vou de autocarro.

Mesmo que não fosse, *não* quero passar tempo com o Gabe. Por mais que queira fazer alguns amigos, ele é estranho. Há algo sinistro nos seus caracóis finos. Além de que cheira mal, precisa de tomar um duche. Eu tomo banho todas as noites, porque a minha mãe diz que é importante cheirar bem.

– Bem – diz ele –, talvez possas ir hoje a minha casa depois das aulas.

– Não tenho autorização – replico. – Tenho de ir logo para casa depois da escola.

– Talvez noutro dia? – pergunta, esperançoso.

– Talvez.

Não quero passar tempo com o Gabe em dia nenhum, mas espero que me deixe em paz se disser isso. Mas não deixa. Passa o tempo todo a falar comigo, enquanto esperamos na fila pela nossa comida, e depois segue-me até à minha mesa. Não quero sentar-me com ele, mas suponho que é melhor do que sentar-me sozinha.

Depois da escola, o Nico e eu regressamos juntos a casa no autocarro. Não me surpreende que já tenha feito um monte de novos amigos, mas não deixa de se sentar ao meu lado.

– Como correu a escola? – pergunto-lhe eu.

– Bastante bem – responde. – Há muitos miúdos que gostam de jogar basebol.

Oxalá tivesse jeito para o desporto, como o Nico. Sou boa a nadar, porque o pai me ensinou, mas não é uma atividade de grupo. Acho que nem há uma equipa de natação para miúdos da minha idade. A outra coisa que gosto de fazer é ler, o que também não é uma atividade de grupo.

– Os rapazes que conheci disseram-me que vão ao parque este fim de semana jogar basebol – diz ele. – Talvez a mãe me deixe ir.

– Mas tem cuidado – aviso-o eu. – Sabias que houve um miúdo chamado Braden Lundie que desapareceu há alguns anos? Tinha mais ou menos a tua idade. Ninguém sabe sequer o que lhe aconteceu.

– E então?

– E então! *Alguma coisa* lhe aconteceu. Talvez alguém o tenha matado.

– Caramba, Ada. – O Nico revira os olhos. – Preocupas-te mais do que a mãe.

Talvez tenha razão. Não sei porque me preocupo tanto com as coisas. Oxalá pudesse desligar a minha preocupação.

– Se estás preocupada, podes ir assistir – diz o Nico.

Talvez o faça, mas a realidade é que preferia passar tempo com miúdos da minha idade. Não fiz amigos hoje – bem, exceto o Gabe, mas não quero mesmo, mesmo nada passar tempo com ele fora da escola. Já é mau ter de o ver *na escola*.

– Dormiste bem no teu quarto ontem à noite? – pergunto ao Nico.

Ele fica um minuto a pensar e abana a cabeça.

– Não, tive medo. Senti a tua falta.

Fico feliz por ele ter dito isso. Custou-me tanto dormir ontem à noite, sozinha no meu quarto.

– Também senti a tua falta.

– Talvez possamos fazer uma festa do pijama um dia destes? – sugere. – Posso

levar um saco-cama e dormir no chão do teu quarto.

– Ou posso dormir eu no teu.

– Podemos dormir à vez no quarto do outro – diz, alegremente.

O autocarro chega à Locust Street, que é a rua sem saída onde vivemos. Eu e o Nico descemos, juntamente com o miúdo que vive do outro lado da rua, o Spencer. A mãe do Spencer já está à sua espera e leva-o de imediato para casa. A nossa mãe está à espera em casa. Tenho as chaves na mochila. A mãe diz que, se ela ainda não tiver voltado do trabalho quando chegarmos a casa, sou a responsável até ela regressar.

Ao passarmos pela casa ao lado da nossa, vejo alguém à janela. Deve ser o nosso vizinho. É um homem mais ou menos da idade do pai que nos acena ao ver-nos. O Nico acena-lhe de volta, e eu também, mas sinto-me estranha ao fazê-lo. Não sei porque está aquele homem à janela, a observar a chegada do autocarro escolar.

É algo muito estranho de se fazer.

Passo 3: Aprender a viver numa casa nova

O Nico anda a agir de forma estranha.

Tem ido a casa dos Lowell depois das aulas. Partiu-lhes uma janela a jogar basebol no jardim das traseiras, por isso tem feito tarefas para a pagar. Seja como for, parece que vai lá todos os dias, e só chega a casa mesmo antes de a mãe regressar. Perguntei-lhe que tipo de tarefas o põem a fazer, e ele disse que são só limpezas. Ficou muito calado quando lhe perguntei o que limpava.

O que quer que o estejam a obrigar a fazer está a deixá-lo rabugento. Nem sequer têm nenhum animal de estimação que lhes suje a casa. Será que o obrigam a pôr o lixo na rua? A lavar a loiça? Será que o obrigam a empurrar uma pedra por uma colina acima, e, mal ele chega ao topo, a pedra roda outra vez para o fundo?

Se fosse nos velhos tempos em que partilhávamos um quarto, teria simplesmente esperado até à hora de deitar para lhe perguntar, mas agora o Nico fecha-se no quarto à noite e não fala muito comigo.

Esta noite, ao jantar, não comeu quase nada. A mãe fez puré de batata com montes de manteiga e sal, tal como ele gosta, mas ele pôs-se apenas a moldá-lo numa grande pilha e a esculpi-lo em formas diferentes. Assim, depois do jantar, vou ao seu quarto. Bato à porta, o que ainda me parece estranho ao fim de tanto tempo a partilharmos um quarto.

– Estou ocupado! – grita.

– É a Ada! – digo, através da porta.

– Continuo ocupado!

Tento rodar o puxador, mas a porta está trancada. Porque tem um rapaz de nove anos uma fechadura na porta? Não me parece seguro.

Oh, não, pareço mesmo a mãe. Fantástico, saio ao progenitor mais aborrecido. Que sorte a minha.

Decido que o melhor a fazer é perguntar-lhe a caminho da paragem do autocarro na manhã seguinte. Os poucos minutos que passamos a caminhar até à paragem e ao regressar a casa são as únicas alturas do dia em que estamos os dois sozinhos. Mas, quando chegamos à paragem, vejo a malvada da senhora Archer, a lançar-nos olhares fulminantes – sobretudo ao Nico. Ultimamente, porém, o Nico nem tem esperado por mim para ir para a paragem. Sai simplesmente porta fora

de manhã e mal olha para mim, enquanto esperamos que o autocarro chegue.

Por isso, esta manhã, acordo ainda mais cedo, para garantir que ele não sai antes de mim. Ao descer, não há sinal do Nico. Suponho que tenho tempo suficiente para comer uma tigela de cereais, mas, ao chegar à cozinha, a Martha está a limpar. Não quero estorvar. É tão estranho que uma mulher venha a nossa casa limpar. No Bronx, só os nossos amigos ricos tinham empregadas de limpeza. Tenho quase a certeza de que não somos ricos.

– Queres tomar o pequeno-almoço? – pergunta-me a Martha.

Assinto.

– Pode passar-me a caixa dos flocos de milho?

A Martha arregala os olhos.

– Flocos de milho ao pequeno-almoço?

Não compreendo porque parece tão horrorizada. Qual é o mal de comer cereais ao pequeno-almoço? Quer dizer, não é para isso que os cereais *servem*?

A Martha é estranha. Quase não fala, traz o cabelo apanhado atrás num puxo tão apertado que parece doloroso e, além disso, está sempre a olhar para a minha mãe. *Sempre*. Não sei porquê.

– Posso fazer-te uma omeleta e salsichas – diz-me ela. – Isso é que é um pequeno-almoço como deve ser.

Antes que lhe possa dizer que não, ela abre o frigorífico e estende o braço para a embalagem dos ovos. Ao fazê-lo, a manga da camisola sobe, e vejo que tem nódoas negras num círculo a rodear-lhe o pulso, como se tivesse usado uma pulseira demasiado apertada.

– Magoou-se? – pergunto-lhe eu.

Ela paralisa, apertando a embalagem dos ovos nas mãos. Baixa os olhos para o pulso e puxa a manga para cobrir as contusões.

– Eu... Não.

– Então, porque tem pisaduras? – pergunto, apesar de saber que não tenho nada que ver com isso.

Ela pestaneja algumas vezes.

– Eu... eu só...

Parece tão perturbada, de repente. Pergunto-me se a Martha está em apuros e se não deveria, talvez, tentar ajudá-la. Mas o que posso eu fazer? Só tenho onze anos. Nem os meus próprios problemas consigo resolver.

Por falar nisso, enquanto estou a tentar decidir o que dizer à Martha, oiço a porta da frente bater. O Nico! Bolas, sabia que não devia ter perdido tempo a tomar o estúpido pequeno-almoço! O Nico vai chegar à paragem do autocarro antes de termos sequer um segundo para falar.

– Tenho de ir – digo à Martha.

Ela parece tão aliviada, que fico feliz por não ter dito mais nada. Afinal, não é como se ela fosse querer contar os seus problemas a uma miúda qualquer.

Hoje, o pai vem buscar-me à escola para me levar a comer um gelado.

Costumava fazer isto quando vivíamos no apartamento antigo. O Nico exige muita atenção, por isso o pai disse que devíamos passar tempo só os dois. Temia que ele não quisesse continuar a fazê-lo depois de nos mudarmos, sobretudo porque está focado em desenvolver o negócio na nossa nova localidade, mas ontem disse-me que me vinha buscar na sua carrinha. Estou à porta da escola à espera dele.

É a primeira vez que me vem buscar à escola. Tenho apanhado sempre o autocarro, por isso não sei muito bem onde esperar. Acabo na parte de trás do edifício, porque há lá um estacionamento. Mas entretanto vai toda a gente embora e fica tudo muito silencioso, e não consigo deixar de pensar naquele miúdo, o Braden Lundie. O que desapareceu.

Esse pensamento assusta-me imenso. O que será que acontece a uma pessoa quando desaparece? Quer dizer, não é como se ele tivesse simplesmente desaparecido da face da Terra. Não se desintegrou. Alguém o *levou*.

– Ada?

De início, fico grata por ouvir a voz de um miúdo atrás de mim. Pelo menos, até me virar e perceber que é o Gabe – basicamente, a última pessoa que quero ver.

Desde o meu primeiro dia de aulas, há algumas semanas, que o Gabe não me deixa em paz. Conheci algumas raparigas com quem me sentar ao almoço, e ele sabe que não se pode tentar juntar a nós, mas põe-se sempre na fila atrás de mim na cantina e depois segue-me para os intervalos. Quase nunca falo com ele, por isso não compreendo porque me continua a importunar.

– O que fazes aqui? – pergunta-me ele. – Pensava que ias no autocarro escolar.

– O meu pai vem-me buscar – digo. – Só que não sei onde está.

E agora, ao olhar em volta, apercebo-me de que não há maneira de chegar a esta rua a partir da estrada principal. Está tudo bloqueado. É impossível o meu pai encontrar-me aqui. Tenho de dar a volta e ver se o consigo encontrar. Também lhe devia dizer que preciso de um telemóvel, porque preciso mesmo.

– Escuta, Ada – diz o Gabe. – Queria fazer-te uma pergunta.

Não quero que ele me faça pergunta nenhuma.

– Desculpa, tenho de ir procurar o meu pai.

– Está bem, mas preciso só de te perguntar uma coisa. – O Gabe é muito mau a aceitar um não como resposta. É irritante. – Achas que poderias ter um encontro comigo um dia destes?

– Não estou autorizada a ter encontros.

Não é uma regra oficial, mas tenho um pressentimento de que seria, se perguntasse. Mas não vou sequer perguntar, porque não quero ter encontros com o Gabe nem com ninguém.

– Então, posso pegar-te na mão?

Desta vez, nem tenho oportunidade de recusar antes de o Gabe estender o braço para lhe pegar. Tem a mão suada e quente. É bastante nojento. Solto-me, mas, em vez de se afastar, ele agarra-me no pulso.

– Não quero dar as mãos – digo, ainda que ele já não me esteja a segurar na mão. Está a agarrar-me no pulso.

O Gabe continua a não perceber. Os seus dedos longos rodeiam-me o pulso, enquanto reforça o aperto.

– Só por dois minutos ou assim, Ada. Por favor?

– Estás a *magoar-me* – digo, por entre dentes.

– Não estou nada – insiste.

Tento soltar a mão, mas ele aperta-a demasiado. Começo a pensar em algo que a minha mãe me disse. Pelos vistos, os rapazes são muito sensíveis no meio das pernas. Se lhes dermos um pontapé nessa zona, eles deixam-nos em paz. Mas, antes que eu tenha uma oportunidade de pôr isso à prova, somos interrompidos por uma torrente de palavras furiosas em italiano. É o vociferar da voz do meu pai.

– O QUE PENSAS QUE ESTÁS A FAZER À MINHA FILHA?

O Gabe larga-me o pulso de imediato. O meu pai vem a correr para nós e parece estar mais furioso do que alguma vez o vi. Tem uma veia enorme dilatada a projetar-se do pescoço e a mão direita cerrada num punho. Parece querer agarrar no Gabe e parti-lo ao meio. Tenho a certeza de que seria capaz de o fazer, se quisesse. Quer dizer, o meu pai é *muito* forte.

– Eu... peço desculpa – gagueja o Gabe.

– Não! – O pai aponta com a mão na minha direção. – Pede--lhe desculpa a *ela*!

O Gabe está quase a fazer chichi nas calças.

– Desculpa, Ada! Lamento muito!

O meu pai parece estar com dificuldades em impedir-se de bater no Gabe. Chega-se muito perto do rapaz, e os seus olhos negros parecem aterradores. Os meus são da mesma cor, mas nunca ficam tão assustadores como os dele, por vezes.

– Se voltas a tocar na minha filha – silva o pai –, vais compreender o que realmente significa lamentar. Entendido?

– Sim! – exclama o Gabe. – Quer dizer, não! Quer dizer...

Olha para nós os dois e, sem dizer mais nada, foge o mais rápido que pode.

O pai parece mesmo perturbado. Não sei se alguma vez o tinha visto tão

zangado. De início, respira pesadamente, mas depois acalma-se e fica com uma expressão triste no rosto.

– Vamos, Ada – diz-me ele. – Precisamos de falar. Na carrinha.

Estará zangado comigo? Não fiz nada de errado. Pois não? Não queria dar a mão ao Gabe. Talvez não tenha conseguido perceber que eu estava a tentar escapar. Não parece estar zangado comigo. Parece apenas... perturbado. Em geral.

Temos de fazer o caminho de volta à carrinha, que está estacionada no parque da escola. Deve ter estacionado e depois dado a volta à minha procura. Diz-me para entrar, mas, quando começo a subir para o banco de trás, manda-me entrar no lugar da frente.

Depois de entrarmos na carrinha, não liga o motor. Fica apenas sentado no lugar do condutor, sem dizer nada. Olha para o meu pulso, onde o Gabe me estava a agarrar. O sítio onde me apertou ficou com um tom vivo de vermelho. Pergunto-me se deixará uma nódoa negra.

– Ada – diz. – Aquilo foi assustador.

Assinto.

– Mas não faz mal, porque tu estavas lá.

– É essa a parte assustadora – continua. – Eu estava lá, mas, da próxima vez, posso não estar. Nem sempre estarei lá.

Suponho que tem razão, mas, ao mesmo tempo, parece que *está* sempre lá. Sempre que precisei dele, estava lá. Parece impossível que vá haver uma altura em que precisarei do meu pai, e ele não estará presente. O Gabe começou a importunar-me, mas, de repente, ali estava ele, saído do nada para o afugentar e me salvar.

– Disse à minha irmã que estaria sempre lá – murmura, quase para consigo. – Mas depois...

O meu nome vem da irmã do meu pai. Chamava-se Antonia e morreu antes de eu nascer. Às vezes, o pai fala dela e de como a amava, mas nunca me disse como morreu. Deve ter sido algo mau, ainda assim, porque era tão nova.

– Se um rapaz te estiver a incomodar, pedes-lhe para parar – diz. – Com firmeza. Assegura-te de que percebe.

Assinto solenemente.

– É possível que não pare, mesmo assim. – As sobrancelhas negras do meu pai juntam-se, formando uma ruga profunda no seu meio. – Se isso acontecer...

Por um segundo, o pai fica calado, a pensar em qualquer coisa. Finalmente, leva a mão ao bolso e tira o canivete que traz sempre consigo, que lhe foi dado pelo pai, com as suas iniciais gravadas.

– O meu pai deu-me isto quando tinha a tua idade – diz. – Agora, dou-to a ti.

– Pai! – exclamo. – Não posso andar com uma faca! Vou meter-me em sarilhos!

– Se ninguém souber, não – responde.

Olho para a faca que tem nas mãos. Embora não devesse, estou desejosa de lhe pegar. Sempre gostei dela, por me fazer lembrar o meu pai. Julguei que a daria ao Nico, um dia, mas, em vez disso, está a oferecer-ma a mim.

– O que devo fazer com ela? – pergunto-lhe eu.

– Nada – responde. – Tens apenas de a trazer contigo, mas nunca a usas, a não ser que tenhas de o fazer.

– Mas... – Olho para a faca, ainda na sua mão. A lâmina está fechada, mas aposto que é afiada. – Achas mesmo que devia...

– Só se tiveres de o fazer, Ada – repete. Toca num ponto à direita do seu umbigo. – Espetas a lâmina aqui. E depois... – Roda o pulso. – *Rodas*.

Olho para ele.

– Alguma vez fizeste isso?

– Eu? – As suas sobrancelhas arqueiam-se bruscamente. – Oh, não. É apenas uma... precaução.

Estende-me a faca novamente. Desta vez, aceito-a.

Passo 4: Começar a suspeitar da terrível verdade

É sábado à tarde, e eu estou na cozinha, a decidir se me apetece petiscar qualquer coisa antes do jantar, quando o Nico entra à socapa pela porta das traseiras.

Não o via desde manhã, mas isso não é invulgar por estes dias. Costumava passar quase cada segundo do fim de semana com o meu irmão, mas agora ou está no treino de basebol ou trancado no quarto. Consegui apanhá-lo algumas vezes para ir com ele até à paragem do autocarro, mas não serviu de nada. Ele não quis falar.

Não é estranho, portanto, que não o tenha visto o dia todo; mas é estranho que esteja a entrar pelas traseiras. E é ainda mais estranho que tenha uma mancha do que parece ser chichi na parte da frente das calças.

Terá o Nico feito chichi nas cuecas?

– Nico? – chamo.

Tenta esconder as calças atrás da mesa da cozinha, mas eu já vi.

– O que foi?

– Estás bem?

– Estou ótimo – diz. – Estava em casa dos Lowell e entornei a água que estava a beber em cima de mim.

Não creio que tenha sido isso, porque, agora que está mais perto, sinto o cheiro a chichi. Vê que eu não acredito nele e fica com uma expressão preocupada no rosto.

– Não digas a ninguém, está bem, Ada? – pede o Nico.

– Não digo – prometo. – Mas... quer dizer... como...

Como é que um miúdo de nove anos faz chichi nas calças? Lembro-me de que costumava fazer chichi na cama, quando tinha para aí quatro anos, mas isso foi há muito tempo.

– Aguentei tempo demais – explica.

Continuo a não perceber, mas parece tão envergonhado, que não vou importuná-lo com isso.

– Está bem...

– Juras que não dizes a ninguém?

- Juro.
- Porque, se disseses, és uma queixinhas.
- Já disse que não dizia!

Parece ficar satisfeito e corre para o quarto para mudar de roupa. Não consigo parar de pensar no que aconteceu. O Nico anda a agir de forma estranha, mas isto foi a coisa mais estranha até agora. Quem me dera que falasse comigo. Quem me dera que as coisas fossem como costumavam ser.

Quem me dera que nunca nos tivéssemos mudado para cá.

Pelo menos as minhas aulas estão a correr bem.

Sempre me saí bem na escola. Na minha antiga escola, tinha sempre S a tudo. É basicamente o mesmo que um cinco, mas era o estranho sistema de classificação que utilizavam na minha escola para as pessoas não se sentirem mal por não terem um cinco. S significa «Supera as Expectativas» e é a melhor nota que se pode ter. Eu tinha S a tudo, menos a Educação Física, que tinha C («Corresponde às Expectativas»).

A senhora Ratner passa muito mais trabalhos de casa do que a menina Marcus, mas não me importo. Quero ser pediatra quando crescer, por isso tenho *muitos* estudos pela frente. Ainda bem que gosto de fazer os trabalhos de casa.

A meio dos trabalhos de matemática, fico com sede e desço à cozinha para ir buscar um copo de água. Estranhamente, quando vou a descer as escadas, vejo o Nico a desaparecer pela parede.

Ouviram bem.

Não sabia, mas, ao que parece, a nossa parede tem uma porta secreta. O Nico abriu-a e parece estar prestes a entrar.

– Ei! – chamo, antes que possa fechar a porta.

Ergue bruscamente o rosto e vê-me. Não parece nada satisfeito.

– Oh. És tu.

Apresso-me a descer o resto das escadas para ver melhor.

– O que é *isso*?

A porta está parcialmente aberta, por isso consigo ver o interior. É uma sala minúscula, mais ou menos do tamanho de uma das nossas casas de banho, ou talvez um pouco maior. Não tem grande coisa lá dentro – só alguns livros de banda desenhada. Além disso, é escura. Tem apenas uma lâmpada pendurada do teto.

– Não podes dizer a ninguém, Ada – diz o Nico. – É o meu quarto de brincar secreto.

Quarto de brincar secreto? A sério?

– Não parece seguro.

– Uf! – exclama. – Estás a agir tal qual a mãe!

Di-lo como um insulto, mas talvez não seja uma ofensa assim tão grave ser comparada à única pessoa totalmente normal e racional desta família. Mas odeio que ele esteja chateado comigo.

– Posso entrar? – pergunto.

Ele faz uma careta.

– É o meu quarto de brincar, Ada. As raparigas não podem entrar.

Sei com certeza absoluta de que sou a sua única amiga, porque o tenho visto sempre sozinho no recreio da escola ultimamente, portanto, se não quiser passar tempo com raparigas, não terá ninguém com quem o fazer. Já não está autorizado a brincar com o Spencer, apesar de os nossos pais não saberem disso.

– Por favor?

Finalmente, ele assente. Sigo-o para dentro da pequena sala quadrada, e ele fecha a porta atrás de nós. Ao fechar-se, emite um raspar terrível, e tenho de tapar os ouvidos.

Uma vez no interior, a sala parece *muito* pequena. Dava para perceber que era pequena a partir do exterior, mas parece ainda pior lá dentro. É como estar num caixão. Ou como ser enterrada viva. Uma dessas duas coisas.

Além disso, está suja. O chão tem uma camada de pó, pelo que dá para ver as pegadas que o Nico deixou de todas as vezes que entrou e saiu. Vejo teias de aranha nos cantos, o que significa que há aranhas. As pessoas dizem que as aranhas são bichos bons, mas eu não gosto de nenhuma criatura rastejante. O Nico, porém, gosta de bichos, por isso não o incomoda tanto.

Não posso deixar de pensar naquele rapazinho, o Braden Lundie. O que desapareceu. Imagino-o a dar por si trancado numa pequena sala como esta, sem mais nada a não ser uma pequena pilha de livros de banda desenhada.

– Gostas mesmo de brincar aqui? – pergunto. – É tão pequeno...

– Sim, gosto – retorque o Nico, obstinadamente. – Se odeias, podes ir embora.

Odeio e quero ir embora, mas há muito tempo que não converso com o meu irmão, e não quero que pense que sou uma medricas com quem não pode brincar.

– Não – digo. – Quero ficar.

Olho para a porta, esperando que não estejamos aqui trancados. E se não abrir? Como sairemos? Perceberão os nossos pais que estamos aqui dentro? Subitamente, sinto o pescoço frio e suado, mas sento-me na mesma no chão, ao lado do Nico. Não vamos ficar presos aqui dentro. O pai arranjará maneira de nos tirar daqui, aconteça o que acontecer.

– Lembras-te de dizeres que querias fazer uma festa do pijama? – pergunto ao Nico.

– Ahã...

– Talvez pudéssemos fazer isso este fim de semana?

Ele abana a cabeça.

– Não.

– Porque não?

– Porque não me *apetece*.

Subitamente, sinto os olhos marejados. Não compreendo o que aconteceu. Porque está o Nico a ser tão mau para mim? A pior parte é que o Nico repara e faz uma careta.

– Estás sempre a chorar – queixa-se ele. – Há alguma coisa que *não* te faça chorar?

Limpo os olhos com as costas da mão.

– Desculpa.

– Se vais chorar, tens de sair.

Tento parar de chorar, mas não é assim tão fácil. Oxalá pudesse simplesmente dizer a mim mesma *Ada, para de chorar*, e isso fizesse com que parasse. O Nico dá-me alguns livros de banda desenhada, fazendo-me sentir um pouco melhor. Tento focar-me em ler os livros e não pensar em mais nada, apesar de ter muitos trabalhos de casa para fazer.

Depois, o pai encontra-nos aqui escondidos, e ele e a mãe ficam zangados connosco, por isso, de qualquer maneira, já não podemos voltar a entrar no quarto de brincar. Fico feliz, pois não gosto mesmo nada deste quarto.

O Gabe não me voltou a incomodar desde que o meu pai gritou com ele. Não me convidou para nenhum encontro. Não se atreveu sequer a aproximar de mim.

Infelizmente, agora começou o Hunter a chatear-me.

Três vezes por semana, temos uma disciplina chamada Biblioteca. É uma das minhas aulas favoritas, porque vamos para a biblioteca da escola, escolhemos um livro e podemos passar a aula inteira a ler. Nem percebo como é que é uma disciplina, pois a mim parece-me apenas diversão. Apesar disso, muitos dos miúdos da minha turma passam a aula a queixar-se.

Hoje, escolhi um livro de Louis Sachar. A seguir à Lois Duncan, é o meu autor favorito. Li tudo o que escreveu e agora estou a reler, porque às vezes é mais divertido da segunda vez. Reparamos em coisas que não vimos à primeira, sobretudo na série *Wayside School*. É capaz de ser a minha série favorita de todos os tempos, ainda mais que os livros do Harry Potter. O primeiro e o segundo livro são fantásticos. O terceiro também é bom, mas não é o meu favorito. O terceiro livro de uma série não costuma ser lá muito bom, por isso ele não tem culpa.

Hoje, estou a ler *Someday Angeline*, que adoro, apesar de me fazer chorar. Vários livros me fazem chorar. Ainda só vou a meio, quando o Hunter se senta à mesa à minha frente.

— Olá, Ada — diz.

Não ergo os olhos do meu livro, mas digo olá.

— Adaaaaa — diz ele. — Posso convidar-te para um encontro?

Alguns dos seus amigos na mesa ao lado estão a ouvir e soltam risinhos com a nossa conversa. Não sei o que tem assim tanta graça.

— Não, obrigada.

— Porque não?

— Não quero ter um encontro.

— Se nunca tiveres um encontro — diz ele —, vais fazer o quê? Casar com um dos teus livros?

Os rapazes da mesa ao lado parecem achar isto hilariante.

Daí em diante, sempre que vamos para a biblioteca, o Hunter dirige-se à minha mesa e convida-me para um encontro. Não acho que queira realmente um encontro, está só a gozar comigo — ou talvez seja um pouco das duas coisas.

Ninguém na minha antiga escola falava em encontros, mas parece ser um tema *muito* falado aqui.

– Podes, por favor, deixar-me ler o meu livro? – imploro-lhe eu.

– É só isso que gostas de fazer – observa o Hunter. – Ler livros. Se continuares a ler o tempo todo, vais deixar de conseguir ver, sabias?

– Isso não é verdade.

– É, pois. Se leres demasiados livros, caem-te os olhos.

Isso é *tão* mentira. A minha mãe gosta de ler e não lhe caíram os olhos, ainda que, para dizer a verdade, não leia tanto como eu. A maioria das pessoas não lê tanto como eu. Às vezes, acho que quero passar o tempo todo a fazer isso. Oxalá o Hunter me deixasse em paz.

Penso no canivete que o meu pai me deu. Está na minha mochila. Está mesmo no fundo, onde ninguém o encontrará. Se algum dos professores soubesse que eu o tinha, ficaria em grandes sarilhos. Seria inteligente deixá-lo na gaveta da secretária em casa, mas o pai disse-me para o ter sempre comigo, e a verdade é que gosto de saber que o tenho.

Mas nunca o usarei. Nem consigo imaginar.

Apesar disso, neste momento, gostava de o fazer. Aposto que, se tirasse a faca da mochila, o Hunter fugia logo.

– Ada – diz. – Queres casar comigo?

Os outros rapazes estão outra vez a rir-se. Estou farta disto. Pego na minha mochila e vou para a casa de banho, onde passo o resto da aula escondida, a ler o meu livro, sentada na sanita.

Hoje, vamos à praia.

Gosto de nadar, mas não aprecio lá muito a praia. Não gosto da sensação da areia na minha pele. Além disso, depois de uma ida à praia, parece que se instala em todo o lado. Entre os dedos dos pés, nas dobras dos cotovelos e dos joelhos. Mesmo depois de tomar duche, continua a parecer que está lá.

– Sinto o mesmo! – responde a minha mãe, ao ouvir-me dizer-lhe isto antes de sairmos. – Mas não fizemos nenhuma viagem em família desde que nos mudámos, e acho que será divertido. Seja como for, adoras nadar, não é?

– Suponho que sim.

– E podes levar um livro – acrescenta, sorrindo-me.

Tenho *Someday Angelina* na minha mochila. A bibliotecária deixou-me trazê-lo para casa, porque não consigo ler muito na escola e estou ansiosa por terminá-lo. O Hunter simplesmente não me deixa em paz, e, como é óbvio, o pai não está por perto para o assustar e fazer com que pare de me incomodar.

Pergunto-me o que faria a mãe numa situação destas. Ao contrário do pai, ela lida com tudo de forma calma e racional, por isso talvez tenha uma solução que me ajude a lidar com o Hunter sem ter de puxar da faca do pai, o que seria ridículo.

– Mãe – digo.

Está a vasculhar a minha gaveta em busca de um fato de banho que ainda me sirva. Cresci muito este ano e vou precisar de fatos de banho novos em breve.

– Hã?

– O que fazemos se um rapaz estiver a ser mau para nós?

A minha mãe larga o fato de banho que tem na mão e vira a cabeça bruscamente.

– Anda algum rapaz a ser mau para ti?

Ficou com o rosto muito corado. Não quero perturbá-la. Ouvi o pai a falar com ela sobre uns problemas médicos que tem com a tensão arterial. Não quero que aconteça nada à minha mãe.

– Para mim não – apresso-me a dizer. – Para uma amiga minha. Estou a tentar ajudá-la.

– Ah. – Isso parece acalmá-la. – A maior parte dos rufias anda só à procura de atenção. Se os ignorares, vão-se embora.

– E se isso não resultar?

– Bem, o importante é deixar muito claro que não vais tolerar que te tratem dessa forma. – Hesita. – Usando as *palavras*, claro.

É claro que a mãe me ia dizer para usar as palavras e o pai me ia dar um canivete.

Acabo por ir à praia e por levar um livro comigo, ainda que esteja um dia bonito e a água pareça estar boa, por isso talvez acabe por nem ler muito. Será divertido brincar na água com o Nico, como costumávamos fazer em pequenos.

Mas, ao chegarmos lá, não é tão divertido como esperava. A mãe parece estar zangada ou assim, e o Nico também está a agir de forma estranha.

– Olá, Nico e Ada – diz-nos o senhor Lowell. Veste uns calções de banho e tem um boné de baseball. É muito branco por baixo da camisola, tal como a minha mãe.

– Olá – digo.

O meu irmão não responde.

O senhor Lowell não parece ficar chateado pela falta de resposta.

– Belo dia para vir à praia, não?

– Sim – respondo, de forma educada.

O Nico continua a não responder, e eu não sei bem porquê. Passou algum tempo a fazer tarefas em casa dos Lowell, até que lhe disseram que não precisava de ir mais, por isso imagino que os conheça melhor do que eu. E acho que as tarefas não eram assim tão más, visto que normalmente odeia fazê-las, mas não se queixou de todo.

– Está tudo bem? – pergunto ao Nico, quando vamos a caminho da água. Ao enterrar os pés na areia, sinto-a enfiar-se entre os meus dedos. Areia estúpida e nojenta.

– Tudo ótimo – diz ele.

– Porque estás tão zangado com o senhor e a senhora Lowell?

– Porque não te metes na tua vida, Ada? – retorque o meu irmão.

Nunca me tinha falado assim. Paro bruscamente, chocada. O Nico continua a correr para a água. Também devia ir, mas não quero, se ele estiver zangado comigo. Passa-se alguma coisa, mas não compreendo o quê.

Olho para trás, para onde instalámos as nossas cadeiras na areia. A mãe está sentada numa delas, com o senhor Lowell ao lado. Quando me acena, aceno-lhe de volta.

Muito bem, não posso deixar que isto me abata. Não vou deixar que o meu irmão estrague o dia.

Sigo a minha família até à água. O pai é um nadador excelente, tal como eu, mas não gosta que eu me afaste do seu alcance, por via das dúvidas. Nado até onde me parece seguro e depois volto. No caminho de regresso, vejo o Nico a flutuar na água ali perto. É então que reparo também que a senhora Lowell está ao seu lado e

que estão a falar. Aproximo-me o mais perto que me atrevo, tentando ouvir o que estão a dizer, mas tenho água nos ouvidos e é difícil perceber.

– Nem penses... em dizer a alguém – diz a senhora Lowell ao Nico. – Não te atrevas... Sabes os sarilhos em que estarás metido?

Oiço o Nico responder numa voz apagada:

– Não direi. Prometo.

Estava a... ameaçá-lo?

Não sei do que estavam a falar, mas não me agradou o seu tom de voz. Estava a ameaçá-lo. De certeza.

Não paro de pensar nisso enquanto nado, e fico cada vez mais furiosa. Como ousou ela falar assim com o meu irmão? E de que estavam a falar? Fico tão zangada que nem consigo pensar como deve ser. Quando estou a nadar debaixo de água, passo junto às suas pernas.

Não sei porque faço o que faço a seguir. Sinto-me apenas tão zangada, que, quando dou por mim, estou a agarrar numa das pernas magras da senhora Lowell e a puxá-la com todas as minhas forças, arrastando-a para o fundo. Apanho-a completamente de surpresa.

Arrependo-me imediatamente do que fiz. Ela não estava preparada para submergir, e é óbvio que não consegue voltar à superfície. Não sei o que fazer. Não sei como a salvar.

Penso para comigo: *e se ela se afogar por minha causa? Estarei em grandes sarilhos!*

Felizmente, o pai vai socorrê-la. Agarra-a e tira-a da água, e afinal ela está bem. Portanto, acabei por não a afogar, no fim de contas.

Passo 5: Descobrir a verdade

Odeio viver aqui, em Long Island.

Não tenho amigos. Quer dizer, amigos a sério. Há as raparigas com quem almoço, que são simpáticas para mim, mas nada como as minhas amigas de casa. O Hunter chateia-me quase todos os dias na biblioteca. O Nico mal fala comigo e está sempre a meter-se em sarilhos na escola.

Não preciso de um ano inteiro para decidir. Odeio este sítio e sempre odiarei. Pergunto-me se tenho de esperar o ano todo antes de pedir para regressar.

Mas quem estou eu a enganar? Isso não vai acontecer. Vamos viver aqui para sempre.

Deito-me na escuridão do quarto, a tentar adormecer. Houve um tempo na minha vida, quando era pequena, em que era fácil dormir. Não me lembro de ter problemas para adormecer quando andava no jardim de infância. Mas agora parece que não há noite em que não me custe a adormecer. Passo as noites a olhar para o teto. As rachas do teto nem sequer são interessantes nesta casa – tenho saudades da Constance.

Finalmente, saio da cama e dirijo-me à janela. Algo bom em viver aqui é poder ver o céu límpido e bonito. Dá sempre para ver a Lua e montes de estrelas. Apesar disso, preferia voltar à outra casa.

Ao olhar pela janela, o meu olhar pousa na casa ao lado da nossa. O número 12 da Locust Street. As luzes estão apagadas no interior, mas consigo detetar movimento nas janelas. Não consigo perceber em que divisão. Será no quarto?

Não consigo parar de pensar no que aconteceu na praia. Passa-se algo de esquisito com a família do lado. Porque é que o Nico odeia tanto os Lowell? É tão estranho.

Oiço um barulho atrás de mim. Estão a bater à porta. Corro para a minha cama, não querendo que a mãe ou o pai me apanhem a vaguear pelo quarto a meio da noite. Não sei se devia fingir que estou a dormir, mas é provável que oiçam os meus movimentos.

– Entra – opto, portanto, por dizer.

Lentamente, a porta entreabre-se. Pestanejo no escuro, sem ter a certeza se estou a ver bem.

É o Nico. E traz um saco-cama.

– Posso dormir aqui esta noite, Ada? – pergunta-me ele.

– Claro – digo. – É claro que podes.

Mantenho as luzes apagadas, mas os nossos olhos já se ajustaram à escuridão. O Nico estende o saco-cama no chão junto à minha cama. Depois, enfia-se lá dentro. Eu deito-me na minha cama.

– Boa noite, Nico – digo.

– Boa noite, Ada.

Mas não fecho os olhos. Olho para o Nico, deitado no saco-cama, e vejo que ele também está a olhar para mim.

É então que reparo que tem os olhos marejados.

– Nico? – chamo.

Ele não responde de imediato, pois não consegue parar de chorar. Ao fim de alguns minutos, porém, conta-me tudo.

Não podes contar a ninguém – diz-me o Nico, antes de me contar a história toda. – Juras?

– Sim.

– Jura, Ada.

– Juro.

Olha para mim, respira fundo e começa a falar.

Começou pouco depois de nos mudarmos para cá. Quando o Nico partiu a janela dos Lowell e começou a fazer tarefas em sua casa. Da primeira vez, só lhe deram tarefas normais, como lavar a loiça ou limpar o chão, mas, depois, da segunda vez, fez uma descoberta bizarra: os Lowell têm uma sala minúscula idêntica à nossa, escondida debaixo da escadaria.

Enquanto estava a aspirar, o Nico viu um pouco da porta na parede, apesar de estar quase totalmente escondida atrás de uma estante. Conhecendo o desordeiro do meu irmão, decidiu empurrar a estante para o lado, abrir a porta e entrar. Ao contrário da sala de nossa casa, aquela não estava vazia.

– Estava cheia de brinquedos – diz-me ele. – Brinquedos fixes. Coisas que jamais poderíamos pagar. Por isso... bem, não estava ninguém por perto, portanto pensei que podia brincar com eles só um bocadinho. Mas depois o senhor Lowell apanhou-me enquanto estava a brincar com um camião mesmo fixe dos *Transformers*, e eu deixei-o cair e partiu-se.

O senhor Lowell disse ao Nico que os brinquedos eram peças de coleção e que o camião que ele tinha partido tinha sido muito caro, por isso ele devia-lhe milhares de dólares, a juntar ao dinheiro da janela de vitral que também partiu, visto que estivera a brincar em vez de cumprir as tarefas. A mãe e o pai estão sempre a dizer que estão preocupados com o dinheiro. Apesar de falarem baixinho para não os podermos ouvir, nós ouvimos sempre. Por isso, o Nico ficou com medo de que eles tivessem de pagar tanto dinheiro.

Mas o senhor Lowell teve uma ideia. Disse ao Nico que estava a pensar em desenhar alguns brinquedos para vender e que, se o Nico o ajudasse a testar as suas

criações e dizer-lhe quais preferia, ele não obrigaria os nossos pais a pagar pelas coisas que ele tinha partido.

– Portanto, era isso que eu fazia quando lá ia – explica-me o Nico. – Não ia fazer tarefas. Ia brincar para a sala, enquanto o senhor Lowell me via pela câmara.

O senhor Lowell explicou-lhe que a porta tinha de estar fechada enquanto estivesse lá dentro. Parece que a senhora Lowell ficaria zangada se soubesse que ele o deixava usar os brinquedos, por isso ela nunca podia descobrir. Gravava o que estava a acontecer com uma câmara no teto e assistia. Um dia, o Nico precisou muito de ir à casa de banho e não conseguiu sair da sala. Bateu à porta, mas ninguém o deixou sair. Entrou em pânico. Quando o senhor Lowell abriu finalmente a porta, o Nico tinha feito chichi nas calças.

O senhor Lowell gozou com ele e disse que ia contar a todos os amigos do Nico que ele tinha feito chichi nas calças. O meu irmão teve de lhe implorar que não o fizesse.

Depois disso, as visitas continuaram. Mesmo quando a senhora Lowell descobriu e obrigou o senhor Lowell a dizer à mãe que não queriam que ele continuasse a ir lá, ele disse ao Nico em privado que tinha de continuar a ir.

– Disse-lhe que não – sussurra o Nico, na escuridão do meu quarto. – Disse que não podia ir mais. Que não gostava e estava aborrecido de brincar na sala. Além disso, eu... tinha medo. Mas ele disse-me que não tinha escolha.

O senhor Lowell disse ao Nico que, se não continuasse a ir, ia processar a nossa família, não só pelo brinquedo e pela janela partidos, mas também por todos os estragos que o Nico tinha causado nos outros brinquedos enquanto estava na sala. Disse-lhe que ficaríamos desalojados e que os nossos pais o odiariam. Resultou por algum tempo, mas depois, quando o Nico disse que lhes ia contar, o senhor Lowell usou uma abordagem diferente.

– Disse que, se eu dissesse a alguém, matava toda a minha família – conta-me o Nico. – Primeiro o pai, depois a mãe e depois tu.

O Nico começou a chorar. Desço da cama e deito-me ao seu lado no saco-cama, abraçando-o. O mais estranho é que eu não estou a chorar. Quase tudo me faz chorar, mas isto não.

Deixa-me apenas zangada.

– Nico – digo. – O senhor Lowell jamais poderia fazer mal ao nosso pai. O nosso pai é muito maior do que ele.

– Disse-me que podia. Disse que já o tinha feito.

Não creio que seja verdade. O senhor Lowell não é adversário à altura do nosso pai. Ninguém é. O senhor Lowell é só um grande idiota.

– Temos de contar isto à mãe e ao pai – digo.

– Não! – soluça o Nico. – Ada, prometeste que não dizias a ninguém! Juraste!

– Mas isto é muito grave.

– Se disseses a alguém – diz –, nunca mais volto a confiar em ti para o resto da minha vida.

Os seus olhos negros brilham ao luar. Parece estar a falar a sério. O Nico tem apenas nove anos. Mesmo que eu conte, um dia irá perceber que tomei a atitude certa.

Certo?

– Prometeste que não contavas! – lembra-me ele. – É melhor que não quebres essa promessa, Ada.

– Está bem – digo, por fim. – Eu não lhes conto. Não conto a ninguém.

O Nico deixa-me abraçá-lo. Ao fim de algum tempo, para de chorar e a sua respiração torna-se regular. Adormeceu. Eu continuo bem acordada.

Vou cumprir a promessa que fiz ao meu irmão. Não direi a ninguém o segredo que ele me contou.

Mas vou deixar bem claro ao senhor Lowell que o Nico nunca mais vai voltar a sua casa.

Passo 6: Defender o irmão mais novo

Não voltei a casa dos Lowell desde o jantar com eles quando nos mudámos para cá. Têm uma casa muito maior e mais bonita do que a nossa, ainda que sinceramente me pareça que a nossa é demasiado grande. Espero para lá ir até o *Mercedes* do senhor Lowell chegar e desaparecer na garagem, para ter a certeza de que ele está em casa.

Ainda não sei o que vou dizer, mas tenho de deixar bem claro que sei o que anda a fazer ao meu irmão e que vou dizer aos nossos pais, se voltar a acontecer. Não tenho medo dele.

Quando ouvir o que tenho para dizer, nunca mais voltará a incomodar o Nico, e eu não terei de dizer à mãe e ao pai. Quando vou a sair de casa, decido, no último instante, pegar no canivete que o pai me deu. Não é como se o fosse usar, mas sinto-me mais segura com ele. Guardo-o no bolso das minhas calças de ganga e cubro-o com a *T-shirt* para não ser visível.

Agora, já me sinto melhor.

Vou pelo atalho, cortando pelo nosso jardim das traseiras para o dos Lowell. O pai está a fazer alguns trabalhos nos arbustos do jardim. O equipamento que tem ligado é muito barulhento.

Quando digo barulhento, quero dizer que tenho de tapar os ouvidos. Soa exatamente como uma serra a cortar metal, apesar de não ser. É tão barulhento, que ele nem me ouve ao dirigir-me à porta das traseiras. Quase aceno para lhe chamar a atenção, mas apercebo-me de que, se me vir, vai perguntar o que estou a fazer, por isso é melhor que não saiba que estou aqui.

Bato à porta, mas está tanto barulho aqui atrás, que ninguém me consegue ouvir. Penso em dar a volta até à frente, mas, quando tento abrir a porta, vejo que nem está trancada. Por isso, entro.

Tenho a certeza de que vi o carro do senhor Lowell a entrar na garagem, mas a casa está estranhamente silenciosa. Não oiço passos nem ruídos vindos do andar de cima. Parece que não está ninguém em casa.

— Olá? — chamo.

Não obtenho resposta.

Não sei para onde foi, mas não parece estar aqui ninguém. Talvez o senhor

Lowell tenha voltado a sair enquanto eu calçava as sapatilhas, ou talvez esteja no duche ou assim. Suponho que é melhor ir embora e voltar mais tarde.

Nesse momento, enquanto estou a atravessar a casa, passo pela escadaria. Vejo uma estante encostada à parede, no sítio exato onde fica a porta da sala secreta em nossa casa. É exatamente como o Nico descreveu. Se afastar esta estante, será que encontrarei a sala secreta?

Agora que a ideia está na minha cabeça, tenho de ver a sala.

A estante não é assim tão pesada, pois não tem muitos livros. Apoio todo o meu peso nela e empurro com todas as minhas forças. Assim que se começa a mover, consigo empurrar o resto facilmente. Atrás dela, vejo, de facto, o contorno de uma porta estreita.

Estava escondida pela estante, em vez de coberta com papel de parede. Como a de nossa casa, parece abrir para dentro, apesar de ter um buraco para uma chave, algo que me deixa nervosa. Lembro-me de o Nico me ter contado que tentou sair da sala, mas que não conseguiu, porque a porta não abria.

Ocorre-me que, se o senhor Lowell o tivesse trancado na sala e tivesse tapado a porta com a estante, ninguém saberia que ele estava ali. Afinal, a mãe e o pai pensavam que ele tinha deixado de cá vir. Só o Nico e o senhor Lowell sabiam a verdade.

Olho para o contorno da porta. Não costumo ser curiosa. Não preciso de saber o que está atrás de todas as portas. O Nico é o mais curioso de nós os dois. A sala existe, por isso, só preciso de saber isso. Certo?

Por outro lado, qual é o mal de dar uma pequena espreitadela?

Lentamente, empurro a porta da sala.

Não é o que eu esperava.

A sala por baixo da nossa escadaria era apenas um espaço vazio. Esta está cheia de... de *coisas*.

Consigo perceber porque é que o Nico se sentiu atraído por ela. É como se todos os brinquedos com que alguma vez brincou ou sonhou ter estivessem nesta sala: *Transformers*, camiões, miniaturas de automóveis, bonecos de ação. A maioria parece ter sido usada recentemente. A sala é mais luminosa do que a nossa, iluminada por luzes de teto, com interruptor. O Nico referiu que o senhor Lowell tinha uma câmara montada, mas perscruto o teto e não vejo nenhuma. Talvez a tenha tirado. A parte mais estranha da sala é o que está no canto mais afastado.

É uma cama.

Uma cama pequena, pensada para uma criança talvez até um pouco mais nova do que o Nico, mas por volta da sua idade. Tem uma cabeceira branca e um colchão fino sem molas. Mais parece um divã. Está coberta por uma colcha, e cada um dos retalhos do tecido da colcha tem um inseto diferente.

Apesar de saber que não devia, dirijo-me à cama. Passo os dedos pela colcha, que parece rígida, como se não fosse usada há muito tempo. Suponho que, quando cá estive, o Nico tenha brincado no chão. Puxo a colcha para trás e...

Oh, meu Deus.

Está uma mancha escura castanha a cobrir os lençóis brancos. É mais escura ao centro, mas há salpicos espalhados pelos lençóis. Não sei se o Nico alguma vez puxou a colcha para trás e viu isto. Se sim, talvez tenha sido por isso que levou a ameaça do senhor Lowell tão a sério.

— Ada?

Bruscamente, viro a cabeça na direção da voz atrás de mim. Pensava que não estava ninguém em casa, por estar tudo tão silencioso. Foi muito estúpido da minha parte. Vi o carro entrar na garagem. Não sei como achei que o senhor Lowell não estava cá. Devia estar no andar de cima ou assim. Ou talvez estivesse escondido. À espera. À espreita.

E agora está *aqui*. Comigo, na sala.

Veste umas calças bege e uma camisa desabotoada no colarinho, com uma gravata solta pendurada à volta do pescoço. Tem uma camada de suor na testa, que brilha às luzes do teto. Tem o cabelo ralo, mas parece ter cada um dos fios de cabelo húmido de suor.

Abro a boca para guinchar uma resposta, mas nada me sai. Tencionava dizer ao senhor Lowell que tinha de deixar o meu irmão em paz. Tencionava dizer-lhe de forma inequívoca que o Nico nunca mais cá ia voltar. Tencionava manter o meu irmão longe de apuros.

Mas agora posso ser eu quem está em perigo.

– O que fazes aqui, Ada? – O senhor Lowell não parece zangado. Parece achar interessante que eu esteja aqui. – Moveste a estante?

– Eu só... – guincho. – Desculpe. Pensei...

Porque estou eu a pedir desculpa? Uf, pareço a minha mãe. Está sempre a pedir desculpa por coisas que não são culpa sua. Agora, estou *eu* a fazê-lo. Afinal, suponho que estou em sua casa sem autorização. Mas *ele* tem andado a trancar o meu irmão aqui. O que serão aquelas manchas nos lençóis que se assemelham de forma suspeita a sangue seco?

– Estavas a bisbilhotar – observa.

Não respondo.

– Disseste aos teus pais que cá vinhas? – pergunta o senhor Lowell.

– Sim – digo.

Os seus lábios curvam-se.

– Estás a mentir, Ada.

– Não estou nada!

– Consigo sempre perceber quando as crianças mentem. São todas tão óbvias.

Quero fugir da sala, mas o senhor Lowell está a bloquear a saída. Além disso, fechou a porta. Mas não a pode ter trancado. Está aqui dentro comigo, por isso é impossível que o tenha feito.

Certo?

– Acho... – diz, dando um passo na minha direção, ficando demasiado perto, porque esta sala é mesmo muito pequena. – Acho que não disseste a ninguém que cá vinhas.

Dou um passo atrás, batendo contra a parede atrás de mim. O olhar do senhor Lowell esvoaça de relance para o colchão. Para as manchas de sangue nos lençóis.

– Oh, Ada – diz ele. – Oxalá não tivesses puxado a colcha para trás.

Prende-se-me a respiração na garganta.

– Gostaria de sair – consigo dizer.

Ele inclina a cabeça para o lado.

– Gostarias?

– Sim.

– A questão é – observa – que não tenho a certeza se posso confiar em ti. O teu irmão é muito bom a guardar segredos, mas dá-me a ideia de que tu não.

Lembro-me de como o Nico chegou a casa com chichi nas calças. Temo que me vá acontecer o mesmo. Não sei se alguma vez senti tanto medo em toda a minha vida.

– Posso guardar segredo – guincho.

Ao contrário de mim, do meu irmão e do meu pai, o senhor Lowell tem olhos claros. Por isso, vejo quando a parte negra ao centro se expande.

– Não creio que possas – diz. – O que significa que...

Aproximou-se o suficiente para sentir o cheiro azedo do seu hálito. Retorço-me, perguntando-me se consigo passar por ele. Tenho de sair. A sala é tão pequena, e a porta está tão perto. Se ao menos...

– Não te posso deixar sair, Ada – conclui.

Lembro-me de quando o Gabe me falou naquele rapaz desaparecido, o Braden Lundie. Imaginei-o preso numa sala como esta. O pensamento apavorou-me, e, no entanto, aqui estou eu. E, tal como o Braden, é possível que nunca mais ninguém me volte a ver.

Só que eu tenho algo que o Braden não tinha.

Levo a mão ao bolso, e os meus dedos fecham-se sobre o canivete do meu pai. Depois de ele me dar, treinei no meu quarto. Treinei abrir e fechar rapidamente a lâmina, como vi o pai fazer. O senhor Lowell está a olhar-me para o rosto, por isso não me vê tirar o canivete do bolso e estender a lâmina. Não vê o brilho da faca às luzes do teto, até eu lha ter espetado em cheio na barriga, exatamente onde o meu pai me disse para a enfiar.

Depois, torço-a.

O senhor Lowell uiva. Acertei-lhe em cheio. Bem, como a mãe diz, dói mais entre as pernas, mas não queria apontar a essa zona. Seja como for, resultou. O senhor Lowell cai de joelhos, agarrado à barriga.

– Sua cabra – arqueja.

Não tenho tempo para pensar. Passo por ele a correr, abrindo a porta, e então, antes que ele se possa voltar a levantar, volto a fechá-la.

O buraco da fechadura chama por mim, mas não tenho a chave, por isso não posso trancar a porta. Faço a única coisa que posso, que é fugir da casa o mais rápido possível.

Quando cheguei, o pai estava a trabalhar no jardim das traseiras, mas já não está. Não sei para onde foi. Talvez tenha ido à garagem buscar mais algum equipamento. Não sei. Quero procurá-lo, mas também quero muito ir para casa.

Ao entrar, corro escadas acima. Corro para o quarto dos meus pais, à procura deles, mas o quarto está vazio. Enquanto estou à porta, oiço passos atrás de mim. Cada vez mais altos.

Oh, não.

É o senhor Lowell. Devia ter arranjado uma forma de bloquear a porta, ou então devia tê-lo esfaqueado outra vez, para garantir que o assunto ficava encerrado. Estupidamente, deixei-o lá, e agora ele seguiu-me até casa.

Vai acabar comigo.

Nesse momento, viro-me, e os meus ombros descaem. Não é o senhor Lowell. É o Nico, de pé no corredor, boquiaberto.

– Ada? – Tem uma expressão horrorizada no rosto. – O que aconteceu?

Pela primeira vez, olho para a minha roupa. Tenho algumas manchas pequenas de sangue na camisola, mas a minha mão direita está coberta de vermelho. A faca

tem muito sangue. Nem sequer reparei.

– Ada? – repete o Nico.

– Onde... onde está o pai? – gaguejo.

– Acho que foi à garagem buscar algum equipamento. – O Nico franze o sobrolho à minha mão ensanguentada, que ainda aperta a faca. – Ada, o que aconteceu?

– Eu...

Não lhe posso dizer. Como posso dizer a alguém o que fiz?

– Ada?

– Eu... acho que matei o senhor Lowell. – As palavras saem-me num tumulto emaranhado. – Acho que está morto.

– *O quê?*

Limpo as lágrimas dos olhos, espalhando sangue pelo rosto. Só estou a piorar a situação.

– Não disse a ninguém o que me contaste, juro. Mas queria falar com ele. Queria dizer-lhe para te deixar em paz.

– Ada...

– Ele não me queria deixar sair da sala secreta. – Falha-me a voz. – Por isso, tive de...

Olhamos os dois para a faca, a brilhar com o sangue do senhor Lowell. De certeza que está morto. Espetei-lhe a faca mesmo onde o pai me ensinou e torci-a. Vi a cor esvaír-se do seu rosto enquanto caía ao chão.

Oh, meu Deus.

– Tenho de falar com o pai – digo, de súbito.

O Nico arregala os olhos, em pânico.

– Não podes dizer ao pai. Não podes dizer a nenhum adulto. Ficarás em grandes sarilhos.

– O pai não deixará que nada de mau me aconteça...

– Não depende dele. Sabes o que acontece aos miúdos que fazem coisas más, certo? – Morde o lábio inferior. – Tiram-nos aos pais. Têm de ir para uma prisão para miúdos, chamada centro de detenção de jovens. O meu amigo disse que o irmão dele teve de ir para lá depois de roubar uma coisa. E foi só por roubar. Tu *mataste* uma pessoa.

Começo a chorar. Ele tem razão. Não posso simplesmente dizer às pessoas que matei o senhor Lowell e esperar não ser castigada, apesar de ser ele quem andava a fazer coisas más.

– O que devo fazer, então? – pergunto.

– Alguém te viu lá?

Abano a cabeça em negação.

– Então, ninguém saberá que foste tu, certo?

Olho para a faca na minha mão e apercebo-me de que ele tem razão. Posso lavar o sangue da lâmina e enfiá-la no fundo de alguma gaveta. Posso lavar o sangue da camisola e escondê-la no meu roupeiro. Ninguém saberá.

Nada de mau vai acontecer.

Quarta Parte

A minha filha matou um homem.

A minha filha de onze anos esfaqueou um homem e agora ele está morto. Depois de ouvir a história toda, gostaria que ela não o tivesse matado, para poder ser eu a fazê-lo com as minhas próprias mãos.

Tê-lo-ia feito sofrer.

– Desculpa, mãe. – Chora tanto, que lhe é difícil falar. – Não queria fazê-lo. Tinha apenas de sair daquela sala.

Não estou zangada com ela. Não me deve nenhum pedido de desculpas. Sinto-me *doente* face ao que estava a acontecer mesmo debaixo do meu nariz. Fui eu quem mandou o Nico fazer as tarefas dos Lowell. Em minha defesa, parecia uma boa solução na altura, uma boa forma de assumir a responsabilidade por ter partido a janela. Jamais poderia imaginar...

– A culpa não é tua, Ada. – Fecho os braços em redor do seu corpo magro. – Fizeste o que tinhas de fazer. Eu... teria feito o mesmo.

Isso é um eufemismo.

– Onde está a camisola que tinhas vestida? – pergunto-lhe eu. – A que tinha o sangue?

Limpando os olhos, ela atravessa o quarto até à cómoda cor-de-rosa. Vasculha por um momento, até tirar a camisola azul-marinho que usava nesse dia, e estende-ma. Se semicerrar os olhos, quase consigo ver a mancha, mas consigo perceber como escapou à polícia. Não estavam à espera de encontrar nada incriminatório na gaveta das camisolas de uma menina.

– Lavei-a muito bem no lavatório – diz.

Se a tivessem encontrado, a polícia teria facilmente identificado o sangue do Jonathan.

Aperto a camisola, sem saber o que fazer com ela. Seria mesmo capaz de denunciar a minha filha por homicídio?

– Não quero ir para a prisão – funga ela. – Mas também não quero que o pai seja preso quando fui eu que o matei.

O Enzo sabia. Deve ter percebido que foi a Ada a matar o Jonathan, depois de descobrir que a faca que lhe tinha dado era a arma do crime. Por isso é que

assumiu a culpa de imediato. Odeio-o por ter feito isso, mas também o amo mais do que nunca.

– Não vais para a prisão – garanto à minha filha. – Prometo. Vamos ligar à advogada do pai, e ela vai esclarecer tudo. Juro.

Tenho de ligar à Cecelia. Tenho de lhe contar tudo, antes que o Enzo faça mais alguma coisa estúpida, como confessar o homicídio para proteger a filha.

Não quero que a Ada oiça esta chamada, mas também não a quero deixar sozinha quando está tão frágil. Por mais que lhe tenha assegurado de que não fez nada de errado, continua inconsolável. Tenho de a manter debaixo de olho, por isso saio e paro mesmo junto à porta do seu quarto, mantendo-a entreaberta para a poder ver, enquanto ligo para o número da Cecelia.

Felizmente, ela atende de imediato.

– Millie? Está tudo bem? Acabei de chegar à esquadra.

– Sim – murmuro. – Mas soube de umas informações extremamente importantes.

Conto-lhe tudo o mais rápido que posso. Ela mantém-se em silêncio durante a maior parte da história, ainda que a oiça inspirar rapidamente algumas vezes. É difícil repetir os pormenores que a Ada partilhou comigo. Para ser sincera, deixame doente. Fico aliviada quando acabo de lhe contar e posso finalmente parar de falar.

– Caramba – murmura a Cecelia. – Isso é...

– Eu sei.

– Raios partam o Enzo – resmoneia para consigo. – É melhor que ele não tenha dito nada à polícia sem mim. Tenho de ir lá para dentro o mais rápido possível e de esclarecer as coisas.

– Ele tem de ouvir tudo – digo. – Se achar que há hipóteses de a Ada ser punida por isto, vai querer arcar com as culpas. Deve saber que foi em legítima defesa. Ela não fez nada de mal.

– E tem *onze anos* – lembra-me a Cecelia. – Nenhum tribunal julgaria uma criança dessa idade como adulta. O Enzo está a sacrificar-se por nada.

– Por favor, Cecelia, não o deixes fazer nada de estúpido.

– Não te preocupes, Millie – diz. – Sou incrivelmente persuasiva.

Deixo-a ir fazer o seu trabalho e fico a sós com os meus filhos. Tenho um grande trabalho pela frente, para que tudo volte a ficar bem.

Não fazia ideia do que se passava dentro daquela sala em casa dos Lowell. Se o Jonathan tiver posto um dedo no meu filho, vou... Bem, suponho que já não o posso matar, mas incendeio-lhe o túmulo ou... viajo até ao além para me vingar. Não posso *acreditar* que o Nico passou meses a ir àquela casa, por ter medo de não podermos pagar uns brinquedos partidos. Parte-me o coração.

Quando tudo isto acabar, a família toda vai precisar de terapia. Aquele homem fez-nos algo terrível, e eu estou determinada a tirar o meu marido da prisão, para podermos ajudar os nossos filhos a recomeçar a sarar.

O Enzo está neste momento numa cela de detenção na esquadra. Foi identificado, e tiraram-lhe as impressões digitais e as fotos de cadastro, segundo a Cecelia. Amanhã, haverá uma audiência para determinação das medidas de coação, mas não poderemos pagar qualquer tipo de fiança.

Estou desesperada por saber como está, mas tudo o que consigo obter são as atualizações da Cecelia. Fico com os miúdos em casa – por esta altura, já faltei tantos dias ao trabalho por razões pessoais, que os meus colegas devem estar furiosos. Passo muito tempo a falar com a Ada e o Nico sobre o que aconteceu. Sabia que algo se passava com o Nico, mas, de alguma forma, isto escapou-me. Pensava que tinha algum problema no cérebro e que era tudo por causa dos meus genes defeituosos, mas a realidade é que era tudo culpa do Jonathan Lowell.

– O pai vai voltar para casa em breve? – pergunta-me o Nico, esperançoso, enquanto jantamos.

Fiz macarrão, mas só pus manteiga. Nem me lembrei de juntar queijo.

– Espero que sim – respondo, com sinceridade.

– Mas ele não fez nada de mal – diz a Ada, numa voz apagada. – Porque está na prisão?

– Porque não basta dizermos à polícia que não somos culpados para eles nos deixarem ir – explico-lhes eu. – Mas não se preocupem. Ele tem uma advogada incrível. Virá para casa em breve.

Se disser isso a mim mesma vezes que cheguem, talvez se torne realidade.

Depois do jantar, meto uma embalagem de pipocas no micro-ondas. Por milagre, não as queimo, como da última vez, e deixo os miúdos no sofá a ver desenhos animados e a comer pipocas. Logo depois de pôr um filme, o meu telemóvel começa a tocar.

É o número da esquadra local.

Salto do sofá e espeto o polegar no botão verde para atender a chamada. Estou a chegar à cozinha, quando um sotaque italiano familiar se faz ouvir do outro lado da linha.

– Millie?

Quase desato a chorar.

– Enzo! Oh, meu Deus... Não acredito que te deixaram ligar...

– Tenho cinco minutos. Mais nada.

Cinco minutos não são nem de longe suficientes para dizer tudo o que preciso, mas é um começo.

– Seu idiota. Porque confessaste?

– Pela Ada – responde, baixinho, como se estivesse receoso de que o possam estar a ouvir. – Faria tudo por ela e pelo Nico. Tu não?

– Sim – admito. – Sim.

– E por ti também, Millie.

É quanto basta. Os meus olhos marejam-se.

– Precisamos de ti aqui. Por favor. Ela não vai ter problemas por isto. Só tem onze anos.

– Millie, ela cortou-lhe a garganta com um canivete. Isso significa que terá problemas.

Essa é a parte que me perturba. O Jonathan Lowell tinha duas facadas. A Ada esfaqueou-o na barriga para conseguir fugir, mas não tem de toda altura suficiente para cortar a garganta a um adulto de pé à sua frente. Não me contou todos os pormenores – só que o esfaqueou para fugir –, e eu não quis pressioná-la, pois já estava muito perturbada.

Por isso, posso apenas imaginar o que deve ter acontecido. Encontrei o Jonathan na sala de estar, não na sala secreta, pelo que a facada na barriga não o deve ter derrubado de imediato. Deve ter tentado segui-la, tombando pouco depois. Ela deve ter virado e cortou-lhe a garganta enquanto ele estava estendido no chão. Só para ter a certeza absoluta de que estava morto.

É frio, até para mim. Mas, se acreditava mesmo que ele tinha magoado o Nico e que ia atrás dela, fez o que tinha de fazer.

Não deixa de ser difícil argumentar que algo assim possa ser legítima defesa.

– Não importa – digo. – Enzo, precisamos de ti em casa. Estamos perdidos sem ti. Por favor, diz a verdade e deixa a Cecelia lidar com isto.

– Não vou entregar a minha filha. Não. Nunca.

Odeio o quanto é teimoso, mas sei que, dada a oportunidade, eu faria o mesmo.

– Confessaste à polícia? – pergunto-lhe eu.

– Ainda não – responde. – A Cecelia não me deixou. Mas amanhã...

– Por favor, não faças isso – imploro-lhe. – Sei que achas que estás a ajudar a Ada, mas ela não vai ficar melhor com o pai na prisão. Vai destruir-lhe a vida. Não percebes isso? Tens de vir para casa. Arranjaremos uma maneira de lidar com isto.

Oiço uma voz a gritar-lhe ao fundo. Os cinco minutos terminaram.

– Millie – diz, com urgência. – Por favor, diz aos miúdos que os amo. Aconteça o que acontecer.

– Nós também te amamos – começo a dizer, mas estou bastante certa de que sou interrompida ao fim da primeira palavra. A chamada caiu.

O Enzo vai passar a noite numa cela fria e desconfortável. Quer dizer, é verão, portanto será uma cela quente e desconfortável. Talvez se aperceba de que não quer passar lá o resto da vida, se passar uma noite na prisão.

Pelo menos, é nisso que tenho de acreditar.

Mal durmo nessa noite.

Pode ser o Enzo que está a passar a noite numa cela, mas eu também não consigo dormir. Não paro de me lembrar de quando estava na prisão, rodeada de pessoas, mas a sentir-me sempre tão sozinha. Sempre senti que não pertencia lá. Não imagino que alguém sinta que pertence.

Oxalá o Enzo entendesse o quanto é horrível. Talvez não tivesse tanta pressa em renunciar à sua vida.

Na manhã seguinte, decido mandar os miúdos para a escola, só para manter uma aparência de normalidade. Acompanho-os à paragem do autocarro, e não me admira ver lá a Janice, com o Spencer pela trela, como de costume.

– Surpreende-me vê-la aqui – observa a Janice, fungando.

– Vivo mesmo ali – saliento. – Porque não haveria de estar aqui?

A Janice não acha a mínima graça.

– Depois da coisa terrível que o seu marido fez, não tem vergonha de mostrar a cara?

Não acredito que ela disse isto mesmo à frente dos meus filhos. Desde que me mudei para cá, tenho vindo a aturar muitas das suas tretas só para manter a paz, mas estou farta. Afinal, tenho a certeza de que, aconteça o que acontecer, não vamos viver aqui muito mais tempo.

– O meu marido não fez nada, Janice – digo. – Percebeu tudo mal.

Ela resfolega.

– Não me parece. Um homem daqueles traz sempre sarilhos.

Acha que o meu marido é um assassino por ser demasiado bonito?

– O Enzo é um homem bom – replico, com firmeza. – Não preciso que uma vizinha intrometida me diga o contrário. Por isso, porque não se mete no raio da sua vida de agora em diante, Janice?

A Janice fica boquiaberta, como se não estivesse habituada a ser tratada desta maneira. Olho para os miúdos e, pela primeira vez desde que o pai foi preso, deteto o mais ínfimo dos sorrisos nos seus rostos.

Assim que os meus filhos estão em segurança no autocarro, regresso a casa. Chego ao relvado da frente no preciso momento em que um *Dodge Charger* preto familiar encosta à berma. A janela do lado do condutor abre-se, e o detetive Benito Ramirez põe a cabeça de fora.

– Millie – diz. – Entra no carro.

Confio mais no Ramirez do que em qualquer outro agente de autoridade, mas, ainda assim, não me empolga a ideia de entrar no carro de um polícia sem qualquer explicação.

– Tenho de ir à audiência do Enzo daqui a menos de duas horas.

– Precisamos de falar – diz, em tom solene.

– Sobre o quê?

– Millie, podes entrar no carro? Por favor? Vá lá. Queres voltar a tempo da audiência das medidas de coação, certo?

Oh, que se lixe.

P resumo que saibas da Ada – digo ao Ramirez.

Estamos ambos sentados no seu *Dodge*.

– Sim – confirma. – A Cecelia contou-me tudo.

– Matou o Jonathan Lowell – declaro.

Parte de mim ainda não acredita. Como pode a minha menina ter cortado a garganta a um homem?

– Parece-me que esse tarado mereceu.

– Mesmo assim.

– Tal mãe, tal filha – diz, com um encolher de ombros.

Estremeço. A Ada não sabe nada sobre o meu passado. Talvez se sentisse melhor se lhe contasse...

Não, não lhe posso contar. Não quero que perca o respeito por mim.

– Então querias falar-me sobre o quê? – pergunto.

O Ramirez fixa o olhar em mim. Tem uns olhos tão negros e sérios como os do meu marido.

– É sobre a Suzette Lowell. Há algo que preciso de te dizer sobre ela, mas não podes contar a ninguém.

– Está bem...

– A sério, Millie. Posso perder o emprego.

Despertou-me o interesse.

– Não direi a ninguém. Dou-te a minha palavra.

– Analisaram a sala debaixo das escadas – diz. – Adivinha o que encontraram.

Se me disser que encontraram o esqueleto de alguma criança...

– Não sei se quero saber.

– Millie, encontraram as impressões digitais da Suzette Lowell.

Demoro vários instantes a processar o que me está a dizer. Se as impressões digitais da Suzette estavam naquela sala...

É porque sabia de tudo. Sabia tudo sobre aquela sala. Por *isso* é que não queria o Nico em sua casa. Não era por temer que ele partisse alguma coisa ou armasse

confusão. Não o queria lá, porque sabia que o marido era um tarado.

E, mesmo assim, deixou-o ir para sua casa. Como se atreveu? E se o Jonathan tivesse feito mal ao Nico ou à Ada? E se...

– Vou matá-la – arquejo eu.

– O que está prestes a acontecer-lhe será muito pior do que isso. Encontraram outra coisa naquela sala.

Conta-me algo tão horrível, que me apetece vomitar no seu carro.

– Está hospedada num hotel – diz-me ele. – A polícia tenciona detê-la para interrogatório. Quis dizer-te primeiro.

Sinto a cabeça andar à roda com as revelações que o Ramirez me despejou em cima. A Suzette sabia. *Sabia*. E vai ser acusada como cúmplice das coisas terríveis que o marido fez. Se isso não é justiça, não sei o que será.

Apesar disso, não muda o facto de ter sido a Ada quem matou o Jonathan. Não muda o facto de o Enzo se recusar a entregar a nossa filha e poder passar o resto da vida na prisão para a proteger.

Nesse momento, ocorre-me algo. Talvez haja uma maneira de resolver isto.

– Benny – digo, com urgência. – Temos tempo para falar com a Suzette antes de a polícia a ir buscar?

De súbito, as suas sobrancelhas densas arqueiam-se.

– Estás a gozar, certo?

– Preciso de falar com ela.

– Não te posso levar comigo em assuntos da polícia. Seria *despedido*.

– Tudo bem. – Bato com os dedos no joelho, por cima das calças de ganga. – Então leva-me ao hotel e deixa-me falar com ela.

– Nem pensar. Não te vou deixar sozinha com essa mulher. Os meninos não precisam que a mãe também seja presa por homicídio.

– Por favor – peço. – Deves-me uma, Benny.

– Na verdade, devo-te pelo menos umas dez. – Coça a barba no queixo. – Queres falar com ela sobre o quê, afinal?

– Explico-te tudo pelo caminho – digo, apontando com a cabeça para o volante.

O Ramirez conduz-nos a um hotel ostentoso na periferia da cidade. Parece o tipo de hotel que tem um *spa* em cada quarto e em que a roupa de cama é substituída pontualmente a cada hora. Por outras palavras, é um hotel que nunca conseguiria pagar nem nos meus sonhos mais loucos.

À entrada, um manobrista recebe as chaves do Ramirez para estacionar o carro. Entramos juntos no hotel e dirigimo-nos ao balcão da receção. O Ramirez leva a mão ao bolso e tira o distintivo, fazendo-o deslizar sobre a mesa.

– Sou o detetive Ramirez, da Polícia de Nova Iorque. Procuro uma hóspede do hotel chamada Suzette Lowell.

O rececionista pega no telefone e liga para o quarto da Suzette. Quando a informa de que um elemento da Polícia de Nova Iorque está aqui para a ver, é-nos concedido acesso ao quarto de imediato.

– Subam ao décimo andar. O quarto fica ao fundo do corredor – indica-nos o homem.

Caminho decidida em direção ao elevador, e o Ramirez acelera para acompanhar o meu ritmo. As paredes do elevador são espelhadas, o que me faz sentir um pouco enjoada. Talvez as náuseas se devam ao facto de estar a visitar a mulher do homem que ameaçou os meus filhos, a mulher que deixou simplesmente que isso acontecesse. Sabe-se lá o que teria o Jonathan feito ao Nico se a Ada não tivesse intervindo.

– Não tenho a certeza sobre isto, Millie – diz o Ramirez. – Preferia fazer tudo como mandam as regras, quando ela estiver na esquadra.

– Por favor, dá-me uma oportunidade de falar com ela – peço-lhe eu. – É a nossa melhor hipótese de absolver a minha família. Temos de tentar.

Ele limita-se a abanar a cabeça.

O elevador emite um tinido, ao chegarmos ao décimo andar. Saio e marchoo em direção ao quarto da Suzette. O Ramirez tem de correr para me acompanhar. Não paro até chegar à porta, e ergo o punho para bater, enquanto o Ramirez suspira e abana a cabeça.

– Só um momento! – grita uma voz do outro lado.

Passado um segundo, a porta do quarto de hotel abre-se. Vejo a Suzette,

vestida com um roupão polar branco, com o nome do hotel estampado na lapela. Tinha um sorriso simpático plasmado nos lábios pintados, mas desaparece ao ver-me à porta.

– O que faz aqui? – silva a Suzette.

– A senhora Accardi está comigo, senhora Lowell – diz o Ramirez.

Ela olha de mim para o Ramirez, e, por um momento, tenho a certeza de que nos vai fechar a porta na cara. Estaria no seu direito.

– É mesmo da Polícia de Nova Iorque? – pergunta-lhe ela.

– Garanto-lhe que sou – responde. – Se nos deixar entrar, a mim e à senhora Accardi, gostaria de lhe fazer uma proposta capaz de nos poupar a todos muito sofrimento no futuro.

Ela apoia a mão na anca.

– Mostre-me a sua identificação.

Cumprindo a obrigação, o Ramirez volta a levar a mão ao bolso para tirar o distintivo. Ao mostrar-lho, ela fica um momento a examiná-lo, como se soubesse ver a diferença entre um documento de identificação falso e um verdadeiro. Se isso a fizer sentir melhor, que o faça à vontade.

– Tudo bem – diz, com a voz tensa. – Podem entrar, mas apenas por um minuto. Estava prestes a ir tomar um duche.

– Aposto que os duches são ótimos neste hotel – comenta o Ramirez, ao entrar no quarto de hotel. A Suzette tem a oportunidade de me fechar a porta na cara, mas não a aproveita, por isso consigo entrar com ele. – Ainda que não sejam tão bons como em sua casa.

– Obrigada – diz a Suzette, com rigidez. – Não posso ir lá agora, por motivos óbvios.

– Pois, eu sei. – Para ao chegar junto à cama *king size* gigantesca. – Quer sentar-se, senhora Lowell?

– Não creio que tenhamos de nos pôr demasiado confortáveis.

Um dos cantos dos lábios do Ramirez curva-se para cima.

– É justo.

– Queria falar comigo sobre o quê, detetive?

– Na verdade, é sobre a sua casa – responde. – A polícia esteve lá, sabia?

Ela revira os olhos.

– Imaginei que fosse assim que funcionasse quando se trata do local de um crime.

– Revistaram-na ao mais pequeno pormenor.

Os olhos da Suzette semicerram-se, e deteto um lampejo ínfimo de medo.

– O que quer dizer com isso?

– Quero dizer – explica o Ramirez – que encontraram a sala por baixo das escadas.

Se não estivesse a olhar para o rosto da Suzette, ter-me-ia escapado a forma como empalideceu. Juro que, se o Ramirez não estivesse agora mesmo ao meu lado, arrancava os olhos a esta mulher com as unhas. Puxava-lhe o coração do peito.

– Eu... não sei do que está a falar – gagueja a Suzette.

– Não? – O Ramirez arqueia uma sobrançelha escura. – Não sabia que havia uma sala por baixo das escadas do andar de baixo de sua casa, escondida atrás de uma estante?

Ela abana a cabeça lentamente.

– Acho que havia uma espécie de arrecadação quando nos mudámos para lá, mas acabámos por nunca a utilizar.

– Que estranho – observa.

– Nem por isso – diz ela. – O Jonathan já tinha a casa quando fui para lá viver, por isso nunca vi a planta.

– A Suzette é agente imobiliária, mas nunca viu as plantas da sua própria casa?

Ela encolhe os ombros.

– Já era nossa, e não estávamos a pensar vendê-la. Porque haveria de o fazer? Isso é *crime*, detetive?

– Eis a questão, porém. – O Ramirez crava os olhos nela. – As suas impressões digitais estão por toda a sala debaixo das escadas. Portanto, se não sabia que existia, como terá isso acontecido ao certo?

A Suzette recusou a sugestão de se sentar quando entrámos, mas, nesse momento, deixa-se cair no colchão, de rosto pálido. É gratificante ver que parece apavorada. É o que merece.

– Sabe o que mais encontrou a polícia? – pergunta-lhe o Ramirez.

Ela limita-se a abanar mudamente a cabeça.

– Encontrámos vestígios de sangue e ADN pertencentes a um miúdo chamado Braden Lundie – diz ele. – Um miúdo que desapareceu há três anos. A polícia está neste momento a escavar o seu jardim das traseiras. Faz alguma ideia do que vão encontrar?

A Suzette parece estar com dificuldade em respirar. Parece estar completamente sem palavras, tal como eu fiquei quando o Ramirez partilhou comigo a informação no carro. Infelizmente para ela, sei bem o que lhe quero dizer.

– Foi cúmplice no homicídio de um miúdo, Suzette – silvo-lhe eu. – Vai passar o resto da vida na prisão, tal como merece. – Forma-se um nó na minha garganta. – Sabia que o seu marido assassinou uma criança e não disse a ninguém. Deixou-o escapar impune. Deixou o meu filho entrar em sua casa! Como foi capaz? Qual é o seu problema?

Por um momento, a Suzette enterra o rosto nas mãos. Ainda não disse uma palavra.

– Senhora Lowell? – chama o Ramirez.

Ao erguer o rosto das mãos, a Suzette tem as faces raiadas de lágrimas.

– Só soube do Braden mais tarde. Juro. Se tivesse sabido...

– Mas *sabia* – diz o Ramirez, num rosnido grave. – Sabia o que ele tinha feito e não o denunciou à polícia. Não disse a ninguém.

– De que adiantaria? Era demasiado tarde!

Sinto-me doente. Lembro-me de a Janice mencionar qualquer coisa sobre o miúdo que tinha desaparecido há anos, mas pensei que estava a ser dramática, sobretudo depois de a Suzette ter alegado que o rapaz tinha acabado por ser

encontrado. Acontece que era a Janice que tinha razão. O facto de a Suzette ter dito que é demasiado tarde significa que essa família não terá um final feliz.

– Também o odiava, sabem? – Limpa as lágrimas dos olhos com as costas da mão. – Não suportava estar na mesma casa que esse homem, mas fiquei com ele para o manter debaixo de olho e garantir que não voltava a fazer nada de... enfim, *assim*. Evitei que magoasse mais crianças.

Fulmino-a com a olhar.

– Uau, é uma santa.

– Millie – murmura a Suzette. – Se eu chamasse a polícia, *sabe* o que isso faria à minha vida? Seria a mulher de um assassino de crianças. Sabe o que isso seria?

Abano a cabeça.

– É desprezível, Suzette.

Tem, pelo menos, a decência de baixar a cabeça.

– O detetive Ramirez veio aqui para a levar para a esquadra – digo. – Eu dissuadi-o de o fazer. Em vez disso, vamos dar-lhe outra alternativa.

A Suzette ergue os olhos para mim, surpreendida. Lanço um olhar ao Ramirez, que me esboça um aceno, e continuo.

– Tem de confessar o homicídio do seu marido. Diga que o matou porque descobriu o que ele andava a fazer naquela sala. Diga que é por isso que as suas impressões digitais estão por toda a divisão. Pode dizer que foi em legítima defesa.

– Querem que minta? – arqueja ela.

– Tem outra opção – intervém o Ramirez. – A segunda hipótese é deixar o Enzo Accardi ser punido por um homicídio que não cometeu. Nesse caso, acusá-la-emos a *si* de conspirar para matar aquele rapazinho. Acredite em mim, iremos atrás de si em *força*.

A Suzette olha para nós, abanando a cabeça.

– Mas eu não matei o Jonathan.

– Mas, se o tivesse feito, ninguém a culparia, certo? Pode facilmente pagar a um bom advogado, e talvez nem sequer vá para a prisão. Mas, se lhe imputarem a morte daquele miúdo, ou se as pessoas *pensarem* sequer que esteve envolvida, o que ambos sabemos que farão...

Ela inspira fundo. Demos-lhe duas opções terríveis. Por uma fração de segundo, quase sinto pena dela, mas depois lembro-me do que fez.

– E quanto ao sangue na faca do Enzo? – pergunta. – A polícia falou-me nisso.

– O Enzo deixou a faca para trás em sua casa – diz o Ramirez, com um encolher de ombros. – Usou-a para matar o seu marido e a seguir tentou livrar-se das provas devolvendo-lha.

A Suzette baixa os olhos, olhando para as palmas das mãos. Decida o que decidir, toda a sua vida está prestes a mudar para sempre.

– Posso pensar no assunto? – pergunta, em voz baixa.

O Ramirez olha para o relógio.

– Pode, mas digo-lhe já que o detetive Willard vem a caminho e chegará a qualquer momento.

De forma entrecortada, ela sorve um sopro de ar.

– Importam-se de sair do meu quarto para eu me poder vestir?

O Ramirez acede a deixar o quarto. Temos de sair daqui antes que o detetive Willard nos apanhe e descubra o que andámos a tramar. Enquanto a porta se fecha atrás de nós, lanço um olhar fulminante ao quarto de hotel. Nunca gostei da Suzette Lowell, mas não fazia ideia da profundidade da sua perversão. Não fazia ideia de que seria capaz de encobrir crimes tão horríveis apenas em prol da reputação. Quando lanço um olhar ao Ramirez, percebo que está a pensar o mesmo.

– Por ti e pelo Enzo, Millie – diz ele –, vou puxar todos os cordelinhos que puder, para fazer com que isto resulte e o Enzo fique a salvo.

– Estamos quites, então – digo.

– Não, acho que ainda te devo mais umas quantas.

Encosto o ouvido à porta do quarto de hotel, à escuta de sons vindos do interior.

– E se ela se tentar suicidar?

– Não vai fazer isso. É uma lutadora. Dá para perceber.

– O que achas que vai decidir?

Ele esboça um sorriso triste.

– Vai confessar ter matado o marido. De certeza. Não quer a outra acusação. Além disso, sabe que foi apanhada.

Espero que esteja certo. Preciso do meu marido de volta e preciso que este pesadelo acabe.

Embora tenha um pressentimento de que ainda vai durar muito tempo.

Passaram quase duas semanas desde que a Suzette Lowell confessou o

homicídio do marido, o Jonathan Lowell.

Estamos os quatro a tomar o pequeno-almoço na nossa cozinha, algo que parecia que nunca mais voltaria a ser possível há apenas duas semanas. O Enzo está de novo em casa. Depois de a Suzette confessar, as acusações contra ele foram todas retiradas.

O papel da Ada no homicídio só é conhecido por nós.

– Adoro panquecas com pepitas de chocolate – diz o Nico, atacando alegremente o prato de panquecas que eu fiz.

O Enzo abre-me um sorriso do outro lado da mesa. Ainda parece cansado devido aos acontecimentos das últimas semanas, mas está aqui, e é isso que importa. A nossa família está a sarar. O Nico, em particular, vai precisar de muita terapia, depois de tudo o que aconteceu, mas não faz mal. Vamos recuperar.

Não vamos deixar que o que os Lowell fizeram nos destrua.

– Mais uma semana de escola – lembra o Enzo aos miúdos – e chegam as férias de verão. Vamos viajar para algum lado, que tal?

– Para onde? – pergunta a Ada.

– Sim, para onde? – repito, pois é a primeira vez que oiço falar desta suposta viagem.

– Depois decidimos – diz ele. – Acho que precisamos de nos afastar.

Tem razão. Precisamos mesmo de nos afastar. No verão, vamos vender esta casa. Depois de tudo o que se passou, não consigo imaginar continuarmos a viver aqui. Temos de procurar um lugar que seja mais barato, para não andarmos a stressar com cada conta. Talvez precisemos de nos mudar para um sítio completamente diferente. Um novo começo seria bom.

– Quero ir à Disneyland – intervém o Nico.

– Eu também! – exclama a Ada.

– A Florida é muito quente no verão – lembro-lhes eu.

– Isso é a *Disney World*, mãe – corrige-me a Ada. – A *Disneyland* é na Califórnia.

Na Califórnia? A sério? Estava a pensar mais numa viagem a Jersey Shore. Olho para o Enzo, que encolhe os ombros. Não creio que possamos ir à Califórnia este verão – quatro bilhetes de ida e volta para o outro lado do país ultrapassam o nosso orçamento. Mas não tenho coragem para lhes destruir os sonhos com a Disneyland neste momento.

O autocarro escolar chegará em breve, por isso guiamos os nossos filhos porta fora. Conseguem apanhá-lo por uma margem de segundos. No momento em que o autocarro arranca, o *Dodge Charger* preto do Ramirez entra na nossa rua. Embora fique sempre feliz por ver o meu amigo, não posso dizer que não sinta um rasgo de ansiedade ao ver um polícia estacionar em frente a minha casa.

O Enzo não parece minimamente preocupado e acena ao Ramirez, enquanto ele sai do carro.

– *Buongiorno*, Benny!

O Ramirez retribui o aceno, mas depois vê a minha cara.

– É só uma visita social, Millie – apressa-se a dizer. – Está tudo bem.

Graças a Deus.

– Queres entrar? – pergunto-lhe eu.

– Não posso – responde. – Tenho uma manhã ocupada. Queria só ver como estavam os dois e aproveitei que estava aqui perto. Está tudo a correr bem?

– Estamos bem – diz o Enzo. – Obrigado por tudo.

– E os miúdos? – pergunta o Ramirez. – Estão a lidar bem com tudo?

– Sim – respondo, mas com hesitação.

– A Millie está preocupada com a Ada – intervém o Enzo.

Tem razão. Odeio admiti-lo, mas tornei-me obcecada pelo que a minha filha fez. Reconheço que o Jonathan Lowell era uma pessoa horrível e que merecia morrer, mas não consigo retirar a imagem dele estendido no chão com a garganta aberta da minha mente.

Foi a minha filha que fez isso.

– A Ada vai ficar bem – garante-me o Ramirez. – Ela fez o que tinha de fazer, Millie. Compreendes isso, não compreendes?

– Suponho que sim.

– A culpa foi minha – diz o Enzo. – Fui eu que lhe dei a faca. O meu pai deu-a quando tinha a mesma idade, por isso pensei que não havia problema. Só queria que estivesse segura. Mas vivemos num mundo diferente hoje em dia.

Apesar de tudo, não posso culpar o Enzo. Foi a faca que lhe salvou a vida. Se não tivesse o canivete com ela, sabe-se lá o que lhe teria acontecido.

O que me perturba é a forma como o matou. Nunca chegámos a falar com ela sobre ter cortado a garganta ao Jonathan.

– Enfim – diz o Enzo. – Se estás demasiado ocupado para tomar um café, passa cá esta noite para jantar, sim?

– Na verdade... – O Ramirez puxa a gravata. – Tenho um encontro esta noite.

Por um momento, sou arrancada das minhas preocupações com a Ada, e um sorriso alastra-me pelos lábios.

– Um encontro? A sério?

O Ramirez devolve-me um sorriso que é uma combinação enternecedora de

entusiasmo e nervosismo.

– Acreditem ou não, a Cecelia fez-me um arranjinho com a mãe dela. É só o segundo encontro, mas temos falado muito ao telefone e... sei que é cedo, mas gosto muito da senhora. É realmente qualquer coisa.

Quase desato a rir face ao que é, com certeza, o eufemismo do século.

– É mesmo – concordo.

– Talvez te reformes de uma vez por todas – provoca o Enzo.

– Nunca – diz o Ramirez.

Se houver alguém capaz de convencer este homem a pedir finalmente a reforma, esse alguém é a Nina Winchester.

– Enfim, tenho de ir – diz ele. – Se precisarem de alguma coisa, avisem.

O Ramirez volta a entrar no carro, e ficamos a vê-lo partir. Também tenho de ir para o trabalho. Tem sido difícil concentrar-me ultimamente. Fico feliz por o meu marido ter sido libertado da prisão, mas sinto-me consumida pelas preocupações com os meus filhos, sobretudo com a Ada.

– Millie – diz o Enzo. – Tens de te deixar de preocupações. Fazem-te mal à tensão arterial – acrescenta.

– A minha tensão está ótima, muito obrigada.

Está mesmo. Tenho vindo a verificá-la todos os dias, e, na última semana, os números têm estado perfeitos.

– Então, vamos mantê-la assim. – Dá-me um beijo na face. – A Ada vai ficar bem. A mãe dela ficou bem, e ela também vai ficar.

Tem razão. Tenho apenas de continuar a dizer isso a mim mesma. A Ada não fez nada de errado. É uma heroína, no meu entender.

Mas sou mãe dela. Compete-me preocupar-me. Por isso, continuarei a observá-la e a preocupar-me com ela.

O tempo da disciplina de Biblioteca já vai a meio.

Estou sentada a uma das mesas junto às janelas, a ler um livro fantástico chamado *Rebecca*, de Daphne du Maurier. É antigo, mas tão inquietante. Quando o leio, dá-me arrepios. Só falta uma semana para o fim das aulas, e espero conseguir acabá-lo a tempo.

Se não conseguir, será por causa daquele miúdo, o Hunter.

Deixou-me em paz por algum tempo, mas hoje voltou a chatear-me como nunca. Quando se senta à minha frente no início da aula, a primeira coisa que me diz é:

– Queres sair comigo na sexta-feira à noite, Ada?

– Não, obrigada – respondo, com a voz tensa.

– E no sábado à noite?

– Não.

– Domingo? Segunda?

Volto a enfiar o nariz no livro. Vou só ignorá-lo. É isso que é suposto fazermos com miúdos como ele. Se não lhes dermos atenção, eles desistem. Pelo menos, é isso que a mãe diz.

– Ada – diz, numa voz cantarolada. – Já alguém escreveu uma canção sobre ti? Não ergo o olhar. Não respondo.

– Vou escrever uma canção sobre ti agora mesmo – continua, e depois começa a cantar. – Adaaaa. Comprei-lhe uma rabanadaaa. E quis ser minha namoradaaaa.

A bibliotecária ouve o Hunter a cantar e lança-nos um olhar contundente.

– Ada, Hunter, façam menos barulho, por favor!

Se a bibliotecária achar que estamos a fazer disparates, tira-nos os livros e manda-nos sentar ao canto. Quero muito acabar de ler.

– Por favor, para – digo. – Vais ficar em sarilhos. Quero ler o meu livro.

– Não queres nada! – diz, demasiado alto. – Estás só a fingir que gostas de ler e a fazer-te de difícil. Foi o que o meu pai me disse.

– O teu pai está enganado.

– O meu pai nunca se engana e pelo menos não foi para a prisão por matar alguém.

Fico furiosa ao ouvi-lo dizer isso. O pai não matou o senhor Lowell. Apesar disso, quando voltou para casa, disse-me que teria feito o mesmo que eu fiz, se soubesse o que ele andava a fazer ao Nico.

A polícia ainda tem o canivete do pai. O canivete que usei para esfaquear o senhor Lowell. Oxalá ainda o tivesse. Provavelmente, nunca o irei recuperar, o que é triste, pois adorava aquela faca.

Por outro lado, não preciso de nenhum canivete.

Pouso o meu exemplar de *Rebecca*. Saio do meu lugar e ocupo a cadeira ao lado do Hunter. Ele não estava à espera disto e arqueia as sobrancelhas.

– Hunter – digo. – Preciso que saibas uma coisa.

Ele sorri-me.

– Ah, sim? Estás a ceder finalmente?

– Não. – Olho-o diretamente nos olhos, prendendo-lhe o olhar. – Se não me deixares em paz *imediatamente*, vou esgueirar-me para o teu quarto esta noite, enquanto dormes. – Espero uns segundos, observando a sua reação. – E depois, quando acordares de manhã e puxares os cobertores para trás, vais encontrar os teus tomates ensanguentados nos lençóis ao teu lado.

Ele ri-se.

– O quê?

– Ouviste o que eu disse. Se me voltares a incomodar, ou a qualquer outra rapariga, castro-te durante o sono.

«Castrar» é uma palavra que aprendi recentemente num livro que estava a ler. Acho que a usei de forma correta. Significa cortar os testículos a alguém.

Gosto da forma como a cor se esvai do seu rosto. Vejo-o tentar recuperar.

– Tu... não serias capaz – gagueja.

– Hum, talvez não – digo. – Mas, na verdade, acho que sim. Queres descobrir?

A julgar pela expressão no seu rosto, não me parece que queira. Salta da cadeira, afastando-se de mim.

– És uma psicopata – diz ele.

Limito-me a encolher os ombros e a sorrir-lhe.

Afasta-se da mesa, praticamente a tropeçar nos próprios pés, na ânsia por se afastar de mim. Não creio que me vá voltar a incomodar. Gostaria de pensar que não vai voltar a incomodar *nenhuma* outra rapariga.

Pego no meu livro para continuar a ler, mas, antes de o fazer, lanço um olhar à janela ao meu lado. Está escuro o suficiente lá fora para quase conseguir ver o meu reflexo no vidro. Tem graça, porque sempre pensei que era quase idêntica ao meu pai, com o cabelo e os olhos negros. Mas agora, ao ver-me na janela turva, dou-me conta de que, ao ficar mais velha, os meus traços faciais se tornaram muito mais parecidos com os da minha mãe. Até este momento, nunca tinha reparado.

Pareço igualzinha a ela. Que engraçado.

Epílogo

Martha

Estou hospedada num motel longe de Long Island.

O Jed não veio à minha procura desde que parti, por isso começo finalmente a sentir-me segura. Disse-me que, se alguma vez o tentasse deixar, me perseguia e arrancava a cabeça, mas ainda não me encontrou. Tenho a arma que o Enzo me deu, ainda assim, para o caso de ele aparecer. Faz-me sentir segura.

Contudo, preocupo-me com o dinheiro. O Jed ficava com o meu salário, por isso tudo o que me resta é o que consegui esconder, além de uma pequena quantia que o Enzo me pôde dar. Posso tentar trabalhar ilegalmente, mas é muito difícil arranjar trabalhos assim num sítio novo sem recomendações. Levará tempo, mas sou trabalhadora e estou disposta a provar o meu valor. Há muito tempo que esperava pela minha liberdade daquele monstro.

Assim que os Accardi se mudaram para a porta ao lado, sabia que seriam o meu bilhete de saída.

Há muitos anos, quando era jovem e cheia de esperança na vida, trabalhava para uma família rica, com um filho adolescente. Era o tipo de rapaz que acreditava que tudo o que quisesse devia ser seu. Detestava-o, sobretudo depois de ter visto uma rapariga sair apressada do seu quarto em lágrimas. Riu-se disso mais tarde, enquanto eu mudava os lençóis da cama, manchados com o sangue da rapariga.

Três meses depois, estava morto.

Ouvi falar na Wilhelmina Calloway, a rapariga que se viria a tornar a Millie Accardi, pela primeira vez quando ela foi acusada do homicídio do filho dos meus patrões. Não tinha a menor dúvida de que ele merecera a justiça que a Millie tinha posto em prática, mas os jurados não viram as coisas dessa forma, e ela acabou por ser presa pelo homicídio.

Reconheci a Millie quando foi ver a casa no número 14 da Locust Street com o belo marido. Estava muito mais velha, claro, mas reconheci-a de imediato. Havia algo nela que era difícil de esquecer – algo nos seus olhos. Uma pesquisa rápida na

Internet provou-me que era quem eu julgava.

Nesse momento, soube que a Millie seria a única pessoa capaz de me ajudar a fugir do Jed. Precisava apenas que ela se mudasse para aquela casa.

Infelizmente, as casas no bairro eram sempre vendidas por quantias ridículas. Era óbvio que os Accardi não seriam capazes de entrar numa guerra de licitações. Por isso, ajudei-os. Meti conversa com os potenciais compradores, referindo o telhado que metia água e o bolor no sótão. Um a um, desistiram, e os Accardi compraram a casa por uma pechincha, tal como esperava que acontecesse.

Queria tanto dizer tudo à Millie no momento em que ela se mudou. Estava sempre à janela, a observar a casa, à espera de um momento em que a pudesse apanhar sozinha e contar-lhe tudo. Tinha a certeza de que ela me ajudaria. Mas, quando comecei a trabalhar para ela, nunca conseguia encontrar a altura certa. Sempre que tentava, ficava paralisada.

Depois de tudo, acabou por não ser a Millie a ajudar-me. Foi o marido, o Enzo. Foi tão bom para mim. Ofereceu-me mais do que podia e não me deixou recusar.

Ainda assim, temia que as minhas reservas de dinheiro não fossem suficientes quando estivesse em fuga, razão pela qual, mesmo antes de deixar o hotel em que estava hospedada e iniciar o troço seguinte da minha viagem, fui uma última vez a casa da Suzette Lowell. Estacionei nas traseiras, para que a vizinha metediga não dissesse à Suzette que eu lá tinha estado. Tinha montes de joias e outras coisas que podia penhorar.

Sinto-me culpada ao dizer isto. Não sou nenhuma ladra. Sempre vivi a minha vida com honestidade e integridade. Foi o meu marido que me transformou nisto. Espero nunca mais voltar a vê-lo.

Tencionava passar uns quinze minutos a vasculhar as joias da Suzette. Sabia quais as peças que ela usava muito e de quais nunca notaria a falta. Tem tantas joias, e são todas tão caras, que três ou quatro peças teriam bastado para me ajudar.

Mas acontece que, quando fui a casa dos meus patrões, o senhor Lowell já tinha chegado. Não esperava que estivesse lá durante o dia. Surpreendi-me, ao descer as escadas depois de ter tirado três colares da Suzette e vê-lo de pé na sala de estar, a respirar com dificuldade, enquanto se apoiava numa estante encostada à parede junto à escadaria, como se estivesse a tentar movê-la com o peso do seu corpo. Soltou um gemido sonoro e dobrou-se ao meio, agarrado à barriga. Perguntei-me por que motivo estaria a tentar mover a estante. Era óbvio que se tinha magoado, pois, ao dar um passo, retraiu-se.

– Onde está ela? – murmurou. – Para onde foi aquela cabrinha?

Antes que pudesse perceber de que raio estava ele a falar, ele ergueu o olhar e viu-me. Sabia que não era suposto eu estar lá naquele dia, e o seu rosto toldou-se de desconfiança imediatamente.

– Martha – rosnou. – O que faz aqui?

– Estou... estou a limpar – gaguejei. Era óbvio que não tinha quaisquer produtos de limpeza comigo.

Podia não ter sido assim tão mau, se eu não tivesse os colares na minha mão esquerda. Tudo teria sido diferente se tivesse levado a minha mala comigo para a

casa e os tivesse escondido longe da sua vista.

– Tem andado a roubar-nos! – exclamou. – Eu sabia! *Disse* à Suzette que era isso que andava a acontecer às joias dela! *Disse-lhe* que a devia despedir!

– Não – disse, desesperada. – Eu não...

Mas o senhor Lowell estava furioso. Não parava de barafustar sobre como eu era uma ladra imunda. Disse um monte de coisas terríveis e ameaçou chamar a polícia imediatamente, dizendo que eu ia ser presa. Durante todo esse tempo, não parava de se agarrar à barriga. A única coisa em que eu conseguia pensar era no que o Jed me faria se eu fosse presa por roubar.

Provavelmente, matar-me-ia com as suas próprias mãos.

Não sei em que momento reparei no abre-cartas pousado na mesa de centro ao meu lado. Aconteceu tudo tão depressa, para ser sincera. A verdade é que, quando lhe peguei, só queria que ele parasse de falar. Só queria que parasse de dizer que ia chamar a polícia. Quando dei por mim, estava estendido no chão e jorrava-lhe sangue da garganta, formando uma poça em redor do seu corpo.

Tinha de fugir. Não havia tempo para limpar, muito menos quando ouvi a Millie bater à porta.

Quando saí pela porta das traseiras, o Enzo estava no jardim do lado. Temi que me visse, mas parecia ter acabado de fazer um corte feio na mão com qualquer coisa, e estava a tentar estancar a hemorragia com a camisola. Estava distraído. Não me viu correr de volta para a clareira onde tinha estacionado o carro.

Mais tarde, vi nas notícias que o Enzo tinha sido preso. Senti-me tão mal, sobretudo depois de tudo o que ele tinha feito por mim. Tinha pouco dinheiro, mas não deixou de me ajudar. É um homem tão bom e não merecia ir para a prisão pelo que eu tinha feito. Estive a segundos de ligar à polícia para lhes dizer que tinha sido eu a matar o Jonathan Lowell, mas, antes que o pudesse fazer, vi uma reportagem nas notícias que me chocou.

A Suzette tinha confessado ter matado o marido.

Não compreendi o que se passou, mas não me sentia de todo tão mal com a ideia de a Suzette Lowell ser presa. É mesmo uma pessoa horrível.

Passei as duas últimas semanas com a certeza de que a verdade ia ser descoberta, com a certeza de que a polícia ia bater à porta do meu motel com um mandado de captura a postos pelo homicídio do Jonathan Lowell. Mas não aconteceu. Não me prenderam. Nem sequer me interrogaram.

Suponho que nunca ninguém suspeita da criada.

Agradecimentos

Uau, foi uma viagem incrível desde a publicação d'*A Criada* em abril de 2022. Mal posso acreditar que o meu livro entrou para a lista dos mais vendidos do *New York Times* e que milhões de pessoas o leram. Depois da recepção espantosa, foi apenas natural que eu quisesse dar continuidade à história da Millie em *O Segredo da Criada* e agora uma vez mais em *A Criada Está a Ver*.

Quero agradecer à Bookouture, pois foram eles que deram vida à série *A Criada*, e especialmente a Ellen Gleeson, pelas suas perspetivas incrivelmente espantosas sobre a minha escrita e a Millie enquanto personagem. Um grande obrigada à minha agente literária, Christina Hogrebe, e também a toda a equipa da Jane Rotrosen Agency, que acreditou sempre em mim e me apoiou. Obrigada à equipa da Sourcebooks pelo trabalho incansável para fazer *A Criada Está a Ver* chegar ao mundo e às mãos de mais leitores. Fico muito agradecida!

E obrigada a todas as pessoas que viram o manuscrito durante o processo de edição: a minha mãe, Pam, Kate e Val. De certeza que se torna cansativo que vos esteja sempre a entregar um manuscrito e a dizer: «Desculpa, isto ainda precisa de trabalho.» Por isso, quero só que saibam o quanto estou grata.

E finalmente, um milhão de obrigadas aos meus leitores incrivelmente motivadores! Isto só é possível por vossa causa! Pediram um terceiro livro d'*A Criada*? Bem, aqui está ele!